

**Arqueologia do Império Hitita: um estudo sobre os seus vestígios
arqueológicos e documentais na Síria setentrional e ocidental**

Maria Leonor Figueira Santos

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Janeiro, 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Francisco José Gomes Caramelo e Professor Doutor Juan Luís Montero Fenollós.

Aos meus pais,

RESUMO

Arqueologia do Império Hitita: um estudo sobre os seus vestígios arqueológicos e documentais na Síria setentrional e ocidental

Maria Leonor Figueira Santos

Palavras-chave: Síria setentrional e ocidental; século XIV-XII a.C.; Idade do Bronze Final; Império Hitita, cultura material, tabuinhas cuneiformes, aculturação.

Com a ascensão ao trono de Šuppiluliuma I (c. 1350 a.C.), o reino de Ḫatti tornou-se numa das grandes potências do Próximo Oriente no Bronze Final. Ao destruir o reino de Mitani, o seu rival na Mesopotâmia setentrional, o monarca hitita absorveu a maioria dos seus territórios do norte da Síria, estendendo o seu domínio desde a margem oeste do Eufrates até à costa mediterrânea. A presença hitita nesse território está patente não apenas nas tabuinhas cuneiformes que relatam os aspectos político-militares, como na cultura material encontrada no registo arqueológico.

Na corrente dissertação pretende-se correlacionar as fontes históricas com os achados arqueológicos de modo a compreender o impacto da presença hitita nos reinos vassalos sírios e as suas repercussões nas esferas administrativa, religiosa, arquitectónica e artística. Tenciona-se igualmente analisar a natureza do imperialismo hitita e as diferentes adaptações ao seu domínio nos vários reinos vassalos. Este estudo serve como contribuição para a compreensão dos diversos mecanismos do poder imperial adoptados por Ḫatti numa das regiões integrantes do seu império.

Abstract

Archaeology of the Hittite Empire: a study about their archaeological and documental evidences in northern and western Syria

Maria Leonor Figueira Santos

Keywords: Northern and western Syria; centuries XIV-XII B.C.E.; Late Bronze Age (LBA); Hittite Empire, material culture, cuneiform tablets, acculturation.

With the ascension of Šuppiluliuma I (c. 1350 B.C.E.) to the throne, the kingdom of Ḫatti became one of the most powerful realms of the Ancient Near East in the Late Bronze Age. By destroying their enemy's reign Mitanni in northern Mesopotamia, the hittite monarch incorporated most of their territories of northern Syria, expanding his domain from the Euphrates river in the west to the mediterranean coast in the east. The hittite presence in this territory is not only perceptible in the cuneiform tablets, which reports the political-military aspects, but also in the material culture found in the archaeological record.

This dissertation seeks to correlate the historical sources with the archaeological findings in order to comprehend the impact of the hittite presence in the syrian vassal kingdoms and their repercussions in the administrative, religious, architectural and artistic spheres. It also intendeds to analyze the nature of the hittite imperialism and the different adaptations of the various vassal kingdoms to its domain. This study is a contribution to the comprehension of the numerous mechanisms of the imperial power endorsed by Ḫatti in one of the regions integrated in its empire.

Índice

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO – A INTEGRAÇÃO DOS REINOS SÍRIOS NO IMPÉRIO HITITA.....	4
1.1. AS PRIMEIRAS INVASÕES DO ANTIGO REINO (SÉCULO XVII-XV A.C.)	4
1.2. NOVO REINO: ACÇÕES MILITARES DE ŠUPPILULIUMA	5
1.3. CONSOLIDAÇÃO DAS CONQUISTAS: REDE DE VASSALOS E VICE-REINOS	8
II. TEXTOS E CULTURA MATERIAL HITITA NOS PRINCIPADOS SÍRIOS	12
2.1. SELOS, IMPRESSÕES DE SELO E <i>BULLAE</i>	13
2.1.1. <i>Glíptica sírio-hitita</i>	38
2.2. TABUINHAS HITITAS.....	42
2.2.1. <i>Textos sírio-hititas</i>	55
2.3. ARMAMENTO, CERÂMICA E OBJECTOS DE PRESTÍGIO.....	59
2.3.1. <i>Armamento e fortificações</i>	59
2.3.2. <i>Cerâmica</i>	73
2.3.3. <i>Objectos de prestígio</i>	84
2.4. ESTELAS E ORTÓSTATOS.....	97
CONCLUSÃO.....	107
A. CONTROLO EFECTIVO E EMULAÇÃO DA ELITE.....	107
B. PROPAGANDA DA REALEZA E CONTROLO DO CULTO LOCAL.....	109
C. DIFERENTES NÍVEIS DE ACULTURAÇÃO.....	111
D. LEGADO HITITA NA IDADE DO FERRO	115
BIBLIOGRAFIA	117

WEBGRAFIA.....	140
LISTA DE FIGURAS.....	141
LISTA DE TABELAS.....	142
ANEXOS.....	143
ANEXOS A – MAPA E PLANTA.....	144
ANEXOS B – LISTA DE REIS DE ḪATTL.....	149
ANEXOS C – CRONOLOGIA SINCRÓNICA DOS REIS.....	151
ANEXOS D – INVENTÁRIO TEXTUAL DO <i>CORPUS</i>.....	156
TELL ATCHANA/ ALALAH.....	157
ALEPO.....	206
DEVE HÖYÜK.....	213
TELL MARDIKH/ EBLA.....	215
TELL MESKENE/ EMAR.....	218
ḪAMA.....	236
KALKAL.....	242
KARKAMIŠ/ KARGAMIŠŠA.....	244
LATAKIA.....	264
MINET EL-BEIDA/ MA'ḪADU.....	267
RAS IBN ḪANI/ BIRUT?.....	269
RAS ŠAMRA/ UGARIT.....	273
TELL AFIS.....	290
TILBEŠAR.....	310
TELL DIS.....	312
TELL FAQ'US.....	313

TELL FRAY.....	314
TELL KAZEL/ SIMYRA?	318
TELL TWEINI/ GIBALA?	324

Lista de Abreviaturas

AO – Antiquités Orientales du Musée du Louvre, número de inventário.

AT – Tell Atchana, número de inventário arqueológico.

ATT – Textos de Tell Atchana, número de inventário arqueológico.

BLMJ – J. G. Westenholz, *Cuneiform Inscriptions in the Collection of the Bible Lands Museum Jerusalem: The Emar Tablets* (CUMO 13), Groniga: Styx Publ., 2000.

BM – British Museum, número de inventário.

BN – Bibliothèque Nationale de France, número de inventário.

Boğ. III – K. Bittel & N. Rudolf, *Boğazköy III: Funde aus den Grabungen 1952-1955* (Abhandlungen der Deutschen Orient-Gesellschaft, n° 2), Berlim: G. Mann, 1957.

CHT – E. Laroche, *Catalogue des textes hittites*, Paris: Klincksieck, 1971. Citado segundo a actualização de S. Košak e G. G. W. Müller disponível em *Hehtitologie Portal Mainz*, «Catalogue des textes hittites (CTH)», <http://www.hethport.uni-wuerzburg.de/CTH/> (consultado pela última vez a 6/01/2018).

EM – Emar, número de inventário das escavações sírio-alemães, 1996-2005.

ETBLM – J. G. Westenholz, *Cuneiform Inscriptions in the Collection of the Bible Lands Museum Jerusalem: The Emar Tablets* (CUMO 13), Groniga: Styx Publ., 2000.

KBo – *Keilschrifttexte aus Boghazköi*, Leipzig – Berlim 1916 et seq.

KUB – *Keilschrifturkunden aus Boghazköi*, Berlim 1921 – .

Msk. – Textos de Tell Meskene, número de inventário arqueológico.

Mšt – Textos de Maşat, número de inventário arqueológico.

RIH – Ras Ibn Ḥani, número de inventário arqueológico.

RIH T – Textos de Ras Ibn Ḥani, número de inventário arqueológico.

RS – Ras Šamra, número de inventário arqueológico.

SBo – H. G. Güterbock, *Siegel aus Boğazköy II. Teil, Die Königssiegel von 1939 und die übrigen Hieroglyphensiegel* (Archiv für Orientforschung. Beiheft, 7), Osnabrück: Biblio-Verlag, 1967.

TA – Tell Afis, número de inventário arqueológico.

TM – Tell Madikh, número de inventário arqueológico.

TK – Tell Kazel, número de inventário arqueológico.

TW – Tell Tweini, número de inventário arqueológico.

U.E. – Unidade estratigráfica.

Introdução

A presente dissertação aborda a problemática da presença hitita no território da Síria setentrional e ocidental, aquando do período de 150 anos de domínio hitita, no Bronze Final (c. 1340 a.C. – c. 1200 a.C.). A temática foi-me proposta pelo meu orientador e co-orientador, Professor Doutor Francisco José Gomes Caramelo e Professor Doutor Juan Luís Montero Fenollós, dado que se trata de um assunto pouco debatido. Devido à abundância da documentação cuneiforme encontrada em certas cidades sírias, nomeadamente Ugarit e Emar e na capital hitita Ḫattuša, a história da conquista e ocupação do território sírio pelos hititas é descrita por factores político-militares, económicos e administrativos, descartando-se parcialmente a componente arqueológica. Ademais, a inicial paupérrima quantidade de objectos que se encontraram integrantes da cultura material hitita, desvalorizou em parte o seu contributo para a compreensão do domínio de Ḫatti e das suas repercussões nos reinos vassalos sírios. O conflito armado na actual Síria impede igualmente um aprofundamento das escavações arqueológicas. Contudo, com o progredir das investigações, particularmente de sítios arqueológicos como Alalah, Tell Afis e Tell Kazel, novos achados ajudaram a complementar o conhecimento adquirido através das fontes escritas e levantaram novas questões e possibilidades sobre a ocupação do território sírio pelos hititas.

O objecto de estudo, ou seja, os textos e a cultura material hitita encontrada nos prévios reinos vassalos no norte da Síria, pode ser dividido em seis categorias consoante a natureza do artefacto: selos, impressões de selos ou *bullae*, tabuinhas cuneiformes, armas, cerâmica, objectos de prestígio e por fim elementos escultóricos (estelas e ortóstatos). Cada capítulo da dissertação dedica-se a uma das categorias, apresentando os achados nos vários sítios arqueológicos e contextualizando-os na esfera administrativa, política, religiosa e económica em que cada um se insere. Uma análise mais aprofundada e detalhada de cada artefacto é apresentada nas fichas de inventário realizadas para cada sítio arqueológico individualmente. Outras duas variantes resultantes da aculturação essencialmente da cidade de Emar e Karkamiš, serão igualmente introduzidas. Estas relacionam-se com objectos que não se inserem na categoria da cultura hitita, mas são produtos da fusão de elementos culturais hurritas e semitas da região síria com características inerentes da cultura anatólica

da hegemonia de Ḫatti. A esta categoria designa-se de “sírio-hitita”, que se encontra na glíptica dos selos, nas práticas de escrita dos escribas e das suas escolas de estudo e na arte, na iconografia divina representada em monumentos ou em objectos realizados com base em matérias nobres.

O objectivo de estudar a cultura material de modo a compreender a presença hitita em território sírio abrange cinco problemáticas: 1. A ocorrência ou não de um processo de aculturação nas cidades sírias e quais os estratos sociais susceptíveis a esse fenómeno. 2. O papel desempenhado pela administração hitita no processo de aculturação. 3. As diferentes circunstâncias que instigam ou não à ocorrência desse processo nos vários reinos. 4. As relações díspares do centro de poder hitita com os reinos vassallos sírios com base na cultura material recolhida em cada sítio arqueológico. 5. A estratégia de imperialismo hitita reflectida na cultura material e fontes escritas e a sua adaptação ao espaço sírio.

Considerando a impossibilidade de trabalhar em primeira mão com os objectos de estudo, a investigação para esta dissertação foi realizada com base numa pesquisa bibliográfica de estudos ou relatórios relativos aos sítios arqueológicos concernentes à área geográfica a ser estudada, i.e., Síria setentrional e ocidental. A delimitação do espaço em nada está relacionada com a organização actual do país, correspondendo somente à porção de território integrado no Império Hitita com as conquistas de Šuppiluliuma I e Muwatali II em meados do século XIV a.C. e século XIII a.C.. As fronteiras sírio-hititas eram delineadas pelo rio Eufrates a este, pelo Levante meridional egípcio (Canaã) a sul, e pelo mar Mediterrâneo a oeste.

De modo a facilitar a processão de informação realizaram-se fichas de inventário para cada sítio arqueológico. A apresentação de cada objecto segue cinco directrizes: descrição simples, na qual se identifica o artefacto e o material de que é feito; dimensões da peça; um texto explanatório que depende consoante o artefacto – ou seja no caso de selos ou *bullae* a secção explanatória pode resumir-se somente à leitura da inscrição hieroglífica, sendo que noutros casos poderá também discutir-se sobre o dono da peça; no caso de outros objectos, como armas ou peças de prestígio, pode-se aprofundar a questão iconográfica, as divindades representadas e os paralelos com outros objectos contemporâneos –; o local donde foi exumada (*locus*); a datação exacta ou aproximada da peça; e por fim a bibliografia donde se

retirou toda a informação apresentada para específico objecto. Podem surgir umas observações relativamente ao sítio arqueológico, de modo a facilitar a compreensão de alguma problemática ou diferença que ocorra num dos aspectos apresentados sobre a peça. As directrizes seguidas na ficha de inventário são posteriormente transpostas para as tabelas presentes em cada capítulo, nas quais se resume a informação. As tabelas e o mapa da região norte e ocidental da Síria, que serve para transmitir uma imagem visual da distribuição dos objectos, são introduzidos sempre no início de cada capítulo de forma a fornecer uma versão simplificada do que se encontra nas fichas de inventário.

I. Enquadramento histórico – a integração dos reinos sírios no Império Hitita

1.1. As primeiras invasões do Antigo Reino (século XVII-XV a.C.)

O território da actual Síria entrou no horizonte das ambições imperiais hititas aquando do reinado de Ḫattušili I (após 1650 a.C.). As razões que terão induzido tal empreendimento militar assentam, essencialmente, em factores de cariz económico-político e defensivo. Na transição do III milénio para o II milénio a.C., a actual Síria e o Levante tornaram-se no palco do comércio inter-regional do Próximo Oriente e Mediterrâneo Oriental, um cruzamento entre as rotas terrestres e os contactos marítimos, onde produtos exóticos internacionais e outras matérias básicas, como o estanho – essencial para a manufactura do bronze e em falta na planície anatólica – abundavam nos seus mercados. Qualquer soberano do Próximo Oriente que aspirava em tornar o seu reino uma grande potência no quadro internacional precisava de exercer alguma espécie de controlo ou influência sobre o território sírio. A questão defensiva recai na ameaça dos povos hurritas, sediados no norte da Mesopotâmia, gradualmente se expandindo para a área norte da Síria e este da Anatólia, o que colocava Hatti numa situação periclitante (BRYCE, 2014, p. 26; KLENGEL, 2014, p. 80).

Pela primeira vez as tropas hititas, lideradas por Ḫattušili I, atravessaram as montanhas Antitauro e deram início à sua campanha militar contra o reino de Yamḥad¹ ao desferir ataques nos seus estados vassallos/aliados, começando por Alalaḫ. O rei do Ḫatti não estava ainda pronto para confrontar Yarim-Lim, portanto, antes de retornar a Anatólia, enfraqueceu o seu inimigo ao atacar várias cidades na região do Eufrates², a norte de Karkamiš. A sua segunda expedição viria a ter lugar três anos depois, resultando na destruição da cidade de Zarunti e na conquista de Ḫaššuwa, da qual roubou a estátua do Deus Tempestade de Alepo (Tešub), evento que terá levado à integração desta variante local da

¹ Ao longo de dois séculos (c.1800 – c.1600 a.C.), o reino Yamḥad dominou o território setentrional sírio, criando uma rede de reinos vassallos e reinos aliados que se estendia desde o Eufrates até à costa mediterrânica. Constanam entre os reinos e cidades sírias que estariam associadas a Yamḥad, tanto como vassallos como aliados, Alalaḫ, Karkamiš, Uršu, Ḫaššum, Ugarit, Emar, Ebla e Tunip (BRYCE, 2005, p. 70).

² Uršu, Igakališ e Tišḫiniya (KLENGEL, 1994, p. 81).

divindade na oficial vida cultural de Ḫatti. Outras cidades³ terão sofrido um destino semelhante ao de Ḫašuwa, contudo a capital do reino de Yamḥad, Aleppo, manteve-se intacta e veio apenas sucumbir a Ḫatti no reinado do seu sucessor, Muršili I (c. 1620 a.C.)⁴ (BRYCE, 2014, p. 26-27; KLENGEL, 1994, p. 81-82).

Nas incursões de Ḫattušili I e Muršili I não houve qualquer tentativa de organizar o poder político na Síria setentrional de um modo administrativo. O reino de Yamḥad conheceu o seu fim e as suas cidades aliadas/vassalvas foram saqueadas e pilhadas, encontrando-se um grande vácuo político nessa zona. Ḫantili I (c. 1590 a.C.), sucessor de Muršili I, foi activo na região da curva do Eufrates, perto de Karkamiš, numa altura em que o domínio hitita na Síria já era posto em causa pelas forças Hurritas-Mitani (KLENGEL, 1993, p. 82-83).

A meados do século XIV a.C., com a subida ao trono de Tudḫaliya III, as ambições de estender o poderio de Ḫatti para lá da península anatólica e restaurar o seu estatuto como uma grande hegemonia no Próximo Oriente, retornaram, o que implicou um recomeço das campanhas hititas na Síria, tendo como alvo Aleppo. Por esta altura Aleppo já não era a grande capital de um reino como Yamḥad, tendo sido reduzida ao estatuto de subsidiária de Alalah, a mando de Mitani, a nova potência no norte da Mesopotâmia. Embora Tudḫaliya tenha conseguido dominar a cidade de Aleppo, problemas na Anatólia obrigaram-no a retornar e os seus objectivos seriam somente alcançados, posteriormente, pelo seu filho, Šuppiluliuma I (BRYCE, 2014, p. 38-39).

1.2. Novo Reino: acções militares de Šuppiluliuma

Com a ascensão ao trono do rei Šuppiluliuma I (cerca de 1350 a.C.) Ḫatti, que se julgara praticamente perdida, ganhou um novo fôlego e, após a consolidação das fronteiras na planície anatólica, visou de novo fincar-se no quadro internacional, pondo um fim ao reino Mitani e reivindicando as suas possessões sírias. À semelhança do seu antepassado – Ḫattušili

³ Zaruna, Zippasna e Ḫaḥḥa (BRYCE, 2014, p. 28).

⁴ Após a derrota de Aleppo, o exército de Muršili prosseguiu para o reino da Babilónia, conquistando-o e pondo um fim à dinastia de Ḫamurabi, o que por sua vez, abriu o caminho para o estabelecimento da dinastia Cassita no trono babilónico (BRYCE, 2005, p. 98-99).

I – e no evento da expedição infrutífera no país de Išuwa⁵, Šuppiluliuma I optou por eliminar primeiramente os estados vassalos/aliados de Mitani antes de atacar o coração do reino. Nem todas as conquistas são ganhas no campo de batalha e o rei hitita dedicou-se na realização de uma série de alianças diplomáticas, de modo a isolar o reino de Mitani antes de avançar com o seu exército na sua capital – Waššuganni. Estabeleceu contacto com o Egipto⁶, na altura aliado do reino Mitani; com a Babilónia, procedendo-se a um casamento dinástico⁷; com a cosmopolita cidade portuária de Ugarit⁸, também aliada de Mitani; e com o segundo candidato ao trono mitaniano – Artatama⁹ (BRYCE, 2005, p. 156-164; BRYCE, 2014, p. 40-41).

Após quatro ou cinco anos da sua ascensão ao trono de Ḫatti, Šuppiluliuma preparava-se para dar início a uma extensa campanha de um ano contra o seu reino inimigo no norte da Mesopotâmia, a qual ficou conhecida como a Grande Guerra Síria. O objectivo era acabar com a potência Mitani e usurpar os seus territórios sírios. Contanto que estes vassalos dispusessem do auxílio do seu soberano, Tušratta, não haveria maneira dos hititas saírem vitoriosos do confronto. Era essencial desferir um ataque directo e total contra a capital mitaniana. O soberano hitita marchou com as suas tropas em território sírio, correspondendo

⁵ Išuwa localiza-se na região do Alto Eufrates, a leste da Anatólia. Como aliado do reino Mitani, Išuwa contribuiu para a situação crítica de Ḫatti durante o reinado do pai de Šuppiluliuma I – Tudḫaliya III – ao invadir o território hitita de Tegarama, algures entre Kummanu e *Upper Land*, na principal rota entre Ḫattuša e Karkamiš (BRYCE, 2005, p. 156).

⁶ Šuppiluliuma I desejava não só fomentar uma relação amigável com o Egipto como garantir ao actual faraó, Amenófis IV (mais tarde rebaptizado Aquenáton), que as suas iniciativas militares não iriam atingir os seus territórios sírio-palestinos, sendo desnecessária uma intervenção da sua parte no futuro conflito com o reino de Mitani. Apesar das suas promessas, o faraó, por vezes, era notificado pelos seus vassalos locais, de alegadas actividades subversivas ou intervenções militares hititas. Contudo estas reclamações não terão comprometido o estado geral de paz entre Ḫatti e o Egipto (BRYCE, 2005, p. 158).

⁷ Šuppiluliuma já tinha uma esposa – Ḫenti – que desapareceu pouco depois da sua ascensão. Possivelmente terá sido banida para Aḫḫiyawa, o que poderá estar relacionado com o casamento estratégico com a princesa e filha do rei babilónico, Tawananna (BRYCE, 2005, p. 159-160).

⁸ As primeiras tentativas de persuasão do soberano hitita para com o reino de Ugarit saíram goradas, pois Ammištamru entendeu que o único modo de não ser prejudicado pela contenda entre as duas potências seria ao prestar vassalagem ao faraó Amenófis IV. Porém, o seu filho, Niqmaddu II, viu-se obrigado a recorrer ao auxílio de Ḫatti após ter sofrido um ataque de dois reinos vizinhos, Mukiš e Nuḫašši, vassalos de Mitani, intentos em submeter Ugarit na sua aliança anti-hitita. Um tratado terá sido concluído seguidamente entre Šuppiluliuma e Niqmaddu (BRYCE, 2005, p. 163-164).

⁹ O momento para um ataque inimigo era propício, visto que o trono mitaniano estava correntemente a ser alvo de disputas dinásticas. Com a morte de Šuttarna II, o qual terá sido responsável pelo restabelecimento do controlo mitaniano sobre o país de Išuwa para além de, possivelmente, ter incitado o seu ataque contra o território hitita, sucedeu-lhe o seu filho Artašumara, que rapidamente tornou-se vítima de assassínio, tendo de ser substituído pelo seu irmão, Tušratta. Este, por sua vez, também não se encontrava seguro no trono, pois surgira outro candidato, um segundo Artatama, que reivindicava o trono Mitani, usufruindo, pelos vistos, de grande parte do apoio da população (BRYCE, 2005, p. 157).

ao apelo de um dos seus vassallos no país de Nuḫašši¹⁰. Daqui o corpo principal do exército hitita foi liderado pelo seu rei através do Alto Eufrates, conquistando o país de Išuwa¹¹ até à fronteira com o reino de Alše, seguindo directamente para sul em território mitaniano e atingindo o seu destino final – Waššuganni –, a qual ocupou e pilhou. Tušratta foi incapaz de oferecer qualquer tipo de resistência e retirou-se rapidamente, antes de ser capturado pelas forças inimigas. Ao passo que Šuppiluliuma enveredou, de novo, para o Eufrates e numa série de raides impôs a sua autoridade sobre todos os reinos anteriormente subordinados a Mitani, do Eufrates até à costa mediterrânea. As suas conquistas incluíram Aleppo, Mukiš, Niya, Araḫtu, Qaṭna, Nuḫašši, estendendo-se até à região de Aba – que incorporava Apina, Upi e Damascos –, onde tinha início o território egípcio (ver fig. 1, Anexos A). Incapaz de confiar nos correntes regentes dos estados recém-adquiridos, Šuppiluliuma procedeu à sua destituição e deportação, junto com as suas famílias, para Ḫattuša (BRYCE, 2014, p. 43; BRYCE, 2005, p. 161).

Intento em cumprir as promessas que fizera ao faraó e a manter relações amigáveis com o Egipto, o soberano hitita não pretendia intervir nos territórios sírios-palestinos. Contudo o rei de Kadeš¹², Šuttarna, possivelmente sentindo-se ameaçado com as actividades militares hititas nos arredores, reuniu as suas tropas e marchou contra Šuppiluliuma, que retaliou prontamente, derrotando-o e levando-o, tal como o seu filho, Aitakkama, em cativo. Embora este evento possa ter originado uma certa tensão nas relações entre as duas grandes potências, não houve aparentemente nenhuma reacção imediata por parte do Egipto,

¹⁰ Nuḫašši correspondia a um complexo de pequenos estados, situado a sul da cidade de Aleppo e a sudeste do reino de Ugarit. O estado de Šarrupši seria o mais proeminente de todos e foi induzido – ou forçado – a abandonar a sua aliança com Mitani e prestar vassalagem a Ḫatti; o que resultou numa violenta resposta por parte de Tušratta. Subsequentemente, Šarrupši terá quebrado a sua aliança com Ḫatti, o que provavelmente estará relacionado com a grande pressão exercida pelos seus conterrâneos e estados vizinhos, fortemente opostos à presença dos hititas em Nuḫašši. No decurso dos raides de Šuppiluliuma nos principados sírios, o soberano hitita lançou um ataque a Nuḫašši e capturou o território na sua totalidade, enquanto o seu vassalo insubordinado conseguiu escapar à sua custódia (BRYCE, 2005, p. 165-167).

¹¹ Que iniciara uma revolta anti-hitita.

¹² Kadeš era originalmente aliada do reino Mitani mas foi forçada, na ocorrência das campanhas de Tutmósis III, a aceitar a supremacia egípcia. Junto com o rei de Megido, Kadeš organizou uma coligação com as cidades-estado do Levante, opondo-se ao movimento expansionista do faraó. A iniciativa terá partido por parte do reino Mitani, então o grande oponente do Egipto no controlo dos territórios sírio-palestinos. Com a derrota na batalha de Megido, Kadeš foi definitivamente integrada no império egípcio, o que poderá ter originado uma contínua fonte de tensão e conflito entre o Egipto e Mitani (BRYCE, 2005, p. 162-163).

apesar do ressentimento pela perda de Kadeš vir a fomentar futuramente vários conflitos entre ditos impérios, escalando na famosa batalha de Kadeš (BRYCE, 2005, p. 163).

Após o sucesso da campanha de um ano, resultando na implantação de uma rede de estados vassalos por toda a Síria setentrional até Damasco, Šuppiluliuma não poderia declarar ainda plena vitória, pois Tušratta escapara das suas forças e restava subjugar uma fortaleza mitaniana no Alto Eufrates – Karkamiš. No que é comumente referido como a Segunda Guerra Síria ou Guerra Hurrita, o rei do Ḫatti organizou uma série de operações militares num período de cerca de seis anos, submetendo de vez o reino Mitani e consolidando o controlo hitita sobre o território sírio a norte de Damasco. A segunda incursão foi realizada por um dos príncipes hititas, recentemente nomeado rei (LUGAL) de Alepo – Telipinu. Lidou com as últimas tentativas de reivindicação de poder por parte de Tušratta e das suas forças, nas circunscrições da fortaleza de Karkamiš, e abriu caminho para as tropas do seu pai cercarem a cidade mitaniana¹³, derrotada passado sete dias (c. 1327 a.C.) (BRYCE, 2014, p. 43 e 63; BRYCE, 2005, p. 175-179).

1.3. Consolidação das conquistas: rede de vassalos e vice-reinos

De modo a controlar o território recentemente anexado ao crescente Império Hitita, Šuppiluliuma nomeou dois dos seus filhos como vice-reis, Piyaššili (mais tarde rebaptizado com o nome hurrita Šarru-Kušuh) e Telipinu, instalando-os em pontos estratégicos: Karkamiš e Alepo, respectivamente. A escolha deliberada destas cidades deve-se, em parte, ao facto de não possuírem, na altura da sua ocupação, uma dinastia local. No caso de Karkamiš primava, igualmente, o aspecto da localização geográfica, num vau que permitia a passagem do Eufrates, próximo também, da estrada conducente à Anatólia Central e ao seu estado-tampão

¹³ Šuppiluliuma convocou o seu filho a Uda (*Lower Land*) de modo a discutir a situação militar no território sírio. Telipinu deixara uma guarnição hitita de 600 (700?) soldados em Murmuriga (possivelmente na actual Tell Šiyuki Foqani) que, no instante da sua partida, fora sitiada pela oposição Mitani. A notícia do ataque de Tutankhamón em Kadeš apenas agravou a situação. Pairava o perigo de uma aliança entre um rei mitaniano enfraquecido, mas ainda invicto, e de um faraó que desejava restaurar o poder egípcio perdido na Síria. Šuppiluliuma agiu de imediato, assim que o Inverno acabou, marchando para Karkamiš (BRYCE, 2005, p. 177).

vizinho – Ḫanigalbat¹⁴. A questão da sua resistência perante a invasão estrangeira, sendo a última cidade fortificada a ceder poderia, possivelmente, indicar uma influência mitaniana mais forte do que noutros centros, portanto tencionava-se eliminar esse foco com a presença de uma corte hitita. Aleppo, no interior sírio, renasceria como um reino governado por um príncipe sacerdote hitita. A preferência por Telipinu, antigo sacerdote no reino de Kizzuwatna, dedicado ao Deus Tempestade (Tešub) e à sua família (Ḫepat, Šarruma), não foi ausente de intenções políticas. Aleppo era o centro de culto de uma variante local do Deus Tempestade, bastante venerado na Síria setentrional, tendo sido integrado – desde o período de Ḫattušili I – no culto oficial da capital hitita (KLENGEL, 1994, p. 113-114).

É possível que a função do vice-rei de Aleppo fosse mais direccionada para o quadro ideológico (religioso) que pragmático (político e militar), conferida a Piyaššili. Durante o período de domínio hitita na Síria, Karkamiš desenvolveu-se praticamente num reino independente¹⁵. Como representante do seu soberano do Ḫatti, o vice-rei de Karkamiš intervinha, ou por vezes era a autoridade decisiva, em casos que afectavam não só Ugarit mas os restantes estados sírios, os quais paulatinamente foram incorporados na sua jurisdição¹⁶ (KLENGEL, 1994, p. 113-114).

¹⁴ O que restava do antigo reino de Mitani transformou-se num estado fantoche de Ḫatti após a conclusão do tratado entre Šattiwaza e Piyaššili, decorrente do auxílio hitita prestado para o restauro do príncipe mitaniano ao seu trono, então ocupado por Šuttarna III com o apoio da Assíria. Ḫanigalbat não só se tornou praticamente num estado vassalo de Ḫatti, como o vice-rei de Karkamiš observou a expansão do seu domínio, tanto a Este como Oeste do Eufrates (BRYCE, 2005, p. 184-186).

¹⁵ Nas inscrições de Ramsés III, do século XIII a.C., no templo de Medinet Habu, relativamente aos “Povos do Mar”, Karkamiš é referida como o “País de Karkamiš”, sugerindo que a denominação não se restringia apenas ao espaço da cidade e às suas imediações, mas a todo o norte da Síria interior dominado pelos hititas e agora controlado pelos reis de Karkamiš (KLENGEL, 1994, p. 113-114).

¹⁶ Com a subida de Niqmepa ao trono de Ugarit, após as supostas iniciativas independentistas do seu irmão instigadas pela revolta de Nuḫašši (ver nota 17), Muršili II elaborou um novo contrato com o seu aliado no qual retirava do território de Ugarit os reinos de Siyannu e Ušnatu, submetendo-os à tutela do vice-rei de Karkamiš. Mukiš, a norte de Ugarit, terá sofrido o mesmo destino. Pressupõe-se que a decisão do rei hitita tivesse como propósito castigar o seu aliado, seja pelo seu antecessor, Niqmaddu, ter falhado no apoio das tropas de Karkamiš para controlar as revoltas de Nuḫašši ou, posteriormente, pela própria tentativa revolucionária do seu irmão, Ar-Ḫalba. Singer propõe que a verdadeira motivação para essa resolução recaía mais na política *divide et impera* do que propriamente um modo de castigar. A criação de um estado-tampão entre Ugarit e Amurru impediria o desenvolvimento de uma grande união geopolítica que controlaria a costa Levantina desde Mukiš até à fronteira egípcia. O constante fortalecimento dos laços políticos entre as casas reais de Amurru e Ugarit mostram que, a longo prazo, tal futuro seria praticável. Assim, Ugarit, que representava um importante aliado económico e comercial para Ḫatti, estaria rodeada de territórios directamente da jurisdição de Karkamiš (KLENGEL, 1994, p. 123; MARTINO, 2014, p. 89; SINGER, 2011, p. 46-51).

A necessidade de controlo directo advinha da sempre presente ameaça egípcia, ressentida pela perda de Amurru e Kadeš, constante origem de disputa entre Ḫatti e o Egipto, com represálias nos reinados dos faraós Seti I e Ramsés II; a emergente ameaça assíria, liberta do jugo Mitani e ambiciosa por se expandir para os territórios a este do Eufrates; e o carácter falacioso dos vassallos sírios, nos quais não se poderia confiar plenamente¹⁷ (BRYCE, 2005, p. 180; BRYCE, 2014, p. 66-67).

Com os restantes estados sírios conquistados, o rei do Ḫatti estabelecia um tratado de vassalagem com o respectivo regente, impondo-lhe certas obrigações, entre as quais, o pagamento de um tributo anual; o fornecimento de apoio militar contra os inimigos estrangeiros¹⁸ ou revoltas internas¹⁹; a extradição de fugitivos e denúncia de conspiradores; e o envio de presentes à corte de Ḫatti. Em troca, o suserano prometia proteger o seu vassalo, desde que se mantivesse fiel e correspondesse às suas exigências, legitimando a sua sucessão ao trono ou devolvendo-lhe a autoridade que lhe fora retirada inicialmente por inimizade. O vassalo teria, igualmente, de prescindir da sua política de independência estrangeira para seguir o sistema “meus amigos, teus amigos serão, meus inimigos, teus inimigos serão”²⁰. As relações com o soberano hitita poderiam ainda ser fortalecidas através de alianças matrimoniais²¹ (KLENGEL, 1994, p. 112).

A par dos tratados de vassalagem e dos vice-reinos, a administração hitita na Síria dependia também do despacho de emissários (DUMU.LUGAL) do rei hitita ou do vice-rei de Karkamiš. No quadro geral, desde que os príncipes locais cumprissem o que lhes era exigido, poderiam agir à vontade, sem a directa intervenção do soberano do Ḫatti. O sistema

¹⁷ Suspeita justificável como se pode verificar posteriormente nos 7º e 9º anos do reinado de Muršili II (1314-1312 a.C.), nos quais se depara com revoltas despoletadas inicialmente por Nuḫašši, alastrando-se depois para o reino de Ugarit e Kadeš, as quais terão usufruído do apoio de expedições egípcias, lideradas pelo novo faraó Horemheb (BRYCE, 2014, p. 68-70).

¹⁸ Como no caso da Batalha de Kadeš, na qual Muwatalli II reuniu as tropas dos seus vassallos sírios de Karkamiš, Alepo, Nuḫašši, Ugarit e Kadeš (KLENGEL, 1994, p. 118).

¹⁹ Como no caso das revoltas sírias no 7º ano do reinado de Mursili II (ver notas 16 e 17), nas quais o vice-rei de Karkamiš, Šarru-Kušuḫ, pediu auxílio a Niqmaddu de Ugarit para atacar as tropas rebeldes de Nuḫašši (SINGER, 2011, p. 46).

²⁰ Esta lógica é observável no tratado entre Tudḫaliya IV e o seu súbdito de Amurru, Šaušgamuwa (CTH 105, coluna 12, 12 ss.): “Since the King of Assyria is my Majesty’s enemy, he shall be your enemy. Your merchant shall not go to Assyria, and you shall not allow his merchant into your land. He shall not pass through your land.” (BECKMAN, 1996, p. 101; MORA, 2010, p. 164).

²¹ Como o casamento de Šattiwazza, príncipe Mitani, com uma das filhas de Šuppiluliuma I, na altura em que recorreu a Ḫatti após o seu destrono (ver nota 14). Ou os casamentos das filhas de Ḫattušili III com Amurru e da sua neta com Ugarit (BECKMAN, 1992, p. 46).

imposto adaptava-se às diferentes estruturas administrativas de cada região²² e tinha mais um aspecto aditivo do que integrativo, sendo somente uma extensão de um sistema governativo já em prática na própria Anatólia (BECKMAN, 1992, p. 49; KLENGEL, 1994, p. 114).

No que respeita a uma instalação permanente de uma guarnição militar hitita em território sírio, existem poucas indicações, podendo-se considerar talvez o caso da cidadela de Tel Faq'us, perto de Emar (GLATZ, 2006, p. 505).

²² As actividades do conselho de anciãos de Emar, uma tradição que remonta ao período Babilónico Antigo (2000-século XVI a.C.), diferiam decerto dos procedimentos dos reis de Ugarit (BECKMAN, 1992, p. 49)

II. Textos e cultura material hitita nos principados sírios

Graças aos ricos acervos de documentação cuneiforme da capital hitita, Boğazköy-Ḫattuša, assim como de outros principados sírios, nomeadamente Alalaḫ, Emar e Ugarit, é possível analisar a relação entre o Império Hitita e os seus subordinados da Síria setentrional e ocidental; permitindo assim traçar este capítulo histórico nessa região. Embora essa zona não fosse desconhecida aos hititas, tendo sido alvo de conquistas aquando do século XVII, a sua passagem temporária apenas deixou, essencialmente, a presença dos destroços de saque e pilhagem, como se verifica nos casos de Alalaḫ²³ e Ebla²⁴.

Por conseguinte, os testemunhos da presença hitita na Síria setentrional e ocidental apenas provêm do período após as conquistas de Šuppiliuma I, ou seja, séculos XIV-XIII a.C. Contudo, comparativamente à extensiva colecção de tabuinhas cuneiformes, a cultura material é rara de se encontrar. Uma das razões que parcialmente justifica essa ausência de achados é a actual situação política do país a ser estudado, que impede o decorrer de escavações rotineiras. Cidades especialmente significativas para esta época, nomeadamente os vice-reinos de Alepo e Karkamiš (da qual apenas recentemente começaram a ser expostos os níveis da Idade Bronze, tendo-se investigado somente o período da Idade do Ferro até então), sofrem com esse aspecto. Contrariamente, as cidades de Alalaḫ e Ugarit, pelo seu extenso historial de campanhas arqueológicas, apresentam um maior número de achados

²³ Como o caso da fase VII de Alalaḫ (século XVII a.C./ século XVI a.C.), no qual se constata que todas as estruturas até então escavadas, nomeadamente o palácio de Yarim-Lim, o templo e o portão da cidade, foram destruídos por fogo intencional, seguindo-se um intervalo no qual a cidade permaneceu desabitada. Embora se correlaciona a destruição desta camada com as investidas militares de Ḫattušili I/ Muršili I e que não se verifique posteriormente nenhuma tentativa de organização do poder político na zona recém-conquistada do norte da Síria, isso não implica que tenha sucedido um corte nas relações entre as duas cidades. Nas novas escavações (2003-2010) realizadas na Área 1, fase VI (século XVI a.C.), foram identificados fragmentos de cerâmica de engobe vermelho com decoração em relevo típico do período do Antigo Reino hitita (século XVII-XV a.C.) (AKAR, 2013, p. 40; KLENGEL, 1992, p. 81-82, nota 217; WOOLLEY, 1955, p. 91; YENER & AKAR, 2013, p. 265-266, fig. 2)

²⁴ A data de destruição da fase IIIB de Ebla é difícil de determinar, enquadrando-se entre 1700-1600 a.C. O facto de se qualificar como uma destruição em oposição a um abandono do espaço é claramente atestado pelo denso estrato de cinzas que encerra os níveis desta fase, os quais apresentam um bom estado de preservação. Esta poderá ter terminado devido a revoltas internas no reinado de Yamḫad ou, em consequência do seu estatuto como vassalo de Alepo, através de um assalto por parte das campanhas de Ḫattušili I, que conquistou Uršu nas últimas décadas do século XVII a.C. Outra possibilidade é a conquista e aniquilação da própria Alepo por volta de 1600 a.C., por Muršili I (MATTHIAE, 1980, p. 55-56).

referentes à sua relação com o mundo hitita o que reflecte, por sua vez, a sua importância para o império.

Embora reduzida, a cultura material hitita na região da actual Síria corresponde essencialmente a objectos relativos ao campo administrativo, destacando-se os selos e as impressões de selos. Fora dessa classe deparamo-nos com um grupo menor que inclui cerâmicas, objectos de prestígio (estatuetas, pingentes e embutidos de *cloisonné*), armas e tabuinhas cuneiformes – apenas as enviadas directamente do centro hitita ou redigidas com a sua escrita e não as concebidas nos principados sírios com escrita sírio-hitita.

2.1. Selos, impressões de selo e *bullae*

A presença de instrumentos administrativos e vestígios do seu uso são indicadores de variados casos ou práticas, entre os quais a troca de correspondência, o governo de um principado periférico através de oficiais imperiais, rotinas administrativas ou ainda a hibridização da organização burocrática e do estilo cultural. As impressões de selos em contextos locais pertencentes à realeza hitita ou de oficiais, especialmente no caso de achados isolados, não provam imediatamente um controlo efectivo sobre esse povoamento ou território. O que indicam é uma interacção directa entre os representantes da autoridade imperial e os do governo periférico. A quantidade de tabuinhas cuneiformes e de achados glípticos, assim como das profissões representadas, podem providenciar indícios relativamente ao nível social e intensidade dessa interacção, bem como revelar a natureza da relação política. A descoberta de selos num sítio em particular pode possivelmente indicar a presença do seu usuário e, desse modo, no caso de oficiais hititas, servir como uma representação física e não apenas simbólica, do poder imperial (GLATZ, 2007, p. 288).

Dentre o reportório de achados referentes à esfera administrativa hitita nas cidades-estado subordinadas sírias encontraram-se, até à actualidade, 46 selos (8 de proveniência incerta) e 13 impressões de selos em *bullae* ou em recipientes de cerâmica (Tell Faq'us, Tell Fray e Tell Kazel), excluindo as impressões nas tabuinhas cuneiformes.

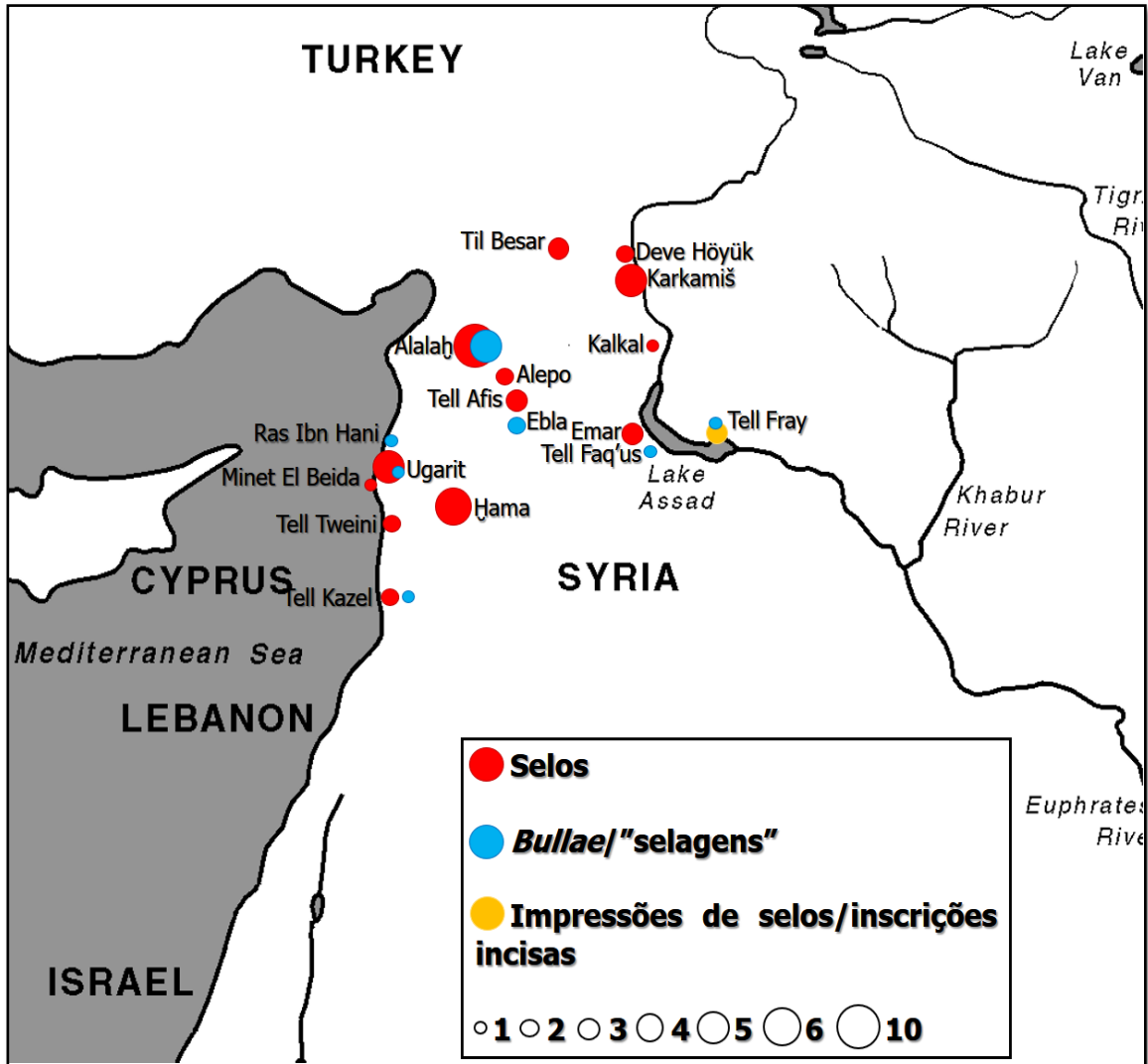


Figura 1 – Mapa de distribuição e número de selos/bullae/impressões hititas no território sírio setentrional e ocidental (adaptado de HELFT, 2010).

O termo *bullae*, com diferentes interpretações nas publicações da centúria passada alusivas à glíptica e às práticas de selagem da Anatólia Central, pode-se referir a nódulos de barro ou a “selagens” da mesma matéria. Os primeiros são normalmente de forma cónica, com uma base redonda lisa – a qual receberia a impressão do selo²⁵ –, presos por uma corda

²⁵ Dos quais resultam impressões redondas. O tamanho da *bullae* era semelhante ao tamanho do selo pelo qual seria impresso, portanto, as *bullae* dos reis hititas eram maiores que as dos príncipes e oficiais, pois o seu selo era igualmente maior comparativamente a esses. Inicialmente, nos reinados de Šuppiliuma I, Arnuwanda II e Muršili II, as *bullae* eram significativamente mais pequenas, sendo que apenas parte da impressão do selo ficava gravada. No decurso do período imperial, observa-se um progressivo aumento do tamanho, porém, as impressões continuam a ser só parcialmente gravadas, o que deverá estar relacionado com o aumento dos selos reais (HERBORDT, 2005, p. 32-34)

atada na sua extremidade a uma tabuinha de barro ou de madeira²⁶ (ver fig. 2). As “selagens” de barro tratam-se de pedaços de barro com impressões de selos, pressionados directamente no recipiente que era suposto cerrar²⁷. Assim que o barro secasse, teria de ser partido de modo a abrir o objecto (ver fig. 3) (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, p. 392; GLATZ, 2007, p. 289-290; HERBORDT, 2005, p. 3, 25, 32-39).

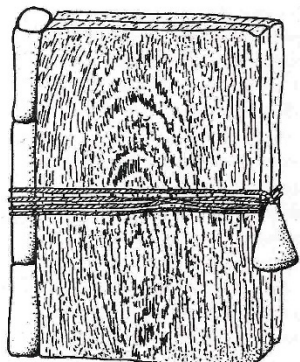


Figura 2 – Reconstrução da selagem de tabuinhas de madeira (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013).

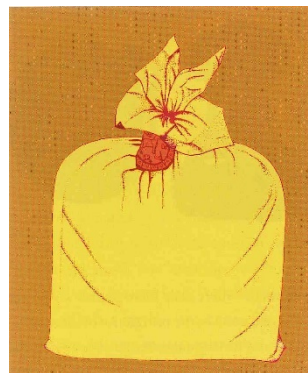


Figura 3 – Reconstrução da selagem de um saco (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013).

Para além das duas práticas de selagem mencionadas acima, os hititas utilizavam, assim como noutros espaços do Próximo Oriente, selos, embora se distinguem-se pela sua forma. Os selos de estampa remontam, na Anatólia, aos finais do período neolítico, tendo continuado como o instrumento de selagem predilecto nos séculos posteriores. A adopção dos selos cilíndricos, típicos da Mesopotâmia, era incomum, e apenas começou a ocorrer após alguma exposição da cultura nativa à influência dessa região; evento que terá sucedido em duas ocasiões: meados do IV milénio a.C. e nos inícios do II milénio a.C. com o estabelecimento do sistema de colónias assírias (*kārum*). Terminado este último período, o

²⁶ O facto destas *bullae* serem anexadas a tábuas de madeira ou a outros materiais perecíveis explica a sua presença em grande número em Hattuša e a ausência dos documentos a que estariam conectados; situação que contrasta com as cidades vassalãs de Ugarit e Emar, onde foram recolhidos vários documentos e cartas seladas, tantos pelos reis hititas, como pelos vice-reis de Karkamiš e funcionários administrativos. Esta questão também poderá estar relacionada com as áreas até então escavadas, nomeadamente arquivos públicos, e não privados, sendo que ainda não se descobriu nenhum documento jurídico (ex: dívidas, processos judiciais, contratos de aquisição...) na capital hitita (HERBORDT, 2005, p. 26 e 36).

²⁷ Os recipientes encerrados deste modo incluem sacos de couro, cestos, receptáculos de junco/cana, rolas de garrafas ou recipientes de cerâmica ainda por cozer. O reverso da “selagem” conserva vestígios do material a que foi pressionado, normalmente de cordas ou alças de couro (GLATZ, 2007, p. 289-290; HERBORDT, 2005, p. 34-35).

selo de estampa voltou a ganhar popularidade, ao passo que a forma cilíndrica, mesmo após o seu ressurgimento na época imperial, continuou a ser descurada a favor de outras, sendo usado mais nas regiões periféricas do império²⁸ (GORNY, 1993, p. 164).

Na realidade, o contacto advindo da agregação da região síria aos seus domínios, propiciou a adopção, por sua vez, da forma dos anéis de sinete (nº 68 e nº 94, Anexos D). Os do período do Antigo Reino, superfícies lisas redondas, soldadas ao aro do anel em forma de U, começaram a ser suplantados na época imperial pelos sinetes com superfícies longas, aproximadamente ovais, raramente maiores que o diâmetro do próprio dedo do usuário. A emergência desta forma do anel de sinete parece ter tido lugar na Síria setentrional e resulta de uma confluência entre a forma tradicional hitita com o selo cilíndrico, tendo-se propagado no Bronze Final II (1400-1200 a.C.) (HERBORDT, 2005, p. 43-44).

Entre os selos de estampa anatólicos há que destacar os de forma biconvexa, fóssil director do período imperial, datáveis do Bronze Final II. Eram manufacturados a partir de rochas macias como calcário, serpentina ou esteatite, mais fáceis de furar e incisar; sendo extremamente raro encontrar exemplares de metal (nº 34, nº 35, nº 45 e nº 54, Anexos D). Normalmente apresentam, em pelo menos uma das faces, inscrições com hieróglifos lúvios, raramente exibindo decoração ao longo da sua margem. Contudo, podem apresentar entre uma a três ranhuras ao longo da circunferência da peça. O seu significado, se é que existe algum para além do seu valor estético, desconhece-se²⁹. Incluem um furo através do seu diâmetro máximo, geralmente perfurado horizontalmente na margem do selo e perpendicularmente à orientação da inscrição hieroglífica, o qual serviria para inserir uma espécie de pega (nº 34 e nº 66, Anexos D), facilitando assim o acto de selar (GORNY, 1993, p. 166-168).

Ressalta-se igualmente outras duas formas favorecidas na fase final do império, particularmente os selos trípodas (nº 35, Anexos D), derivantes dos selos de estampa cuja extremidade do cabo possuiria a forma de martelo ou de botão (nº 36, Anexos D); e os selos discóides (nº 55 e nº 91, Anexos D), uma evolução dos trípodas, advinda da problemática

²⁸ Como a actual região sudeste da Turquia (GORNY, 1993, p. 164).

²⁹ Güterbock sugeriu que talvez se tratasse de uma característica cronológica indicativa da última fase do Bronze Final, o que corresponde igualmente com a classificação de Hogarth, para o que designa como “*bullae*” na sua Classe III glíptica, para os finais do Império Hitita (GORNY, 1993, p. 168; HOGARTH, 1920, p. 94-95).

suscitada pela quantidade de material (metal na maioria dos casos) e elevada qualidade de manufatura requerida para a fixação dos cabos ao selo, resultando na emergência deste novo tipo sem esse apêndice. Na primeira metade do século XIV a.C., a borda desta forma específica de selo, apresentava uma ornamentação composta pelos símbolos da VITA (= L. 369) e rosetas (= L. 189) (nº 55, Anexos D), que viria a ser descurada no período imperial por outros motivos da VITA semelhantes (L. 440 e L. 441) e pelo completo abandono das rosetas. Ambas as formas reproduzem impressões redondas lisas, análogas às dos selos biconvexos, tornando difícil a sua distinção (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, 395-396; HERBORDT, 2005, p. 45).

Por fim, resta mencionar as formas hemisféricas – responsáveis pelas impressões côncavas –, emergentes na fase transicional do século XV para XIV a.C., tornando-se especialmente comuns no século XIII a.C.. Embora manufacturados essencialmente em rocha, há casos de exemplares em metal (nº 54, Anexos D) (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, 397).

Inicialmente, os selos hititas favoreciam as representações figurativas nas bordas das peças, i.e. cenas rituais, símbolos individuais ou hieróglifos, à epigrafia no interior, sendo que o espaço ocupado no centro era bastante diminuto comparativamente à ornamentação circundante (ex: nº 14 e nº 55). As representações figurativas constituíam uma unidade independente do centro e tinham uma importância significativa na composição geral da imagem do selo. Porém, a tendência inverteu-se à medida que se progrediu para o período imperial, sendo que o conteúdo epigráfico, indicativo do nome e estatuto/profissão do usuário, tornou-se no fundamento do selo, tendo a decoração das margens passado para uma posição secundária ou excluída de todo (GLATZ, 2007, p. 290-291; HERBORDT, 2005, p. 45).

A tipologia da inscrição hieroglífica nos selos hititas consiste, basicamente, num nome próprio gravado no campo central, podendo incluir nas laterais títulos ou profissões/cargos, assim como símbolos auspiciosos (ou meramente decorativos?). As duas faces do selo usualmente apresentam o mesmo nome, uma representação de uma figura antropomórfica ou de um animal, ou ainda outros símbolos que não constituem necessariamente o nome. É frequente surgir um nome feminino de um dos lados, sendo que

a associação geralmente feita nestes casos é a de que o indivíduo masculino é casado com a personagem feminina identificada, embora também não seja raro encontrar selos apenas com um nome feminino. Porém, excepcionalmente no caso de rainhas e princesas, esses não são acompanhados de títulos/cargos/profissões. A maioria dos selos pertenciam, portanto apenas a uma pessoa só (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, 394; SUTER, 2000, p. 423).

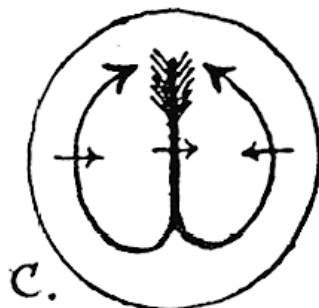


Figura 4 – Esquema de leitura dos hieróglifos dispostos nos selos de tradição anatólica (FORRER, 1937).

A composição dos selos da família real, primordialmente do rei e rainha, diferia da generalidade, apresentando não só os hieróglifos lúvios assim como uma inscrição cuneiforme³⁰ a rodeá-los, na qual se referia os seus nomes e títulos. As laterais preenchiam-se com o título de “Grande Rei” (= L. 18; ac. LUGAL) e, quando acompanhado pelo nome da rainha, com um título equivalente feminino (= L. 16)³¹. A partir do reinado de Šuppiluliuma I, surge um novo género de selo real (*aedicula*³², i.e., “nicho” ou “capela”), no qual se acrescenta o símbolo de um sol alado³³, ou seja, o título “Meu Sol” (DINGIRUTUŠi) que corresponde a “Meu Senhor” (nº 65 e nº 88, Anexos D). Esta composição, que se

³⁰ A presença do texto cuneiforme na margem do selo era uma distinção reservada igualmente aos príncipes da coroa (*tuhkanti-*) aos vice-reis e aos reis vassalos (HERBORDT, 2008, p. 161).

³¹ Na Mesopotâmia encontra-se um desenvolvimento análogo nos estilos de selos, com a introdução do selo real neo-assírio no século IX a.C, o qual representa o rei numa disputa com um leão (HERBORDT, 2008, p. 160).

³² O termo em latim deriva do cenário pictórico construído, no qual as asas do sol alado são virtualmente sustentadas pelos hieróglifos em forma de coluna jónica (= L. 18) (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, p. 400-401).

³³ O elemento pictórico de origem egípcia deve ter alcançado Anatólia via Síria, presente na glíptica dessa região desde o século XVIII a.C. (HERBORDT, 2008, p. 161).

assemelha a uma heráldica imperial, deve ser considerada como indicação de uma nova fase mais poderosa do Império Hitita (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, p. 393; 400-401).

Independentemente do estilo do selo, o princípio de leitura aplica-se a todos do mesmo modo. Começa na parte central superior, descendo até à base e dividindo-se em dois grupos de símbolos que se distribuem na periferia até ao cimo, enquadrando os hieróglifos centrais (ver fig. 4) (FORRER, 1937, p. 156).

Tabela 1 – Selos, *bullae* e impressões de selos hititas em território sírio

Selos

Sítio	Material	Forma/Dimensões	Contexto	Inscrição ³⁴	Datação U.E	Datação estimada	Anexos
Alalah	Pórfiro?	Biconvexo/ 2 cm de diâmetro e 1.2 cm de espessura	?	Pa-sa-su BONUS ₂ .FEMINA	N/A	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 1
Alalah	Rocha cinzenta escura (esteatite?)	Biconvexo/ 1.7 cm de diâmetro e 1 cm de espessura	?	A. LUNA-ma-ta BONUS ₂ . VIR ₂ B. ma-x-wa BONUS ₂ . FEMINA	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 2
Alalah	Esteatite branca	Biconvexo/ 0.39 cm de diâmetro	Pequena divisão oeste do anexo leste do templo (AJ 30), fase IB	Pa-lu-wa REX.FILIUS REGIO.DOMINUS	s. XII a.C.?	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 3
Alalah	Esteatite cinzenta	Biconvexo/ 1.9 cm de altura	Forte norte, fase III, debaixo do pavimento de ladrilho do átrio SE	X(ki?)-la-la? (Awatas?) BONUS ² . FEMINA	s. XIV-XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 4
Alalah	Serpentina vermelha	Biconvexo/ 2.4 cm de diâmetro e 1.5 cm de espessura	Canto SO do pátio do templo, por detrás da soleira de basalto, fase I-II] za-i? SCRIBA? X	s. XII a.C.	s. XIII/XII a.C.	Anexos D, nº 5

³⁴ Os primeiros epigrafistas de lúvio consideraram que o latim, “língua internacional”, seria mais fácil para designar os logogramas nos textos hieroglíficos lúvios. Portanto, o logograma para “deus” é representado pelo DEUS latim; para “rei” pelo REX latim, etc. Várias palavras consistem num logograma + uma ou várias sílabas (BRYCE, 2012, p. 299).

Alalah	Cerâmica?	N/A	Forte norte, fase III, “high up in the filling” do enchimento do pavimento do átrio SE (WOOLLEY, 1955, p. 168-69)	nu?-x? BONUS ₂ .VIR ₂	s. XIV a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 6
Alalah	Terracota	Selo de estampa/ 1.5 cm de diâmetro	Encontrado à superfície, por debaixo do <i>tell</i>	a-pi-pa?	N/A	N/A	Anexos D, nº 7
Alalah	Terracota	Selo de estampa/ 2 cm de diâmetro	Camada superficial do solo – não tem estratigrafia	Pa-lu-wa REX.FILIUS REGIO.DOMINUS	N/A	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 8
Alalah	Esteatite	Selo de estampa/ N/A	Camada superficial do solo – não tem estratigrafia	Decoração geométrica, sem inscrição	N/A	s. XIV a.C.?	Anexos D, nº 9
Alalah	Esteatite preta	Selo de estampa/ N/A	Área 2. Achado de superfície na zona residencial	Decoração geométrica, sem inscrição	N/A	s. XIV a.C.?	Anexos D, nº 10
Alepo?	Serpentina esverdeada	Biconvexo/ 1.7 cm de diâmetro	Comprado	sa ₂ ?-x-x,	?	s. XIII a.C./ Idade do Ferro?	Anexos D, nº 27
Alepo?	?	Biconvexo/ N/A	Colecção privada	A. TONITRUS-la-li?-mi? BONUS ₂ .VIR ₂ B. Na?-ti-um?-li	?	N/A	Anexos D, nº 28
Deve Höyük	Esteatite	Biconvexo/ 2.4 cm de diâmetro e 1.3 cm de espessura	Sepultura Pártia	Kulaziti	s. VIII-VII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 30
Deve Höyük	Esteatite branca queimada	Biconvexo/ N/A	Sepultura Pártia	A. Kukku	s. VIII-VII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 31

Emar	Prata	Biconvexo com uma pega de bronze/ 2.9 cm de diâmetro e 1.75 cm de espessura	No entulho sobre as residências do Bronze Final (<i>Upper Town</i>)	Kukunu BONUS ₂ . VIR ₂ , Á-na-ni-zi?	N/A	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 34
Emar	Bronze	Selo trípole/ 2.5 cm de largura e altura	Depósito de entulho nas redondezas da área residencial do Bronze Final (<i>Upper Town</i>)	Hatanzia? ARTZ	N/A	s. XIV/XIII a.C.	Anexos D, nº 35
Emar	Bronze	“Kegelknaufstempel”, selo de estampa/ 2.6 cm de diâmetro e altura	No perfil oeste da <i>Upper Town</i> , logo abaixo da superfície	Sem inscrição, apenas decorativo	N/A	s. XVII/XVI a.C.	Anexos D, nº 36
Ḥama	Esteatite	Biconvexo/ 2.1 cm de diâmetro	Urna de cremação período F2, cemitério I	S-ta-pa?	Finais do s. XIII-XII a.C.	1º metade do s. XII a.C.?	Anexos D, nº 44
Ḥama	Bronze	Selo biconvexo/ 2.9 cm de diâmetro	Sepultura, cemitério I	TONITRUS (Tarhunta)-na BONUS ₂ .FEMINA	Finais do s. XIII-XII a.C.	1º metade do s. XII a.C.	Anexos D, nº 45
Ḥama	Pasta de vidro branco com nuances esverdeados	Biconvexo/ 2.7 cm de diâmetro	Sepultura, cemitério II	x-na?	s. XI-IX a.C.	1º metade do s. XII a.C.?	Anexos D, nº 46
Ḥama	Serpentina vermelha escura	Biconvexo/ 2 cm de diâmetro e 1.3 cm de espessura	P/Q 13 6-14/4, Edifício II, Divisão N (despensa), nível de destruição de c. 720 a.C. Período E.	?	s. VIII a.C.	Finais do s. XIII/inícios do s. XII a.C.	Anexos D, nº 47
Ḥama	Esteatite cinzenta	Biconvexo/ 3 cm de comprimento, 2.7 cm de largura, 2.4 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura	N14 19/3 1936, estrato medieval por cima da praça central do palácio	?	Medieval	s. XIII/XII a.C.	Anexos D, nº 48

Hama	Serpentina acastanhada escura	Biconvexo/ 1.6 cm de diâmetro e 0.9 cm de espessura.	N14 16/3 1936, estrato medieval por cima da praça central do palácio	A. Cervídeo? Flor de lótus e flor em botão B. Esfinge/ Grifo?	Medieval	s. XIII/XII a.C.	Anexos D, nº 49
Kalkal?	Serpentina vermelha	Biconvexo/ 1.5 cm de diâmetro	N/A	Taki-Šarruma REX.FILIUS	N/A	s. XIII/ XII a.C.?	Anexos D, nº 50
Karkamiš	Esteatite branca	Biconvexo/ N/A	No pano interior da muralha N (secção F)	Grifo alado?, BONUS ₂	Bronze Final?	s. XIII/XII a.C.?	Anexos D, nº 51
Karkamiš	Rocha vermelha acastanhada (esteatite?)	Biconvexo/ 2.5 cm de diâmetro e 1.2 cm de espessura	?	Wa-sa-ja BONUS ₂ .Vir ₂	N/A	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 52
Karkamiš	Serpentina	Biconvexo/ N/A	Vala aberta no extremo este da cidadela, nas escavações do século XX. Estratigrafia desconhecida	URBS?Zu? ^{sa} ₄	N/A	s. XIII/XII a.C.?	Anexos D, nº 53
Karkamiš?	Bronze	Hemisférica/ N/A	?	Ilegível	N/A	Finais do s. XV/inícios do s. XIV a.C.?	Anexos D, nº 54
Karkamiš?	?	Discóide/ 2.7 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura	?	L. 157? x-x BONUS ₂ VITA	N/A	Finais do s. XV/inícios do s. XIV a.C.?	Anexos D, nº 55
Minet el-Beida	Barro	Biconvexo/2.6 cm de diâmetro	Sem informação do contexto. Provavelmente do túmulo. Campanha de escavação dos monumentos de falsa cúpula	A: Pi-ta? PINCERNA? sa? B: Pi-ta-ti? PINCERNA? sa? BONUS ₂ .VIR ₂	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 60

Ras Šamra/Ugarit	Rocha esverdeada	Biconvexo/ 2 cm de diâmetro	Acrópole. A sul da Casa do Sacerdote Hurrita, "step trench II"	?	?	s. XIII/XII a.C.?	Anexos D, nº 64
Ras Šamra/Ugarit	Esteatite (?) cinzenta escura	Selo de estampa biconvexo/ 5 cm de diâmetro e 1.3 cm de espessura	Escombros do palácio real, orla sudeste do Pátio I.	L. 227, MARGNUS.REX (selo de Muršili II, filho de Šuppiluliuma I)	2º metade do s. XIV a.C. (embora o contexto arqueológico favoreça a datação no s. XIII a.C.)	2º metade do s. XIV a.C.	Anexos D, nº 65
Ras Šamra/Ugarit	Esteatite (selo) e bronze (pega)	Selo biconvexo com pega/ 2.1 cm de diâmetro e 1 cm de espessura (pega) 2.9 cm de largura do eixo e 4 cm de diâmetro com a pega	Residência privada, a leste do palácio, nos arredores do templo de Baal e Dagon	A: Tal-mi-a BONUS ₂ .VIR ₂ B: SIGILLUM	Contexto arqueológico favorece datação no s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 66
Ras Šamra/Ugarit	Rocha (esteatite?)	Biconvexo (?)/ N/A	Zona da acrópole, <i>Chantier I</i>	Pala BONUS ₂ .VIR ₂	?	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 67
Ras Šamra/Ugarit	Ouro	Anel de sinete/ 1.85 cm de diâmetro	Sul da acrópole, casa de Patilu-wa	Patiluwa? A/I-x-x-pa-ti-lu-tu PONERE-wa? BONUS. FEMINA	Bronze Final	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 68
Tell Afis	Rocha preta esverdeada	Biconvexo/ 2.3 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura	Área G, EDV3, U.E. 4 – L.1360, Idade do Ferro.	Sa-na-sà-li BONUS ₂ . FEMINA	s. X a.C.	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 75
Tell Afis	?	Biconvexo/ N/A	Sector N, encosta oriental da acrópole, quadrícula EIV3+4, U.E 4840	B. Ná-à-ma?	s. XIII-XII a.C.	Fins do s. XIII/ inícios do s. XII a.C.	Anexos D, nº 76

Tell Afis	Hematite	Cilíndrico	Área E (zona ocidental da acrópole), níveis Bronze Final/Idade do Ferro (U.E. 2502, nível 7c)	Duplo friso com rosetas e motivo pontilhado	s. XI a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 77
Tilbeşar?	Esteatite	Biconvexo/ 3.1 cm de diâmetro	Comprado	Yasatani? BONUS ₂ . PINCERNA	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 83
Tilbeşar?	Serpentina vermelha	Biconvexo/ 2 cm de diâmetro	Comprado	A. Sa-ma-tu-li BONUS ₂ .VIR ₂ B. Ki-ki-ya BONUS ₂ . FEMINA	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 84
Tilbeşar?	Serpentina vermelha	Biconvexo/ 2.4 cm de diâmetro	Comprado	A. Za-yi-a BONUS ₂ .VIR ₂	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 85
Tell Dis	Rocha negra (serpentina/esteatite?)	Biconvexo/ 2.2 cm de diâmetro e 1 cm de espessura	?	Lu/a/i-sa-ma? BONUS ₂ .VIR ₂	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 86
Tell Kazel	?	Biconvexo/ 1.9 cm de diâmetro	Edifício monumental Idade do Ferro, fase V	À?-wa/i-Teşub. BONUS ₂ .VIR ₂	Finais do s. XIV/XIII a.C.	Fim do s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 90
Tell Kazel	?	Discóide/ c. 1.3 cm de altura e de diâmetro	Edifício monumental Idade do Ferro, fase V	SCRIBA?- L.177- TONITRUS?-x-x-sà	Finais do s. XIV/XIII a.C.	s. XII/XI a.C.?	Anexos D, nº 91
Tell Tweini	Pedra	Biconvexo/ 2.5 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura	Área A, contexto residencial, fase 7B-C	A. Sà-us-ga-pi-ya VIR ₂ .PASTOR B. Sà-us-ga-pi-ya VIR ₂ .PASTOR VIR ₂ .PASTOR	s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 93
Tell Tweini	Bronze	Anel de sinete/ N/A	Área A, divisão a nordeste, fase 7B-C	Tu-ra/i-zi	s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 94

<i>Bullae e impressões/marcas de selo</i>							
Alalah	<i>Bulla</i> de barro	Impressão circular/ 2 cm de diâmetro	Da superfície perto da vala C	Ooo iii	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 11
Alalah	<i>Bulla</i> de barro	Impressão circular/ 2.5 cm de diâmetro	Camada superficial do solo – não tem estratigrafia	Lu-x-dar?	N/A	s. XIII-XII a.C.?	Anexos D, nº 12
Alalah	<i>Bulla</i> de barro	Impressão circular/ 1.5 cm de diâmetro	Rua principal, zona residencial, fase II	Tara-la-nu ₂ -he-pa?/ CHEFE-qa-nu-he-pa?	s. XIII a.C.	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 13
Alalah	<i>Bulla</i> cônica de barro	Impressão lisa/ 2.5 cm de altura, 3 cm de diâmetro (impressão) 2.4 cm de diâmetro	Achado de superfície	?	N/A	Fins do s XVI a.C.?	Anexos D, nº 14
Alalah	<i>Bulla</i> de barro	Impressão de selo de estampa/ N/A	N do <i>tell</i> . Área do templo e recinto de elite. Quadrícula 42.10, fase local 4, chão de uma divisão de um edifício em adobe.	Tudhaliya REX.FILIUS Ašnu-Hepa REX.FILIA	Fins do s. XIV/XIII a.C.	Fins do s. XIV/XIII a.C.	Anexos D, nº 15
Ebla	<i>Bulla</i> de barro	Impressão lisa/ (impressão) 2.1 cm de diâmetro	Área Z, residência a norte da cidade, U.E de derrube dos quartos (BiVII9iv, nível 3)	BONUS ₂ .AURIGA MONS-la-FRATER ₂ (<i>Walanani(ya) kartappu</i>)	s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 32
Ebla	<i>Bulla</i> de barro	Impressão circular/ (impressão) 2.1 cm de diâmetro (<i>bulla</i>) 5,7 x 4 x 0.8 cm	Achado de superfície	Huratana?	N/A	s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 33

Ras Ibn Ḥani	<i>Bulla</i> de barro	Impressão de selo cilíndrico/ 3.4 cm de comprimento, 2.52 cm de largura e 0.3 cm a 0.5 cm de espessura.	Palácio norte, aterro do fosso (?) da casa de banho XXVIII	pari? DEUS?	s. XIII a.C.?	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 61
Ras Šamra/ Ugarit	Plaqueta retangular de barro (ensaio de <i>bulla</i> ?)	Impressão circular/ 2.6 cm de diâmetro	Arquivos do Sul, pátio V	DEUS.MAGNUS – L. 441. URBS?.DOMINUS? – wa? (<i>Maššana-ura?</i>)	N/A	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 69
Tell Faq'us	Tampa de vaso	Impressão de anel de sinete/ N/A	Fundações do edifício oeste, na extensão do <i>chantier 3</i> (bastião)	MAGNUS.HASTARIUS (Gal/LÚ ^(MEŠ) MEŠEDI)	s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 87
Tell Fray	<i>Bulla</i> de cerâmica	Impressão circular/ N/A	Pavimento de um dos quartos a sudeste do <i>Palazzetto</i>	Ḥattušili. MAGNUS. REX Puduḥepa. MAGNUS.DOMINA	s. XIII a.C.	1º metade do s. XIII a.C.	Anexos D, nº 88
Tell Fray	Fragmentos de 3 jarros incisos	Inscrição hitita/ vaso A: H. 12 cm, diâmetro da boca 12.4 cm; vaso B: 13 x 12.5 cm; vaso C: H. 11.2 cm, diâmetro máximo 14.5 cm	<i>Palazzetto</i>	Šimigatal SCRIBA	s. XIII a.C.	1º metade do s. XIII a.C.	Anexos D, nº 89
Tell Kazel	Fragmento de cerâmica	Duas impressões, apenas uma completa (lisa)	Edifício monumental Idade do Ferro, fase V	?	Finais do s. XIV/ XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 92

Dos 59 exemplares de instrumentos administrativos demonstrados na tabela acima, apenas 15 (9 na categoria de selos, sendo que 2 [nº 3 e nº 8] pertencem ao mesmo indivíduo, e 6 na categoria de *bullae* e impressões de selos) apresentam títulos relativos à esfera administrativa/ real. O resto pertence a indivíduos independentes, sem referência à sua profissão ou estatuto. Dos títulos de oficiais hititas indicados constatam-se os de REX.FILIUS REGIO.DOMINUS (DUMU.LUGAL EN KUR) [nº 3 e nº 8]; REX.FILIUS (DUMU.LUGAL) [nº 15 e nº 50]; PINCERNA/URCEUS (^{LÚ}SÌLA.ŠU.DU₈.A) [nº 60 e nº 83]; PASTOR (^{LÚ}NA.GAD) [nº 93, Anexos D]; AURIGA (^{LÚ}KARTAPPU) [nº 32]; URBS.DOMINUS (EN URU^{LIM}), [nº 69]; MAGNUS.HASTARIUS (GAL/LÚ^(MEŠ)MEŠEDI) [nº 87] e SCRIBA [nº 5, nº 89 e nº 91]. No que diz respeito à realeza reconhece-se MAGNUS.REX (LUGAL.GAL) e MAGNUS.DOMINA (SAL. LUGAL. GAL) [nº 88].

O título DUMU.LUGAL³⁵ (literalmente “Filho do Rei”) concedia ao seu titular completa autoridade para delegar pelo Grande Rei hitita, particularmente, nos estados vassallos sírios, onde operava conjuntamente com os reis locais, intercedendo em assuntos directamente respeitantes à administração do estado. Em Ugarit denota-se que dentre as suas tarefas incluía-se a redefinição das fronteiras do estado (ver Taki-Šarruma, selo nº 50, Anexos D), a arbitragem entre a rainha e um funcionário fiscal e até a ordenação do rei vassallo ‘Ibiranu a comparecer em pessoa perante o Grande Rei. Em Emar esta personagem é apenas atestada como testemunha em vários documentos pertinentes a vendas de bens imóveis ou escravos. A sua preeminência é sinalizada pela sua posição invariável no cabeçalho da lista de testemunhas. Embora a sua relevância, não parece que o titular permanecesse ou residisse definitivamente numa única localidade (BECKMAN, 1992, p. 47; BRYCE, 2002, p. 27-28; COLLINS, 2007, p. 106).

O título EN KUR (“senhor do país”) corresponderá provavelmente ao título de UGULA.KALAM.MA, “supervisor do país”, uma das autoridades máximas na administração hitita da Síria, cujos deveres eram consideravelmente semelhantes aos de *bēl*

³⁵ É essencialmente um título honorífico, de modo que não se restringe somente aos descendentes da família real, sendo atribuído a outros funcionários, nomeadamente alguns escribas (BRYCE, 2002, p. 27).

*madgalti*³⁶, “governador do distrito” de Anatólia. Era responsável por uma significativa porção de território (por exemplo, Aštata) e deslocava-se de cidade em cidade desempenhando os seus deveres, que incluíam inteligência militar, monitorização de assuntos administrativos e o testemunho de várias transacções, assim como a participação – provavelmente passiva – no culto local. Nas listas de testemunhas seguia-se logo após qualquer DUMU.LUGAL que se encontrasse presente (BECKMAN, 1992, p. 47-48; COLLINS, 2007, p. 106). A posição de EN URU^{LIM}, ainda não atestada assertivamente tanto em títulos cuneiformes como hititas, possivelmente teria uma ligação próxima com a de *bēl madgalti* (HERBORDT, 2005, p. 309).

O cargo de GAL/LÚ^(MEŠ)MEŠEDI remete ao “comandante-chefe da Guarda Real”³⁷, responsável pela protecção e segurança pessoal do Grande Rei. Era geralmente, senão invariavelmente, um membro próximo da família real, em algumas ocasiões um dos irmãos do rei³⁸ (BRYCE, 2002, p. 21-22).

Originalmente o posto de *kartappu* estava particularmente relacionado com cavalos e cavalaria³⁹, porém, como usualmente ocorre com os títulos hititas, o significado alterou-se e mudou consideravelmente ao longo do tempo. Neste caso, observa-se uma mutação do *kartappu* original, estribeiros e cavaleiros que serviam a família real e o próprio rei, para um delegado especial encarregue de importantes missões diplomáticas. A evolução resultou da crescente necessidade de serviços estrangeiros hititas no século XIII a.C., tanto na administração efectiva dos principados sírios como no incremento dos contactos diplomáticos com cortes imperiais estrangeiras. Esta transformação ocorreu com os *kartappū*

³⁶ Em hitita *auriyas ishas* (literalmente “senhor da atalaia”). Estes governadores nomeados pela realeza, normalmente relativos próximos do rei, supervisionavam territórios substanciais ao longo das fronteiras de Ḫatti, sendo responsáveis simultaneamente por um número indefinido de cidades. A seu encargo estava a vigilância de forças inimigas na zona fronteiriça, a organização da agricultura nas terras do estado, a manutenção de edifícios reais e templos e a administração da justiça no seu distrito (BRYCE, 2002, p. 16; COLLINS, 2007, p. 105).

³⁷ Guarda de elite (MEŠEDI), armada com lanças, cujo principal dever era a protecção do rei. Pode ser grosseiramente comparada com a guarda pretoriana do Império Romano, embora diferissem claramente em número e, ao contrário da guarda pretoriana, os MEŠEDI partilhavam as suas responsabilidades com outra força armada designada de “os lanceiros de ouro” (BRYCE, 2002, p. 22).

³⁸ Šuppiluliuma nomeou o seu irmão Zida para este posto, como é possível confirmar no selo (SBo II, nº 26, Zida MAGNUS.HATARIUS REX.FILIUS); Muwatalli nomeou o seu irmão Ḫattušili e este último elegeu o seu filho e futuro rei, Tudḫaliya IV (selo nº 468, Tudḫaliya MAGNUS.HASTURIUS, no *corpus* do arquivo de Nişantepe) (BRYCE, 2002, p. 22; HERBORDT, 2005, p. 304).

³⁹ A palavra *kartappu* deriva da suméria *kir₄.dab* “(aquele) que segura o nariz” (isto é, as rédeas do cavalo) (SINGER, 2011, p. 154).

pois, aparentemente, eram indivíduos selecionados entre os funcionários mais capacitados e leais à coroa, por vezes advindo da própria família real. Portanto a transição para um cargo de elevado escalão foi gradativa (SINGER, 2011, p. 154).

O título ^{LÚ}NA.GAD é frequentemente referenciado nas celebrações rituais como o responsável pelas oferendas. O caso de ^{LÚ}SÌLA.ŠU.DU₈.A é semelhante, surgindo primordialmente como um participante em diversos rituais. Por esta razão, os dois títulos, foram temporariamente atribuídos ao grupo dos funcionários do templo. ^{LÚ}NA.GAD poderia igualmente ser responsável pela gestão dos pastos reais e o pastoreio de rebanhos do palácio ou diversos templos (HERDBORT, 2005, p. 102-103; LEBRUN & TAVERNIER, 2012, p. 326).

Surpreendentemente poucos selos designam o seu usuário como SCRIBA (nº 5, nº 89, nº 91) pois, considerando os seus deveres, são a profissão mais comum de se encontrar (HELFT, 2010, p. 48; DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, p. 394).

Embora nem todos os exemplares identifiquem o cargo ou profissão do seu usuário, a maioria dos selos/*bullae* apresenta a composição BONUS₂₊VIR₂/FEMINA (“bom/ saúde + homem/mulher”). Esta combinação é muito comum nos selos do século XIII a.C., conquanto o seu preciso significado tanto nesta situação como na junção de BONUS₂₊SCRIBA é discutível. Güterbock interpreta como um desejo ou bênção de bem-estar/saúde no sentido de “saúde (para) o homem/mulher/escriva”, o que corresponderia com a função secundária dos selos como amuletos; ao passo que Hawkins identifica como um epíteto honorário (?), indicativo do estatuto do indivíduo, traduzindo como “nobre senhor/mulher/escriva” (SUTER, 2000, p. 423)

Somente em alguns casos é que é possível conjecturar a ligação entre os indivíduos mencionados nos selos/*bullae* com os funcionários hititas referenciados noutras fontes⁴⁰,

⁴⁰ O usuário do selo nº 34.

O nome Palla presente no selo nº 67 foi atestado em diversos documentos hititas (BECKMAN, 1983, p. 625, nº 906; LAROCHE, 1966, p. 135, nº 916), selos (nº 921 do *corpus* de Nişantepe e num selo biconvexo de uma coleção privada de Jerusalém) e impressões de selos, contudo, nenhuma destas fontes podem ser correlacionadas com a de Ugarit, que nem título apresenta (HELFT, 2010, p. 48, nota 81; HERBORDT, 2005, nº 921; MORA, 1987, p. 182, nº 6.8; SINGER, 1980, p. 170-171).

O nome TONITRUS-NA (nº 44) poderá corresponder à filha de Šahururnuwa, Tarhüntamanawa, conhecida a partir de um selo do arquivo de Nişantepe. Neste o seu nome surge como TONITRUS-OVIS-na-(wa/i), portanto, possivelmente o de Ḫama poderá ser uma versão mais curta do mesmo nome. O seu pai apresentava

excluindo obviamente os selos reais, o que não implica que tenham sido usados pelos próprios (ex: selo n° 65). Por exemplo, o selo n° 66 de Talmia pode corresponder a Talmiyanu, filho da rainha de Šarrelli. Segundo Singer (2011), Šarrelli ou outra rainha foi endereçada em três cartas ugaríticas enviadas por um certo *Tlmyn*, identificado como seu filho (RS 8.315, 9.479A, 15.008). Outras três cartas foram enviadas para a rainha por um filho anônimo, o rei (RS 11.872, 16.379, 17.139). Todas apresentam uma composição bastante semelhante e poderão ter sido enviadas pelo mesmo filho⁴¹, Talmiyanu, o nome de Niqmaddu III antes da sua coroação, o qual ainda usava nas cartas que enviava para a sua mãe. Algumas destas relatam a visita do autor a Ḫatti e a sua audiência satisfatória com a sua majestade e rainha⁴² (SINGER, 2011, p. 99-100).

Outro caso remete a Maššanaura, da *bullā* n° 69, que é igualmente mencionado em duas cartas, uma enviada de Karkamiš para Ugarit (RS 17.248)⁴³ e na RS 18.70, bem como no selo biconvexo n° 79 de Ališar Höyük. O seu nome (^mDINGIR^{meš}-GAL) surge também relacionado com o cargo de tesoureiro no documento KUB XXX 62, I 10 (GELB, 1935, p. 74; GORNY, 1993, p. 188 nota 166; HELFT, 2010, p. 48; LAROCHE, 1966, p. 115, n° 774).

A personagem de Paluwa que consta no selo n° 3 e *bullā* n° 8 corresponde, de acordo com Laroche, a um nobre hitita, atestado numa *bullā* descoberta em Boğazköy (Boğ. III 13). Singer sugere também que um selo de prata⁴⁴ com o mesmo nome no *Cabinet des Médailles* da Biblioteca Nacional de França (BN 1972.1317.147) deverá pertencer ao mesmo indivíduo. Correlaciona ainda esta personagem com uma outra menção ao seu nome numa carta do rei hitita, recuperada em Emar (Msk. 73.1097), relativamente à usurpação das terras de Zū-Ba‘la,

o título de DUMU.LUGAL e GAL DUB.SAR (“Chefe dos Escribas”), sendo um príncipe de uma linhagem paralela à da família real (HERBORDT, 2002, p. 59 nota 34).

⁴¹ Talmiyanu pode também ser irmão de Niqmaddu, mas nesse caso as cartas enviadas para a rainha pelo “seu filho, o rei” devem ser dissociadas das enviadas por Talmiyanu (SINGER, 2011, p. 100, nota 324).

⁴² Talvez Niqmaddu trouxe pessoalmente para Ḫatti o tributo da rainha, mencionado na tabuinha RS 12.033. Pode igualmente ter sido nesta ocasião que foi negociado o seu casamento com uma princesa hitita (Singer alega que Niqmaddu terá casado com Eḫli-Nikkalu e não o seu descendente Ammurapi) (SINGER, 2011, p. 100).

⁴³ Documento no qual Piḫa-ziti, um funcionário do vice-rei de Karkamiš, exige indemnização de Ugarit pelos prejuízos de Maššanaura, provavelmente um funcionário hitita activo na corte de Ugarit (governador?) (SINGER, 2011, p. 61, nota 142).

⁴⁴ Selo hemisférico acoplado por duas cavilhas a um anel em forma de quarto crescente (MASSON, 1975, p. 215). Helft (2010, p. 48, nota 81) discorda com esta associação considerando que a forma do selo de Paris difere da dos exemplares de Alalah, não revelando igualmente o mesmo título.

a autoridade religiosa máxima em Emar⁴⁵. Se for o caso, então Paluwa é contemporâneo de Zū-Ba'la, que é da mesma geração que Muršili II ou do seu filho, Urḫi-Tešub, assim como dos vice-reis Šaḫurunuwa e Ini-Tešub de Karkamiš⁴⁶ (FINK, 2010, p. 55; LAROCHE, 1966, p. 135, nº 922; SINGER, 2011, p. 302).

Ainda em Alalaḫ, consta a *bullā* nº 15, que identifica o príncipe (DUMU.LUGAL) Tudḫaliya e a sua esposa a princesa (DUMU.SAL LUGAL) Ašnu-Ḫepa. O casal é igualmente retratado no ortóstato nº 21, identificando-se Tudḫaliya não apenas com o estatuto de “Filho do Rei” mas também como “Grande Sacerdote” (discutido no capítulo 2.4.). Niedorf acredita que os dois homónimos referidos nas tabuinhas CTH 63 e ATT 35, ambas concernentes a questões de estado directamente relacionadas com o Grande Rei do Ḫatti (discutido no capítulo 2.2), deverão coincidir com o mesmo Tudḫaliya do ortóstato e, por conseguinte, *bullā*. É muito provável que este indivíduo desempenhasse o cargo de governador de Alalaḫ aquando do século XIV/XIII a.C., existindo a possibilidade de ser integrante da família real hitita (NIEDORF, 2002, p. 522-523; YENER, DINÇOL & PEKER, 2014, p. 136-138).

Taki-Šarruma de Ugarit, selo nº 50, foi identificado em vários documentos assim como em 12 selos do arquivo de Nišantepe portanto tanto o título de príncipe (DUMU.LUGAL) como de grande escriba (GAL LÚ.MEŠ DUB.SAR), comprovam que era um alto funcionário na administração da Síria hitita (HERBORDT, 2005, p. 82; SINGER, 2003, p. 341-348). À sua semelhança, é possível atestar outros funcionários de renome, conhecidos também fora do horizonte ugarítico, usuários de selos de estampa hititas, nomeadamente

⁴⁵ Segundo Singer, Paluwa teria de ser um funcionário poderoso e bastante influente para se atrever a beneficiar da propriedade herdada por Zū-Ba'la. Se este Paluwa corresponde de facto com o titular de DUMU.LUGAL EN KUR de Alalaḫ explicaria a razão pela qual o vice-rei de Karkamiš evitara mencioná-lo numa carta suplementar à do rei hitita (BLMJ-C 37), que basicamente resume o conteúdo da primeira. Frequentemente, as pessoas nomeadas para altos cargos na administração síria eram parentes próximos ou consócios do vice-rei de Karkamiš. Seria indecoroso admitir que um caso de corrupção fora perpetrado por um dos seus protegidos (SINGER, 2011, p. 302-303).

⁴⁶ Outra hipótese proposta por Singer é que Paluwa corresponderá a ^mBAL.GAL (Ba'lu-GAL filho de Abdi), uma testemunha e litigante em Emar. O uso de um selo de pedra em conjunto com uma cópia de terracota de uma impressão negativa do selo, para ser usada como tal, está de acordo com a prática de outros funcionários hititas da Anatólia Central (DİNÇOL, 1998, p. 167; HELFT, 2010, p. 49).

Arma-ziti⁴⁷ (RS 17.314 e RS 17.316); Kila'e⁴⁸ (RS 17.112); Kiliya⁴⁹ (RS 18.02); Takuḫlinu⁵⁰ (RS 16.2'3) Taprammi⁵¹ (RS 17.231); bem como outras figuras menores, particularmente Anazi (?), Kumiya-ziti⁵² (RS 17.371 + 18.20) Tiḫi-Tešub e Tili-Tešub⁵³ (RS 17.137) (HELFT, 2010, p. 50-51; SCHAEFFER, 1956, p. 135-154; SINGER, 2011, p. 67, 87, 90, 150-164, 570).

As suas impressões encontram-se prioritariamente nas tabuinhas cuneiformes, que permanecem a fonte mais elucidativa relativamente ao uso destes instrumentos administrativos hititas na região. Em Ugarit recolheram-se, pelo mesmo, 42 tabuinhas – maioritariamente do arquivo sul do palácio real – com impressões de selos de estilo hitita. Embora a maior parte represente tratados de vassalagem, éditos e cartas trocadas com o rei

⁴⁷ DUMU.LUGAL Arma-ziti, conhecido de textos hititas datáveis dos reinados de Ḫattušili III (c. 1267-1237 a.C.) e Tudḫaliya IV (c. 1237-1228 a.C.), era um escriba que exercia funções importantes na administração religiosa (SCHAEFFER, 1956, p. 148; SINGER, 2011, p. 87).

⁴⁸ Kila'e era um funcionário hitita de elevado escalão que se encontrava envolvido nos assuntos jurídicos de Ugarit. Presidiu o processo entre dois cidadãos ugaríticos, Iluwa e Amar-^dU, filho de Mut-^dU o *šerdanu* (RS 17.112). É descrito como “o homem de Hišiššiba” e o seu ofício é o de “*kartappu*, chefe dos (*ša*) *reši š[arri]*” (chefe da casa do rei) de Ibiranu (c. 1230-1210 a.C.), aparentemente o mais elevado funcionário dos “negócios estrangeiros” hititas (SINGER, 2011, p. 90).

A sua eminente posição é demonstrada ao ser endereçado pelo rei e rainha de Ugarit como “nosso pai” (RS 19.70) e talvez como “meu querido pai” pelo rei de Išuwa (KBo 28:4). De acordo com estas cartas, o seu cargo coincide com o de chanceler, o responsável por encaminhar as mensagens dos reis vassalos à sua majestade hitita. Espécie de ministro dos negócios estrangeiros (SINGER 2011, p. 155).

⁴⁹ Kiliya (nome de origem hurrita) era o sacerdote de Ištar em Zinzaru (SCHAEFFER, 1956, p. 147-148).

⁵⁰ Takuḫlinu (nome de origem hurrita) terá desempenhado o cargo de *kartappu* em Ugarit e talvez outras posições relevantes na administração estatal de Karkamiš (Singer defende que esta personagem terá sempre operado na cidade ugarítica, onde progrediu na sua carreira alcançando o cargo de “governador”, o qual incide particularmente nos negócios estrangeiros do reino, encontrando-se assim, de um certo modo, correlacionado com o seu ofício original). Acredita, igualmente, que Takuḫlinu será originário de Ariyanta, um local mencionado frequentemente nas tabuinhas de Alalaḫ, a qual se situará nas fronteiras entre essa cidade e Mukiš. O seu nome hurrita é também muito comum em Alalaḫ, não tanto em Boğazköy. O seu serviço público enquadrar-se-á no terceiro semestre do século XIII a.C., sincrónico com o início do reinado de Tudḫaliya IV ou finais do de Ḫattušili III (SCHAEFFER, 1965, p. 140; SINGER, 2011, p. 150-164).

⁵¹ Na tabuinha RS 17.231 Taprammi é identificado como LÚ *ša reši ekallim* (“eunuco do palácio”). A sua impressão de selo no mesmo documento apresenta diversos títulos, incluindo escriba, L. 254 (*amêlu ša reši egallim* = “mordomo”) e PITHOS.VIR.DOMINUS (“Senhor do homem-*pitho*”). O seu nome consta também numa estela de Boğazköy (BOĞAZKÖY 1), representando o único indivíduo fora da realeza com uma inscrição num momento de Boğazköy; assim como numa impressão de selo na tabuinha KUB XXV 32 + XXVII, 70 exumada na mesma cidade. Para além disso, inclui-se ainda a inscrição do seu nome na taça de bronze descoberta em Kinik/Kastamonu. Os seus afazeres em Ugarit compreendem a venda e recuperação de escravos da casa real ugarítica. A taça de bronze indicia que o tesouro associado de Kastamonu era sua propriedade, atestando a sua riqueza (HAWKINS, 1993, p. 717, nota 14; SCHAEFFER, 1956, p. 151).

⁵² Provavelmente um rico mercador de Ura (SINGER, 2011, p. 67).

⁵³ Príncipe Tiḫi-Tešub (nome de origem hurrita), mensageiro real, aparece em conjunto com Tili-Tešub, “mensageiro encarregue da missão no Egipto”, na tabuinha RS 17.137. Este último corresponde a um dos emissários hititas que trouxe o tratado de paz ao Egipto, portanto, é razoável presumir que o príncipe Tiḫi-Tešub estivesse do mesmo modo envolvido nestas negociações (SINGER, 2011, p. 570, nota 18a).

de Ḫattuša e vice-rei de Karkamiš – comprovando a próxima relação política entre subordinado e soberano –, há poucas evidências das práticas de selagem de tradição anatólica, não se referindo igualmente os funcionários hititas que operavam nesse estado. Todavia, ao menos 12 (14?) tabuinhas foram redigidas por escribas locais e seladas na cidade por oficiais de nome hitita com selos de estilo hitita (GLATZ, 2007, p. 299; HELFT, 2010, p. 49-50).

As tabuinhas cuneiformes de Ugarit diferem das do *corpus* de Ḫatti e Karkamiš, tanto na sua forma como na sua fórmula de abertura. Ambas seguem a prática escriba ugarítica de tabuinhas de forma oblonga e iniciam com a fórmula jurídica académica *ištu umi* (“de hoje em diante”), em oposição aos documentos de Karkamiš e Ḫatti, normalmente de forma de “almofada” (*pillow-shaped*) com a fórmula *umma*. As tabuinhas demonstram a integração dos administradores e comerciantes hititas no tecido económico da cidade. Na maioria dos casos não se tratam de residentes permanentes, circulam entre os principados sírios, comparecendo em Ugarit para relevantes procedimentos da corte (HELFT, 2010, p. 50).

Como é possível verificar na tabela acima, as impressões de selos dos funcionários activos na administração síria surge igualmente noutros objectos, nomeadamente em plaquetas (? [nº 69]) e tampas de vaso (nº 87), adicionando-se ao grupo jarros incisos com hieróglifos lúvios (nº 89). As impressões poderão coincidir com a selagem de produtos enviados do centro hitita, como será o caso de Tell Faq’us, ou terão sido realizadas localmente; o que não exclui as impressões do Grande Rei e rainha, considerando que haveria funcionários locais que possuiriam uma cópia dos selos reais (HELFT, 2010, p. 49).

Vários casos apresentam usuários nativos do norte da Síria (hurritas e semitas) que adoptaram selos de estilo hitita; facto que se aplica a funcionários do império⁵⁴ (Taki-Šarruma [nº 50]; Šimigatal [nº 89]; Šauškapiya [nº 93]; Kila’e e Takuḫlinu), reis vassalos (Ari-Šarruma; Šaušgamuwa e talvez Talmiyanu /Niqmaddu III [nº 66]) e até ordinários habitantes da região, mercadores ou artesãos⁵⁵; como se atesta pelos selos sem indicação de

⁵⁴ Na documentação de Emar reconhece-se vários nomes hurritas e semitas entre os burocratas, o que indica que a população local estava integrada, junto com os funcionários transeuntes de Anatólia, na administração da sua cidade, possibilitando-lhes a ascensão para elevados cargos (ex: Takuḫlinu). Como já foi referido no capítulo anterior, os estados vassalos sírios poderiam governar-se desde que correspondessem às exigências do soberano hitita, não se impondo um novo sistema administrativo de tradição anatólica (BECKMAN, 1992, p. 49).

⁵⁵ A maioria das impressões de selos cilíndricos hititas de Emar pertence aos habitantes semitas da cidade que participaram como testemunhas em contratos privados. Os nomes transcritos em hieróglifos lúvios parecem

profissão/título honorífico e os pertencentes às mulheres. Alguns dos funcionários das grandes cidades (Ugarit, Alalah e Karkamiš) utilizavam selos de estilo hitita em assimilação ao ambiente onde se encontravam, no convívio com outros burocratas e mercadores hititas. Em Alalah, todas as impressões de selos posteriores à fase IV (i.e., após a conquista da cidade por Šuppiluliuma I) constam de estampas hititas, o que leva a assumir que a maior parte das selagens administrativas seriam realizadas por usuários de selos hititas (HELFT, 2010, p. 51; SIMON, 2013, p. 299). Contudo a recepção da glíptica de tradição anatólica difere entre os principados sírios, questão que será abordada no capítulo ulterior.

Šaušgamuwa (c. 1235-? a.C.) era rei de Amurru e genro do Tudḫaliya IV. O seu pai, Bentešina (1264-1235 a.C.), fora recebido sob a égide de Ḫattušili III – antes da sua ascensão ao trono de Ḫatti – após a sua deposição do trono de Amurru por Muwatalli II⁵⁶, residindo em Hakpiš, a capital do sub-reino do seu tutor⁵⁷. A sua estadia em Ḫatti teve um considerável impacto, não só na sua “reeducação política” como na sua disposição cultural. De facto, a partir desse momento, Amurru esteve sob forte influência hitita, substancialmente superior à projectada no seu vizinho setentrional, Ugarit (SINGER, 2011, p. 222).

As repercussões da assimilação da cultura da hegemonia, mediante o seu pai, reflectem-se nas actividades de Šaušgamuwa. Para além do seu típico nome lúvio, ausente de descendência hitita⁵⁸, o futuro rei vassalo de Amurru desempenhou o cargo de escriba em

indicar uma manufactura local e não uma importação de Anatólia. É, de facto, improvável que os cilindros fossem executados com pormenores e detalhes à parte, deixando-se um espaço livre para a inscrição, a qual seria posteriormente incluída em Emar de acordo com as preferências da clientela local (BEYER, 2001, p. 34; p. 153-163, C3-C22).

⁵⁶ Confrontado com a pressão do Egipto nas fronteiras do seu reino e sem assistência hitita para as defender, Bentešina rendeu-se à força inimiga. A sua decisão custou-lhe eventualmente a sua posição no trono, assim que Amurru reintegrou o Império Hitita (SINGER, 2011, p. 221).

⁵⁷ A meados do seu reinado, Muwatalli decidiu transferir a capital do seu reino de Ḫattuša para uma cidade chamada Tarḫuntassa, situada na região posteriormente conhecida como Cilícia. As razões para a sua acção derivam da situação política e militar na Síria relativamente às ambições do faraó Ramsés II. Tarḫuntassa fornecia-lhe uma base geograficamente mais conveniente que a antiga capital hitita, de modo a dar início a uma campanha na Síria. Para além disso, a dispersão massiva dos recursos militares do reino, deixaria Ḫattuša exposta aos inimigos da região norte – particularmente os Kaska. Nesse sentido, Muwatalli entregou os territórios setentrionais do reino de Ḫatti – *Upper Land* – ao seu irmão Ḫattušili III. De um modo simplificado, o território em causa estendia-se desde a clássica Paflagónia através da zona setentrional da bacia do rio de Kızılırmak (designado Maraššanta pelos hititas) até à região da Sivas moderna ou continuando para sudeste. O Grande Rei hitita conferiu igualmente ao seu irmão o estatuto de rei (LUGAL) em Ḫakpiš, que serviu como um importante centro administrativo, basicamente como a capital da qual Ḫattušili governava o seu recém-concedido sub-reino do norte (BRYCE, 2005, p. 230-233).

⁵⁸ Klengel e Singer sugerem que a mãe de Šaušgamuwa, a qual se desconhece, seja uma das filhas de Ḫattušili III, nomeadamente Gaššuliwaliya (KLENGEL, 2001, p. 264; SINGER, 2011, p. 256). Outros autores, como

Ḫattuša, como se verifica no selo de estampa nº 365 do arquivo de Nişantepe, no qual apresenta igualmente o título de DUMU.LUGAL. Em três tabuinhas de Ugarit (RS 17.228, RS 17.318 e 349, RS 17.360 A e 372), encontra-se uma impressão de selo de estampa semelhante, porém somente com o título de DUMU.LUGAL, o que destoa com o estatuto de rei de Amurru comunicado no texto. Ademais, dois destes documentos foram impressos por Šaušgamuwa segundo a tradição hitita, ou seja, no centro do anverso da tabuinha, contrariamente à prática dos selos cilíndricos, que se desenrolam ao longo do comprimento total do reverso das tabuinhas⁵⁹. De acordo com Simon e Singer, a atitude de Šaušgamuwa explica-se pela importância que depositava na sua posição na hierarquia do Império Hitita comparativamente ao seu estatuto de realeza em Amurru (HERBORDT, 2005, p. 30, 82; 178, Kat. 365; SCHAEFFER, 1956, p. 30-33, fig. 38-40; SIMON, 2013, p. 300; SINGER, 2011, p. 256).

O caso de Eḫli-Šarruma é semelhante ao de Šaušgamuwa. Filho e sucessor de Ari-Šarruma, rei de Išuwa, e da princesa hitita Kilušepa, filha de Ḫattušili III, ocupou um elevado cargo administrativo na corte de Ḫattuša antes de ascender a seu trono; como se verifica no documento CTH 242.5, no qual é intitulado de DUMU.LUGAL. O seu nome consta em 4 selos (nº 99-102) do arquivo de Nişantepe, igualmente com o título de DUMU.LUGAL. Ari-Šarruma surge também no *corpus* de Nişantepe numa impressão de selo (nº 633), não como rei, mas com o mesmo estatuto de príncipe real conforme o seu filho (HERBORDT, 2005, p. 79, SIMON, 2013, p. 299-300).

Sendo produto de um contrato matrimonial entre Išuwa e Ḫatti, pode-se argumentar que a situação de Eḫli-Šarruma corresponderia à sua actividade na capital hitita como

Bryce e van den Hout hesitam a confirmar este facto, pois isso implicaria que Šaušgamuwa teria casado com uma das suas tias maternas, irmã de Tudḫaliya IV (BRYCE, 2005, p. 477, nota 74; VAN DEN HOUT, 1995, p. 113). Contudo, isso não impede que Bentešina não tenha realmente integrado a família do seu tutor, casando-se com uma das suas filhas (como referido em CTH 92). Todavia, Šaušgamuwa será possivelmente fruto de uma relação anterior, pois é evidente em CTH 92 que Bentešina já desfrutara de outras relações previamente ao seu casamento com a princesa hitita (CTH 92, obv, 16-21, faz indicação a uma filha de Bentešina que ficou prometida a Nerikkaili, filho de Ḫattušili III) (BECKMAN, 1996, p. 96-97; SIMON, 2013, p. 300, nota 12).

⁵⁹ No tratado com Ammištamru II de Ugarit (nº 17.228) para além da impressão de selo de estampa no centro da tabuinha acresce-se, na parte superior, uma segunda impressão de um selo cilíndrico de um antecessor de Šaušgamuwa – Aziru (1345-1314 a.C.). O uso de selos dinásticos é igualmente atestado pelos reis de Ugarit e Emar, contudo, não pelos hititas. Portanto, verifica-se uma confluência de práticas de selagem resultantes da aculturação ocorrida em Amurru (HERBORDT, 2005, p. 30).

membro da família real. Em contrapartida, Ari-Šarruma⁶⁰ e Šaušgamuwa não descendem directamente da realeza hitita, tendo-a integrado via matrimónio com princesas hititas. A afiliação com a família do Grande Rei representava um importante elemento na imposição do domínio e soberania hitita. Como Starke observou, o estado hitita não era um “estado nacional” mas “um político, cujo chefe era o rei e os membros os da família real”. Portanto, a filiação ou o casamento interdinástico eram considerados como vínculos especialmente úteis para o controlo dos territórios sírios e foi uma vertente particularmente explorada no reinado de Ḫattušili III. A condição de genros, contudo, não implica consequentemente que Ari-Šarruma e Šaušgamuwa tenham outrossim executado cargos como oficiais na corte de Ḫattuša (KLENGEL, 2001, p. 263; SIMON, 2013, p. 300).

A presença de selos e objectos com impressões de selos hititas, sejam tabuinhas ou outros recipientes, comprova que estes eram usados regularmente no norte da Síria; o que é igualmente apoiado pelos contextos dos quais são recolhidos. Excepto nos casos de achados de superfície ou de estratigrafia desconhecida, a maioria dos selos/impressões de selos provêm de palácios (Ḫama, Ras Ibn Ḫani e Ugarit), templos (Alalah), áreas ou edifícios administrativos (Alalah, Tell Fray e Tell Tweini) e zonas residenciais. Estes contextos correspondem do mesmo modo com o perfil dos indivíduos e das suas profissões descritas acima. Os exemplares exumados de zonas residenciais, em muitos casos, não apresentam título e terão pertencido, portanto, a habitantes locais ou até a burocratas hititas residindo na Síria setentrional e ocidental (nº 68) (HELFT, 2010, p. 51).

Nalguns casos, os selos poderão surgir em sepulturas da Idade do Ferro (Ḫama e Deve Höyük), representado exemplares residuais do Bronze Final – o que sucede equitativamente nas camadas de revolvimento (ex: nº 6, nº 51, 53, nº 47, nº 48, nº 49, nº 66) – ou uma continuação das tradições dessa época. O contexto funerário não é propriamente anómalo para estes artefactos considerando a sua função secundária como amuletos (achado comum nas sepulturas do Egeu). Na realidade, é possível identificar, de um grosso modo, dois aspectos nas peças que as caracterizam por período: (1) as faces dos selos biconvexos do período imperial hitita usualmente estão decoradas com duas profundas ranhuras incisas,

⁶⁰ A opinião tradicional defende que a família de Ari-Šarruma não é uma linhagem secundária da família do Grande Rei hitita. Contudo, Glocker (2011), propôs uma nova genealogia na qual se destaca a hipótese de que os reis de Išua eram descendentes de Ḫalpašulupi, irmão de Muršili II (SIMON, 2013, p. 300, nota 12).

enquanto no período pós-hitita são lisas; (2) a escrita nas peças pós-hitita é muito mais elusiva que nos selos anteriores. Todavia, nenhum destes critérios é universal ou obrigatório (ARCHI, 1998, p. 367-368; BUCHANAN, 1967, p. 21 nota 16; GORNY, 1993, p. 186).

Não obstante, a possibilidade de continuação da tradição não é completamente infundada, considerando que *bullae* recolhidas na cidadela de Hama, período E (século VIII a.C.), apresentam a impressão de selos biconvexos com nomes lúvios e aramaicos. A tendência para guardar este tipo de artefactos pode igualmente justificar a sua intrusão em níveis cronologicamente posteriores (VENTURI, 2012, p. 23).

A questão da escrita cursiva poderá igualmente indicar uma manufacturação local, de pior qualidade, nos grandes centros, que circulava paralelamente aos produtos de melhor qualidade; ou ainda apontar para uma outra realidade emergente entre os finais do Bronze Tardio e inícios da Idade do Ferro, no qual o uso dos selos difundiu-se para um estrato social maior. Deste modo a incisão dos selos começou a ser mais negligenciada o que, por sua vez, dificultou a compreensão dos símbolos gravados. Esta questão de ilegibilidade deverá também estar relacionada com a distância do governo central, impossibilitado de regularizar e supervisionar a manufactura destes produtos (CECCHINI, 2002, p. 50-51).

2.1.1. Glíptica sírio-hitita

O uso de selos hititas pelos funcionários e burocratas presentes na Síria inspirou não só a sua directa imitação como a evolução de uma nova variedade de glíptica local, designada de “sírio-hitita”. Estes objectos eram produzidos localmente (ver nota 55), assumindo as formas tradicionalmente sírias, ou seja, os cilindros e os anéis selares elípticos, ou a estampa anatólica. A sua composição pictórica resultava numa combinação de hieróglifos lúvios, elementos do repertório iconográfico anatólico, os testemunhos de tradições sírias ademais influências mitanianas. Entre os motivos alóctones adoptados inclui-se figuras da deusa Ištar nua (A33 e A34) e criaturas mitológicas, como esfinges e grifos com a coroa divina, representados isolados ou antitéticos (A 9-10; A 107) (ver fig. 78, Anexos D) (BEYER, 2001, p. 35; HELFT, 2010, p. 51; MORA, 2004, p. 444; MORA, 2010, p. 166).

A organização decorativa destes selos híbridos consiste em frisos horizontais, a enquadrar a cena pictórica central, e uma secção vertical de três linhas preenchida por texto cuneiforme, a qual revela o nome do usuário. A cena central representa frequentemente duas personagens frente a frente, divinas ou não, com hieróglifos lúvios no meio. Normalmente, os deuses ilustrados, um masculino e outro feminino, correspondem ao Deus Tempestade Tešub⁶¹ e à sua consorte, a deusa Ḫepat^{62 63}. Outra figura recorrente é “a personagem coroada com o sol alado”, trajando um longo vestido e segurando na sua mão o símbolo VITA (=L. 369) (ver fig. 78 Anexos D). Esta personagem não se encontra presente quer nos selos reais quer nos dos funcionários de Ḫattuša ou doutra localidade anatólica. De acordo com Beyer, a figura corresponderá ao Grande Rei, personificando o epíteto real de “Meu Sol”. A sua posição defronte a Tešub atende às questões da ideologia hitita. O Deus Tempestade propaga a chuva, fecunda a terra e dispensa a vida. Associar o “Meu Sol” a esta poderosa divindade, tanto no campo textual como iconográfico, é um símbolo da vida, o garante e dispensador das forças vivas do Império. A ocorrência frequente desta personagem pode reflectir os interesses propagandísticos da soberania de Ḫattuša nas regiões sujeitas ao protectorado hitita ou um sinal de fidelidade de ditas regiões (BEYER, 2001, p. 27).

A glíptica sírio-hitita é essencialmente atestada por impressões de selos cilíndricos das tabuinhas exumadas de Emar e de Ugarit⁶⁴, embora as da última cidade provenham todas de Karkamiš; demonstrando que nem os funcionários nem os civis ugaríticos se encontravam interessados na adopção das formas anatólicas ou híbridas. Este estilo de glíptica terá originado no vice-reino de Karkamiš, sendo que o exemplar mais antigo que se conhece actualmente pertence ao vice-rei Šaḫuruwa⁶⁵ (fig. 77, Anexos D), segunda geração real

⁶¹ Associado ao seu homólogo hitita Tarḫunna.

⁶² A divindade solar hitita, Arinniti, foi mais tarde assimilada com Ḫepat (MORA, 2008, p. 163).

⁶³ Em oposição, estas duas divindades estão praticamente ausentes da glíptica de Boğazköy, encontrando-se por sua vez a “Divindade Tutelar do Campo” (LAMMA.LÍL), sob o seu animal sagrado, o veado; o deus patrono do rei (^DLAMMA LUGAL), igualmente sob um veado ou entronizado; e a deusa Šaušga de Šamuḫa (MORA, 2008, p. 163).

⁶⁴ Não há vestígios dos selos cilíndricos em si, somente impressões.

⁶⁵ A iconografia do selo de Šaḫuruwa resulta naturalmente de uma fusão de elementos de diferentes mundos culturais. É caracterizada por uma forte presença de padrões mitanianos ou sírio-mitanianos, da qual se observa uma considerável redução na terceira geração, a do rei Ini-Tešub. Do exemplar de Šaḫuruwa os elementos originários da Anatólia hitita, excepto os hieróglifos, constam do cenário do rei defronte à divindade sentada; a personagem do “Meu Sol” e o deus armado com lança e arco (divindade protectora), figura característica da iconografia anatólica. O espaço inferior, preenchido pela águia bicéfala e grifos - derivante do reportório de animais mitanianos - evoca os frisos em círculos concêntricos das impressões circulares de selos hititas. Este estilo de friso foi gravado neste cilindro, adaptando-se assim a uma forma de

hitita na cidade síria e contemporâneo de Muwatalli. Por um lado, com esta composição híbrida a corte de Karkamiš propagava a ideologia real hitita aos territórios recém-conquistados e, por outro, retomava elementos tradicionais e familiares à população nativa hurrita e semita, transmitindo uma mensagem ao mesmo tempo nova, forte e reconfortante, o que diminuía a distância entre soberano “estrangeiro” e a população local (BEYER, 1982, p. 78; GLATZ, 2007, p. 300; HELFT, 2010, p. 52; MORA, 2004, p. 447).

A preocupação com a recepção da população local do novo governo hitita foi tida em consideração logo à partida. Quando Piyaššili assumiu o trono da fortaleza de Karkamiš adoptou o nome hurrita de Šarru-Kušuh. O significado político por detrás da sua acção é bastante claro: dado que a cidade fora anteriormente integrante do sistema político mitaniano, ao adoptar um nome hurrita o vice-rei hitita demonstrava a sua vontade de encontrar uma legitimidade local e não aparecer como uma simples emanção da vontade de Ḫattuša⁶⁶. A vertente religiosa foi igualmente usada em proveito de aproximação com o povo nativo. No selo de Šaḫuruwa retrata-se uma cena em homenagem a uma divindade sentada sobre felinos. Devido à falta de legibilidade, a sua identidade é difícil de identificar, mas tendo em consideração o contexto, deve provavelmente corresponder com a deusa tutelar Kubaba, “Rainha de Karkamiš” e “Rainha dos felinos”. O filho de Šaḫuruwa, Ini-Tešub, declara-se servo dessa divindade num dos seus selos, assim como já a cerca de cinco séculos para trás, Matrunna, filha de Aplahanda (século XVIII a.C.), rei de Karkamiš, havia o feito; altura em que a cidade constituía somente um importante reino sírio. Todas as estratégias elaboradas pelos soberanos hititas de Karkamiš serviram para facilitar a sua integração na Síria setentrional e ocidental. Embora, ao mesmo tempo, transmitindo uma imagem carregada com um forte simbolismo, de afirmar o poderio e generosidade do verdadeiro monarca, “Meu Sol”, o Grande Rei de Ḫattuša (JEAN, 2002, p. 253-255; MARTINO, 2014, p. 87).

Contam-se 205 impressões de selos sírio-hititas comparativamente a 11 de estilo puramente hitita e a 164 exemplares sírios e mitanianos. O uso deste género de selos não se reservava somente aos altos funcionários hititas destacados em Emar, enviados directamente

selo pouco popular no mundo anatólico hitita, mas particularmente adoptado ao gosto sírio (ver fig. 77, Anexos D) (BEYER, 1982, p. 78).

⁶⁶ Os seus sucessores adoptaram igualmente nomes hurritas – Ini-Tešub, Talmi-Tešub, Kuzi-Tešub –, todos compostos com o teónimo Tešub, ou seja, o nome da divindade mais importante do panteão hurrita, depois adoptada para o panteão hitita (MARTINO, 2014, p. 87-88).

da corte imperial de Ḫattuša ou representantes do vice-rei de Karkamiš, sendo que se conhece casos nos quais se verifica a adopção de um selo estrangeiro à esfera hitita. Na realidade, a maioria pertenceria à população local (ver nota 55), com nomes de origem indígena – e um caso egípcio⁶⁷ – transcritos (semita, hurrita, acádico). As impressões eram acompanhadas por legendas em acádico pois os semitas provavelmente não estavam suficientemente familiarizados com os hieróglifos lúvios⁶⁸. Embora incompreendidos, Beyer acredita que a adesão a esta glíptica pela população indígena deve-se em grande parte pelo fascínio com esses caracteres, eventualmente perdendo o hábito de observar os seus nomes gravados nos selos. Isto é o que demonstra o sucesso incontestável dos selos anelares elípticos, cuja decoração favorece amplamente a inscrição hieroglífica a custo de uma iconografia limitada ao essencial do repertório de animais protectores mitológicos. A sua distribuição ultrapassou o território sírio (Tell el-Fara, sul) e raramente contêm títulos, o que possivelmente indicará um uso mais generalizado (BEYER, 2001, p. 15; 287; HELFT, 2010, p. 52).

⁶⁷ Amanmašu [RS 17.28 (76)] (BEYER, 2001, p. 23, n° 27; SCHAFFER, 1956, p. 42-47, fig. 68).

⁶⁸ Como Laroche comenta relativamente à singularidade das grafias hieroglíficas de Emar, os autóctones do Médio Eufrates empregavam “o silabário anatólico em semita, sem se preocupar com os seus vocalismos” (BEYER, 2001, p. 34).

2.2. Tabuinhas hititas

Como discutido no capítulo anterior, as tabuinhas cuneiformes contribuem para o estudo do uso do selo anatólico ou da glíptica sírio-hitita nos principados sírios. Contudo, a sua contribuição não se delimita apenas pelas impressões que apresentam, mas igualmente pela língua escrita e conteúdo que, no que respeita ao último aspecto, é na maioria dos casos de cariz político-administrativo. Na realidade, e como já indicado, as tabuinhas são a fonte primária para o estudo das relações entre o Império Hitita e os seus subordinados sírios, portanto a sua quantidade reflecte a consistência da comunicação entre as duas regiões e o *locus* os participantes desse diálogo.

Documentos redigidos em hitita ou enviados de Ḫatti nos principados sírios demonstram não só a presença de falantes dessa língua ou de escribas de Ḫattuša a desempenhar funções fora da planície anatólica, como o interesse dos nativos por documentos, de natureza literária ou religiosa, no idioma hitita. Por outro lado, tabuinhas enviadas de Ḫatti pelo seu soberano poderão igualmente demonstrar o nível de envolvimento da hegemonia nas questões dos seus vassallos, uma tarefa relegada essencialmente às autoridades locais, porém passível de excepções (nº 37).

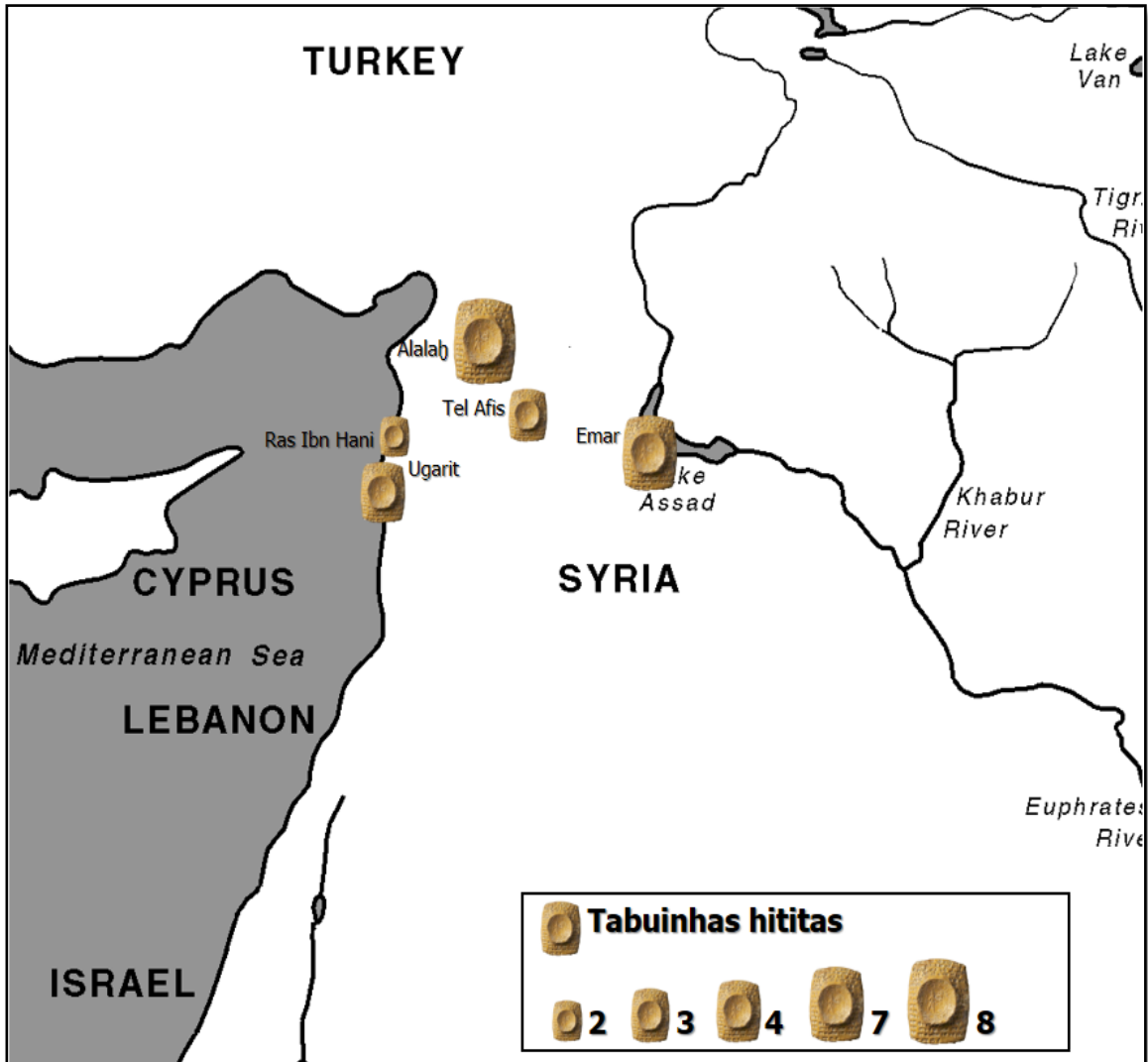


Figura 5 – Mapa de distribuição e número de tabuinhas com escrita hitita ou enviadas de Ḫatti no território sírio setentrional e ocidental (adaptado de HELFT, 2010).

Encontraram-se em quatro cidades sírias um total de 19 tabuinhas escritas em hitita – quatro são fragmentos demasiado danificados para possibilitar uma leitura –, variando no seu teor; desde cartas (8), a rituais (6), um inquérito oracular (nº 25, Anexos D), um documento judicial (nº 71, Anexos D) e até uma composição literária trilingue (nº 72, Anexos D).

Tabela 2 – Tabuinhas de escrita hitita ou remetidas de Ḫatti

Sítio	Material	Dimensões	Contexto	Datação U.E	Datação estimada	Anexos
Alalaḫ	Barro	3.6 cm x 5.2 cm x 1.2 cm	N/A	N/A	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 22
Alalaḫ	Barro	N/A	N/A	N/A	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 23
Alalaḫ	Barro	N/A	Sobre as ruínas da muralha	N/A	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 24
Alalaḫ	Barro	N/A	Templo, fase II (cavidade de destroços)	s. XIV-XIII a.C.	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 25
Alalaḫ	Barro	N/A	Quadrícula S 13, fase III	N/A	N/A	Anexos D, nº 26
Emar	Barro	10.1 cm x 8.5 cm x 3.2 cm	Templo M1, “Templo do Profeta”	s. XIII a.C.	Finais do s. XIV a.C.? S. XIII a.C.?	Anexos D, nº 37
Emar	Barro	7 cm x 6 cm x 3 cm	Templo M1, “Templo do Profeta”	s. XIII a.C.	Finais do s. XIV a.C.? S. XIII a.C.?	Anexos D, nº 38
Emar	Barro	5.6 cm x 6.6. cm x 2.5 cm	Piso de um edifício, na zona Norte, sector de Balis	s. XIII a.C.	N/A	Anexos D, nº 39
Emar	Barro	11.4 cm x 7.7 cm x 3 cm	Templo M1, “Templo do Profeta”	s. XIII a.C.	2ª metade do s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 40
Emar	Barro	11.2 cm x 8 cm x 3 cm	Templo M1, “Templo do Profeta”	s. XIII a.C.	2ª metade do s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 41
Emar	Barro	12.5 cm x 8.8 cm x 3.2 cm	Templo M1, “Templo do Profeta”	s. XIII a.C.	2ª metade do s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 42
Emar	Barro	6.1 cm x 5.9 cm x 2.7 cm	Templo M1, “Templo do Profeta”	s. XIII a.C.	2ª metade do s. XIII a.C.?	Anexos D, nº 43
Ras Ibn Ḫani	Barro	10.8 cm x 4.6 cm x 4 cm	Palácio norte, quadrícula E86 SW, locus II	s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D nº 62

Ras Ibn Hani	Barro	4.9 cm x 5.9 cm x 2.3 cm	Palácio norte, quadrícula E86 NW, locus I	s. XIII a.C	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 63
Ras Šamra/Ugarit	Barro	7 cm x 9 cm	Arquivo sul do palácio real	s. XIII a.C.	2ª metade do s. XIII a.C.	Anexos D, nº 71
Ras Šamra/Ugarit	Barro	12.8 cm x 15 cm x 3.7 cm	Zona sul da acrópole, “Casa do Sacerdote Hurrita”, coleção de tabuinhas <i>lamashtu</i>	s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 72
Ras Šamra/Ugarit	Barro	6.6 cm x 3.2 cm x 3.4 cm	Distrito centro-sul, “Casa de Urtenu”	Finais do s. XIII a.C./ inícios do s. XII a.C.	Finais do s. XIII a.C./ inícios do s. XII a.C.	Anexos D, nº 73
Ras Šamra/Ugarit	Barro	6 cm x 3.9 cm x 1.3 cm	Distrito centro-sul, “Casa de Urtenu”	Finais do s. XIII a.C./ inícios do s. XII a.C.	Finais do s. XIII a.C./ inícios do s. XII a.C.	Anexos D, nº 74
Tell Afis	Barro	12.9 cm x 8.5 cm x 2.9 cm	Acrópole, área E, edifício administrativo F, divisão F2	Meados do s. XIII a.C.	2º metade do s. XIII a.C.	Anexos D, nº 80
Tell Afis	Barro	8.1 cm x 5.9 cm x 2.9 cm	Acrópole, área E, edifício administrativo F, divisão F12	Meados do s. XIII a.C.	2º metade do s. XIII a.C.	Anexos D, nº 81
Tell Afis	Barro	8.7 cm x 4.7 cm x 2.2 cm	Acrópole, área E, edifício administrativo F, divisão F13	Meados do s. XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 82

Alalah apresenta o maior número de documentos de escrita hitita, com oito tabuinhas. Embora dentre essas, três – as do Museu Britânico (BM 131.650, BM 131.651 e BM 131.652) – permanecem por publicar (NIEDORF, 2002, p. 518 nota 3). Das quatro conhecidas incluem-se três cartas (nº 22, nº 23, nº 24) e um texto oracular (nº 25). Nenhuma tem um contexto estratigráfico bem documentado (HELFT, 2010, p. 59).

A primeira carta (nº 22), bastante fragmentada, foi remetida pelo soberano do Hatti para o seu vassalo Tudhaliya, o qual possivelmente corresponderá a outros três homónimos

mencionados em fontes diferentes. Primeiro, a *bullā* n° 15, no qual consta o nome Tudḫaliya acompanhado pelo título de DUMU.LUGAL, “Filho do Rei”, junto com a sua esposa Ašnu-Ḫepa, igualmente com estatuto de princesa e muito provavelmente a indivíduo que o acompanha na cena iconográfica da fonte seguinte. Segundo, um ortóstato (n° 21), da mesma região, com uma inscrição pictórica em baixo-relevo referente a um Tudḫaliya novamente com o título de príncipe. A terceira e última menção consta num acordo entre Muršili II com Tuppi-Teššup de Amurru (CTH 63), no qual se requer a comparecência do vice-rei de Karkamiš e dois outros indivíduos, nomeadamente Tudḫaliya e Ḫalpaḫi. Se os indivíduos referidos nestas três fontes corresponderem ao mesmo Tudḫaliya, deparamo-nos assim com um membro da família real hitita a ocupar o cargo de governador de Mukiš ou Alalaḫ, à semelhança do vice-rei de Karkamiš e de Alepo, invocados em CTH 63 junto com Tudḫaliya. Muršili sempre demonstrou grande confiança nestes regentes devido à sua relação consanguínea que, no caso de Tudḫaliya, é comprovada pelo uso da saudação ou do título “Filho do Rei” no ortóstato n° 21. É credível supor que o reino de Mukiš/Alalaḫ adjacente a Karkamiš e Alepo, por sua vez imediatamente contíguos ao Império Hitita, tenha sido outrossim governado por um parente da família real, de modo a assegurar o flanco meridional de Ḫatti. A única diferença entre estes governadores trata-se do seu título, visto que os de Mukiš eram somente DUMU.LUGAL, ou seja, a posição de governador e não eram reis, LUGAL, equivalentes aos regentes de Karkamiš e Alepo (NIEDORF, 2002, p. 521-524).

A segunda carta (n° 23) trocada entre ^MMILÚ (Arma-ziti) e ^mŠar (-ru-up-shi?), concerne empregados foragidos. O nome Arma-ziti não nos é propriamente desconhecido, tendo em conta que já foi mencionado no capítulo anterior como um funcionário usuário de selos de estampa hitita (ver nota 47). Portanto podemos estar a lidar com a mesma individualidade, um escriba activo durante os reinados de Ḫattušili III e Tudḫaliya IV (OTTEN, 1956, p. 213-214).

A terceira e última carta (n° 24) discute a remessa de aves de Pirwanna para o rei (LUGAL). O uso deste termo despoletou alguma discórdia entre os hititologistas que não encontram um consenso quanto ao autor do documento. Uns preferem o vice-rei de Karkamiš, pois o soberano hitita intitulava-se sempre de ^DUTUŠI (“Sua Majestade”) nas cartas endereçadas aos seus subordinados (HAGENBUCHNER, 1989, p. 387-389, HOFFNER, 2009, p. 372-373). Outros acreditam que seja o rei do Ḫatti, pois não era usual

para um príncipe sírio, mesmo pertencente à família real hitita, usar o idioma de Ḫattuša em vez de acádico na correspondência com os seus subordinados (FRIEDRICH, 1939, p. 315-316).

O rei informa que irá atender ao pedido feito pelo endereçado imediatamente após o fim dos sacrifícios que estava correntemente a realizar. Isto indica que a sua participação nas actividades culturais precedia as suas viagens ou deveres administrativos (HOFFNER, 2009, p. 372-373).

O seguinte documento trata-se de um texto oracular (nº 25), mais exactamente um inquérito no qual se averigua a causa pela raiva dos deuses⁶⁹. O oráculo integra as práticas de I.ŠU KIN e MUŠEN⁷⁰, que se tornaram bastante populares após o reinado de Muršili II. O texto equipara-se aos da literatura de adivinhação de Boğazköy (KUB V, XVI, XVIII e XII), seguindo a sua escrita em praticamente todos os aspectos. Contudo, duas características peculiares na ortografia podem ser indicadoras da possível existência de uma escola local de escribas hititas em Alalaḫ, díspar das de Ḫattuša, tendo o texto sido redigido localmente (WISEMAN, 1953, p. 116-118).

Um segundo texto divinatório (nº 26) foi encontrado em Alalaḫ, tendo apenas sido referido no catálogo da escavação (DASSOW, 2005, p. 30).

Em Emar seis tabuinhas em hitita provêm do mesmo contexto, o edifício M₁ designado de Templo do Profeta⁷¹. Com excepção do nº 39. Os documentos consistem em três cartas e quatro relatórios de adivinhação. As duas primeiras cartas (nº 37 e nº 38)

⁶⁹ Os funcionários do templo (*ḫaliyatalleš e karimnaleš*) eram responsáveis por manter a segurança e sigilo do edifício, dia e noite. Uma divindade enfurecer-se-ia se a sua casa fosse invadida por alguém não autorizado, que foi o sucedido neste texto de Alalaḫ [“Since it has been established (by oracle) that the god was desecrated by a ritual offence, we asked the temple officials, and Tila said: «People should not look at the Storm-god; but a woman looked in at a window and a child went into the temple.»...If (the cause is) this, ditto (i.e., and nothing else), then let the Ḫurri-bird omen be favourable. Result of oracle favourable.”] (SINGER, 1998, p. 34-35).

⁷⁰ Técnicas divinatórias, “oráculo de performance/símbolo” (KIN) (sem tradução possível ainda); a observação do voo das aves (MUŠEN) e hepatoscopia (ŠU) (HUSSER, 1990, p. 52).

⁷¹ Fleming identifica o edifício como a “Casa dos Deuses”, mencionada em vários textos rituais também como “Casa Divina”. A “Casa dos Deuses” estava associada às actividades jurídicas e ritualísticas realizadas na cidade, representando uma entidade administrativa que desfrutava de um certo grau de independência relativamente ao palácio. O nome do edifício terá advindo do título “O Profeta dos Deuses” dos adivinhos da família Zū-Ba‘la, participantes em ritos de várias divindades. O templo M₁ era o espaço onde praticavam a sua profissão, no qual arquivavam o seu acervo pessoal e profissional, incluindo diversos textos literários (FLEMING, 2000, p. 35-36; SINGER, 2011, p. 299).

abordam o mesmo assunto, embora tenham sido remetidas por indivíduos diferentes, a nº 37 pelo rei de Ḫattuša⁷² e a nº 38 pelo vice-rei de Karkamiš, Ini-Teššub. Ambas se destinavam a Alziyamuwa, possivelmente o comandante local hitita na cidade, que cometera duas ofensas contra a autoridade religiosa máxima de Emar, Zū-Ba‘la. Parte da sua propriedade fora confiscada e ia ser entregue a Paluwa, assim como fora sujeito aos deveres de *šahḫun* e *luzzi*⁷³ (HOFFNER, 2009, p. 367-368; YAMADA, 2006, p. 227). Este tópico já foi discutido no capítulo anterior, relativamente à correlação entre o Paluwa referenciado e o dono do selo nº 3 e *bullā* nº 8 (ver nota 45).

Tanto o soberano do Ḫatti como o vice-rei de Karkamiš consideraram as acções de Alziyamuwa como “opressão”, ou seja, abuso do seu poder, ordenando a restituição dos bens confiscados a Zū-Ba‘la e a sua exoneração das taxas de *luzzi* e *šahḫun*. Como regente responsável por toda a região de Aštata, Ini-Teššub ter-se-à deslocado pessoalmente a Emar para resolver a situação. Na realidade, estas contendas deveriam ser resolvidas pelo vice-rei de Karkamiš em primeiro lugar, pois embora o Grande Rei do Ḫatti possuísse o derradeiro poder sobre a cidade do Médio Eufrates, o vice-rei era responsável pelo seu controlo. Contudo Zū-Ba‘la terá talvez apelado directamente ao rei hitita por receio de não receber uma resposta totalmente imparcial de Ini-Teššub. A sua posição privilegiada, na qual desfrutava de uma relação próxima com as autoridades hititas, evidente não só nos documentos jurídicos directamente rectificadas pelo vice-rei de Karkamiš (Msk. 73.1014), como também pela incorporação de divindades e práticas cultuais hititas no culto sírio local, terão auxiliado no contacto directo com o soberano do Ḫatti. De facto, deve-se igualmente ao seu estatuto a sua isenção às taxas de *luzzi* e *šahḫun* em primeiro lugar, visto que como um “Emaro-Hitita”⁷⁴, Zū-Ba‘la deveria cumprir essas exigências e Alziyamuwa não estava errado ao impô-las (SINGER, 2011, p. 301-303; YAMADA, 2006, p 227-233).

⁷² Salvini e Trémouille (2003) acreditam que o autor seja Muršili II; Yamada (2006) e Imparati (1983) oscilam entre Ḫattušili III e Tudḫaliya IV e Skaist (2008) propõe Muršili III. Ver discussão com mais pormenor nos anexos (nº 37, Anexos D)

⁷³ Estes termos hititas possivelmente se referem não só a tarefas militares como poderão incluir também trabalhos públicos (género de corveia). Contudo, poder-se-ia contratar um substituto para realizar o trabalho ou pagar ao funcionário que as impusera inicialmente, pelo que na realidade tratava-se mais de um sistema de tributação (HOFFNER, 2009, p. 370).

⁷⁴ Um cidadão de Emar que servia a autoridade hitita (neste caso o vice-rei de Karkamiš) (YAMADA, 2006, p. 231).

Encontra-se um caso semelhante na carta Mst. 75/57, na qual o escriba Tarḫunmiya depara-se igualmente com a imposição dos deveres de *šaḫḫan* e *luzzi* pelo *bēl madgalti* Himuili. O caso foi decidido, também, a favor do sujeito prejudicado, o que apenas concede mérito à justiça hitita e demonstra que o rei do Ḫatti cumpria com um dos aspectos exigidos da ideologia real mesopotâmica (SINGER, 2011, p. 302).

A situação que ambas as tabuinhas demonstram é que os altos funcionários que governavam as regiões periféricas como representantes da autoridade central, tinham a possibilidade de exercer abusos – evidentemente em sua vantagem –, aumentando assim o seu poder. Imparati considera que este cenário seria mais adequado a um ambiente de monarquia centralizada/absolutista que de uma feudal, principalmente devido à intervenção directa do soberano a fim de evitar abusos de poder por um dos seus funcionários (IMPARATI, 1982, p. 266). Contudo, a interferência do Grande Rei hitita apenas se deve à excepcionalidade da vítima em si, sendo que casos assim deveriam e eram resolvidos pelo vice-rei de Karkamiš. Durante o reinado de Ini-Teššub, essa cidade era a principal potência política na Síria. O vice-rei, agindo como um regente do seu próprio território extensivo ou como um vice-rei hitita na Síria, possuía o controlo directo ou indirecto de todos os países a norte da planície de Homs. A independência e poderio concedidos gradualmente a Karkamiš reflectem-se no título de “Grande de Rei” cedido por Tudḫaliya IV ao vice-rei e à designação do norte da Síria como o “país de Karkamiš” nas inscrições egípcias em Medinet Habu (KLENGEL, 1992, p. 124-125; MORA, 2010, p. 164-165). Isto posto, Karkamiš representava a hegemonia sobre os principados sírios hititas, de modo que o vice-rei tinha autonomia e poder de agir por si. Era esse o objectivo inicial aquando do fortalecimento da sua posição política, tendo em conta a situação geopolítica da região na altura. Este aspecto não se coaduna ao argumento apresentado por Imparati que, para começar, não deveria empregar sistemas de governo de períodos distintos para interpretar um regime pré-clássico.

A terceira carta (nº 39), endereçada pelo vice-rei de Karkamiš, destinava-se a um dignitário hitita chamado Armanani, com o título de DUMU.LUGAL. Não é possível identificar o conteúdo devido ao estado fragmentado da tabuinha. O seu contexto, num

edifício que se diferencia da construção civil local⁷⁵, possivelmente corresponderá ou à residência de Armanani ou à sede de administração hitita em Emar, pelo que o teor da carta será administrativo; hipótese igualmente corroborada pelo estatuto do destinatário (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 230-232).

Os restantes documentos em Emar tratam-se de relatórios divinatórios (nº 40, nº 41, nº 42 e nº 43). O adivinho e escriba, caso tenha sido necessário um, seriam hititas, dado que a escrita não apresenta influência estrangeira. Ao que parece, este adivinho fora enviado de Ḫattuša com manuais de extispício. A única concessão feita à tradição de Emar foi a abstenção do uso da técnica de KIN⁷⁶ e augúrio, que na capital de Ḫatti, junto com o extispício, eram usualmente realizadas para o mesmo inquérito, de modo a obter resultados unívocos (ARCHI, 2014, p. 151-152).

Estes textos demonstram a preocupação da autoridade hitita em determinar directamente a disposição das principais divindades, especialmente em relação com o rei, possivelmente o vice-rei de Karkamiš. Os três primeiros documentos, visto que o último se encontra demasiado fragmentado para possibilitar uma leitura, iniciam com a mesma fórmula, mudando somente a divindade referida⁷⁷. Todos envolvem o rei e a questão de “ir e voltar” (*piran appa uwa*), que possivelmente estará relacionada com as viagens do vice-rei de Karkamiš à região, ou ainda, se referirem a uma série de visitas realizadas pelo próprio aos vários templos da cidade, como se atesta na documentação hitita relativamente ao festival *ḫišuwa*⁷⁸. Os deuses, cuja atitude perante o rei hitita o adivinho procura determinar, são algumas das principais divindades da cidade de Emar (Bēlet-māti/“A Senhora do País”; Divindade Tutelar do Comércio; Ištar da Batalha e a Lua) e não as introduzidas pelo panteão hitita (ARCHI, 2014, p. 152-153; SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 238).

⁷⁵ Descobriu-se, particularmente, um piso que se assemelhava a betão verdadeiro, o que é incomum em outras construções de Emar, portanto, talvez um trabalho de cariz estrangeiro, hitita? (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 232 nota 44).

⁷⁶ Apenas mencionado no documento nº 40 (ARCHI, 2014, p. 152 nota 25).

⁷⁷ Msk. 74.57+98, l. 1–3: “We have consulted the oracle about the temple of the Lady of the Country. She, the goddess, inside of her temple has been ascertained. And she concerning the king *ditto* (i.e. has been ascertained)”; l. 35–36, l. 39–40: “We have consulted the oracle concerning the king and concerning the matter of ‘going forward and back’, and an unfulfilled vow... We have consulted the oracle concerning the ‘going forward and back’. And through a ritual (SISKUR) *ditto*.” (ARCHI, 2014, p. 152).

⁷⁸ O festival anual *ḫišuwa* destinava-se aos deuses de Kummani – o Deus Tempestade Manuzi (hurrita Tešub) e a sua consorte Deusa das Montanhas Liluri –, segundo a versão hurrita de Kizzuwatna introduzida pela rainha Puduḫepa. Sem uma data fixa, as cerimónias desenrolavam-se durante 9 dias (ARCHI, 2015, p. 11).

Embora tenham consultado deuses locais, o que pode ser interpretado como uma estratégia de aproximação do vice-rei à população local, mostrando preocupação pela sua imagem perante as suas divindades, os hititas preferiam, todavia, que os seus próprios funcionários lidassem com as questões culturais que os afectavam directamente. Daí um adivinho treinado pela administração central, versado na língua hitita e nas técnicas oraculares praticadas em Ḫattuša (ARCHI, 2014, p. 158).

Os quatro documentos hititas de Ugarit dividem-se em três categorias distintas: dois textos rituais (nº 73 e nº 74), um documento judicial (nº 71) e uma composição lírica trilingue (nº 72). Os dois primeiros fragmentos foram recolhidos no arquivo da “Casa de Urtenu”, onde diversos outros documentos se exumaram, porém raros os de cariz religioso ou literário. Urtenu era um homem abastado, um mercador influente na política, pelo que a aquisição de nº 73 e nº 74 deve-se mais ao seu gosto pessoal, sendo uma novidade na sua colecção (CALVET, 2000, p. 210-211).

O documento judicial nº 71 é o único exemplar hitita deste género encontrado fora da planície anatólica. Trata-se de um litígio entre o *sākinu* (prefeito) de Ugarit e um cobrador de impostos hitita, que alega não ter recebido a quantia em causa. Ao passo que o prefeito apresenta um indivíduo chamada Pallariya como testemunha de que a transacção se efectuou efectivamente (MÁRQUEZ-ROWE, 1999, p. 420).

O documento foi encontrado nos arquivos do palácio real, contudo é-nos desconhecido o local em que foi redigido, em Ḫatti ou Ugarit. Para Márquez Rowe, o facto da forma e escrita equipararem-se às práticas dos escribas de Ḫattusa não implica necessariamente que tenha sido composta nessa cidade. É possível, e provável neste caso, que funcionários hititas arbitrassem os negócios internacionais nos estados ou cortes estrangeiras, como Ugarit (MÁRQUEZ-ROWE, 1999, p. 421). O que, por outro lado, demonstra como os funcionários hititas residentes nessa cidade desfrutavam de uma espécie de extraterritorialidade (LAROCHE, 1968, p. 772). Porém, Neu difere, defendendo que a escrita e a impressão de selo com hieróglifos hititas são indicativos suficientes para assumir que esta jurisprudência origina de Ḫattuša (NEU, 1995, p. 126).

A última tabuinha (nº 72) consiste numa composição lírica trilingue, em sumério, acádio e hitita. As características exteriores da peça, a disposição do texto e escrita apontam

para o trabalho de um escriba de Ḫattusa, conhecendo-se um exemplar idêntico dessa cidade (KUB IV 97, 12'). A obra terá sido importada da Anatólia, provavelmente com o objectivo de ser copiada, senão ao menos adaptada para a língua local. Embora, textos literários deste género fossem utilizados normalmente para o ensino nas escolas de escribas, este caso em particular deverá pertencer a uma colecção privada de um escriba hitita a residir em Ugarit, pois os textos escolares da cidade não incluíam a língua hitita, apenas o sumério, acádico, hurrita e ugarítico (NEU, 1995, p. 126-127; NOUGAYROL & SCHAEFFER et al., 1968, p. 310).

Resumidamente, a composição é sobre a mãe de *Lú.dingir.ra*, o qual encarregara um mensageiro de lhe enviar uma carta e de forma a que este a possa reconhecer, faz uma descrição poética da sua mãe (NOUGAYROL & SCHAEFFER et al., 1968, p. 311).

Em Ugarit não são apenas as tabuinhas hititas que demonstram o contacto entre as duas cidades e culturas, mas igualmente os documentos em acádico remetidos da corte de Ḫattuša. Segundo Helft, baseando-se na publicação de Nougayrol (1956)⁷⁹, o número de tabuinhas deve rondar pelas 56 e provêm principalmente do arquivo sul do palácio. São essencialmente endereçadas para a família real de Ugarit e incluem cópias de tratados, cartas e documentos jurídicos. Reflectem a constância do contacto entre as duas cortes no período do século XIV-XIII a.C. e a importância e praticamente posição autónoma de Ugarit perante a hegemonia de Ḫatti (HELFT, 2010, p. 62).

O único local, aparte de Ugarit, onde se descobriu outrossim tabuinhas acádicas enviadas de Ḫattuša é Ras Ibn Ḫani, apresentando, contudo, um número muito menor. A primeira tabuinha (nº 62) faz menção ao soberano do Ḫatti, à cidade de Ugarit e a um indivíduo chamado Tette, que poderá corresponder ao rei de Nuḫašši. Essa personagem instigou as revoltas sírias durante o reinado de Muršili II (ver notas 16 e 17 de capítulo I), portanto a sua menção numa mensagem para o rei seria bastante provável nos primeiros meses do reinado de Niqmepa de Ugarit (c. 1313-1260 a.C.), do qual Tette era contemporâneo (ARNAUD & KENNEDY, 1979, p. 317-319).

⁷⁹ NOUGAYROL, Jean & SCHAEFFER, Claude, *Le palais royal d'Ugarit, IV: Textes accadiens des archives Sud*, Paris: C. Klincksieck, 1956.

A segunda e última tabuinha (nº 63) apresenta aspectos da escrita síria e hitita, o que leva a crer que tenha sido redigida numa zona de contacto entre as duas tradições escolares. O documento foi enviado por um alto funcionário do domínio hitita a um homólogo no reino de Ugarit, residente em Birut, provavelmente o antigo topónimo da vila de Ras Ibn Ḥani. Na carta o remetente discute a equidade num processo de divórcio e a sua disponibilidade para enviar servos ao destinatário (ARNAUD, 1984, p. 15-23; BORDREUIL, LAGARCE, BOUNNIN, SALIBY, 1984, p. 437).

Para finalizar, restam as três tabuinhas de Tell Afis, embora a nº 82 esteja demasiada danificada para possibilitar a leitura do seu conteúdo. A carta nº 80, com duas mensagens, foi redigida na residência do EN KUR, cujo cargo Archi atribui a Šukur-Teššub, EN KUR de Mukiš, não ao Paluwa já mencionado (nº 3 e nº 8). É-lhe difícil crer que um funcionário desse estatuto estivesse interessado numa propriedade em Emar (ARCHI, 2012, p. 417; ARCHI, 2012, p. 47 nota 9).

Na primeira mensagem o autor permanecera na cidade devido à morte de um certo indivíduo, mas decidira partir para a cidade de Izziya, onde esperava chegar dentro de três dias. Consigo encontrava-se uma rainha, possivelmente Puduḥepa, esposa de Ḥattušili III, pois no documento KUB 56.15 atesta-se uma visita sua igualmente a Izziya. A viagem para esta cidade, tanto por terra como por mar, demoraria três dias a partir de Alalaḥ, pelo que seria uma possível localização para a residência do EN KUR mencionada. Por outro lado, Šukur-Teššub, o EN KUR de Mukiš, declarou numa carta que enviou para Ammistamuri II, rei de Ugarit, que estava a residir em Alalaḥ (RS 20.03). Ammistamuri II era, por sua vez, contemporâneo de Ḥattušili III e de Puduḥepa (ARCHI, 2012, p. 45-47).

A segunda mensagem menciona as mesmas personagens que da tabuinha nº 81, tendo sido enviado por um indivíduo chamado Tinninne para outro chamado Piriyani. Na tabuinha nº 81, igualmente com duas mensagens, Tinninne iria viajar para uma cidade em Tell Afis e pedir ao superintendente local, Ašmaḥya, para lhe entregar Šidurena. Juntos partiriam para Yarpigga onde Piriyani iria servir de testemunha (da entrega de Šidurena?) em nome do supervisor do país. A outra mensagem dirige-se a Ašmaḥya e avisa-lhe basicamente da entrega da futura esposa a Tinninne, ou seja, Šidurena (ARCHI, 2012, p. 47-48).

Na generalidade, assume-se que o vice-rei de Karkamiš teria controlo directo ou indirecto de todo o território sírio hitita. Contudo, o que se retira, aparentemente, destas cartas é que a região de Tell Afis se encontrava, na realidade, sob o controlo directo da administração central através do seu representante, o EN KUR de Alalah/Mukiš (ARCHI & VENTURI, 2013, p. 220).

O barro acinzentado ou acastanhado das três tabuinhas em hitita é diferente da argila vermelha e menos depurada das restantes tabuinhas, de língua acádica, descobertas no mesmo edifício (edifício administrativo F), o que confirma que as primeiras vieram de um *scriptorium* diferente e não de Tell Afis (ARCHI, 2012, p. 45).

É possível observar a partir das tabuinhas analisadas, uma distinta diferença na integração de certas zonas da Síria no mundo político e cultural hitita. Em Alalah, Emar e Tell Afis encontram-se cartas de idioma hitita trocadas entre funcionários residentes, algumas até endereçadas pelo vice-rei de Karkamiš e o Grande Rei de Ḫattuša. Verifica-se igualmente que príncipes hititas (Tudḫaliya e Armanani) ou governadores fluentes no idioma residiam nessas cidades. Portanto a literacia hitita difundira-se pelo menos pelo sector administrativo das regiões (HELFT, 2010, p. 60-61).

Alalah e Emar apresentam igualmente textos divinatórios que seguem as tradições hititas, pelo que se poderá assumir que se realizariam rituais do estilo hitita (HELFT, 2010, p. 61). Na realidade, os representantes dos regentes de Karkamiš e de Ḫattuša (DUMU.LUGAL ou UGULA.KALAM.MA) encontravam-se profundamente envolvidos no culto da cidade de Emar e dos seus satélites. Encarregavam os seus funcionários de administrar os recursos do culto, alguns dos quais eram especificamente designados para os deuses de Ḫatti. Essas divindades eram provavelmente celebradas de acordo com os procedimentos ritualísticos “anatólicos”, transmitidos através de composições textuais⁸⁰,

⁸⁰ A “Tabuinha dos ritos dos deuses do País de Ḫatti, das cidades superior e inferior; segue-se” constitui-se por 19 fragmentos (3 grandes secções – *Emar 471, 471 e 473*; mais 15 fragmentos pequenos – *Emar 474 a 490*). Quem quer tenha redigido ou ditado esta liturgia conhecia bem o ritual hitita (participação através do acto de beber e comer; os nomes dos pães) e o clima político e religioso em Ḫattuša no período de Ḫattušili III e Tudḫaliya IV (Ištar de Šamuḫa, o Deus Tempestade de Nerik, outros nomes não se conseguem compreender). Os epítetos lúvios *piḫaimmi* (também conhecido em Alalah), *putalimmi*, *ḫapaimmi* dos Deus Tempestade, Deus Sanda, junto com as divindades hurritas, são indicativos de que o autor do ritual era, possivelmente, um sacerdote originário de Kizzuwatna (o país onde as tradições lúvias e hurritas se tinham misturado), talvez um funcionário em Karkamiš (ARCHI, 2014, p. 153-155).

eventualmente traduzidas para acádico, e realizadas pela máxima autoridade religiosa, Zū-Ba‘la. Archi considera que a introdução dos cultos da hegemonia hitita, que se verificam em várias regiões do império para além de Emar, não deve ser interpretada como uma manifestação de poder imperial, à semelhança do que se verificou posteriormente no período romano. Em Emar, Alepo – que lembro era o centro cultural da Síria na altura – e Karkamiš, os cultos de tradição local predominaram sempre relativamente aos incorporados pelos hititas (ARCHI, 2014, p. 155; COHEN, 2011, p. 153).

Em contrapartida, no reino de Ugarit – que inclui a vila de Ras Ibn Ḥani – verifica-se que certos segmentos da população eram letrados ou pelo menos demonstravam algum interesse pela literacia hitita. Contudo, referimo-nos a uma classe abastada e instruída de figuras influentes da cidade, considerando que os textos provêm da esfera real, do mundo religioso-escriba e de uma rica biblioteca de um comerciante abonado. De facto, os poucos textos hititas encontrados não teriam provavelmente sido redigidos em Ugarit; hipótese apoiada pelos vocabulários de quatro línguas (sumério-acádico-hurrita-ugarítico) que não incluíam uma coluna com o idioma hitita (HELFT, 2010, p. 79; SINGER, 2011, p. 58).

Este óbvio distanciamento da cultura hitita verifica-se igualmente na falta de adesão da corte ugarítica aos selos de estampa hitita. Dos 6 instrumentos administrativos apresentados na primeira tabela, 4 pertenciam a residentes ou funcionários hititas e apenas um selo possivelmente teria pertencido a um rei de Ugarit, Niqmaddu III (ver p. 31).

2.2.1. Textos sírio-hititas

O impacto da cultura escriba hitita em Emar resultou numa nova classe de textos produzidos na cidade designados, à semelhança da glíptica, de sírio-hititas. Comparativamente à tradição escriba “síria”, o género “sírio-hitita” apresentava um formato de tabuinha e paleografia diferentes. Contudo, as mudanças não são se limitaram a factores externos, tendo afectado igualmente os sistemas de datação⁸¹, a redacção jurídica e as

⁸¹ Inicialmente os documentos eram datados de acordo com os nomes dos meses e um sistema de epónimos local. Após a conquista hitita, o sistema de epónimos foi abandonado, embora a prática dos meses, com novas

composições, as listas de testemunhas e as práticas de selagem. As duas tradições encontram-se essencialmente em depoimentos, documentos de venda de propriedades e de concessão de terras, porém abrangem também outros géneros textuais, como relatórios de julgamentos, textos rituais e textos de ensino mesopotâmico⁸² (COHEN, 2012, p. 33).

As tabuinhas “sírias” são rectangulares e compridas verticalmente, sendo a sua escrita gravada paralelamente à largura da face. Podem apresentar tanto a paleografia “síria” como “sírio-hitita” e as impressões de selos são realizadas na margem esquerda, de cima a baixo, ou na margem superior, percorrendo toda a sua largura. As tabuinhas “sírio-hititas” aproximam-se mais de uma forma quadrangular e são mais largas, sendo a sua escrita gravada paralelamente ao comprimento da face. Apresentam exclusivamente a paleografia “sírio-hitita” e as impressões de selos – de estampa, anel de sinete ou cilíndrico – encontram-se defronte, nas margens ou reverso. Cerca de 60% da totalidade de tabuinhas recolhidas na cidade de Emar são do género “sírio-hitita” (HERBORDT, 2005, p. 31-32; IKEDA, 1999, p. 166-167).

A tradição escriba “síria” era basicamente um reminescente da escrita paleobabilónica, usada nos centros de escribas ocidentais do Bronze Médio e inícios do Bronze Final (ex: Ekalte, Âzu e Alalah fase IV). Em contrapartida, a tradição “sírio-hitita” era mais susceptível às inovações do período babilónico médio e a influências assírias e hurritas, que são semelhantes, mas não idênticas, à escrita de Karkamiš e Mitani (COHEN, 2012, p. 34; IKEDA, 1999, p. 168).

incorporações, terá continuado nas tabuinhas de tradição “síria”. Em contrapartida, as tabuinhas “sírio-hititas” raramente eram datadas. Esta mudança, porém, não deverá ter sido iniciada pelos hititas, pois não era prática sua datar documentos de acordo com os nomes dos meses (COHEN, 2005, p. 199).

⁸² Todo o *corpus* de material escolar dedicado ao ensino de cuneiforme e acádio utilizado pela família Zū-Ba’la, foi submetido a uma revisão. Basicamente os antigos textos escolares foram substituídos por um novo *curriculum* de materiais “modernos”. É improvável que tenha sido do interesse hitita em actualizar o ensino dos escribas de Emar, porém a *pax hethitica* instalada terá permitido uma maior deslocação de pessoas pelo rio Eufrates, através do Levante e até ao Egipto, o que instigou, por sua vez, a troca de informação intelectual e uma actualização dos textos escolares (COHEN, 2005, p. 199-200).



Figura 6 – (À esquerda) exemplo de uma tabuinha de tipo “síríio” (ETBLM 3/BLMJ 804). (À direita) exemplo de uma tabuinha de tipo “síríio-hitita” (ETBLM 1/BLMJ 1131) (COHEN, 2012).

Os documentos mais antigos recolhidos nos arquivos da cidade seguem a tradição “síríia”, datando da chamada “Primeira Dinastia” (c. meados do século XIV a.C.). A tradição terá persistido durante o regime da “Segunda Dinastia”, até à segunda metade do século XIII a.C., tendo sido substituída pelo género “síríio-hitita”, utilizado até à queda de Emar por volta de 1175 a.C. Contudo, nota-se já alguns “sinais síríio-hititas” nos documentos mais antigos da “Primeira Dinastia”, escritos por escribas “síríios”. O mesmo se observa nos textos escolares “síríios”, o que demonstra que houve uma tendência, embora esporádica, de empregar sinais “síríio-hititas”, ainda antes do fim das dinastias de Emar. Os ventos de mudança já se faziam sentir, talvez de Karkamiš, antes da escrita “síríio-hitita” ter substituído por completo a antiga tradição “síríia” e ser associada ao governo hitita (COHEN, 2012, p. 35-37).

As duas tradições de escrita eram utilizadas por três sistemas administrativos diferentes. A “síríia” encontra-se mais representada nas tabuinhas dos escribas ao serviço da instituição dos “Anciãos e Templo de Ninurta”, da família real, assim como ocasionalmente de alguns privados. Ao passo que, as de tradição “síríio-hitita” estão associadas maioritariamente ao arquivo da família de adivinhos de Zū-Ba’la e a um grupo de escribas

“sírio-hitita”⁸³. Isto demonstra que o “Templo do Profeta” – no qual se exumaram praticamente 60% das tabuinhas “sírios-hititas”, nas quais se mencionavam reis e príncipes de Karkamiš, assim como dignitários hititas (ex: DUMU.LUGAL e LÚUGULA.KALAM.MA) – tinha uma relação mais próxima com a administração hitita, via Karkamiš, do que o palácio real (COHEN, 2012, p. 35; IKEDA, 1999, p. 181-182).

A criação de uma nova tradição escriba, vagamente relacionada com a tradição hitita, aquando da conquista de Emar, associada à forte adesão aos selos de glíptica sírio-hitita, parece reflectir um fenómeno de “hititização”. Todavia, observa-se que essas novidades foram assimiladas principalmente pelas burocracias locais (ex: família Zū-Ba‘la) a imitar os funcionários residentes hititas, não tendo alcançado a instituição da realeza local que continuou a utilizar tabuinhas de tradição “síria” e selos sírios (HELFT, 2010, p. 76).

⁸³ A maioria dos escribas apresentava nomes semíticos ocidentais, o que naturalmente aponta para esse substrato da cidade. Contudo, nomes de origem “estrangeira” (hurrita, anatólica, babilónica) são mais comuns nos escribas da tradição “sírio-hitita” e é interessante notar que não há nenhum escriba real com um nome “estrangeiro” (IKEDA, 1999, p. 178).

2.3. Armamento, cerâmica e objectos de prestígio

A cultura material oriunda de Ḫatti na Síria setentrional ou produzida localmente com características sírias e hititas, reduz-se a um número muito limitado de artefactos. Aparte dos instrumentos administrativos e das tabuinhas, encontra-se objectos de prestígio, armas e cerâmica, porém numa quantidade aquém dos primeiros. Em certos casos é impossível determinar com certeza o local de origem do artefacto, recorrendo-se à análise das suas características e realizando paralelos com outros semelhantes para averiguar. Dado esta dificuldade, encontra-se um maior número de artefactos hititas que se enquadram como possíveis importações, não definitivas.

2.3.1. Armamento e fortificações

A presença nos reinos vassallos sírios de armas importadas do mundo hitita é bastante rara. Existe um maior número de objectos que se enquadram na categoria de “possíveis importações”, assim como casos nos quais se assimila a iconografia de ornamentação hitita para exemplares sírios, sem se tratarem efectivamente de importações ou serem classificados de sírios-hititas. Esta integração da iconografia poderá advir de uma possível transmissão, para os reinos vassallos, da importância cultural e ideologia de poder associada às armas no reino hitita, o que implicaria que os artefactos encontrados pertenceriam, assim, à esfera sagrada/cerimonial, não tendo propósito militar.

A escassez de achados relativos a armamento deve-se igualmente ao material de que é feito, bronze ou ferro, matérias-primas relativamente preciosas. Isto posto, não se tratam de objectos que se simplesmente se perdem. Dos três casos encontrados em território sírio hitita, os respeitantes a Tell Afis foram exumados no que possivelmente corresponderá a um

depósito ritual, um dos contextos usais para achar objectos raros⁸⁴. Em contrapartida, o machado de Alalah parece ter sido, inadvertidamente, deixado para trás.



Figura 7 – Mapa de distribuição e número de armamento hitita e possíveis importações; assim como possíveis locais com guarnição hitita no território sírio setentrional e ocidental (adaptado de HELFT, 2010).

⁸⁴ Outro possível contexto que pode apresentar armamento concerne as tumbas, porém não se atesta actualmente nenhum enterro de tradição hitita em solo sírio.

Tabela 3 – Armamento

Armas hititas						
Sítio	Material	Dimensões	Contexto	Datação U.E	Datação estimada	Anexos
Alalah	Machado de bronze	N/A	Forte sul, área 4, quadrícula 64.83, fase local 1	s.XIII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 16
Tell Afis	Machado de bronze (<i>lugged axe</i>)	18.2 cm de comprimento e 7.2 cm de largura	Divisão B1, por debaixo do pavimento de pedra.	Meados do s.XIII a.C.	Meados do s.XIII a.C.	Anexos D, nº 78
Tell Afis	Extremidade do machado de bronze	7 cm de altura (cone) e 3 cm de diâmetro (boca)	Divisão B1, por debaixo do pavimento de pedra. Localizava-se a uns poucos centímetros da parede nordeste da divisão.	Meados do s.XIII a.C.	Meados do s.XIII a.C.	Anexos D, nº 79
Possíveis importações						
Alalah	Espada de bronze com pomo de lua crescente	50 cm de comprimento/ 6.6 cm de largura	Trincheira E, na zona do palácio, fase II ou I	N/A	N/A	Anexos D, fig. 22
Alalah	Fragmento de armadura de escamas de bronze	N/A	Fase IB	N/A	N/A	Anexos D, fig. 23
Ras Šamra/Ugarit	Machado com lâmina de ferro e punho de cobre adornado de ouro	19.5 cm de comprimento/ 852 gr	Santuário real, extremo noroeste da área palaciana	s. XV-XIV a.C.	Meados do s. XV-XIV a.C.?	Anexos D, fig. 145

A cabeça de machado em bronze de Alalaḫ (nº 16) corresponde a uma forma de arma no qual o encabamento é realizado através de um orifício aberto na extremidade ou centro da cabeça da peça. A haste é seguidamente inserida nessa abertura, reforçando-se, por vezes, as margens do orifício – neste caso, duas saliências pontiagudas – de modo a assegurar a fixação do cabo. Armas com este tipo de encabamento estão presentes na Anatólia e regiões vizinhas, nomeadamente Assíria – pelas quais poderão ter sido influenciadas no período colonial assírio – desde o Calcolítico. A sua utilização prolongou-se pela Idade do Bronze, tendo-se propagado durante a Idade do Ferro em certas zonas do Médio Oriente (MACQUEEN, 1975, p. 61; YENER, 2011, p. 267).

Os machados munidos de espetos poderão possivelmente identificar-se como um tipo anatólico, dado que os achados mais antigos, do Bronze Médio (século XVIII a.C.), provêm de Kültepe-Kaneš e Acem Höyük. Contudo, a distribuição deste tipo é difusa, encontrando-se exemplares em vários sítios do Bronze Final, como Nimrud, Šagir Bazar, Ugarit e Boğazköy (fig. 17, Anexos D) (CURTIS, 1980, p. 73). Actualmente, não é possível determinar um centro de produção (HELFT, 2010, p. 56).

A diferença entre esses exemplares e o machado nº 16 é a localização dos espetos, que nos primeiros se encontram na extremidade posterior da cabeça do machado, estando na arma de Alalaḫ na zona de embate. Embora este tipo de machado se encontre em vários locais ao longo do II milénio a.C., a conotação divina atribuída a estes objectos apenas ocorreu com os hititas na Anatólia. Durante o reino hitita, armas especiais eram adornadas com ouro ou prata e decoradas com *designs* em baixo-relevo, assim como figuras de deuses e animais em três dimensões. Apresentavam igualmente inscrições incisas na sua lâmina ou punho, de nomes de reis ou símbolos associados a certas divindades. Yener crê que, com a expansão do Império Hitita, a percepção intelectual das armas foi transformada e a idealização destes objectos, por parte dos hititas, terá sido transmitida para os seus reinos vassalos. E é neste contexto que se insere o machado de Alalaḫ (nº 16) (YENER, 2011, p. 266).

Na Anatólia, as divindades masculinas e femininas eram retratadas junto com os seus atributos, normalmente uma arma, instrumento ou mesmo um animal. Como é possível observar na iconografia de certos selos (selos sírio-hititas de Emar e Tell Kazel) e em objectos de prestígio (nº 56, peça nº 21) o símbolo L. 199, semelhante a um W e representativo de um

relâmpago, está associado ao Deus Tempestade. Armas também poderiam desempenhar este elemento de fácil identificação da divindade na iconografia, encontrando-se exemplos em representações de cenários divinos/religiosos do Antigo Reino do Deus Tempestade ou Deus Guerreiro a brandir um machado com espigões. O exemplar de Alalaḫ assemelha-se a um machado, desta vez munido de quatro espetos, segurado pelo Deus Guerreiro no alto-relevo na jamba da Porta do Rei em Ḫattuša (fig. 18, Anexos D). Excepto que neste caso, os espetos não se encontram na zona frontal, de embate, mas na parte posterior. Uma lâmina comprida e com gumes recurvados é que desferia os golpes (YENER, 2011, p. 268).

A associação destas armas com personagens divinas atribuí-lhes igualmente poder sagrado e, à medida que a sua ornamentação se complexifica e incorpora animais divinos e inscrições ligadas a deuses ou reis, o objecto dispõe-se no mesmo plano que o mundo sobrenatural e divino, venerando-se a arma em si. É a situação que se observa com a representação na câmara sagrada B do Deus Espada, no baixo-relevo do santuário de Yazılıkaya (fig. 21, Anexos D)⁸⁵. Na personificação da arma, a cabeça representa o pomo, os ombros, que correspondem à guarda, são dois leões antitéticos, repetindo-se o mesmo no torso com dois leões simétricos no punho. O resto do corpo é a lâmina (YENER, 2011, p. 269-270).

Existem outras duas armas que apresentam uma decoração semelhante ao do Deus Espada de Yazılıkaya, no que respeita às figuras leoninas a ladear a lâmina no punho. A primeira trata-se de uma espada de bronze de Diyarbakır, uma oferenda votiva ao templo de Nergal, Deus do Inframundo, com uma inscrição cuneiforme em Assírio Antigo na lâmina dedicada a dita divindade (fig. 20, Anexos D). Contudo, as similaridades não se limitam à decoração, podendo, na realidade, as duas espadas estar correlacionadas no aspecto divino. Na tentativa de interpretar o baixo-relevo do Deus Espada, os investigadores recorreram a um ritual mágico hitita sobre as divindades expulsas do Inframundo. Este descreve como um sacerdote faz estatuetas de barro à imagem desses deuses na forma de espadas e espeta-las no chão. As doze divindades idênticas representadas em ambas as câmaras de Yazılıkaya podem também ter ligações com o Inframundo. Os vestígios de enterros, tanto inumações como cremações, nos nichos e fendas das rochas de cada lado do trajecto entre Ḫattuša e

⁸⁵ BITTEL, Kurt et al., *Das Hethitische Felsheiligtum Yazilikaya*, Berlim: Gerb. Mann Verlag, 1975, Tafel 51 e 62.

Yazılıkaya, acentuam ainda mais a ideia de que o sítio deverá estar relacionado com morte e a vida após a morte (BRYCE, 2002, p. 197; GÜTERBOCK, 1965, p. 197-198).

O segundo artefacto trata-se de uma ponta de lança de alvado em bronze (fig. 19, Anexos D) de novo de Alalaḫ, exumado também de um contexto religioso, no anexo leste do templo. À semelhança com a espada de Diyarbakır, o alvado apresenta dois leões agarrados à ponta de lança (YENER, 2011, p. 269).

Tell Afis é, actualmente, o único outro local – para além de Alalaḫ – donde se exumaram mais duas peças de armamento hitita. Encontravam-se imediatamente abaixo da laje que cobria a parte leste do quarto B1, tratando-se possivelmente de um depósito ritual, realizado antes da construção da residência B. O machado exumado designa-se de *lugged axe*, devido aos ressaltos/saliências (*lugs*) de cada lado da lâmina que a separam da extremidade posterior. Era um tipo amplamente utilizado em vários locais da Anatólia. Morfologicamente, o caso nº 78 pode ser enquadrado no tipo I de Maxwell-Hyslop (fig. 163, Anexos D) e nos tipos I e III de Erkanal (fig. 164, Anexos D). Esta tipologia de machado limita-se à Anatólia Central, sendo que o machado nº 78 encontra os seus melhores paralelos em exemplares de Alaca Höyük, Kayseri e Boğazköy, datáveis do Bronze Final. No território sírio, o único espécime desta tipologia de machado foi encontrado no nível de destruição de Ḫama, período E (século VIII a.C.). Ainda que provenha de um contexto da Idade do Ferro, à semelhança dos selos nº 47, nº 48 e nº 49, poderá ser residual do período antecedente e originar da Anatólia (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 21; ERKANAL, 1977, p. 5, MAXWELL-HYSLOP, 1953, p. 72).

Dado que este género de machado existe em várias formas e tamanhos, desconhece-se se todos, ou apenas alguns, seriam usados primariamente como machados ao invés de enxós ou cinzéis (fig. 164, Anexos D). E se fossem utilizados como machados, se era como arma. Vários investigadores sugeriram a possibilidade destes objectos serem multifuncionais, usados tanto como instrumento de carpintaria e ferraria, assim como uma arma (MUSCARELLA, 1988, p. 412).

O segundo artefacto de bronze recolhido trata-se da extremidade posterior de um machado (nº 79). A sua decoração em baixo-relevo apresenta motivos locais, nomeadamente árvores sagradas de tradição mitaniana, reflectindo o estilo híbrido da arte da Síria

setentrional e ocidental do século XIII a.C. Uma versão deste motivo fitomórfico encontra-se igualmente presente na glíptica sírio-hitita, como se observa no selo de Šaḫurunuwa (fig. 77, Anexos D) e nos embutidos de *cloisonné* da “Gold Thomb” de Karkamiš (fig. 103, Anexos D). O tema decorativo invoca questões da natureza e fertilidade, pelo que não é improvável que a extremidade estivesse fixa a um objecto de função cultural ou cerimonial. O que por sua vez apenas reforça a interpretação da sua deposição por debaixo do pavimento como uma deposição ritual (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 21-22).

Os outros três objectos mencionados na tabela 3 são apenas considerados possíveis importações, sendo necessária uma análise mais aprofundada para ratificar essa hipótese. Primeiramente, a espada de bronze com pomo dourado em forma de lua crescente, exumada numa das trincheiras experimentais⁸⁶ – na zona do palácio – das escavações iniciais de Woolley, em Alalakh. Similarmente ao caso do machado nº 16, este tipo de espadas encontra-se dispersa em várias regiões do Médio Oriente Antigo, nomeadamente Ugarit, Tell es-Sa'idiyeh, Mileto, Boğazköy e Şarköy (fig. 22, Anexos D). Os investigadores divergem nas suas opiniões relativamente à sua origem. Woolley acredita que este tipo de espada se trata de uma continuação tardia de uma tradição imperial, encontrando-se um exemplar no “cemitério real de Ur” na Mesopotâmia, outro no Egipto da XIIª Dinastia⁸⁷ e ainda mais um em Alaca Höyük na Anatólia. Sandars discorda, defendendo que este género é originário do Ocidente e resulta de uma combinação de aspectos do Egeu e Oriente. Classifica como o tipo H entre as espadas do Egeu do Bronze Final. Shalev, por outro lado, argumenta que, embora as espadas apresentem uma certa afinidade com exemplares do Egeu, os achados têm-se focado na região Síria-Palestina. No seu parecer, esse factor serve de indicação que este tipo de espada se trata de um desenvolvimento local das adagas com punhos manufacturados em molde, comuns na tradição artística e artesanal de Canaã, receptiva de influências de várias culturas do Bronze Final. Geiger supôs apenas com base na sua distribuição que a espada originasse da Síria setentrional (GEIGER, 1993, p. 217; LORENZ & SCHRAKAMP, 2011, p. 128; SANDARS, 1963, p. 140-142; SHAVEL, 2004, p. 62-63; WOOLLEY, 1955, p. 276).

⁸⁶ Trincheira aberta na campanha de 1936. Segundo Woolley, a espada enquadrar-se-ia na fase II ou I, com preferência para o último caso (WOOLLEY, 1955, p. 276). Consultar *Tabela I – Síntese da estratigrafia e cronologia de Alalakh*, Anexos D.

⁸⁷ 1991-1783 a.C. (KUHRT, 2000, p. 190).

Somente Niemeier declarou que as três espadas encontradas na necrópole de Mileto eram hititas e resultavam de uma evolução dos exemplares do Bronze Médio de Alaca Höyük. Na realidade, este tipo de espada é frequentemente representado nos cintos de reis e deuses nas esculturas ou baixos-relevos hititas. À semelhança do machado nº 16, a espada com pomo em lua crescente é igualmente retratada num cenário divino, numa impressão de selo gravada num *pithos*, encontrado em Imikuşağı. A par do Deus Tempestade com o seu machado com espetos, destaca-se outra divindade com chifres a empunhar essa espada, enquanto segura o inimigo pelo cabelo. De novo, deparamo-nos com a associação de uma arma com uma personagem do mundo divino, assim como a valorização desse objecto, a partir de então imbuído de poder sagrado. Permanece por esclarecer se as armas são realmente produtos importados ou apenas o resultado de conhecimento partilhado (HELFT, 2010, p. 56; NIEMEIER, 2005, p. 297-298; MACQUEEN, 1975, p. 59-60; YENER, 2011, p. 268).

O último artefacto de Alalah com possível ligação ao mundo hitita integra a categoria de defesa do corpo tratando-se de um fragmento de uma armadura de escamas em bronze (AT/37/37) (fig. 23, Anexos D) (WOOLLEY, 1955, p. 278). A armadura usada no Próximo Oriente Antigo consistia numa loriga de escamas que poderia cobrir o tronco todo e a parte superior dos braços e pernas. Era constituída por uma peça de vestuário de linho ou couro com pequenas placas de bronze cosidas, que se sobrepunham umas às outras, à maneira de escamas (fig. 24, Anexos D). O caso mais conhecido e completo encontrou-se numa sepultura em Tell Kamid el Loz, onde uma significativa porção de pequenas placas de bronze foram recolhidas, diferenciando-se quatro tipos de escamas, segundo o seu tamanho, forma, espessura, número e disposição de orifícios e número de nervuras (fig. 25, Anexos D). Porém, dentre a sua variedade, não se encontra um paralelo com o exemplar AT/37/37, de extremidade arredonda e com uma diferente disposição de orifícios rectangulares. Os outros modelos mais antigos de Alalah ou ainda de Nuzi e Ugarit também não se comparam. Equivale, porém, na sua forma e tamanho com umas escamas de bronze exumadas em Boğazköy (fig. 23, Anexos D) (HELFT, 2010, p. 56; LORENZ & SCHRAKAMP, 2011, p. 140; MACQUEEN, 1975, p. 63; VENTZKE, 1983, p. 94).

Na nona campanha das escavações de Ugarit (1937), Schaeffer descobriu à superfície do santuário real, um machado com lâmina de ferro e cabeça de cobre, junto com outros

objectos votivos usados para culto (fig. 145, Anexos D). A cabeça de machado apresenta uma decoração com duas cabeças de leão a ladear a lâmina e a figura de um javali a rematar a sua extremidade. As incisões dos detalhes fisionómicos e dos motivos decorativos, realizadas na superfície do cobre, foram preenchidas com fio de ouro. Não se trataria certamente de uma arma para uso militar dado a riqueza e pormenorização da decoração. Dado o contexto do qual foi exumado, a identificação como objecto cerimonial seria mais adequada (ABOU-ASSAF, 1982, p. 152; SCHAEFFER, 1938, p. 321; YON, 2006, p. 167).

O machado integra-se no sub-tipo A 2, variante A 2e, dos instrumentos de bronze orientais classificados por Deshayes. Os exemplares pertencentes a esta categoria caracterizam-se por uma lâmina com um perfil aproximadamente trapezoidal, devido à inclinação do seu gume inferior, por vezes rectilíneo, outras ligeiramente côncavo. O eixo da lâmina é normalmente mais inclinado que o sub-tipo A 1 e o seu fio, perpendicular ao eixo, é geralmente mais redondo e termina lateralmente em dois ângulos muito acentuados. A variante A 2e, que corresponde aos casos da fig. 145 e de Tchogha-Zanbil (fig. 146, Anexos D), demarca-se pela sua lâmina bastante longa, uma cabeça de machado relativamente curta e a sua decoração com figuras em três dimensões (DESHAYES, 1960, p. 158).

No templo de Tchogha-Zanbil (Irão) encontrou-se um machado igualmente decorado com a cabeça de leão e javali (fig. 146, Anexos D). As duas armas são aproximadamente contemporâneas e comprovam a subsistência de certas formas do III milénio a.C. nos finais da Idade do Bronze. Ambas combinam materiais de naturezas diferentes: bronze, ferro e ouro (ou electro) no caso de Tchoga-Zanbil; cobre, ferro e ouro para o caso de Ugarit. Deshayes argumentou igualmente que a suposição dos hurritas originarem do Irão, explicaria a semelhança entre a arma de Ugarit e Tchoga-Zanbil. Para além disso, o tema do javali, que não é semítico, pode também ser de origem iraniana, sendo atestado em vários punhos de varas e martelos da época de Ur III (c. 2112-2004 a.C.), nas regiões de Luristão e Šuša (DESHAYES, 1960, p. 160).

Após analisar a temática iconográfica, Schaeffer deliberou que a peça se tratava de uma produção local de inspiração mitaniana. Comparou a técnica de damasquinaria empregue no machado à mesma utilizada numa estatueta de um pequeno falcão, com plumagem embutida de ouro, encontrada em Minet el Beida, cópia de um protótipo egípcio.

A representação de leões a ladear a lâmina, quase como se estivesse a emergir das suas bocas, é repetida em várias armas e utensílios do II milénio a.C. da Síria e Anatólia, assim como no Irão. Schaeffer associou o cenário leonino do machado com o punho do Deus Espada em Yazılıkaya, que atribuiu igualmente a inspiração hurrita (fig. 147, Anexos D). Do mesmo modo que Deshayes, argumentou que a presença do javali na decoração não poderia ser semita e era o resultado da adopção de elementos hurritas e mitanianos, aquando da sua integração no Império Mitani (SCHAEFFER, 1939, p. 113-124).

Goetze mostrou-se céptico às razões pelas quais Schaeffer classificou esta arma como um trabalho de arte hurrita. Considerou o argumento da alegada ancestralidade da produção de ferro nessa nação pouco convincente; enquanto a afinidade com escassos objectos do território hurrita que apresentavam decorações semelhantes não era suficiente para retirar essas conclusões (GOETZE, 1940, p. 261). Helft, por outro lado, discorda com a atribuição à arte hurrita em geral, afirmando que, na realidade, todos os aspectos iconográficos apontam para tradições hititas (HELFT, 2010, p. 55). A questão da lâmina a emergir das bocas dos leões e o seu paralelo ao Deus Espada de Yazılıkaya foi observada por Schaeffer, porém o erro está na sua correlação com a arte hurrita, dado que, como já mencionado anteriormente, é uma característica das armas sagradas hititas. Para além disso, a cabeça do javali não se restringe somente a tradição mitaniana, considerando que o animal é retratado na arte anatólica, em rítos para libações, desde o período colonial assírio. A representação de javalis selvagens era muito popular na Síria do Bronze Inicial. Fontes escritas de Draham-Nippur (Ur III, c. 2112-2004 a.C.) e de Mari confirmam a importância da caça ao javali nas cerimónias reais e na esfera religiosa, onde o animal está associado com a fertilidade feminina e é um símbolo de maternidade. Esta correlação da caça e religião é observada no baixo-relevo da Porta da Esfinge de Alaca Höyük, que encontra o seu paralelo mais próximo na taça de bronze de Kinik/Kastamonu (fig. 109, Anexos D), a qual inclui, actualmente, a mais longa ilustração cinematográfica contínua de cenas de caça na arte hitita (MASSIMO CULTRARO, 2004, p. 123-124).

Schaeffer justificou os motivos decorativos secundários, as rosetas e os arbustos trifoliados, ao associar às decorações da cerâmica “hurrita” de Nuzi e as de Alalakh que, sendo uma cidade costeira síria, adoptara esses motivos via contacto com a cerâmica do Egeu. Por sua vez, Ugarit, também uma cidade costeira, teria sofrido o mesmo processo de assimilação

(SCHAEFFER, 1939, p. 119). Contudo, as rosetas são, como referido no capítulo 2.1., um motivo de preenchimento usual na glíptica hitita assim como, se irá verificar depois, na arte também. O mesmo se aplica ao arbusto trifoliado. Resumindo, não se pode com toda a certeza identificar a fig. 145 como uma importação hitita, porém, dado os paralelos traçados, existe a possibilidade.

Como se tem vindo a observar, a maioria destas armas poderiam ser classificadas como objectos cerimoniais e de culto, não só pela ideologia a que estão associadas, assim como pelo contexto (palatinos, santuários, depósitos rituais) dos quais foram recolhidas. Liverani observou que armas como a nº 16, fig. 19 e fig. 22, não eram a norma para a infantaria, porém poderiam reflectir o que ele percepçiona como uma mudança na natureza das armas de prestígio. Com a chegada dos hititas, o acto de guerrear tornou-se institucionalmente controlado, assim substituindo o estatuto de guerreiro individual. O que é interessante notar, dado que a sociedade hitita era uma sociedade de guerreiros (YENER, 2011, p. 270).

Propagandear armas distintas associadas a certas divindades em particular, como o caso do machado de guerra munido de espetos brandido pelo Deus Guerra/ Deus Tempestade, que seria imediatamente identificável, tem sido uma tática utilizada frequentemente por vários impérios. As armas divinas nunca perdem a sua associação primária com as divindades nas representações rituais. Contudo, Yener acredita que, com a sua ampla distribuição no Bronze Final, as próprias armas foram transformadas de modo a que estivessem associadas com a cidade, o rei e a religião oficial. Ou seja, o machado nº 16 era não só preferido como uma arma eficiente, mas igualmente valorizado como um símbolo do Estado, do rei e da religião apropriada (YENER, 2011, 270).

A valorização destes artefactos não impede, porém, o seu uso no âmbito militar. À parte da fig. 145, que não seria uma arma de guerra, no máximo das hipóteses um instrumento para a caça dos javalis, devido à sua conotação na esfera religiosa hitita (MASSIMO CULTRARO, 2004, p. 125), as restantes armas apresentadas poderão ser, como Simon crê, indicativos da presença de soldados hititas em território sírio (fig. 7) (SIMON, 2013, p. 301). A implantação de guarnições hititas na Síria setentrional é um assunto sobre o qual os investigadores ainda não chegaram a um consenso. Margueron propôs que o sítio de Tell

Faq'us, a 12km a sul de Emar, seria o resultado da construção de uma fortaleza aquando do 9º ano do reinado de Muršili II (1312 a.C.). Os seus primeiros anos no poder foram marcados por várias revoltas em território sírio, tendo a situação agravado com a morte do seu irmão e vice-rei de Alepo, Telipinu, seguida da do seu primo e vice-rei de Karkamiš, Šarri-Kušuh. A necessidade de restabelecer a ordem na Síria terá conduzido Muršili, segundo os seus Anais⁸⁸, a deslocar-se pessoalmente para a Aštata, onde terá mandado construir uma fortaleza que guarneceu com tropas hititas⁸⁹ (MARGUERON, 1982, p. 62).

Margueron não se baseou somente em fontes escritas. A descoberta da impressão de selo n° 87 com o título de comandante-chefe, responsável pela região, provavelmente, de Aštata e a mesma réplica numa tabuinha de Emar, foi interpretada como um indicativo de uma relação próxima entre os dois sítios, talvez de cidadela (Tell Faq'us) para povoação (Emar). A visibilidade nítida de Emar a partir do *chantier 3* (= bastião) de Tell Faq'us – e para o que Margueron considerou como um *bīt hilani* (*chantier A*), o palácio da realeza local⁹⁰ –, reforçou a sua ideia de cidadela de Emar; para além de lançar a hipótese de troca de sinais de fogo como meio de comunicação entre os dois sítios (MARGUERON, 1982, p. 61; MARGUERON, 1995, p. 130-131; MARGUERON, 1995, p. 31).

Todavia, certos investigadores não partilham a opinião de Margueron e afirmam não existir, que se conheça actualmente, guarnições hititas a sul de Tauro. Somente o fornecimento de tropas durante um período temporário, em caso de emergência, como as revoltas com que Muršili II se deparou (KLENGEL, 2001, p. 267). Adamthwaite não rejeita a hipótese de uma guarnição permanente, mas propõe outra cidade, El-Qitar. Segundo a sua análise do excerto dos Anais de Muršili II, “Aštata” deveria corresponder a um sítio

⁸⁸ Erroneamente devido à interpretação de Goetze (1933) dos Anais de Muršili II, vários hititólogos têm propagado a ideia que a expedição de Muršili II a Karkamiš e, subsequentemente, a fortificação de Aštata, deve-se a uma invasão assíria. Contudo, nada no texto KBo 4.4 indica que o rei hitita se terá deslocado devido a uma ameaça militar. O propósito da sua demanda derivará do receio de ser considerado fraco por não se responsabilizar pessoalmente pela desordem no território sírio após a morte de Šarri-Kušuh (MILLER, 2007, p. 138, nota 43).

⁸⁹ “Et j’allai au pays de Karkamiš. Et quand j’arrivai en Aštata, je montai à la ville d’Aštata, et je bâtis une citadelle que je tins avec une garnison” (MARGUERON, 1982, p. 62).

⁹⁰ Esta teoria foi posteriormente rejeitada. Os filólogos demonstraram que os arquivos eram de carácter privado e não da realeza. A planta da divisão também não diferia das outras casas de habitação, embora muitas delas em Emar fossem consideravelmente pequenas. Todavia, a Casa 14 de *Weststadt* em Tell Bazi, não só se assemelha à planta do suposto *bīt hilani*, como é maior. Essa terá pertencido possivelmente a uma família rica, não necessariamente à monarquia governante (OTTO, 2012, p. 92).

grandemente fortificado, no topo de uma colina íngreme ou de uma pequena montanha, na margem ocidental do Eufrates. De acordo com os arqueólogos responsáveis pela investigação do espaço, El-Qitar apresentava uma fortaleza temível para qualquer inimigo, com duas linhas básicas de defesa, uma no portão do rio, flanqueado por torres grandes, e outro em redor do topo da pequena montanha. A primeira linha de defesa apresenta uma série de torres e liga-se à segunda através de uma longa escadaria. O complexo inteiro passou por várias fases de construção, datando do Bronze Médio e Final (ADAMTHWHAITE, 2001, p. 222).

No que respeita à localização geográfica de Aštata, recorrendo de novo à passagem de Muršili II, aparentemente o rei terá subjogado as cidades a jusante de Karkamiš, fortificado Aštata e voltado ao vice-reino. Isto implicaria que ambas as cidades eram relativamente próximas uma da outra. Pelo menos, mais próximas que outras povoações. No texto de El-Qitar nota-se uma preponderância de nomes hurritas, o que pode ser indicativo de que a cidade pertenceria à órbita de Karkamiš. Assim os hititas poderiam exercer controlo directo através de um centro mais próximo e de base hurrita, enquanto estabeleciam um tratado com o rei de Emar, mais a sul. Ademais, se a hipótese de que El-Qitar era a capital de Aštata estiver correcta, ajudaria a explicar a existência de uma realeza local e limitada em Emar, enquanto o verdadeiro poder era exercido pelos hititas a partir de uma capital mais acessível, situada mais a norte. Textos de Emar fazem referência ao ^{LÚ}UGULA.KALAM.MA, que costumava visitar por vezes a cidade. Muito provavelmente, ele residiria na capital, i.e., Aštata (para Adamthwhaite, El-Qitar), o centro da administração hitita da província, ao passo que em Emar os suseranos hititas estabeleceram uma dinastia local, possivelmente para dar uma sensação de autogoverno (ADAMTHWHAITE, 2001, p. 223; MARGUERON, 1995, p. 27-28).

A última hipótese para uma possível fortaleza com ocupação hitita na Síria setentrional recai sobre a cidade de Alalah, o único local hipotético que apresentou armamento hitita. A fortaleza N e S enquadram-se no período cronológico do domínio político de Ḫatti no sítio e região (Mukiš) (fig. 54, Anexos D). Ambas as estruturas consistem em construções de adobe. A fortaleza N era constituída por uma vasta plataforma que incorporava “casamatas” preenchidas com entulho, presumivelmente para poupar na despesa de fazer muitos tijolos de adobe. A fortaleza S apresentava um estilo arquitectónico semelhante, embora não tivesse uma vala de fundação e plataforma. A arquitectura de ambas

as fortalezas é completamente distinta de qualquer exemplar anterior de Alalah ou de Anatólia. Embora a organização da fortaleza S, separada por um sistema de ruas das paredes de muralha da cidade, seja equivalente à disposição dos sistemas defensivos hititas de Ḫattuša e Büyükkale ou fase VII-V de Yümüktepe (XIV a.C.) (AKAR, 2013, p. 49; YENER & AKAR, 2013, p. 267).

Akar sugere de que as fortalezas de Alalah baseiam-se nos protótipos egípcios de fortificações de adobe do vale do Nilo e Levante, incorporando igualmente características da arquitetura hitita, como os contrafortes, a construção de casamatas e torres. Isto indica uma tendência para uma abordagem internacional da construção de arquitetura de cariz monumental como um reflexo de estratégias imperiais (YENER & AKAR, 2013, p. 267).

No reinado de Šuppiluliuma I, a interacção entre hititas e egípcios era instável. A relação mútua terminou com o assassinato de Zanzana, filho de Šuppiluliuma, morto a caminho do Egipto para casar com a rainha viúva Ankhesenamon. Nas campanhas de vingança de Šuppiluliuma, acredita-se que vários prisioneiros de guerra egípcios foram trazidos de volta para territórios de ocupação hitita. Estes indivíduos poderão ter sido forçados a trabalhar nos programas de construção dos povoamentos fronteiriços do Império Hitita, nomeadamente Alalah (AKAR, 2013, p. 49).

O programa de construção único das fortificações de Alalah deve-se igualmente à diferença paisagística do território da Anatólia Central comparativamente à planície de Amuq. As principais preocupações de um engenheiro hitita seriam o acesso limitado a pedra, o terreno plano e a ausência de defesas naturais. Dado que Mukiš nos finais do século XIV a.C. não correspondia à paisagem que conheciam, os hititas tiveram de se adaptar ao terreno (AKAR, 2013, p. 50). Todavia, a sua localização estratégica e proximidade dos principais reinos da Síria no Bronze Final, tornou Alalah numa zona-tampão fortificada durante as campanhas militares hititas, visto que se encontrava entre as montanhas anatólicas e a planície síria (YENER & AKAR, 2013, p. 267).

2.3.2. Cerâmica

Devido ao conhecimento incompleto sobre o desenvolvimento da cerâmica do Bronze Final na Síria, é difícil determinar a extensão de importações de cerâmica hitita nessa região. Todavia, reconhece-se certos paralelos nas formas e pastas com exemplares de outras cidades do Império na Anatólia, incluindo a capital Hattuša/Boğazköy.

O tipo de fabrico predominante em qualquer conjunto de cerâmica hitita designa-se de “drab ware”, uma cerâmica sem engobe, com cozedura oxidante, de cor bege (entre 10YR 9/4 ou 10YR 8/6) e uma superfície rudemente polida. Possui uma elevada percentagem de elementos não-plásticos, os quais consistem geralmente em gravilha de pedra ou areia. Praticamente todas as formas de louça do repertório hitita, excluindo as panelas e pratos grandes, são produzidas deste tipo de fabrico. Na pátria hitita na Anatólia Central Norte, a distribuição deste fabrico alcançou todos os cantos do império nos séculos XIV/XIII a.C., atestando-se do Ocidente para o Oriente em Gordion e Norşuntepe; no Sul, nas cidades cilícias de Kilise Tepe, Tarso e Kinet Höyük e na margem do Eufrates em Tille Höyük. Em sítios caracterizados pela produção da “drab ware” são raras as usuais importações de cerâmica cipriota e micénica do século XIII a.C.. Embora essa ausência não seja incomum em locais da Anatólia Central, como Hattuša e Gordion, é particularmente significativa nas cidades da costa cilícia, considerando que se encontravam próximas da rede comercial marítima mediterrânea (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 11; SCHOOP, 2011, p. 242, 253).

O significado desta difusão é ainda assunto de debate. Não há dúvida de que uma padronização elevada da cerâmica aponta para uma produção em grande escala desenvolvida por oleiros especializados, o que por sua vez pode reflectir uma cadeia de produção sofisticada ou um sistema administrativo. Vários investigadores concordam que a difusão da “drab ware” está relacionado com a expansão política e militar hitita e conseqüentemente com a imposição de um modelo de administração centralizada. Seria, segundo Gates, uma estratégia para poder integrar até as províncias marginais numa entidade administrativa efectiva (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 11; GATES, 2001, p. 137-138; GUNTER, 2006, p. 357-359; HENRICKSON, 2002, p. 129; POSTGATE, 2007, p. 144). A “drab ware” recolhida nos sítios provinciais, embora apresente características morfológicas e fabrico

semelhantes aos da pátria do império de Ḫatti, é produzida localmente. Portanto, é plausível, assumir que o controlo hitita tenha ocorrido *in loco* (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 11). Por essa razão, Gates pressupõe, que os oleiros de Kinet Höyük eram instruídos a aplicar padrões explícitos ao providenciar mercadoria para a distribuição local. A indústria oleira representava, assim, um programa económico controlado pela directa regulamentação governamental (GATES, 2001, p. 141). Em contrapartida, Postgate, que designa o modelo de Gates como “modelo comercial”, discorda com esta perspectiva. A seu ver, a “drab ware” em Kilise Tepe era utilizada por um estabelecimento administrativo e militar dependente das autoridades centrais. Ou seja, a presença desta cerâmica é indicativa da estadia de funcionários e soldados destacados na região pelo regime central, pelo menos inicialmente. Deste modo, designa a estratégia de um “modelo administrativo”, resultante da emigração de funcionários hititas (POSTAGTE, 2007, p. 144-145).

A teoria de Postgate e Müller é apoiada pela observação que Gunter fez relativamente à ausência deste tipo de fabrico nas províncias fronteiriças da “Upper Land”, o território Este de Azzi-Ḫayaša, onde não se identificam vestígios da administração e elite hitita como os observados noutras regiões do Império Hitita, nomeadamente na Síria setentrional e ocidental (GUNTER, 2006, p. 358, nota 15; SIMON, 2013, p. 305). Glatz discorda com a imposição universal da cerâmica padrão da Anatólia Central Norte, verificando diferentes processos de adopção – limitados e regionais – desse fabrico por toda a extensão do império. Isso poderá estar relacionado com vários factores, nomeadamente o momento da conquista e integração dessas regiões no império de Ḫatti, a forte/ fraca presença de administração hitita, a sua influência na cultura material e, por conseguinte, adopção da mesma pela elite e população local (GLATZ, 2009, p. 130-132). Destarte, se um número limitado de formas do repertório de “drab ware” hitita foi adoptado em várias províncias, diferenciando-se a sua escolha de sítio para sítio, isto leva a concluir que mesmo se fosse possível relacionar expansão política e administrativa com os vestígios de cerâmica, essa expansão não teria seguido padrões uniformes (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 11).

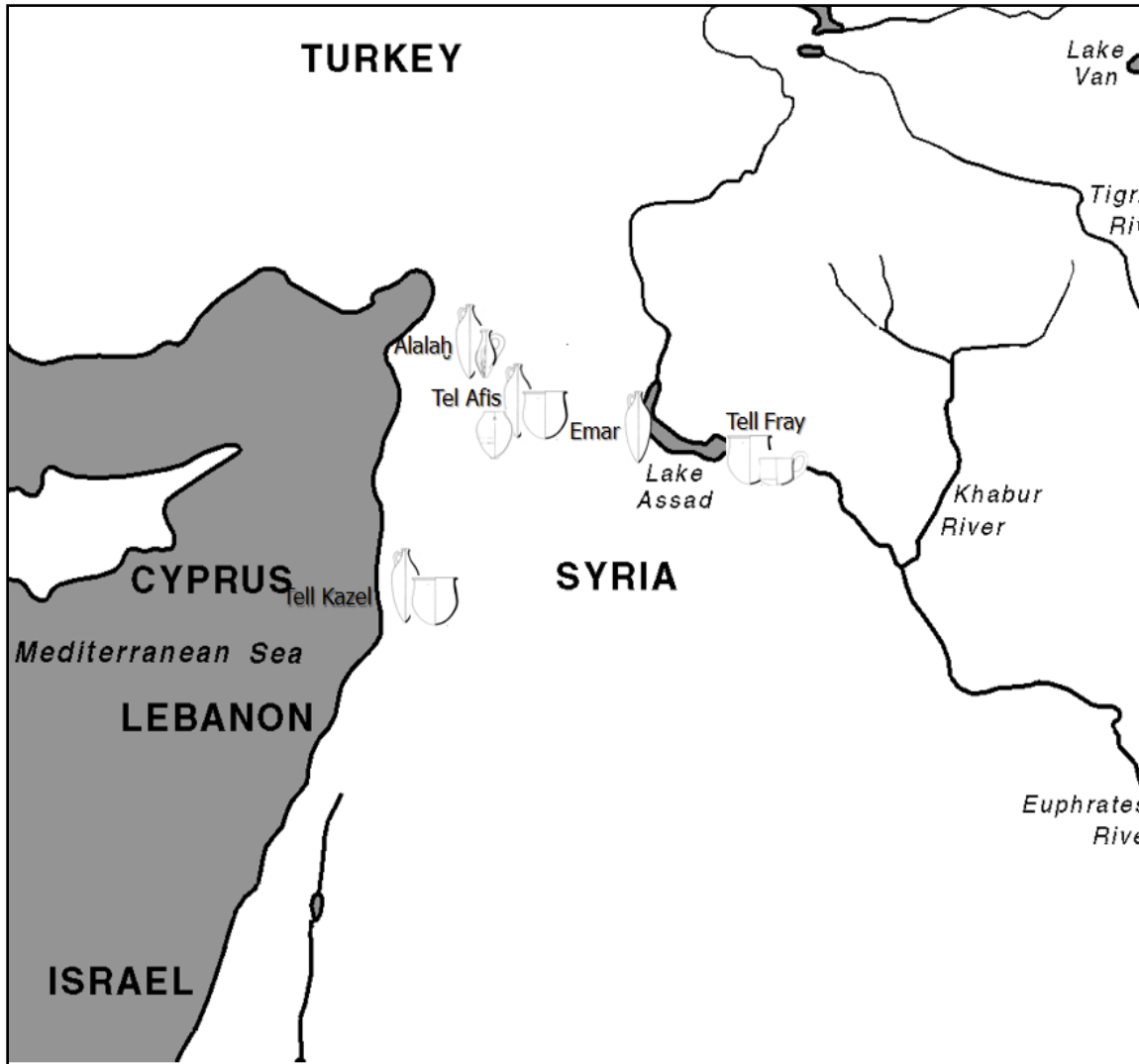


Figura 8 – Mapa de distribuição das cerâmicas de tradição Anatólia Central Norte no território sírio setentrional e ocidental (adaptado de HELFT, 2010).

Na Síria setentrional e ocidental observa-se o mesmo caso, com uma adoção limitada das formas, por vezes encontrando-se paralelos entre os reinos vassallos de Ḫatti. Um dos recipientes predilectos pelos hititas para o transporte/armazenamento doméstico tratava-se da ânfora grande. Geralmente com 80-90 cm de altura, apresentava um corpo longo e ovóide, um pescoço comprido apenas com uma asa a assentar no colo, um bordo espesso para prevenir o estilhaçamento ou despedaçamento durante o uso e um fundo convexo. Com o progredir do Bronze Final, verificou-se uma ligeira redução do volume e uma simplificação da forma, na qual o pescoço outrora longo e destacado, diminuiu e aproximou-se do corpo, ao passo que o fundo adoptou uma forma pontiaguda (fig. 27, Anexos D). Servia para o

armazenamento a curto ou longo prazo de líquidos, água ou vinho, mas igualmente para produtos agrários como trigo ou leguminosas, especialmente no âmbito da administração pública. Isto é demonstrado não só pelo contexto em que são descobertas, mas igualmente pelo uso simbólico na escrita hieroglífica lúvia de jarras de uma asa com um fundo ogival (L. 345, URCEUS) e pela sua representação em grafito nas bordas de grandes *pithoi* das divisões de armazenamento do Grande Templo em Ḫattuša. O título de URCEUS/GAL.GEŠTIN, aproxima-se do de PINCERNA (L. 345), de copeiro – o encarregue da divisão adjacente à cozinha, onde se guardavam as louças e certos géneros alimentícios –, atestado em dois dos selos mencionados neste estudo (nº 60 e nº 83). Adicionalmente, pode-se atribuir outrossim uma função cultual com a versão em miniatura destas ânforas (fig. 30, Anexos D) (MIELKE, 2017, p. 132-133).

Recolheram-se três exemplares de ânforas grandes em Alalaḫ, no anexo noroeste do templo II, classificadas como tipo 39 no conjunto de Alalaḫ e descritas por Woolley como “plain drab clay, well made but not well finished” (fig. 28, Anexos D) (WOOLLEY, 1955, p. 80, 324). De acordo com o arqueólogo, a planta arquitectónica do templo é remanescente do plano axial do templo IV, contudo, as duas *cella* a norte evocam as duas câmaras do templo I de Ḫattuša, dedicadas ao casal Ḫepat e Tešub. Adicionalmente, já se discutiu a descoberta de um texto oracular de tradição hitita (nº 25) no mesmo edifício, possivelmente realizado localmente; restando abordar a estatueta sírio-hitita de lápis-lazúli de Šaušga (nº 19) (capítulo 2.3.3.). Todos estes factores apontam possivelmente para uma atribuição da construção do templo II aos hititas, talvez imediatamente com a conquista de Šuppiluliuma, à semelhança das fortalezas N e S, enquadrando-se as três estruturas no mesmo período cronológico caracterizado por projectos de construção na cidade recém-conquistada (FINK, 2010, p. 52; YENER, 2005, p. 111).

A reforçar a hipótese do empreendedorismo hitita na esfera religiosa de Alalaḫ, exumou-se da quadrícula 43.54 – aberta 40m a sul da sondagem do templo realizada por Woolley – um conjunto de cerâmicas votivas em miniatura (taças, pratos e ânforas), muito semelhantes a exemplares descobertos em “tanques sagrados” de Ḫattuša (fig. 30, Anexos D). As peças votivas foram recolhidas de um depósito de superfície que se apresentava queimado, mal conservado, rodeado por ladrilhos, perto de um canal de água/drenagem próximo do templo de “Ištar” (fig. 31, Anexos D). Água, tanques rituais, reservatórios e pias

são usualmente essenciais para as práticas rituais hititas, especialmente pelo que é descrito nos textos de culto de Ḫattuša (KBo 23.27) (YENER, 2017, p. 217). As cerâmicas votivas surgem sobretudo na forma de taças de perfil cónico, versões em miniatura das ânforas grandes de armazenamento e tigelas/pratos planos. São de manufactura grosseira, o que pode resultar em formas ligeiramente assimétricas ou bordos irregulares. Posto que se encontram essencialmente em contextos rituais, nos “tanques sagrados” ou templos, parece que terão sido produzidos especialmente para sacrifícios aí realizados. Esta perspectiva, porém, ignora o facto de que esta cerâmica ocorre regularmente noutros contextos comuns em estabelecimentos. Isto, por sua vez, não exclui o propósito ritual no sentido lato. Na arte hitita representava-se frequentemente uma figura masculina a beber de uma taça em miniatura idêntica à das cerâmicas votivas. Se estas taças eram utilizadas para beber líquidos, provavelmente inebriantes, socialmente ou ritualmente, este costume poderia facilmente ser uma componente das cerimónias efectuadas nos espaços culturais. Aparentemente o costume incluía também o abandono da taça depois de se beber (SCHOOP, 2011, p. 249).

No precinto do templo, fase III e II⁹¹, encontra-se a residência privada 39/C – possivelmente indicativo da sua função sagrada – donde se recolheu um molde em terracota protagonizando a deusa Ištar/Šaušga (nº 17). Os pormenores das representações iconográficas desta divindade serão discutidos mais detalhadamente no capítulo 2.3.3., contudo, o molde apresenta características hurritas e hititas na retratação da sua protagonista. A coroa alta e cónica é um elemento divino hitita e a representação da divindade nua aproxima-se de outros exemplares da Anatólia do Bronze Médio, nomeadamente de Karahöyük e Kültepe/Kaneš. Os elementos fitomórficos que circundam a deusa são, contudo, de tradição hurrita (ALEXANDER, 1991, p. 168-169; YENER, 2005, p. 111).

Descobriram-se 5 exemplares idênticos aos de Alalah no *chantier A*, locus 28, de Emar (tipo 31), sendo ambos os casos possivelmente importações hititas (fig. 75, Anexos D). Outra possível importação remete para os fragmentos de uma *krater* brunida vermelha e de um frasco fusiforme brunido castanho (tipo 54). A sua origem é desconhecida e poderá se tratar de uma produção local a imitar uma estrangeira, talvez uma variante da “Red Lustrous Wheel Made Ware”. O elemento característico da “Red Lustrous Wheel Made Ware” é o seu

⁹¹ Para a cronologia destas fases consultar *Tabela I – Síntese da estratigrafia e cronologia de Alalah*, Anexos D.

barro bem levigado, de cor laranja viva, que não contém nenhuma inclusão distinguível a olho nu. A cerâmica deste tipo de fabrico teve uma ampla difusão no Mediterrâneo Oriental durante o Bronze Final, aparecendo na Cilícia, Chipre, Síria, costa Levantina, Egipto e Núbia. Surge numa variedade de formas, incluindo taças de vários tipos, cântaros e jarros, cantis lentiformes, braços de libação e frascos fusiformes. O aspecto distinto e a composição do barro indiciam claramente um específico local de origem em comum. Embora ainda não se tenha encontrado os verdadeiros centros de produção, estudos mineralógicos reduziram a área entre a costa meridional anatólica e Chipre setentrional. Dado a integração de Emar no Império Hitita é mais provável que a imitação da “Red Lustrous Wheel Made Ware” esteja mais ligada aos contactos com Anatólia que Chipre, ou talvez até com o vice-reino de Karkamiš. A sua presença em grande escala na região da Anatólia Central Norte representa um dos poucos casos de “cerâmica estrangeira”, dado que outros produtos alóctones em contextos hititas são relativamente poucos. A superfície laranja avermelhada polida da “Red Lustrous Wheel Made Ware” destaca-se da “drab ware” hitita, nomeadamente da cerâmica vermelha polida, que apresenta uma coloração vermelha escura ou castanha avermelhada (CAUBET, 1982, p. 37, tipo 31; p. 76, tipo 54; CAUBET, 2014, p. 74; SCHOOP, 2011, p. 262; MIELKE, 2007, p. 156).

A produção de cerâmica de Tell Fray, fase IV (inícios do século XIII a.C. – século XII a.C.), é essencialmente local e abundantemente caracterizada por um copo característico, com três tamanhos diferentes, um corpo esférico, fundo em disco e colo vertical quase cilíndrico, uma forma peculiar no vale do Eufrates. Contudo, um exemplar de um copo de cerâmica castanha-avermelhada, paredes finas, forma aberta com um bordo ligeiramente extrovertido e uma asa, trata-se decerto de uma importação ou imitação de cerâmica anatólica. Copos de cerâmica acastanhada, sem engobe ou polimento, com um corpo aproximadamente cilíndrico, um fundo convexo e ocasionalmente uma asa destacadamente elevada comparativamente à boca, são uma forma típica do século XIV a.C. no *Unterstadt 2* de Ḫattusa (fig. 185, Anexos D), tornando-se mais populares no século XIII a.C. nas fases IVb-III de Büyükkale e *Unterstadt 1* (fig. 2, Anexos A). Os únicos paralelos fora de Boğazköy encontram-se em Alaca Höyük e, aparentemente, em Tell Fray. Não se consegue aprofundar mais o assunto, dado que não foi publicado ainda nenhum estudo sobre a cerâmica de Tell Fray (FISCHER, 1963, p. 63; 99; MATTHIAE, 1980, p. 48).

O sítio de Tell Afis é o melhor exemplo, na Síria setentrional, da distribuição das tradições de cerâmica da Anatólia Central Norte. A produção de cerâmica da fase Vb desta cidade, representativa dos finais do século XIII/inícios do século XII a.C., é caracterizada por uma evidente standardização das formas e pastas, surgindo vários exemplares da designada “drab ware”. Como as cidades de Alalakh e Emar, Tell Afis produziu também exemplares das ânforas grandes hititas (fig. 167 e 170, Anexos D). A fig. 167.1 descobriu-se no espaço aberto a norte da residência A. As fig. 167.5 e 167.6, praticamente completas, exumaram-se do fosso 9502, situado no espaço aberto a oeste da parede exterior sudoeste do edifício B. O corpo ovóide da fig. 167.2 e os fundos pontiagudos das fig. 167.3 e 167.4 foram encontrados junto com outras cerâmicas *in situ* no quarto com pilares B1. A fig. 167.7, também praticamente completa, foi recolhida da área N1, na trincheira escavada na encosta leste da acrópole. Para além das suas contrapartes em território sírio, encontram-se paralelos das ânforas grandes outrossim em sítios anatólicos, nomeadamente Tarso, Tille Höyük e Gordion (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 13). O exemplar mais a sul provém dos níveis do Bronze Final II de Tell Kazel. No pátio 8 do edifício B, fase Vb, sector sul da área II, encontrou-se uma ânfora hitita dentro de um silo ou fosso rebocado (fig. 190 e 191, Anexos D). A sua pasta, de cor avermelhada, com algumas inclusões orgânicas e de gravilha de basalto, sugere uma produção local ao longo da costa síria, possivelmente efectuada no próprio Tell Kazel. As formas dos exemplares descobertos na Síria setentrional e ocidental correspondem à última fase de evolução destas ânforas (fig. 27, Anexos D) (CHITI & PEDRAZZI, 2014, p. 71).

Outro recipiente de armazenamento utilizado em Tell Afis concerne uma *krater* de 60-80 cm de altura, com paredes direitas e compridas, uma boca de grande diâmetro com bordos extrovertidos espessos e carena média ou baixa (fig. 168, Anexos D). Este tipo de *krater* parece – de uma forma muito inusual – derivar de uma forma de cerâmica funcionalmente diferente, as grandes taças carenadas (SCHOOP, 2011, fig. 1.5). A associação da *krater* com a produção e consumo de cerveja, herdada da tipologia anterior representada iconograficamente como receptáculos de cerveja consumida por várias pessoas através de palhinhas de filtro, permanece. Esta questão é claramente corroborada com a descoberta da cervejaria em Kuşaklı-Şarişša, com uma variedade muito distinta de *kraters* completos *in situ*. Contudo, este género de vasos poderia ser utilizado num vasto espectro de

funções, sendo empregue igualmente no mundo funerário como urna, o que se observa nos exemplares recolhidos no cemitério de Osankayasi (e na Idade do Ferro na “Gold Thomb” de Karkamiš, ver Anexos D, nº 56, 57 e 58) (FISCHER, 1963, p. 13; SCHOOP, 2011, p. 250-251). Nas residências de Tell Afis, os únicos exemplares completos ou praticamente, foram recolhidos nos quartos A7 (fig. 168.7 e 168.8, Anexos D) e B1 (fig. 168.5, Anexos D). Porém, fragmentos de bordo de *krater*, de formas rectangulares extrovertidos ou espessamento exterior com projecção para dentro, encontram-se espalhados nos pavimentos e camadas de destruição da fase Vb, atestando o seu uso comum durante esse período (fig. 168.1-4, Anexos D). Encontram-se paralelos na Síria setentrional e ocidental do século XIII/inícios do século XII a.C., na fase Va de Tell Kazel (fig. 192 e 193, Anexos D) e IV de Tell Fray (fig. 186, Anexos D)⁹², continuando na região do Eufrates em Malatya III (inícios da Idade do Ferro). Este género de vaso tornou-se popular no último período hitita, descobrindo-se exemplares com a mesma forma ou fragmentos de bordo na estratigrafia do *Oberstadt* de Hattuša (fig. 2, Anexos A) (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 13-16).

A última forma que resta mencionar desta cidade é o grande *pithos*, que se destaca não tanto pela peça em si, mas pelas marcas que apresenta, em geral, na curvatura do colo (fig. 169, Anexos D). Estas são realizadas *a priori* da cozedura e encontram os seus melhores paralelos em vários locais da Anatólia. A fig. 169.1, a única com uma marca no bojo inferior, corresponde ao exemplar mais antigo encontrado nas residências de Tell Afis, tendo sido descoberto no chão da cozinha F3, fase VII (entre meados do século XIII a.C.). A sua marca consiste num escudo com duas linhas perpendiculares, criando uma cruz (tipo 10e, GLATZ, 2012, p. 29). O mesmo símbolo é atestado em Kinet Höyük, onde se identificaram cerca de 20 marcas diferentes, particularmente em formas abertas como taças rasas e *kraters*. A marca da fig. 169.1 parece ser uma versão grosseira do nº 34 do tipo KH, usado na fase 15 (1550-1350 a.C.) (GATES, 2001, p. 154, fig. 6). O símbolo é igualmente conhecido no território da Anatólia Central Norte aquando do período imperial. Em Alaca Höyük, como em Kinet Höyük, encontra-se gravado em taças, enquanto em Kuşali-Şarišša surge em vasos morfológicamente semelhantes às *kraters* de Tell Afis referidas acima. Alguns investigadores sugeriram que a marca se equiparava com o hieróglifo lúvio “rei” (= L. 17)

⁹² PFÄLZNER, Peter, *Mittanische und Mittelassyrische Keramik: Eine Chronologische, Funktionale und Produktionsökonomische Analyse*, Berlim, Dietrich Reimer Verlag, 1995, Taf. 183a.

ou que funcionava como um símbolo associado à realeza. Deste modo, considerou-se inicialmente que recipientes marcados com este símbolo estavam relacionados com armazéns da realeza e sistemas de distribuição. Todavia, no seu estudo, Glatz observou que as várias marcas em forma de triângulo (tipo 10) não ocorrem exclusivamente em contentores de armazenamento ou formas fechadas, pelo que não corroboram a interpretação sobre os armazéns da realeza. Ao passo que, nos sítios da Anatólia Central Norte, se verificam apenas duas ocorrências em taças, o que parece obstar a hipótese de que os mantimentos eram entregues em taças ou bandejas marcadas. Nos sítios localizados na costa ciliciana, como Tell Afis, e Korucutepe, observa-se um padrão completamente oposto, onde as marcas de triângulos se encontram primordialmente em formas abertas. É surpreendente que este símbolo seja tão raro na capital hitita, uma cidade com numerosas áreas de produção relacionadas com o Estado e armazéns. Inclusive, não existe nenhum padrão discernível na distribuição espacial e cronológica das marcas de triângulo que se possa correlacionar com a expansão e integração política hitita (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 16-17; GLATZ, 2012, p. 8; 22).

O fragmento de bojo (fig. 169.4, Anexos D), pertencente à fase Vb, foi exumado no canto sudoeste do quarto B4, no enchimento que selava o *locus*. A marca que apresenta é composta por uma cruz, como o exemplar fig. 169.1, porém encontra-se dentro de um símbolo oval, contrariamente ao escudo (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 17).

Dois fragmentos de bordo de uma *krater*, recolhidos no enchimento do fosso 9031 (fase VIb, contudo integrados na fase VI), apresentam a marca de um triângulo a apontar para cima, dividido em dois por uma linha vertical (fig. 169.2, Anexos D) (tipo 10c, GLATZ, 2012, p. 29). Este símbolo encontra os seus melhores paralelos em Hattuša, Alaca Höyük e Tarso. É a única marca atestada em Tell Afis numa *krater* e neste caso, a relação entre a forma do recipiente e o símbolo é particularmente profícua em definir uma possível ligação entre a produção de Tell Afis e da Anatólia (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 17).

A fig. 169.3 integrava o material *in situ* dentro do forno 7965 (fase VIa). A sua marca em forma de tridente é igualmente atestada em dois exemplares completos de *pithoi* descobertos em duas pequenas divisões de armazenamento (fase Vb); a fig. 169.6 encontrava-se no quarto A2 e a fig. 169.5 no quarto E3. Ambas as fig. 169.3 e 169.6 se

enquadram no tipo 4 de Glatz – a “seta” –, ao passo que a fig. 169.5 pertence ao tipo 18 – “em forma de M”. A marca tipo 4 foi inicialmente correlacionada por Müller-Karpe com o hieróglifo lúvio L. 376, significando “homem”. Os recipientes que apresentavam este símbolo ou o tipo 10, muitos dos quais foram encontrados em associação com os complexos de templos de Kuşaklı-Şarişša, representavam, para Müller-Karpe, oferendas da realeza ou tributos dos “homens da cidade”. Mais recentemente Mielke sugeriu que a “seta” representava um cidadão individualmente. Na realidade, à semelhança das marcas de triângulo, a distribuição das setas na cerâmica não apresenta um padrão distinto pelo que a sua marca não as qualifica para o uso de um propósito específico. Glatz observou que marcas simples como setas e triângulos representam a maioria do *corpus* da Anatólia do Bronze Final, porém, encontram-se igualmente em textos mais antigos fora do território anatólico, assim como em vários reportórios de marcas de cerâmica antigas e etnográficas. Isto põe em causa qualquer atribuição de funções extremamente hipotéticas ou significados com base numa semelhança genérica com hieróglifos ou outros símbolos, que era a base de raciocínio para os argumentos de Müller-Karpe e Mielke (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 17; GLATZ, 2012, p. 8; 26).

A função e significado destas marcas *a priori* cozedura na cadeia de produção de olaria é um assunto muito debatido, surgindo diferentes teorias. Em Kinet Höyük e Tarso as marcas manifestam-se principalmente em taças rasas ou *kraters*. Seguindo a sua lógica de que a distribuição da “drab ware” em várias zonas do Império Hitita resultam de uma estratégia de regulamentação governamental, Gates assume que a presença de marcas apenas complementa a sua teoria anterior, sendo um resultado da exportação de estratégias productivas nas províncias conquistadas aquando da expansão imperial (GATES, 2001, p. 141). Em contrapartida, Glatz defende que as marcas eram simples símbolos de identificação usados por oleiros independentes para distinguir o seu trabalho de colegas numa fase da produção que requeria o uso de instalações comuns. O *corpus* de marcas da Anatólia do Bronze Final revela uma variedade de diferenças regionais em tradições contemporâneas de marcação de cerâmica, o que sugere uma série de organizações distintas e escalas de produção de olaria embutidas dentro de comunidades de práticas regionais. As diferenças incluem preferências regionais respeitantes aos motivos das marcas de cerâmica, o tipo de recipiente, os locais e as diferentes cronologias na adopção e proliferação das marcas *a priori*

cozedura. Por estas razões não é possível associar a prática de marcação de cerâmica com uma intencional estratégia imperial hitita de homogeneização económica e cultural. A designação do volume, conteúdo, origem e qualidade são igualmente funções improváveis perante o pequeno número de marcas e a aparente aplicação indiscriminada do mesmo motivo em recipientes de cerâmica funcionalmente diferentes (GLATZ, 2012, p. 34).

A despeito da última declaração de Glatz, Archi e Venturi acreditam que, atendendo o facto das marcas em Tell Afis terem surgido em três *pithoi*, dois (fig. 169.5 e 169.6, Anexos D) descobertos *in situ* em divisões de armazenamento (A2 e E3) e um na cozinha (fig. 169.1; F3, Anexos D) – perto da sala F2 donde foi recolhida a tabuinha nº 80 –, possivelmente estão relacionadas com o conteúdo ou o proprietário. Mesmo se usadas para diferentes propósitos, as marcas de cerâmica em Tell Afis poderiam também reflectir a existência de um sistema centralizado e complexo relacionado, neste caso, com o armazenamento e distribuição de bens primários e géneros alimentícios dentro das residências escavadas. É significativo, portanto, nesta linha de raciocínio, que as marcas desapareçam em Tell Afis e Kinet Höyük no final da sequência do Bronze Final com a destruição dos últimos edifícios abastados desse período (ARCHI & VENTURI, 2012, p. 18).

A difusão da “drab ware” hitita no norte da Síria é provavelmente resultante, como Postage declarou, da presença de emigrantes anatólicos. As cidades onde estas tendências de olaria penetraram, nomeadamente Alalah, Emar e Tell Afis, são essencialmente zonas onde se têm vindo a observar uma forte influência hitita instigada pela deslocação de funcionários hititas, integração da população local em cargos da administração hitita, governação por um DUMU.LUGAL possivelmente descendente da casa real de Hattuša ou por pertencerem à jurisdição do vice-reino de Karkamiš. O facto da produção de “drab ware” cessar com o fim do Bronze Final⁹³, em Tell Afis e Tell Kazel, apenas corrobora a sua relação com a presença da administração local hitita e da circulação dos seus participantes pela região da Síria setentrional e ocidental. Na realidade, Mielke observou que o desenvolvimento da olaria na Anatólia Central Norte no II milénio a.C. estava associada com o desenvolvimento social geral, i.e., a emergência do estado e sociedade hitita. Ao longo do tempo a produção de olaria tornou-se cada vez mais conectada e determinada pelas estruturas administrativas que se

⁹³ Emar e Tell Fray não tiveram ocupação após o seu abandono ou destruição no Bronze Final.

desenvolveram dentro do estado hitita. Devido a esta forte ligação é compreensível que a cerâmica hitita tenha desaparecido com o colapso do estado (MIELKE, 2017, p. 139). Após esse evento a tradição oleira não tem continuação. Uma vez mais, a ausência de vestígios em Ugarit demonstra, como no capítulo 2.2, que a falta de uma directa regulamentação hitita, permanecendo o rei e corte ugarítica no poder, impediu a difusão de aspectos culturais que só se sucedem com a emigração de habitantes anatólicos.

2.3.3. Objectos de prestígio

Há duas categorias a considerar no grupo de pequenos artefactos de prestígio, hititas e sírio-hititas. Exactamente como na questão da glíptica sírio-hititas, a designação refere-se à fusão entre aspectos da arte hitita com a local, embora os objectos se distingam consideravelmente nos aspectos mais formais. Portanto, os artesãos locais, originalmente de Ḫatti ou das cidades sírias, começaram no século XIII a.C. a criar obras de arte a imitar as formas ou a incorporar elementos iconográficos hititas (HELFT, 2010, p. 63).

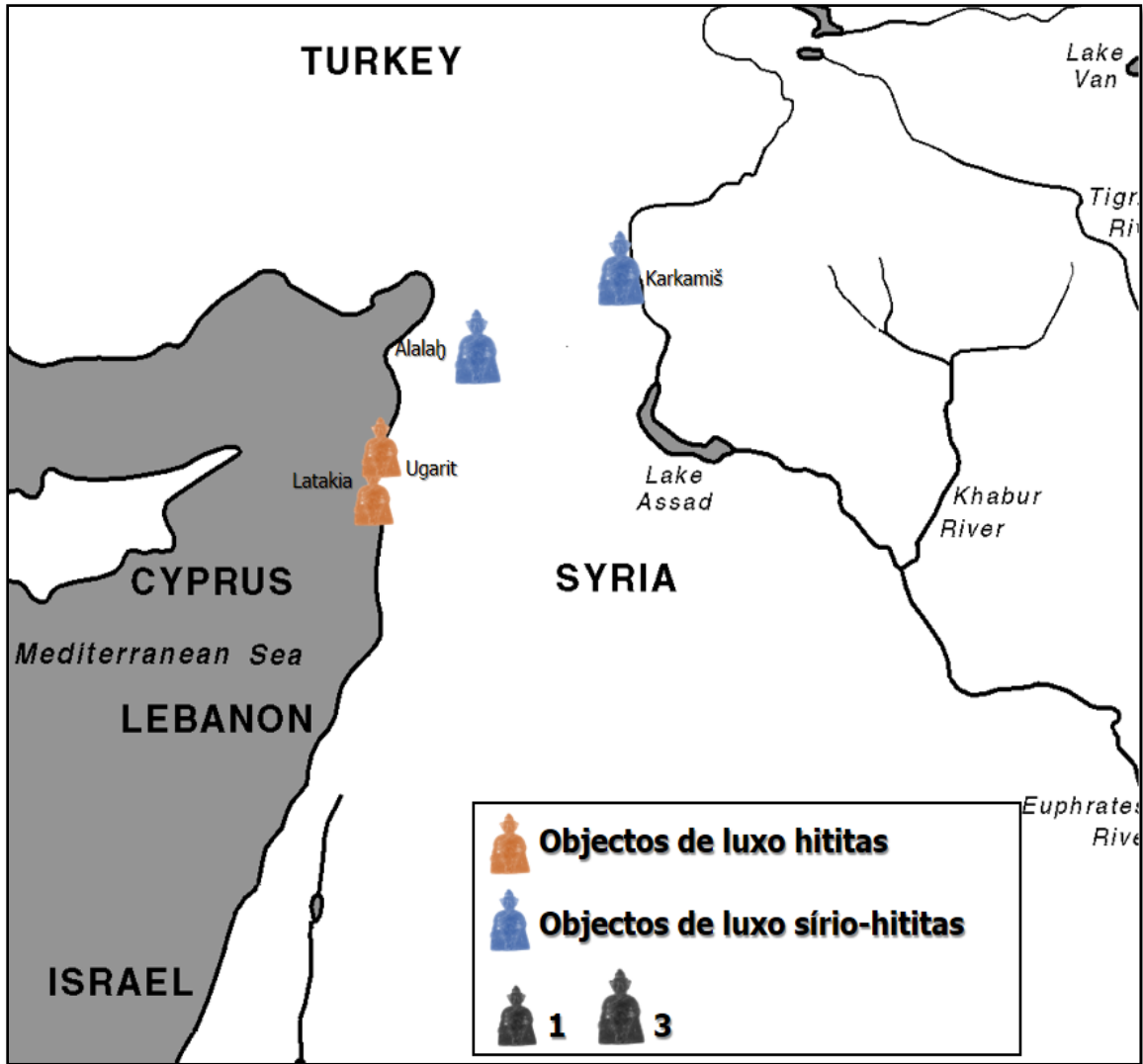


Figura 9 – Mapa de distribuição e número de pequenos objectos de prestígio hititas ou sírio-hititas no território sírio setentrional e ocidental (adaptado de HELFT, 2010).

Um total de 8 pequenos objectos de prestígio foram encontrados nas cidades-estado sírias, sendo que os produtos sírio-hititas provêm essencialmente das cidades de Alalakh e Karkamiš. Na realidade, os centros de produção destes artefactos poderão derivar de uma dessas cidades ou de Aleppo. Porém há razões que levam a considerar que em Karkamiš se encontraria o ateliê principal. Particularmente o caso do estilo “norte sírio”, que persiste nos inícios do I milénio a.C. e propaga-se no crescente Império Assírio. Esse estilo era remanescente da influência hitita e hurrita aquando do milénio anterior, demarcando-se igualmente por não apresentar quaisquer aspectos egípcios. Empregava características típicas

da arte hitita como a figura do touro, o animal associado com o Deus Tempestade sírio do Império Hitita, e o disco solar alado com duas grandes volutas a emoldurar o sol, um aspecto hitita acrescentado ao símbolo adoptado egípcio, que era representativo do título do rei do Ḫatti, “Meu Sol” (WINTER, 1976, p. 26, 44-47).

Este estilo encontra-se retratado na arte de Karkamiš e emergentes cidades neo-hititas (Tell Halaf e Zincirli). Considerando que a conciliação dos aspectos iconográficos hititas com os locais, a qual originou a glíptica sírio-hitita, teve início em Karkamiš e que esse estilo terá sido aplicado para lá da esfera dos instrumentos administrativos, sendo integrado outrossim nas artes aplicadas (eboraria e trabalhos metalúrgicos) e nos elementos escultóricos, é credível supor que a tendência terá sido gerada nas oficinas de arte de Karkamiš e se espalhou para o resto do norte da Síria. As cidades neo-hititas que se encontravam sob a sua influência adoptaram ou prosseguiram com um estilo procedente do período imperial hitita.

Segundo os registos assírios do século IX e VIII a.C., Karkamiš importara presas de marfim que seriam, o mais provável, utilizadas nas oficinas de eboraria para criar peças de arte ou mobiliário em marfim. Algumas das quais saqueadas pelos mesmos assírios, que adoptando o seu estilo nas suas próprias peças de arte, integraram características “norte-sírias” com aspectos hititas (WINTER, 1976, p. 53). Um cenário idêntico verifica-se nalgumas jóias de Nimrud, que apresentam uma técnica semelhante à empregue nas 39 figuras de *cloisonné* de Karkamiš (discutidas mais à frente), o que indica que ourives de Karkamiš terão partido para a cidade assíria junto com o saque realizado aquando da sua queda em 717 a.C. e terão trabalhado para a família real assíria, partilhando o seu conhecimento com os ourives locais. Estes por sua vez terão adoptado técnicas utilizadas já no II milénio a.C. nas oficinas metalúrgicas activas em Karkamiš (MAXWELL-HYSLOP, 1993, p. 298-299).

Esta teoria não implica que apenas o vice-reino de Karkamiš produzisse objectos de prestígio sírio-hititas, dado que Alalah tinha uma forte tradição de eboraria e as peças dessa categoria que se encontraram na cidade calham duas em três ser de marfim. A questão é que o estilo sírio-hitita nas artes aplicadas terá tido início nos ateliês de Karkamiš e, à semelhança da sua propagação para as cidades neo-hititas e conseqüentemente Império Assírio no I

milénio a.C., o mesmo poderá ter ocorrido no território hitita na Síria setentrional e ocidental do II milénio a.C.

Tabela 4 – Objectos de prestígio						
Hititas						
Sítio	Material	Dimensões	Contexto	Datação U.E	Datação estimada	Anexos
Latakia?	Estatueta de bronze	15.5 cm de altura e 3.7 cm de largura de ombros	Comprado	N/A	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 59
Ras Šamra/Ugarit	Estatueta/pingente de electro	2.7 cm de largura e 3.3 cm de altura	Contexto doméstico, SO do templo de Baal, depósito de jóias de ouro, trincheira C, fase I.	s. XIV a.C.	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 70
Sírio-hititas						
Alalaḫ	Estatueta de marfim	7.3 cm de altura	Átrio sudeste do forte norte, “ <i>high up in the soil</i> ” do pavimento de ladrilho, fase II	s. XIII-XII a.C.	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 18
Alalaḫ	Estatueta ou pingente de lápis-lazúli	N/A	Armário no canto norte do anexo sudeste do templo, fase II	s. XIII-XII a.C.	s. XIV-XIII a.C.	Anexos D, nº 19

Alalah	Placa de osso/marfim	6 cm ²	Superfície acima dos destroços do forte, fase II	s. XIII-XII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 20
Karkamiš	39 figuras de esteatite, lápis-lazúli e ouro	Palmeiras – 0.69 cm e 0.75 cm de altura Palmeiras alta – 1.78 cm a 1.95 cm de altura Híbridas – média de altura de 0.8 cm Antropomórficas – 1.2 cm e 1.5 cm de altura	Fossa no canto sudeste da divisão E do forte noroeste da cidade interior de Karkamiš (“Gold Tomb”)	s. VII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 56
Karkamiš	Medalhão de ouro	6.5 cm de diâmetro	Fossa no canto sudeste da divisão E do forte noroeste da cidade interior de Karkamiš (“Gold Tomb”)	s. VII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 57
Karkamiš	Faixa de ouro	3.5 cm de largura	Fossa no canto sudeste da divisão E do forte noroeste da cidade interior de Karkamiš (“Gold Tomb”)	s. VII a.C.	s. XIII a.C.	Anexos D, nº 58

Na categoria de objectos de prestígio hititas apenas constam duas peças que podem realmente ser consideradas importações da Anatólia, embora o nº 59 seja ainda uma questão em aberto. O pingente electro de uma tríade divina em Ugarit enquadra o grupo de pingentes em miniatura divinos encontrados na capital de Ḫatti e nalguns outros locais à volta do Mediterrâneo (nº 70). As duas figuras laterais poderão estar correlacionadas com as divindades em baixo-relevo representadas no santuário de Yazılıkaya e os de Malatya. Existem igualmente paralelos, seguindo a mesma temática da tríade divina, num exemplar de marfim do templo 20 de Ḫattuša e um de prata de Kilise Tepe (fig. 143 e 144, Anexos D) (HELFT, 2010, p. 54; NEVE, 1996, p. 33; SCHAEFFER, 1956, p. 94-95; SYMINGTON, 2001, p. 172).

O artefacto foi recolhido num contexto doméstico, dentro de um depósito de jóias de ouro, igualmente de natureza religiosa, portanto deveria ser apreciado da mesma forma que em Ḫatti, como jóia e amuleto (HELFT, 2010, p. 54; SCHAEFFER, 1956, p. 94).

A segunda peça possivelmente de importação hitita trata-se de uma estatueta de bronze de um guerreiro, o qual apresenta características físicas (orelhas grandes, joelhos em forma de duas ovas concêntricas e penteado numa trança grossa a cair sobre as costas), vestuário e acessórios hititas (brincos redondos, botas baixas e saiote) (nº 59). Embora a manufatura de pequenas estatuetas de deuses guerreiros seja de tradição síria (MÜLLER-KARPE, 2009, p. 177-178).

A adopção de elementos hititas na sua representação indica possivelmente uma manufatura anatólica; teoria reforçada pela semelhança com outro exemplar de Berlim (fig. 126, Anexos D), que se acreditava provir de Boğazköy. Porém, o local de origem dessa estatueta foi erradamente classificado, provindo na realidade de arredores de Sídon. Seeden propõe igualmente que a estatueta comprada em Latakia é na realidade de Tartus, assumindo outrossim que se trata de uma produção norte síria e não hitita. Contudo é impossível discernir sem escavação, quando a estatueta terá chegado a Síria e se será resultado de antigos negócios comerciais ou do comércio de antiguidades num período mais recente (HELFT, 2010, p. 55; MÜLLER-KARPE, 2009, p. 178; SEEDEN, 1980, p. 113).

Outra comparação com uma obra de Anatólia ressalta novamente a conexão do artefacto de Latakia à capital hitita. A estatueta em bronze pode ser observada como uma

versão em miniatura do Deus Guerreiro entalhado em alto-relevo na Porta do Rei em Ḫattuša (fig. 128, Anexos D). Independentemente do seu local de produção, o artefacto é um produto da confluência de tradição anatólica com síria, a questão que permanece é se será um resultado manifestado nas cidades sírias conquistadas ou se se tratará de uma adopção de aspectos artísticos por parte da hegemonia conquistadora (MÜLLER-KARPE, 2009, p. 178).

A categoria de objectos de prestígio sírio-hititas é mais vasta em quantia, contudo, ainda num número reduzido, encontrando-se apenas em duas cidades: Alalaḫ e Karkamiš. A estatueta de marfim de uma criança pubescente nua (nº 18) é uma temática comum hitita e das poucas ocasiões em que se representa nudez. O corpo que se observa não apresenta a anatomia de uma mulher adulta, mas de uma jovem em desenvolvimento, ainda sem os atributos femininos em evidência. Woolley inicialmente considerara que a peça apresentava afinidades com o mundo egípcio, mas na realidade o seu aspecto físico (cabeça e orelhas grandes, nariz e olhos proeminentes) aproxima-se mais da esfera hitita, nomeadamente o penteado em traça ou rabo-de-cavalo a cair-lhe pelas costas. Esta particularidade encontra paralelos na escultura da Antiga Assíria e nas mais antigas estatuetas sumérias em Aššur, tendo sido provavelmente um aspecto artístico transmitido aquando do período colonial assírio (*kārum*) no século XX-XVIII a.C. A estatueta nº 18 assemelha-se igualmente a um outro exemplar do Museu Britânico (BM 38185; fig. 33, Anexos D). Dado que Alalaḫ tem uma forte tradição de eboraria, o artefacto poderá ter sido reproduzido na própria cidade e não se classificar como uma importação (BARNETT, 1939, p. 122; CANBY, 1986, p. 63-64; WOOLLEY, 1955, p. 289).

A segunda estatueta de Alalaḫ trata-se de uma miniatura da divindade Ištar/Šaušga em lápis-lazúli (nº 19). A escultura de deuses em miniatura é característica da arte hitita, conhecendo-se exemplares do século XVIII-XVII a.C., maioritariamente em marfim. Embora seja normalmente representada como uma mulher a evidenciar os seus atributos femininos, o artefacto de Alalaḫ apresenta uma versão mais adulta, plácida, não-provocativa da deusa. Porém, o gesto de abrir o robe, expondo a sua zona púbica, é de cariz sexual e característico das representações da deusa Ištar/Šaušga. A divindade síria foi introduzida na iconografia anatólica aquando do período colonial assírio tendo integrado, ao longo do tempo, algumas características da representação de tradição hurrita (a deusa alada). Eventualmente foi incluída no panteão das divindades hititas, sendo que a imagem de uma

mulher nua ou semidescoberta, com ou sem asas, era quase exclusivamente associada a Ištar/Šaušga. A sua ilustração encontra-se em selos anatólicos (fig. 36⁹⁴ e fig. 37⁹⁵, Anexos D) e noutros artefactos, nomeadamente no molde em terracota encontrado na mesma cidade, numa placa de marfim de Megido e na estatueta de marfim de Nuzi⁹⁶, sendo que a última envereda por uma retratação mais jovem comparativamente à de Alalaḫ, quase andrógena (ALEXANDER, 1991, p. 169-171; MELLINK, 1964, p. 159-160).

O último objecto de prestígio recolhido em Alalaḫ consiste numa placa de osso/marfim que conjuga a iconografia hitita e síria (nº 20). A peça divide-se em quatro secções triangulares, apenas sobrando três da margem esquerda. A sua forma e entalhe em cruz aproximam-se de outro exemplar em terracota de Emar, o que possibilita enquadrar o artefacto no contexto norte sírio (fig. 79, Anexos D). A placa de marfim de Megido (fig. 40, Anexos D) auxilia igualmente no enquadramento apresentando motivos decorativos similares e característicos do repertório iconográfico do Bronze Final na região. Nomeadamente a esfinge dicéfala, uma figura frequente na arte hitita que terá continuado no I milénio a.C, encontrando-se exemplares nos ortóstatos de Karkamiš (fig. 112, Anexos D), Tell Halaf (fig. 42, Anexos D)⁹⁷ e Zincirli (fig. 41, Anexos D)⁹⁸. Em ambos os artefactos, as asas das esfinges são representadas divididas em três segmentos, com a ponta a inclinar-se ligeiramente para dentro, cada fileira de penas retratada por estrias paralelas e com pescoços longos e destacados (ALEXANDER, 1991, p. 163-164; HELFT, 2010, p. 65; YENER, 2013, p. 151).

⁹⁴ Selo do século XVI a.C.. Ilustração da deusa Šaušga, com as suas vestes abertas, defronte a Tešub, ambos sobre touros, combinando os poderes de fertilidade e água (ALEXANDER, 1991, p. 168).

⁹⁵ Selo cilíndrico do Museu de Louvre com a ilustração da deusa Ištar/Šaušga no friso superior, a sua capa puxada para trás das costas, com o corpo descoberto, segurando um vaso com água – de novo o elemento água a enfatizar o simbolismo de fertilidade (ALEXANDER, 1991, p. 170).

⁹⁶ A aparência da estatueta de Nuzi destoa da de Alalaḫ ou da imagem curvilínea de Ištar. Na realidade, o seu corpo não destaca nenhuma característica feminina, aproximando-se mais da representação da estatueta nº 18. No caso de Nuzi, a modelação do corpo feminino deste modo pode ou ser indicativo de traços juvenis e pouco desenvolvidos ou um ênfase deliberado em traços masculinos numa figura feminina. A ambivalência sexual associa-se ao machado que segura na mão direita e ao cinto de soldado sobre o traje provocativo com uma abertura frontal, que incidem na versão militar e guerreira da deusa, em vez da sua vertente sexual. Nos textos religiosos hurritas, Šaušga é mencionada tanto como feminia como masculina (MELLINK, 1964, p. 156 e 160).

⁹⁷ ORTHMANN, Winfried, *Untersuchungen zur späthethischen Kunst*, Bonn: Rudolf Habelt Verlag, 1971, Tafel 11.

⁹⁸ VON LUSCHAN, Felix, “Thorsculpturen von Sendschirli”, in *Mittheilungen aus den Orientalischen Sammlungen, Heft XIII, Ausgrabungen in Sendschirli III*, Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1902, Taf. XLIII.

A esfinge dicéfala pode igualmente ser representada com a coroa divina hitita, de forma cônica e com chifres, aparecendo no triângulo superior da placa de Alalaḫ, na de Megido, assim como nalgumas esculturas de Ḫattuša. Ambas as placas são outrossim assinaladas por um arbusto trifoliado, um motivo fitomórfico comum na arte hitita, utilizado essencialmente como preenchimento do cenário pictórico, à semelhança da roseta, igualmente presente na placa de Megido. A similaridade entre ambos os artefactos poderá ser indicativa de uma produção no mesmo ateliê, talvez Alalaḫ (HELFT, 2010, p. 65; YENER, 2015, p. 151).

A criatura mítica pode também estar relacionada com a deusa do amor e guerra Šaušga, servindo como um atributo e observando-se uma relação de subjugação de animal para divindade no anel de Konya (fig. 39, Anexos D)⁹⁹. A documentação hitita refere-se a uma criatura designada de *awitti* a qual estaria ligada à deusa, possivelmente correspondendo à esfinge dicéfala. Porém, *awitti* não era exclusivo somente de Šaušga. Outras fontes mencionam-no como um atributo da “Divindade Tutelar do Campo” e relatam que durante a cerimónia em honra da deusa Waḫiši, o rei e rainha bebiam de um ríton na forma de *awiti* (ALEXANDER, 1991, p. 165-166; DANNMANVILLE, 1962, p. 123-125; GILIBERT, 2011, p. 44).

Os últimos três artefactos de prestígio sírio-hititas que constam na tabela foram exumados na cidade de Karkamiš, numa fossa funerária da Idade do Ferro, designada de “Gold Thomb”, devido à riqueza do seu depósito. Porém, não é somente o rico tesouro que concede singularidade a esta sepultura, mas igualmente a sua localização no interior da cidade, dado que a necrópole da Idade do Ferro na vizinhança – Yunus – localizava-se a noroeste e apresentava também sepulturas de incineração. Woolley sugere que o enterro tenha sucedido devido a uma situação de cerco, impossibilitando a deslocação para a necrópole. Mais especificamente que remonte ao último cerco de Karkamiš por Nabucodonosor II, altura em que o acesso ao cemitério fora obstruído pelos sitiados. O falecido deveria ser um príncipe da casa de Pisisis, o que explicaria o rico depósito com o qual foi enterrado. A localização do enterro no forte dever-se-ia possivelmente ao dever desse príncipe de comandar as tropas que o estavam a defender, de modo que o ritual de cremação

⁹⁹ Relação observada entre outras divindades, nomeadamente com Tešub e o touro Šarruma e o leão (fig. 43, 44, 45, Anexos D) (ALEXANDER, 1991, p. 165-166; DANNMANVILLE, 1962, p. 123-125)

foi realizado à pressa, o que por sua vez clarificava o uso de uma *krater* doméstica simples que se encontraria à disposição e não de uma peça mais refinada, adequada ao estatuto do falecido. Embora conveniente a especulação de Woolley, a casa de Pisis não terá perdurado no trono de Karkamiš até ao período de Nabucodonosor II. Na realidade, o seu governo durou somente até 717, sendo Pisis deposto por Sargão II por alegadamente conspirar com o rei frígio Midas. As forças assírias invadiram o reino de Karkamiš, despojando-o das suas riquezas e Pisis, junto com a sua família e principais membros da corte, foram transportados para Assíria como prisioneiros. Karkamiš deixou de ser um reino semi-independente, tonando-se então uma província administrada por um governador assírio (BRYCE, 2012, p. 98; WOOLLEY, 1921, p. 68; WOOLLEY, 1955, p. 251).

Dentre o rico depósito funeral recolheram-se embutidos em *cloisonné* de ouro¹⁰⁰ (nº 56), um medalhão (nº 57) e faixa de ouro (nº 58), que apresentam uma clara discrepância iconográfica relativamente à datação da sepultura da Idade do Ferro. A postura e detalhe representados nos embutidos de *cloisonné* encontra os seus paralelos mais próximos na arte do período imperial de Hattuša e seus contemporâneos, do que na tradição neo-hitita patente em Karkamiš. Por esta razão, Güterbock considera duas hipóteses para a sua presença numa sepultura tardia: as peças eram uma “herança” dos vice-reis, primos da família real de Hattuša, depositadas depois na sepultura, ou objectos saqueados obtidos após a queda do império pelos que posteriormente ocuparam a cidade no Eufrates (GÜTERBOCK, 1954, p. 113-114; SEIDL, 1972, p. 41-42)¹⁰¹.

Seidl, por sua vez, crê difícil de conceber que os artefactos de ouro estariam guardados durante vários séculos numa residência privada ou palácio real. Se, durante o período entre a produção e o enterro, as peças preciosas se encontravam acima do solo, estariam possivelmente no templo de uma divindade reconhecida universalmente. Talvez pertencessem ao tesouro de um deus, como por exemplo, conforme observado em Qatna,

¹⁰⁰ A técnica decorativa de *cloisonné* consiste na produção de padrões contornados com um fio metálico (bronze ou cobre), formando compartimentos – os *cloisons* – que serão depois preenchidos com esmalte vidrado colorido. A peça vai a cozer a baixas temperaturas de modo a endurecer o esmalte, sendo a superfície posteriormente alisada e polida com abrasivos. Por fim, os fios metálicos e base são galvanizados com ouro.

¹⁰¹ Hawkins data-las a um período ligeiramente posterior, por volta de 1200 a.C., possivelmente na altura de Kuzi-Tešub, o “Grande Rei” de Karkamiš, ou na época sucedente, c. 1200-1000 a.C. (MAXWELL-HYSLOP, 1993, p. 298-299). Ao passo que Woolley acredita que são contemporâneas ao enterro, seguindo tradições hititas (WOOLLEY, 1955, p. 257).

onde cerca de quatro ou cinco gerações de reis possuíam o tesouro de duas divindades, em meados do II milénio a.C.. A tentativa de pretender explicar a questão do enterro do tesouro no túmulo, o único desse período dentro das muralhas da cidade, acaba por conduzir à especulação (SEIDL, 1972, p. 43).

Não há dúvida, porém, do enquadramento dos embutidos de *cloisonné* e provavelmente do medalhão e faixa de ouro, no período do Bronze Final, considerando a semelhança inquestionável ao baixo-relevo no santuário de Yazılıkaya. Todavia, as figuras retratadas em *cloisonné* aproximam-se mais das representações nas ilustrações dos selos dos vice-reis e funcionários de Karkamiš, contemporâneos de Ḫattušili III e Tudḫaliya IV. Têm em comum as características gerais e proporções. Uma vez que os selos eram praticamente cilíndricos, uma forma que não era utilizada oficialmente no centro de Ḫattuša, mas usual nos vizinhos de leste, assim como no norte da Síria, pode-se assumir que tenham sido manufacturadas em Karkamiš. Portanto, as figuras poderão igualmente ter sido criadas na cidade onde foram enterradas uma centúria depois (SEIDL, 1972, p. 42-43).

A técnica *cloisonné* empregue nas 38 figuras de lápis-lazúli e esteatite, não é desconhecida na Mesopotâmia, tendo sido descoberta pela primeira vez em jóias de ouro no designado “cemitério real de Ur”, i.e. do III milénio a.C.. Consta igualmente em textos sumérios de Ur III (finais do III milénio a.C.). Fazia, como já referido, parte dos inventários de Qatna do II milénio a.C. No Egipto, era uma técnica documentada desde o Antigo Reino, tendo atingido o seu pico aparentemente durante o Reino Médio, e continuado a ser utilizada no Novo Reino. Na realidade, a suposta singularidade das figuras em *cloisonné* de Karkamiš é rivalizada por uma pequena figura de lápis-lazúli de Aššur. Retrata um homem com um barrete cónico, vestindo um saiote, com uma arma numa mão e um coelho na outra e um pássaro a descansar no seu ombro. Foi encontrado num pedestal do templo de Ištar em Aššur, numa unidade estratigráfica correspondente ao período de Tukultī-Ninurta I (século XIII a.C.). A peça integra-se iconograficamente e estilisticamente ao círculo cultural hitita, mas as linhas mais rigorosas e a diferente disposição do braço indicam outro ateliê (SEIDL, 1972, p. 17 e 43).

As 39 figuras recolhidas dispersas no túmulo estavam danificadas por exposição a fogo, tendo inchado numa massa branca amorfa. Deveriam, originalmente, encontrar-se

embutidas numa superfície lisa e podem ser organizadas em três grupos: figuras antropomórficas, fitomórficas e de híbridos animal-humano. Apenas uma figura não é de lápis-lazúli, mas totalmente em folha de ouro, representando uma divindade (SEIDL, 1972, p. 16-17; WOOLLEY, 1955, p. 253).

Embora encontradas separadas umas das outras, as figuras poderiam originalmente estar interligadas na superfície na qual assentariam, criando-se dois grupos: fitomórficos com híbridos e um apenas entre antropomórficos. O possível cenário para o primeiro caso remete ao ladeamento de motivos fitomórficos por criaturas híbridas, algo observado no medalhão de ouro recolhido no mesmo túmulo e em selos hititas (fig. 101, Anexos D). As figuras antropomórficas podem ser organizadas de duas formas. Dado que metade se encontra virada para a direita e outra para a esquerda, desenha-se possivelmente dois cenários. Um no qual se observa duas filas de caminhantes a dirigirem-se uma à outra, o mesmo representado no baixo-relevo de Yazılıkaya. De facto, certas figuras direccionadas para a esquerda correspondem aos deuses enveredados para o mesmo sentido em Yazılıkaya (fig. 104 e 105, Anexos D)¹⁰². E um segundo cenário no qual indivíduos ou grupos estão costas com costas, o que se verifica na faixa de ouro do mesmo túmulo (SEIDL, 1972, p. 40).

A semelhança com as figuras de baixo-relevo de Yazılıkaya¹⁰³ não implica que as peças sejam uma réplica desse cenário, atendendo que as gravuras na rocha apresentam certos tipos de imagens canónicas numa composição singular. O cânone de representação das divindades é que terá proliferado e se universalizado pelas outras cidades do norte e ocidente sírio (WALSER, 1964, p. 128).

O medalhão e faixa de ouro exumados na “Gold Thomb” foram ambos talhados *à jour*. O *design* concêntrico do medalhão e a disposição das criaturas míticas a ladear os motivos fitomórficos aproximam-se de outros exemplares para além dos embutidos de *cloisonné*, como uma taça de ouro¹⁰⁴ e um tampo de mesa de marfim¹⁰⁵ de Ugarit, assim como a taça de bronze de Kinik/Kastamonu (fig. 109, Anexos D). A posição antitética entre

¹⁰² BITTEL, Kurt et al., *Das Hethitische Felsheiligtum Yazilikaya*, Berlim: Gerb. Mann Verlag, 1975, Tafel 57.

¹⁰³ Nomeadamente a peça nº 5 e 12 representativas possivelmente de Šaušga.

¹⁰⁴ SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, *Ugaritica II*, (Mission de Ras Shamra, t. 5), Paris: P. Geuthner, 1949, pp. 23-29; Pl. II-V; VIII.

¹⁰⁵ FELDMAN, Marian H., *Diplomacy by design: Luxury arts and an international style in the ancient Near East, 1400-1200 BCE*, Chicago: University of Chicago Press, 2006, fig. 34.

as figuras antropomórficas da faixa de ouro é igualmente representada em impressões de selos de Ugarit assim como na já referida glíptica sírio-hitita (fig. 78, Anexos D). Os arbustos trifoliados observados nas placas de marfim de Alalah (nº 20) e de Megido (fig. 40, Anexos D), são do mesmo modo utilizados como motivos de preenchimento. A cena representada poderá também retratar uma procissão, à semelhança das figuras de *cloisonné* e do baixo-relevo de Yazılıkaya (HELFT, 2010, p. 64; SEIDL, 1972, p. 40; WOOLLEY, 1955, p. 252).

A razão para o número diminuto de artefactos de prestígio hititas e, não tanto, mas ainda pouco, de sírio-hititas, deve-se possivelmente à adopção da “arte internacional”¹⁰⁶ na Síria setentrional e ocidental, em oposição às tradições iconográficas hititas. Em Karkamiš, que como já se verificou possivelmente tratar-se-ia do ateliê principal da Síria hitita, o idioma artístico do Bronze Final era caracteristicamente híbrido, combinando o repertório imaginário do Império Hitita com as tradições hurritas e mitanianas, assim como com as tendências da “arte internacional” do Levante e Mesopotâmia setentrional. Na realidade, esse cenário é igualmente observado na capital hitita, sendo os seus produtos de prestígio um resultado outrossim da “arte internacional” (CAUBET, 2013, p. 451-452; GILBERT, 2011, p. 117). Por isso, talvez explicar-se-á o maior número de peças sírio-hititas, que como a glíptica, deveriam ser melhor adoptadas pela elite local, devido ao factor comum. O que também poderá explicar a frequente representação da deusa Šaušga, não apenas pela sua importância no panteão hitita, mas pela sua origem mesopotâmica, com inclusões de tradição hurrita, em oposição a divindades originalmente hititas.

Os artefactos discutidos são essencialmente manufacturados a partir de matérias nobres. O segmento da sociedade que patrocinava este estilo de arte com adopções da iconografia hitita, deveria, portanto, ser abastado, ou seja, pertenceriam à elite. O que corresponde igualmente ao contexto arqueológico donde as peças foram recolhidas (templos, palácios/fortes e depósitos de ouro), mesmo no caso da fossa de Karkamiš, que devido à sua exclusividade e riqueza, teria de pertencer a um indivíduo abastado (HELFT, 2010, p. 65).

¹⁰⁶ A denominação “arte internacional” é usada para designar a presença de um grande número de artefactos semelhantes numa extensa área geográfica (basicamente por todo Levante, incluindo a costa de Síria e Palestina, Chipre e o interior de Síria).

2.4. Estelas e Ortóstatos

A iconografia hitita ou a sua fusão com elementos sírios não se manifesta somente em objectos realizados em matérias nobres, destacando-se uma excepção na pequena estela calcária de Emar (fig. 76, Anexos D). Da peça resta apenas a secção superior partida, na qual se representa, em estilo de grafite grosseiro, um deus a usar a coroa divina hitita com chifres por debaixo de um disco solar alado, enquanto na sua mão esquerda segura um pássaro. O estilo de entalhe, rude e superficial, com linhas grosseiras não corresponde com os exemplares hititas, porém a retratação fisionómica da divindade incorpora aspectos já referidos como indicadores da arte hitita, como orelhas grandes, olhos proeminentes e lábios cerrados. O gesto da mão dobrada com um pássaro a pousar no punho é outrossim uma característica comum hitita já observada no molde de terracota de Šaušga de Alalaḫ (nº 17); no embutido de *cloisonné* nº 8 de uma divindade desconhecida da “Gold Thomb” de Karkamiš e no selo nº 83 de Tilbešar. Uma das representações mais populares da “Divindade Tutelar do Campo” na arte em relevo hitita consiste na imagem do deus sobre um veado, a segurar uma arma numa mão e uma ave de rapina e lebre na outra. Iconograficamente esta retratação evoca a figura de lápis-lazúli do templo de Ištar de Aššur mencionada no capítulo anterior. A imagem da estela parece inspirar-se na glíptica sírio-hitita e terá resultado possivelmente na reprodução da iconografia dos selos (BEYER, 1982, p. 13, fig. 15; HELFT, 2010, p. 65; COLLINS, 2007, p. 175-176).

Em Ugarit, a influência hitita na produção artística é difícil de determinar com precisão. Na estela RS 2.037 figuram as botas anatólicas com extremidades recurvadas no lugar dos dedos. Todavia, no que respeita à representação do deus Ba'al certos aspectos coincidem com a sua versão hitita no deus Tešub, nomeadamente os saiotes que enverga, as espadas com pomo em lua crescente no cinto e o cabelo a cair pelas costas. A iconografia não advém directamente de tradição hitita, na realidade as várias representações de Tešub no mundo de Ḫatti, assim como a sua própria integração no panteão, são o resultado do contacto com o mundo hurrita e sírio-levantino. Consequentemente, o produto de Ba'al reproduzido em Ugarit é igualmente resultado do elemento hurrita adoptado pelo Império Hitita e transmitido para si. Mesmo nos mitos ugaríticos, encontram-se paralelos relativamente à

ascensão do deus Ba'al a chefe do panteão com a de Tešub no panteão hitita. A iconografia em comum atesta um conceito semelhante do divino – como já se tinha reparado no que diz respeito às armas divinas –, reflectido igualmente na mitologia (HELFT, 2010, p. 65-66; BONATZ, 2007, p. 3-4; GREEN, 2003, p. 188-189).

A iconografia hitita foi igualmente aplicada em projectos arquitectónicos, seja na decoração de templos ou na entrada das cidades, na forma de representações em baixo-relevo em ortóstatos. Em certos aspectos, à semelhança da glíptica sírio-hitita criada pelos vice-reis de Karkamiš de forma a introduzir a nova hegemonia de Ḫatti no território sírio, a iconografia retratada nos ortóstatos servia igualmente como veículo de afirmação de poderio nas cidades conquistadas. Curiosamente, a maioria das representações ou inscrições hieroglíficas fora da pátria hitita, são de altos funcionários, príncipes ou reis locais e não da principal linhagem dinástica de Ḫattuša. Contrariamente à transmissão do epíteto real de “Meu Sol”, correspondente ao Grande Rei hitita na glíptica sírio-hitita, o que se observa é uma emulação, pelos regentes locais, dessa estratégia propagandística do poder central, de modo a engrandecer o seu próprio estatuto *vis-à-vis* os concorrentes locais e, por vezes até, da própria autoridade imperial. Nos dois casos que serão abordados, nomeadamente Alalaḫ e Alepo, o uso de elementos da iconografia hitita não se relaciona tanto a questão de rivalidade, mas de integração numa das principais estruturas da cidade, os templos; transmitindo igualmente uma clara mensagem de poderio à população local, ademais a associação da administração hitita com o centro da religião local (GLATZ, 2008, p. 310-312; YENER, 2017, p. 217).

Em Alalaḫ encontrou-se um ortóstato (nº 21) no templo de “Ištar”, fase Ib¹⁰⁷, reutilizado como um degrau entre as esculturas dos leões. A sua representação em baixo-relevo de um casal a realizar com a mão um gesto de adoração, estava escondida com o anverso da peça deitado para baixo. Quando retirada da sua posição, distinguiu-se outra figura retratada na faceta lateral esquerda, um funcionário com o que inicialmente se considerou uma lança, a realizar o mesmo gesto. À frente do indivíduo masculino do casal encontrava-se uma inscrição hieroglífica que se lê: “Tudḫaliya, filho do rei”. Woolley, ao

¹⁰⁷ Para a cronologia desta fase consultar *Tabela I – Síntese da estratigrafia e cronologia de Alalaḫ*, Anexos D.

associar imediatamente essa personagem com o rei hitita Tudḫaliya IV, assumiu que a reutilização do ortóstato como degrau, a ocultar a imagem do rei, era um sinal de desrespeito perante a outrora hegemonia de Ḫatti (WOOLLEY, 1955, p. 241-242; 389).

O ortóstato deverá provir originalmente da fase Ia¹⁰⁸ considerando que o revestimento interior da parede noroeste da *cella* consistia em ortóstatos do mesmo tamanho e com a mesma técnica de escultura. Como o trabalho de escultura era realizado no sítio, o ortóstato nº 21 é produto da oficina local. A técnica de cinzelamento é bastante grosseira e parece que a obra não está finalizada, as figuras demasiado planas à superfície sem se destacarem muito do fundo. Nesse aspecto assemelha-se ao trabalho de Alaca Höyük (WOOLLEY, 1955, p. 86-87; HELFT, 2010, p. 66).

Todavia, como já discutido no capítulo 2.2. relativamente ao documento nº 22, Niedorf realizou uma releitura da inscrição hieroglífica e concluiu que a personagem do Tudḫaliya deveria corresponder a dois outros homónimos referidos em fontes escritas. Segundo a sua correlação de dados, Tudḫaliya era um membro da família real de Ḫattuša, talvez de uma linhagem secundária, e governador de Alalah¹⁰⁹. A figura feminina subsequente apresentava também o título de princesa e foi considerada como a esposa de Tudḫaliya, embora o seu nome fosse ainda desconhecido (NIEDORF, 2002, p. 521-524). Isto é, até à descoberta da *bullā* nº 15, na qual foi possível descodificar o seu nome, princesa Ašnu-Hepa. Tal como os dois documentos em que Niedorf identificou Tudḫaliya, o estilo da *bullā* enquadra-se no período entre finais do século XIV/ inícios do século XIII a.C., correspondente ao reinado de Muršili II; altura em que Tudḫaliya era activo na administração do território sírio (YENER; DINÇOL & PEKER, 2014, p. 136-137).

Bonatz propôs uma outra interpretação quanto ao baixo-relevo do ortóstato. De um ponto de vista iconográfico, a figura masculina do casal, até agora considerada como Tudḫaliya, não apresenta os atributos de um rei, mas os de um vice-rei ou príncipe. Portanto, trata-se de facto de um governador local, mas o seu nome não é Tudḫaliya. Na realidade, a

¹⁰⁸ Para a cronologia desta fase consultar *Tabela I – Síntese da estratigrafia e cronologia de Alalah*, Anexos D.

¹⁰⁹ Hawkins propõe outra leitura “MONS.TU MAGNUS (?) HATTI (?) REX FILIUS” = “Tudḫaliya, Grande Príncipe do Ḫatti”. Admite que os hieróglifos estão demasiado desgastados para se obter uma leitura certa e pressupõe que o título de “Grande Príncipe do Ḫatti” não é literal, mas mais como um título honorífico genérico (HERBORDT, 2005, p. 304, nº 22).

inscrição hieroglífica alude ao Grande Rei hitita Tudḫaliya IV, presente pictograficamente no cenário como objecto de reverência. A esposa e governador local, junto com o seu funcionário, talvez um sacerdote, prestam a sua homenagem ao soberano hitita, realizando um gesto de adoração com a mão perante o seu nome (BONATZ, 2007, p. 131-132). Helft, porém, crê que a explicação de Bonatz é insatisfatória tendo em conta a colocação dos hieróglifos relativamente às figuras e os padrões de representação na maioria dos baixos-relevos hititas (HELFT, 2010, p. 67).

A teoria de Tudḫaliya como governador de Alalaḫ durante o reinado de Muršili II, parece ser a mais apropriada com base nas evidências. Porém, um terceiro factor levantou novas hipóteses quanto ao seu parentesco e posição em Alalaḫ. Uma reanálise do ortóstato permitiu identificar um segundo título, “Grande Sacerdote”. Portanto, para além de governador, Tudḫaliya era igualmente responsável pela regulamentação da esfera religiosa no principado. Encontramos outra personagem portadora do mesmo título no vice-reino de Alepo, Telipinu, filho de Šuppiluliuma I. Dado que não se conhece nenhum registo de um príncipe Tudḫaliya em Ḫattuša ou Karkamiš na altura, provavelmente o homónimo de Alalaḫ descende de Telipinu, partilhando com o seu pai a noção de sacerdote-regente (YENER, DINÇOL & PEKER, 2014, p. 138).

A datação do ortóstato levanta alguns problemas. Acontece que a datação deste género de representações em ortóstatos ou noutros monumentos, cujos protagonistas não são facilmente identificáveis, depende de comparações com nomes próprios em fontes escritas hititas e/ou critérios paleográficos e iconográficos cronologicamente significativos. Induzidos pela aparente proliferação de monumentos imperiais dentro e fora da pátria hitita no último século do Bronze Final, os baixos-relevos de outros indivíduos tendem a ser atribuídos à mesma fase cronológica. Para alguns investigadores esse período recai entre os séculos XIV a.C. – XIII a.C. e para outros, reduz-se somente ao século XIII a.C., com uma distribuição centrada nos reinados de Ḫattušili III e Tudḫaliya IV (GLATZ, 2007, p. 333). Dado que a personagem de Tudḫaliya enquadra-se nos finais do século XIV a.C./inícios do século XIII a.C., o ortóstato nº 21 terá sido comissionado por essa altura. Nesse caso, tratar-se-ia de um dos mais antigos baixos-relevos de hieróglifos lúvios. O contexto arqueológico não ajuda igualmente a esclarecer esta questão, visto que o ortóstato não foi encontrado na sua posição inicial e a datação da fase I do templo é genericamente atribuída a finais do século

XIV a.C./inícios do século XIII a.C., devido ao sincronismo histórico com as fontes escritas referentes a Tudḫaliya. Deste modo é impossível atribuir uma datação consensual ao artefacto (HELFT, 2010, p. 67; YENER, 2013, p. 18).

A lápide com uma inscrição hieroglífica lúvia em Alepo encontra-se reutilizada na parede da mesquita de Al-Qaiqan¹¹⁰ (nº 29, Anexos D). Trata-se de uma dedicatória de Talmi-Šarruma, vice-rei de Alepo, ao templo de Ḫepat e Šarruma, o qual mandou construir. Talmi-Šarruma é filho de Telipinu, contemporâneo do seu tio Muršili II, que o elegeu a vice-rei após a morte do seu pai, e do seu primo Muwatalli II. A lápide deverá ter sido comissionada ainda no tempo de vida de Talmi-Šarruma e, à semelhança do ortóstato de Alalaḫ, enquadrar-se-á nos finais do século XIV a.C./ inícios do século XIII a.C., aproximadamente entre os reinados de Muršili II e Muwatalli II. Ambas as peças correspondem, assim, aos exemplares mais antigos do uso de hieróglifos lúvios em monumentos. Por conseguinte, a presença da lápide em Alepo comprava que escribas lúvios (Aki-Tešub) e talvez pedreiros já eram activos na cidade durante a Idade do Bronze (HELFT, 2010, p. 68; WENER, 1991, p. 50-51)

A inscrição nº 29, assim como os vários ortóstatos com baixos-relevos hititas encontrados pela cidadela de Alepo em 1930, deverão pertencer ao templo do Deus Tempestade¹¹¹ localizado na colina da cidadela, aquando da sua reformulação no Bronze Final. As fundações do templo remontam ao Bronze Médio (finais do III milénio a.C./ inícios do II milénio a.C.), assentando sobre um predecessor do Bronze Inicial (meados do III milénio a.C.). Após um incêndio que reduziu a estrutura a cinzas, deu-se início à segunda fase de construção, possivelmente entre o século XI/X a.C.¹¹², seguindo a mesma planta que

¹¹⁰ De acordo com os investigadores do século XX, o degrau de entrada de uma das casas medievais a noroeste da mesquita, consistia num bloco de basalto com traços de hieróglifos lúvios. Contudo, não foram realizados registos da peça (GELB, 1939, p. 9).

¹¹¹ A inscrição menciona um templo dedicado a Ḫepat-Šarruma não ao deus Tešub. Contudo, com as várias remodelações que terá sofrido ao longo da Idade do Bronze e Idade do Ferro, Talmi-Šarruma poderá ter mudado a divindade tutelar do templo. O seu pai Telipinu fora sacerdote em Kizzuwatna ao serviço de Ḫepat e Šarruma. Ao associar este casal com as duas versões do deus tempestade, Adad-Tešub, Talmi-Šarruma reproduziu a tríade de Kizzuwatna e realçou a sua conexão com o culto hurrita seguido pelos seus súbditos sírios (LAROUCHE, 1956, p. 137-138). Observa-se o mesmo em Karkamiš com a deusa Kubaba (ver capítulo 2.1.1. p. 40)

¹¹² Inicialmente, segundo a comparação entre os baixos-relevos de Alepo com os monumentos contemporâneos de Zincirli e ‘Ain Dārā, a datação para a segunda fase de construção parecia enquadrar-se no século X a.C. Contudo, após a análise da paleografia da inscrição do rei Taita [ALEPPO 6], Hawkins crê que

o templo do Bronze Médio. Porém, Kohlmeyer acredita que alguns dos ortóstatos que restam poderão pertencer a um esquema decorativo do Bronze Final, em vez de uma reconstrução do milénio seguinte. A sul da nova parede norte – construída com blocos reutilizados das paredes sul, oeste e este do templo anterior –, ergueu-se uma plataforma com decoração em baixo-relevo na parte da frente, a qual os arqueólogos designaram de “*pedestal wall*”. Três ortóstatos integrantes dessa ornamentação foram encontrados ainda *in situ*, apresentando orifícios de cavilha redondos, uma técnica construtiva exclusiva do II milénio a.C.¹¹³ (fig. 58, Anexos D). A sua inclusão interrompia uma sequência de baixos-relevos da última fase de remodelações, datável do século X a.C., sendo que as suas superfícies tinham sido alisadas para possivelmente receberem novas gravuras. As representações em baixo-relevo dos três ortóstatos consistem na figura do deus-Montanha, Šarruma, divindade tutelar do vice-rei de Alepo, e de duas criaturas híbridas, a esfinge dicéfala com a coroa divina hitita e uma outra criatura com corpo de leão, cabeça de pássaro e uma segunda cabeça pequena de cobra a sair-lhe do peito (fig. 59 e 60, Anexos D). O *design* destas figuras coincide com o estilo sírio-hitita já discutido no capítulo anterior (ver: capítulo 2.3.3.). Os ortóstatos das paredes das *cella* sul, oeste e este inclui baixos-relevos de “janelas falsas”¹¹⁴, cujo padrão reticular e com espirais assemelha-se às representações de altares portáteis na forma de modelos de casas hititas (fig. 63 e 64, Anexos D), e dois homens-touro análogos aos retratados na placa de marfim de Megido, com barbas e caracóis similares (fig. 61, Anexos D) (KOHLMEYER, 2009, p. 194-195).

Helft discorda com a posição de Kohlmeyer em atribuir estes ortóstatos ao Bronze Final, explicando que estilisticamente as figuras aproximam-se mais dos exemplares de Malatya e Karkamiš que, apesar de retirarem inspiração da iconografia hitita, são resultados do estilo “norte sírio” (ver capítulo 2.3.3.). Uma reavaliação dos pormenores físicos das

a datação poderá ser ligeiramente mais antiga que o pensado (HAWKINS, 2009, p. 170-171; HELFT, 2010, p. 68, nota 131).

¹¹³ Este tipo de orifícios de cavilha redondos no topo dos blocos de pedra verificam-se numa vasta área, desde o sudeste da Anatólia ao norte da Síria, em locais como Tilmen Höyük, Alalah e Hattuša. Na Idade do Ferro a prática corrente eram os orifícios de cavilha/ encaixe rectangulares, como demonstrado pelos vários exemplares de Karkamiš, Zincirli e Sakçegözü. Não existem orifícios de cavilha redondos em blocos de construção – com ou sem baixo-relevo – que pertençam definitivamente à Idade do Ferro (ÖZYAR, 1998, p. 636).

¹¹⁴ Talvez o recurso a representar as janelas em ortóstatos deve-se à dificuldade em instalar verdadeiros exemplares no templo preexistente (KOHLMEYER, 2009, p. 192).

figuras, nomeadamente os penteados, o detalhe dos joelhos e dos lóbulos das orelhas indica que os ortóstatos de Alepo originam de dois ateliês de escultura diferentes, um adepto do estilo hitita, outro de influências aramaicas e assírias; pertencendo a maioria das obras ao reinado de Taita (século XI a.C.). Existe apenas uma exceção para Helft que poderá corresponder a um ortóstato remanescente do Bronze Final e que segue a tradição hitita. A figura encontra-se na mesma posição activa que o Deus Guerreiro na jamba da Porta do Rei, com um pé avançado; usa o mesmo género de indumentária, o saiote com bandas verticais paralelas e duas horizontais na bainha, assim como o cinto enfaixado com uma espada à cintura. A sua fisionomia, olhos e orelhas grandes, lábios cerrados e maxilar quadrado coincidem com as características hititas (fig. 65, Anexos D). O contexto arqueológico deste ortóstato, num fosso por detrás da parede norte, sugere igualmente que pertenceria a um período anterior, mais antigo que os das outras peças (HELFT, 2010, p. 69).

O templo neo-hitita de ‘Ain Dārā apresenta uma decoração semelhante ao de Alepo, partilhando aspectos iconográficos de inspiração hitita. Destaca-se particularmente as retratações dos deuses-montanha, que se encontram na *antecella* e no pódio dentro da *cella*. A cabeça e torço da divindade são representados de frente enquanto os pés e a saia comprida com pequenos montes paralelos, a simbolizar montanhas, aparecem de perfil. No pódio, o deus-montanha encontra-se em filas alternadas com criaturas de cabeça de leão ou águia ou homens-touro (fig. 62, Anexos D). Este tipo de retrato da divindade é característico da arte do Império Hitita. Observa-se na câmara A de Yazılıkaya, tanto como um deus independente numa fila de divindades masculinas, como um deus súbdito a transportar Tešub. As “falsas janelas” de Alepo constatam-se outrossim dentro da *antecella* de ‘Ain Dārā (fig. 63, Anexos D) e o baixo-relevo de Šaušga/Ištar, com a sua característica nudez da cintura para baixo, encontra os seus melhores paralelos na câmara A de Yazılıkaya e na porta do leão em Malatya, desta vez armada. Embora menos agressiva que as outras duas representações, a Šaušga/Ištar de ‘Ain Dārā combina a faceta guerreira da deusa com a sua natureza amorosa e sexual. No geral, os ortóstatos do templo neo-hitita aproximam-se bastante do imaginário do mundo hitita, podendo possivelmente enquadrar-se, segundo Novák, entre 1250-1100 a.C., concomitante ao de Alepo (NOVÁK, 2012, p. 48-50).

Os três exemplares de templos mencionados, Alalaḫ, Alepo e ‘Ain Dārā, têm em comum a sua decoração iconográfica de tradição hitita, com hieróglifos lúvios, em estruturas

arquitectónicas de estilo sírio¹¹⁵. Esta prática irá se prolongar durante a Idade do Ferro Inicial, com cidades neo-hititas emergentes a decorarem os seus monumentos, portões e muralhas com arte do estilo “norte sírio”. Os patronos destas obras eram claramente os governantes hititas, como Tudḫaliya e Talmi-Šarruma, numa tentativa de se imiscuírem numa das estruturas essenciais da vida local, os templos, transmitindo uma mensagem de poder e legitimando a sua soberania ao associarem-se com as divindades tutelares da cidade. O exemplo de Tudḫaliya foi aparentemente seguido pelos seus sucessores em Alalah, continuando a administração hitita a relacionar-se com o templo, dado que o selo do governante Paluwa (nº 3) foi igualmente exumado nesse edifício, face Ic. Na sua posição como Grande Sacerdote, dever-se-á também possivelmente a Tudḫaliya a prática de rituais hititas, explicando a ocorrência de cerâmicas votivas nas circunscrições do templo (HELFT, 2010, p. 71-72; YENER, 2017, p. 217).

O recurso à iconografia hitita e a hieróglifos lúvios como veículo de legitimação e afirmação de poder foi adoptado igualmente pelos reis de Karkamiš, aquando da sua ascendência como potência da Síria setentrional, com a queda do Império Hitita nos inícios da Idade do Ferro. Os vice-reis de Karkamiš reivindicaram as pretensões titulares e imperiais dos seus soberanos hititas, assim como um território relativamente vasto, estendendo-se até norte de Malatya. A maioria dos investigadores considera que nenhum dos ortóstatos com representações em baixo-relevo remonta ao II milénio a.C., enquadrando-os no período entre o século X a.C.-VIII a.C. (GÜTERBOCK, 1954, p. 104-107; HAWKINS, 1972, p. 106; MALLOWAN, 1972, p. 64; ORTHMANN, 1971, p. 133-136, 148, 459-461; USSISHKIN, 1967, p. 191-192)¹¹⁶. Contudo, alguns dos aspectos técnicos empregues nestas obras, assim como certas figuras iconográficas, remontam de facto ao II milénio a.C. Como por exemplo, o *Water Gate*, integrante do sistema fortificado da cidade interior, localizado a leste, permitindo passagem para o rio Eufrates (fig. 123, Anexos D). O portão está em conformidade com que o foi descrito como um típico portão sírio do II milénio a.C., porém, tendo sido reconstruído pelo menos uma vez, senão várias, antes do I milénio a.C. As diversas

¹¹⁵ O templo de ‘Ain Dārā corresponde ao tipo de *in antis*, um género de construção comum no Levante setentrional e Mesopotâmia setentrional, mas sem exemplares na Anatólia Central (NOVÁK, 2012, p. 46-48).

¹¹⁶ Em termos de cronologia, a subdivisão criada por Orthmann é a mais geralmente aceite. Com base nos baixos-relevos de Karkamiš e Zincirli, elaborou três fases estilísticas: “Späthethitisch I” (c. 1200-1000 a.C.); “Späthethitisch II” (c. 1000-850 a.C.); “Späthethitisch III” (c. 850-700 a.C.); sendo que a maioria das obras de Karkamiš se enquadram na fase II e III, com algumas excepções da fase I (ORTHMANN, 1971, p. 133-136).

remodelações a que esteve sujeito terão resultado numa amálgama de materiais de diferentes épocas, sendo possível que certos ortóstatos correspondam a reutilizações do milénio anterior. Os ortóstatos com baixos-relevos mais antigos do *Water Gate* consistem primordialmente de imagística animal com valores simbólicos: touros (fig. 114 e 115, Anexos D), homem-touro (fig. 116, Anexos D), leões (naturalistas ou alados) (fig. 114 e 117, Anexos D) e esfinges (fig. 113, Anexos D); e dois cenários de culto: uma libação defronte ao Deus Tempestade (fig. 118, Anexos D) e um banquete cerimonial da realeza acompanhado por música (fig. 119, Anexos D). O *design* das figuras animais obedece aos princípios da iconografia de tradição hurrita-hitita do século XIII a.C., aproximando-se dos exemplares de ‘Ain Dara, Malatya e, a um menor grau, Alepo. O facto de dois ortóstatos apresentarem actividades cultuais pode ser indicativo de que os cenários ilustrados terão ocorrido no próprio portão – para as divindades que protegem a cidade – ou de algum modo estarão relacionados com o mesmo. A realização de rituais nas entradas da cidade é um fenómeno generalizado e característico da cultura hitita na Idade do Bronze, sendo que as melhores fontes para compreender estas duas peças se encontram na tradição do Império Hitita. A representação do Deus Tempestade a entrar numa carruagem puxada por um par de touros no cenário da libação é uma imagem familiar no universo religioso da Anatólia do Bronze Final; como se atesta no baixo-relevo de um vaso de prata em forma de punho, no qual o rei hitita oferece uma libação defronte ao Deus Tempestade, o qual está a segurar as rédeas do touro. No que respeita ao banquete, o cenário corresponde à descrição de fontes escritas de cerimónias de oferendas, as quais constituem a parte mais importante dos rituais realizados pelos reis durante os festivais de culto (GILIBERT, 2011, p. 115-117; ÖZYAR, 1998, p. 634-635).

Em termos de técnicas de construção, os 6 ortóstatos mencionados fazem parte da peanha da parede sul do portão. A superestrutura de adobe começa acima do nível dos blocos de pedra. Este é o sistema de construção tradicional anatólico, conhecido em Alaca Höyük e Hattuša (ÖZYAR, 1998, p. 635).

Outro caso de ortóstatos reutilizados concerne os vários exemplares com representações de homens-touro, particularmente um no qual a criatura híbrida segura uma planta que se assemelha a duas flores de lótus descaídas (fig. 120, Anexos D). A melhor comparação para esta ilustração remonta à iconografia mitaniana de meados do II milénio

a.C., embora o homem-touro pertença ao mundo mitológico anatólico, pelo menos, desde o início do II milénio a.C. Nenhum dos ortóstatos com baixos-relevos de homens-touro foram encontrados *in situ* e na realidade alguns exemplares terão possivelmente sido reutilizados como elementos estruturais no muro sudeste do *Hilani*, em vez de revestimento das paredes como decoração interior. Apresentam também os orifícios de cavilha redondos que, como já foi discutido para a situação de Aleppo, é uma técnica que reporta ao II milénio a.C. (fig. 121, Anexos D) (ver nota 113). Identifica-se, por fim, mais uma circunstância de possível reutilização na *ProceSSIONal Entry*, uma das fachadas do complexo *King's Gate*¹¹⁷ (fig. 123, Anexos D). Neste mural representa-se uma procissão de 15 sacerdotes seguidos pelos animais para o sacrifício. O séquito religioso era liderado pela divindade retratada no painel lateral do primeiro ortóstato que, comparativamente ao resto dos blocos, foi esculpido de um diferente tipo de pedra calcária. Os três sacerdotes presentes nessa peça têm os seus braços escondidos dentro do véu, sendo apenas a mão visível, enquanto nos restantes ortóstatos o braço esquerdo dos sacerdotes estende-se, de uma forma pouco natural, à altura dos seus cintos (fig. 122, Anexos D). Aparentemente, o primeiro baixo-relevo serviu de modelo para os restantes sacerdotes esculpidos, embora com menos primor, como se verifica pela posição inábil dos braços. Se de facto o primeiro ortóstato foi reutilizado, pode-se sugerir que o edifício anterior fora decorado com uma procissão semelhante e este bloco de pedra que restou foi incorporado na restauração da fachada (ÖZYAR, 1998, p. 635-637).

¹¹⁷ Portão de uma câmara a ligar o sector da cidade interior com o centro cerimonial da cidade (GILIBERT, 2011, p. 41).

Conclusão

A. Controlo efectivo e emulação da elite

Após a apresentação e análise do repertório dos textos e cultura material hitita no território da Síria setentrional e ocidental verifica-se que, de facto, como afirmado no início desta dissertação, este compõe-se essencialmente de instrumentos do quadro administrativo. A circulação de funcionários, sejam emissários de Hatti ou indivíduos da população local semita/hurrita, mercadores hititas e residentes privados nas cidades vassalas, originou uma nova estirpe moldada pela emulação da cultura hitita. Este fenómeno verifica-se principalmente com a adopção do selo de estampa, diferente do tradicional selo cilíndrico mesopotâmico, pelos funcionários hurritas e semitas integrados no sistema administrativo, e mesmo por habitantes das cidades sírias, numa possível tentativa de imitar os seus vizinhos hititas. Em Alalah todas as impressões de selos correspondentes aos últimos níveis de ocupação são estampas hititas. Em Emar a maioria das impressões eram realizadas com selos cilíndricos sírio-hititas, pertencentes a escribas aderentes à escrita sírio-hitita, ou seja, aos que trabalhavam maioritariamente para o “Templo do Profeta” e, por sua vez, mais proximamente relacionados com o vice-reino de Karkamiš, donde se desenvolveu essa variante glíptica.

O número elevado de selos hititas, as suas impressões em tabuinhas cuneiformes e *bullae* comparativamente ao achado diminuto de outro género de materiais não integrantes do mundo administrativo, induziu inicialmente o pensamento de que os hititas não teriam intenções de aculturar os seus súbditos sírios. Genz (2006; 2011) comparou o cenário que observou no Levante setentrional com o meridional e constatou uma clara diferença entre a cultura material egípcia (edifícios de construção tradicional egípcia; cerâmica ou modelos de cerâmica egípcia; objectos de artesanato egípcios importados e manufacturações locais idênticas, numerosas estelas e baixos relevos; selos...) e a cultural material hitita, que se resumia, a seu ver, a instrumentos administrativos. Uma questão de maior aceitabilidade de uma cultura alóctone no território a sul comparativamente ao do norte não parecia ser a razão,

rejeitando-se igualmente a questão cronológica – i.e. os egípcios ocuparam Canaã durante um período ligeiramente mais extensivo que os hititas no território a norte; porém a influência egípcia é visível logo na XVIIIª Dinastia¹¹⁸, no início da ocupação. Portanto, Genz concluiu que os hititas, ao contrário dos egípcios, simplesmente não estavam interessados em aculturar os seus súbditos sírios. Embora as duas potências praticassem formas de governo semelhantes, baseadas em contratos de vassalagem com os príncipes locais, com apenas um número limitado de funcionários administrativos e guarnição militar a exercer controlo sobre os territórios conquistados, nota-se, contudo, uma adaptação diferente. Para Genz, essa diferença encontra-se na incorporação da classe alta cananea no mundo egípcio. Nomeadamente na educação egípcia que os filhos dos vassalos recebiam na corte do faraó. Estas acções não se verificam no domínio hitita. Ao menos não explicitamente redigido e imposto como uma obrigatoriedade nos tratados que realizavam com os reis locais (GENZ, 2006, p. 503-505).

De facto, a estratégia de implantação hitita na Síria setentrional e ocidental difere da incorporada pelos seus vizinhos egípcios a sul. O sistema imperial egípcio é classificado como “imperialismo formal”, que se caracteriza pelo aquartelamento de guarnições militares nos fortes das cidades – cuja existência em território sírio de domínio hitita ainda não foi confirmada – e funcionários administrativos egípcios em várias “residências de governadores” em Canaã. Acresce-se ainda o modelo de emulação de elite. Com o decorrer do tempo, vários membros da elite local começaram a adoptar a cultura, o que presumivelmente iria promover o seu estatuto aos olhos da própria população assim como da burocracia faraónica. No Levante meridional contam-se, pelo menos, cinco centros administrativos de estilo egípcio e as suas contrapartes no território setentrional hitita poderão possivelmente corresponder a Karkamiš e talvez Alepo. Contudo, os funcionários hititas, na maioria dos casos, integravam-se no padrão local de administração, em vez de se isolarem em novos centros administrativos dirigidos por membros da sociedade hegemónica e a sua elite local “egiptizada”. Basicamente, tentavam não alterar drasticamente o tecido social e respeitar as normas consuetudinárias das comunidades locais. Um bom exemplo da natureza do governo hitita em território sírio é a criação da glíptica sírio-hitita. Em vez da

¹¹⁸ 1552/1550 – 1306 a.C. (KUHRT, 2000, p. 215-225).

exclusiva utilização de selos de estampa, realizou-se a adaptação de um aspecto cultural anatólico, a iconografia representada nos selos, nos selos cilíndricos, um aspecto cultural mesopotâmico. Portanto, observa-se um contrabalanço no qual os soberanos “estrangeiros” adoptam um objecto de tradição síria e os vassallos, por sua vez, elementos iconográficos e uma escrita alóctone da nova hegemonia (HELFT, 2010, p. 192-192; 200-202; HIGGINBOTHAM, 2000, 136-138; KILLIBREW 2005, p. 81; MORA, 2010, p. 167).

Portanto, o controlo efectivo que os hititas exercitaram na Síria setentrional e ocidental teve consequências diferentes, o que não exclui completamente a hipótese da emulação de elite ou de aculturação. Na realidade, retornando à questão da educação egípcia oferecida aos filhos dos vassallos de Canaã, três situações semelhantes foram apresentadas no capítulo 2.1., com a presença dos príncipes Eḫli-Šarruma, Ari-Šarruma e Šaušgamuwa em Ḫattuša, a desempenharem cargos na corte hitita *a priori* a sua subida ao trono como reis vassallos. Embora numa altura mais tardia da sua vida, Bentešina deveria também ser incluído nesta lista, contanto que a sua estadia na corte de Ḫattušili III em Hapkiš serviu também como um processo de aculturação, transmitindo para a sua prole e tornando o reino de Amurru mais susceptível à influência hitita.

B. Propaganda da realeza e controlo do culto local

Outra categoria de objectos que demonstra o fenómeno da emulação da elite local são os objectos de prestígio sírio-hititas, com os centros de produção em Alalah e Karkamiš. Embora poucos, estes artefactos, à semelhança da glíptica sírio-hitita, servem de veículo para atenuar a disparidade entre a sociedade local e a hegemonia hitita, encontrando um ponto em comum na tradição iconográfica e figuras divinas que ambas regiões herdaram da Mesopotâmia, no Bronze Antigo e Médio, e do mundo hurrita. Este elo comum na arte e no sincronismo entre divindades observa-se igualmente na decoração das armas. A realeza hitita estava intimamente ligada ao divino, como se observa com a “personagem coroada com o sol alado” na glíptica sírio-hitita, representativa do epíteto real “Meu Sol”, e na associação das armas e da sua iconografia como um símbolo do rei e da sua religião. Isto posto, será que

a acção de distribuição do imaginário do mundo divino hitita estaria relacionada apenas com a assertividade do poder hegemónico¹¹⁹ ou poderá ser interpretada como uma implantação do culto imperial nas cidades sob domínio de Ḫatti?

Não existem grandes indicações de que a população local tenha adoptado o culto de divindades hititas, abandonando os seus deuses de tradição semita ou hurrita. A presença de textos divinatórios em Alalah (assim como a cerâmica votiva) e Emar parecem indicar a realização de rituais de tradição hitita, mas não indicam se a população local tomaria parte nessas actividades. Já repáramos ao longo da dissertação que as autoridades hititas eram bastante tolerantes no que respeitava o culto local e aproveitavam-se desse aspecto para se integrarem na sociedade síria, legitimando o seu poder ao se associarem com o seu mundo religioso (ex: príncipe Tudḫaliya de Alalah ao inserir a sua imagem no templo de Ištar; Talmi-Šarruma a introduzir o casal hurrita Ḫebat-Šarruma no templo de Alepo; a associação dos vice-reis de Karkamiš com a deusa tutelar da cidade, Kubaba...). Deste modo, verifica-se que os hititas não impuseram um imperialismo religioso, ao contrário dos assírios que, pelo menos em teoria, subjugarão o seu império ao culto do deus Aššur¹²⁰. Da parte da administração hitita, não existia qualquer tipo de reservas quanto à incorporação de elementos religiosos estrangeiros; a religião não era um *instrumentum regni* aplicado nos reinos vassalos (ARCHI, 2014, p. 159).

Todavia, cerca de 75% do *corpus* dos selos cilíndricos de Emar compreende um cenário com claras conotações ideológicas: a figura do Grande Rei hitita coroado com o disco solar alado, defronte a Tešub. Esta iconografia é inovadora e distante da glíptica sírio-mitiana encontrada nas impressões de selos das tabuinhas de estilo “sírio”. A presença destas figuras na glíptica sírio-hitita não era uma simples questão de imitação artística, pelo contrário, demonstra a adesão ao poder hitita por várias famílias burocratas de Emar. Se se tratava meramente de uma questão de aparência ou uma verdadeira aceitação ideológica-religiosa, não se pode ainda dizer. Contudo, havia interesse por parte dos hititas no controlo

¹¹⁹ Não era apenas o Grande Rei hitita que usufruía da associação da sua pessoa com o mundo divino nas representações de selos. Príncipes, vice-reis e altos funcionários ao seguirem o mesmo modelo eram imediatamente associados com a autoridade central do estado. Desse modo, usavam esta imagem para se projectarem como figuras importantes (BONATZ, 2007, p. 128).

¹²⁰ Na realidade, desde o início que os reis do Ḫatti mostraram um profundo respeito pelas divindades locais. Šuppiluliuma I não permitiu aos seus soldados saquear o templo de Kubaba aquando da sua conquista da cidade de Karkamiš, tendo até prestado homenagem à deusa (MARTINO, 2014, P. 86).

dos cultos locais. O Grande Rei hitita em Ḫattusa teria de desempenhar o cargo de sumo-sacerdote e presidir *in nomine* em vários procedimentos rituais. O mesmo deveria ser esperado dos vice-reis destacados em Alepo e Karkamiš nos rituais locais, através de representativos como o DUMU.LUGAL ou UGULA.KALAM.MA. Já se mencionou no capítulo 2.2. como os funcionários hititas se responsabilizavam pelos recursos do culto de Emar, juntamente com a família de adivinhos Zū-Ba‘la que, por trabalhar directamente para Karkamiš, estava proximamente ligada à realeza de Ḫattuša. A motivação para controlar os procedimentos culturais advém dos benefícios económicos que uma província como Emar poderia oferecer. Beneficiavam decerto com os sacrifícios de culto, dado que os hititas eram os destinatários das oferendas. O controlo do culto local e a introdução do culto dos deuses do Ḫatti oferecia uma oportunidade de enviar a riqueza da província aos soberanos imperiais (ARCHI, 2014, p. 159; COHEN, 2011, P. 153-154).

C. Diferentes níveis de aculturação

Ao longo da dissertação foi possível observar que certas regiões se encontravam sobre maior influência da cultura hitita do que outras e um caso que se destaca pela negativa é o de Ugarit. Os vários reinos do território da Síria hitita deviam vassalagem directamente ao poder central em Ḫattusa, através de um tratado elaborado com o Grande Rei, ou encontravam-se sob a jurisdição de Karkamiš, que servia como a autoridade central hitita na Síria. Dependendo do estatuto que teriam perante o centro de poder, a penetração da administração e cultura hitita difere. E é neste cenário que se enquadra a problemática que Ugarit representa. O reino ugarítico tinha uma próxima relação política e económica com Ḫatti, em parte devido à sua posição geográfica, na costa síria, em contacto com o comércio marítimo mediterrâneo; e por outro lado por ser o ponto de entrada dos cereais comprados ao Egipto. No seu palácio atesta-se um considerável número de tabuinhas relativas a trocas de correspondência com o Grande Rei de Ḫattuša e o vice-rei de Karkamiš, assim como das trocas comerciais realizadas; e corresponde a um dos sítios arqueológicos na Síria ocidental que mais produziu objectos hititas. Porém, constata-se que vários desses artefactos ou tabuinhas, excluindo os selos dos funcionários transeuntes, são produtos consumidos somente pela elite local (ex:

arquivo de Urtenu) ou escribas; e em alguns casos pertenciam a residentes hititas e não a ugaríticos. O que no final apenas demonstra que se houve algum consumo da cultura hitita sucedeu-se numa classe exclusiva e não teve aderência com a população local. Ao menos, não comparativamente com Alalah e Emar.

Quais as razões que podem explicar o motivo pelo qual a integração de elementos culturais hititas não ocorreu em Ugarit, quando existia uma relação tão próxima entre os dois reinos? A emulação da elite local ocorre somente se for fomentada sob certas condições: primeiro, a posição de poder do rei local tem de lhe ser atribuída pelo poder hegemónico, criando dependência do vassalo pelo soberano; segundo, a cultura a ser emulado é ligeiramente mais avançada ou tem algum aspecto desejável para a cultura que integrará esses elementos através da emulação; e, por fim, que a adopção e adaptação de certas características da cultura do poder central pela elite local e a sua população tenham uma função de legitimação, que lhes providencie algum do prestígio e poder dos soberanos hititas (ver nota 119) (HELFT, 2010, p. 190; HIGGINBOTHAM, 2000, p. 6). No que respeita o primeiro critério tem de se destacar que Ugarit foi “convidada” para se agregar ao Império Hitita aquando do conflito entre Šuppiliuma I e Tušratta (ver capítulo I), não foi conquistada. Não obstante, Niqmaddu II realizou um tratado de vassalagem com o rei do Ḫatti, pelo que deveria cumprir os mesmos requerimentos que os restantes reinos vassalos. Contudo, as gerações que lhe procederam não se mantiveram sempre fiéis à coroa hitita (ver notas 16 e 17) e, possivelmente, a posição autónoma de Ugarit no sistema administrativo da Síria hitita, assim como o tratamento privilegiado que poderia receber por vezes de alguns soberanos¹²¹, poderá ter fomentado o desejo de se emancipar da hegemonia de Ḫatti¹²². Para

¹²¹ Contanto que Ugarit cumprisse com os requerimentos exigidos no tratado de vassalagem, a maioria dos seus desejos eram concedidos. A corte de Ḫatti frequentemente tomou o seu partido contra os seus adversários, incluindo funcionários e mercadores hititas. Um decreto emitido por Ḫattušili III concedia a extradição de fugitivos ugaríticos das fronteiras hititas, contrário às cláusulas dos tratados de vassalagem normais. Na primeira fase da *pax hethitica*, Ḫatti era complacente com o rico reino de Ugarit (SINGER, 2011, p. 56-57).

¹²² No último período do Império Hitita, os reis de Ugarit, conscientemente ou inconscientemente negligenciaram as suas obrigações como vassalos no que respeita à prestação de homenagem e visitas regulares à corte de Ḫattuša, assim como nas condições de envio de oferendas. Esta atitude provocou desconfiança e indignação nas cortes hititas, sendo expressado em reprimendas enviadas aos últimos três reis ugaríticos. Ugarit tentou igualmente criar alianças com as potências inimigas de Ḫatti, nomeadamente Assíria e Egipto. Há evidências de contacto diplomático em relações políticas e comerciais entre Ugarit e Assíria. Šalmanasar I enviou uma carta ao rei ugarítico Ibirāru sobre a sua vitória contra Tudḫaliya IV na batalha de Niḫriya, numa tentativa de atrair o vassalo sírio a abandonar o seu soberano hitita. Ammurapi tentou regularmente restabelecer relações políticas e uma aliança com o Egipto, ao solicitar a erecção de uma estátua

o segundo, Helft defende que a cultura cosmopolita de Ugarit, que estivera em contacto com outras culturas sofisticadas como a do Egipto, Mesopotâmia e Egeu, já era desenvolvida, por isso não beneficiava com a aculturação de aspectos hititas. Quanto a emulação como meio de legitimação, Helft recorre à disputa entre os “mercadores de Ura”¹²³ e os de Ugarit para demonstrar a insatisfação da comunidade ugarítica relativamente ao domínio hitita, pelo que a emulação de elite não seria possível (HELFT, 2010, p. 190-191). Porém, Simon crê que este último conflito não deveria ser generalizado como uma reflexão negativa contra os hititas em Ugarit, é um caso isolado. Singer, em contrapartida, acredita que a ausência de interesse da cultura hitita deve-se ao tardio casamento dinástico entre as casas de Ugarit e Ḫattuša, que apenas ocorreu nos finais do século XIII a.C.¹²⁴ (SIMON, 2013, p. 306-307, nota 25; SINGER, 2011, p. 58).

Curiosamente, o vocabulário ugarítico apresenta vários “empréstimos” da língua hitita, geralmente substantivos. Entre os diversos idiomas emprestados, egípcio, hurrita e sumério, o hitita é o segundo mais representado no léxico ugarítico. Normalmente são palavras de produtos comercializados como têxteis/vestuário (*šurt/ḡprt*) e minerais (ex: prata = *ḫtt*) ou pedras preciosas (*spsg*). Noutros casos surgem profissões, como “camareiro-mor” (*ḫbrtnr*) e grande escriba (*tpnr*), assim como palavras do mundo cúltico/religioso, como tributo (*argmn*), incenso/oferenda de fumo (*dḡtū*), emblema solar (*ztr*), o verbo derramar (*lḫn*), feitiço (*gml*) e pão (*trmn*), que poderão resultar da importação de textos rituais hititas pela elite local (ex: biblioteca de Urtenu) ou pela circulação de sacerdotes e escribas hititas (WATSON, 1995, p. 541-550). Como no caso de Emar e Amurru, a penetração de práticas escribas hititas reflecte a regularidade de contacto entre estas cidades com a corte de Karkamiš ou Ḫattuša.

Analogamente, Amurru agregou-se ao Império Hitita através de negociações com o Grande Rei hitita em vez de submissão à força. Contudo, certas circunstâncias, nomeadamente a deposição de Bentešina e a sua retoma ao poder graças a Ḫattusili III, assim

do faraó Merneptah no templo de Ba'al em Ugarit. Iniciou igualmente uma troca de presentes e objectos valiosos com a corte egípcia (HALAQYA, 2011, p. 311-316).

¹²³ Ricos mercadores hititas instalados no porto de Ura (oeste de Cilícia), o principal terminal para os navios que partiam de Ugarit para Anatólia. Os ugaríticos acusavam-nos de monopolizar o comércio, tirando proveito do cenário político (SINGER, 2011, p. 66-67).

¹²⁴ Curiosamente o único selo de estilo hitita associado a uma figura da família real de Ugarit pertence a Niqmaddu III (Talmiyanu, nº 66), possivelmente casado com uma princesa hitita (ver nota 42).

como a sua exposição à cultura hitita durante a estadia em Hapkiš e casamento com a princesa Gaššuliwaliya (ver nota 58), orientaram Amurru para um caminho diferente do de Ugarit. As duas casas reais, Amurru e Ḫattuša, tornaram-se cada vez mais próximas, realizando-se vários casamentos dinásticos, despoletando o processo de aculturação da realeza. A maioria dos objectos hititas enquadra-se na categoria de instrumentos administrativos (selos), com um particularmente interessante impresso num fragmento de cerâmica que poderá corresponder a uma impressão de um selo real hitita (nº 92). No tópico de cerâmica, os recipientes de armazenamento de “drab ware” hitita, produzidos localmente, poderão ser indicativos da presença de funcionários hititas ou da aculturação de funcionários locais após contacto com os primeiros. A influência hitita é observável igualmente na escrita acádica amorrita, que apresenta certas marcas de padrões linguísticos hititas e reflecte práticas de escriba hitito-acádicas (SINGER, 2011, p. 237).

Outras áreas da Síria hitita experienciaram um processo de aculturação moderado, desencadeado pelos vice-rei (Alepo) e governantes locais (Alalah), por vezes príncipes descendentes da casa real de Ḫattusa, os quais introduziram a iconografia hitita em estabelecimentos centrais das cidades, os templos, de modo a legitimarem o seu poder e demarcarem a sua presença. A maioria dos achados de cariz hitita em Alalah, principalmente objectos de prestígio e cerâmica, enquadram-se na fase II¹²⁵ do sítio e foram recolhidos no templo de Ištar (que poderá ter sido remodelado por hititas nesse período), o que demonstra a forte associação do edifício com a presença da administração hitita na cidade.

O melhor exemplo de um processo de aculturação bem conseguido encontra-se na cidade de Emar. Sob directo controlo do vice-reino de Karkamiš, Emar adoptou vários elementos da cultura hitita, nomeadamente a sua glíptica, os hieróglifos lúvios, a tradição de escrita “sírio-hitita” e o imaginário divino (fig. 76, Anexos D). A sua própria sociedade tinha membros que trabalhavam directamente para a autoridade de Karkamiš, os “Emaro-Hititas”, os quais teriam de cumprir serviços de origem hitita, nomeadamente ^{GIŠ}TUKUL¹²⁶ e *ilku*¹²⁷,

¹²⁵ Para a cronologia desta fase consultar *Tabela I – Síntese da estratigrafia e cronologia de Alalah*, Anexos D.

¹²⁶ Literalmente se traduz para “estar armado” e deve-se referir ao serviço militar dos cidadãos em períodos de campanha (BRYCE, 2002, p. 75-76).

¹²⁷ Possivelmente aproxima-se do mesmo que os serviços de *šaḫḫan* e *luzzi* representavam (PRUZSINSKY, 2007, p. 30).

essencialmente actividades de cariz militar. A razão pela qual Emar facilmente foi integrada na esfera cultural hitita deve-se à sua estratégica posição geográfica, na fronteira do Eufrates, perto de Ḫanigalbat e do inimigo assírio. A necessidade de impor serviços militares aos cidadãos adveio igualmente da sua posição periclitante. Não obstante o tratado assinado entre Mitani e Ḫatti, que originou o estado-tampão de Ḫanigalbat, a cidade de Emar continuou a sofrer ataques de “tropas hurritas”. Embora tivesse as suas próprias tropas, dependia da presença e protecção da hegemonia hitita, o que reforça a hipótese da instalação de uma guarnição militar nas suas redondezas, seja Tell Faq’us ou El Qitar (PRUZSINSKY, 2007, p. 30).

D. Legado hitita na Idade do Ferro

Não é possível retirar conclusões definitivas considerando que os dois vice-reinos – Alepo e Karkamiš, os quais possivelmente demonstrarão o maior nível de aculturação – que já se nota nos monumentos com representações iconográficas hititas e inscrições hieroglíficas na Idade do Ferro – não foram ainda totalmente explorados. Uma equipa turco-italiana encontra-se actualmente a investigar os últimos níveis do Bronze Final em Karkamiš e os resultados que publicarem poderão possivelmente iluminar-nos mais sobre a presença hitita na cidade¹²⁸. Muito trabalho resta ainda realizar-se igualmente nas regiões interiores da Síria, nomeadamente Mukiš e Nuḫašši, onde vários pequenos reinos terão sido dizimados com a campanha de Šuppiluliuma I ou poderão ter continuado sob domínio hitita, incluídos na região de Mukiš, como Alalah.

O que se pode concluir na generalidade é que a presença hitita na Síria setentrional e ocidental se demarca por diferentes processos de aculturação que variam consoante as circunstâncias históricas e geográficas dos reinos vassallos, mas igualmente pela importância que certas cidades teriam para Ḫatti no quadro político e económico. Diferentes interacções e tentativas de aproximação da população local resultaram em díspares registos

¹²⁸ A expedição conjunta é dirigida por Nicoló Marchetti da Universidade de Bolonha e Hasan Peker da Universidade de Istambul, tendo-se iniciado o projecto em 2011. Para mais informação dos progressos realizados no âmbito das campanhas de escavação visitar <http://www.orientlab.net/karkemish/web/>.

arqueológicos da cultura material hitita. Enquanto Ugarit se destoa por permanecer fechada ao processo de integração de elementos culturais de Ḫatti, os aspectos que foram de facto adoptados reflectem a relação comercial, económica e política com Ḫattuša. Ao passo que a facilidade de penetração da cultura hitita em Emar deve-se ao esforço do vice-reino de Karkamiš de se enquadrar na sociedade síria encontrando uma linguagem comum, através da iconografia, com a glíptica sírio-hitita, para diluir a percepção de soberano “estrangeiro”. Ao criar um elo em comum aumentou-se a eficácia do controlo da região.

O investimento na aculturação de certas cidades (Karkamiš, Alepo, ‘Ain Dara) e igualmente a emulação da elite local como meio de legitimação do seu poder, perpetuou algumas das características do Império Hitita após a sua ruína. Particularmente no sector da arte, que originou o que designam de estilo “norte sírio” e terá sido comissionado inicialmente em Karkamiš pela elite hitita-lúvia, descendente da caída família real de Ḫattuša, a qual se considerava a herdeira legítima do Império de Ḫatti. E no sector da escrita, com os hieróglifos lúvios, os quais cativaram a população de Emar embora não os conseguissem compreender (ver capítulo 2.1.1., nota 63). Inscricções de hieróglifos lúvios continuaram a ser realizadas nos monumentos da Idade do Ferro e a língua era falada nos vários estados neo-hititas, não somente pela elite, mas igualmente pela população local. Exactamente como se propagou para outras cidades neo-hititas e abrangeu a população local não se sabe ao certo; contudo Simon acredita que a presença de soldados falantes de lúvio durante o período imperial (cuja presença poderia ser justificada com a descoberta de armas e de fortificações hititas em território sírio) terá ajudado a difundir a língua para outros estratos sociais além da elite (SIMON, 2013, p. 302).

A continuação de tradições culturais do antigo império nas novas cidades neo-hititas da Idade do Ferro deriva igualmente da memória colectiva de um período histórico no qual a região esteve sob domínio hitita. A visibilidade de antigas inscrições hieroglíficas e representações em baixo-relevo nos monumentos/ortóstatos pode ter desempenhado um papel importante na persistência de tradições administrativas políticas e características culturais do período imperial. Embora a autoridade central já não existisse, o sistema administrativo da Síria setentrional não terminou do dia para a noite. Governantes, escribas e funcionários do império continuaram a sua actividade, muito provavelmente orientados pela nova potência – Karkamiš (BALZA & MORA, 2011, p. 433).

Bibliografia

AKAR, Murat, (2013). “The Late Bronze Age Fortresses at Alalakh: Architecture and Identity in Mediterranean exchange systems”, in K. Aslihan Yener (Eds), *Across the Border: Late Bronze-Iron Age Relations Between Syria and Anatolia: proceedings of a symposium held at the Research Center of Anatolian Studies, Koç University, Istanbul, May 31-June 1, 2010*, Leuven, Paris: Walpole, Ma., Peeters, pp. 37-60.

AKURGAL, Ekrem, (1962). *The Art of the Hittites*, Londres: Thames and Hudson.

ALBRIGHT, W. F. (1951). “Reviewed Work(s): Hamā: Fouilles et Recherches de la Fondation Carlsberg, 1931-1938. Les cimetières à crémation by P. J. Riis”, in *American Journal of Archaeology*, vol. 55, n° 1, Boston, Mass: Archaeological Institute of America, pp. 106-107.

ALEXANDER, Robert L. (1991). “Šaušga and the Hittite Ivory from Megiddo”, in *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 50, n° 3, Chicago: The University of Chicago Press, pp. 161-181.

ARCHI, Alfonso, (1980). “Impronte di un Sigillo Geroglifico Ittita da Ebla”, in *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, fascículo XXII, Roma: Istituto di Studi Sulle Civiltà dell’Egeo e del Vicino Oriente, pp. 30.

ARCHI, Alfonso, (1980). “Materiale Epigrafico Ittita da Tell Fray”, in *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, fascículo XXII, Roma: Istituto di Studi Sulle Civiltà dell’Egeo e del Vicino Oriente, pp. 31-34.

ARCHI, Alfonso, (1998). “A binconvex seal from Tell Afis”, in Serena Maria Cecchini & Stefania Mazzoni (Eds.) *Tell Afis (Siria): scavi sull’acropoli 1988-1992 (The 1988-1992 excavations on the Acropolis)*, Pisa: ETS, pp. 367-369.

ARCHI, Alfonso, (2008). “A Hittite Official at Ebla”, in *Orientalia* (NOVA SERIES), vol. 77, fascículo 4, Roma: Pontificio Istituto Biblico, pp. 397-400.

ARCHI, Alfonso, VENTURI, Fabrizio, (2012). “Hittites at Tell Afis (Syria)”, in *Orientalia* (NOVA SERIES), vol. 81, fascículo 1, Roma: Pontificio Istituto Biblico, pp. 1-55.

ARCHI, Alfonso, (2012). “The Cuneiform Tablets”, in *Orientalia* (NOVA SERIES), vol. 81, fascículo 1, Roma: Pontificio Instituto Biblico, pp. 32-55.

ARCHI, Alfonso, (2012). “The texts from Tell Afis: Evidence from the Periphery of the Hittite Empire”, in *Origini: Preistoria e protostoria delle civiltà antiche*, n° 34, Roma: Bonsiognori Editore, pp. 413-420.

ARCHI, Alfonso, VENTURI, Fabrizio, (2013). “Tell Afis in the Thirteen Century B.C.E. Under the Rule of the Hittites”, in *Near Eastern Archaeology*, vol. 76, n° 4, Boston: The American Schools of Oriental Research, pp. 214-222.

ARCHI, Alfonso, (2014). “Aštata: A case of Hittite Imperial Religious Policy”, in *Journal of Ancient Near Eastern Religions*, vol. 14, Leiden: Brill Academic Publishers, pp. 141-163.

ARCHI, Alfonso, (2015). “Hittite Religious Landscapes”, in Anacleto D’Agostino, Valentina Orsi & Giulia Torri (Eds.) *Sacred Landscapes of Hittites and Luwians. Proceedings of the International Conference in Honour of Franca Pochioli Daddi, Florence February 6th-8th 2014*, Florença: Firenze University Press, pp. 11-26.

ARNAUD, Daniel; KENNEDY, Douglas, (1979). “Textes en cuneiforms syllabiques découverts en 1977 à Ibn Hani (les)”, in *Syria*, tomo 56, fascículo 3-4, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 317-324.

ARNAUD, Daniel, (1984). “La lettre 81/4 et l’identification du site de Ras Ibn Hani (Syrie)”, in *Syria*, tomo 61, fascículo 1-2, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 15-23.

ABOU-ASSAF, ALI, (1982). *Land des Baal: Syrien, Forum der Völker und Kulturen*, (Eds.) Kay Kohlmeyer & Eva Strommenger, Mainz: von Zabern.

ABOU-ASSAF, ALI, (1990). “Der Tempel von ‘Ain Dārā”, in *Damaszener Forschungen*, Bd. 3, Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern.

BALZA, M. E., MORA, Clélia, (2015). “Memory and Tradition of the Hittite Empire in the post-Hittite Period”, in Alfonso Archi (Eds.) *Tradition and Innovation in the Ancient Near East. Proceedings of the 57th Rencontre Assyriologique Internationale at Rome, 4-8 July 2011*, Winoa Lake, Indiana: Eisenbrauns, pp. 427-437.

BARRELET, Marie-Thérèse, (1958). “Deux déesses syro-phéniciennes sur un bronze du Louvre”, in *Syria*, tomo 35, fascículo 1, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 27-44.

BARNETT, Richard David, (1936). “An unrecognized Anatolian Ivory”, in *The British Museum Quarterly*, vol. 10, nº 3, Londres: Trustees, pp. 121-123.

BECKMAN, Gary, (1983). “A Contribution to Hittite Onomastic Studies”, in *Journal of American Oriental Society*, vol. 103, nº 3 Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, pp. 623-627.

BECKMAN, Gary, (1992). “Hittite Administration in Syria in the Light of the Texts from Hattuša, Ugarit, and Emar”, in *New Horizons in the Study on Ancient Syria (Bibliotheca Mesopotamica 25)*, Malibu, CA: Undena, pp. 41-49.

BECKMAN, Gary, (1996). *Hittite Diplomatic Texts (Writings from the Ancient World Series, 7)*, Atlanta, Georgia: Scholars Press.

BEYER, Dominique, (1982). “Le sceau-cylindre de Shahurunuwa, Roi de Karkémish”, in *La Syrie au bronze récent: recueil publié à l'occasion du cinquantième de la découverte d'Ougarit, Ras Shamra: (extraits de la XXVIIe Rencontre Assyriologique Internationale, Paris, Juillet 1980)*, Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, pp. 67-78.

BEYER, Dominique, (1982). “Emar: un royaume sur l'Euphrate au temp des hittites”, in *Cahiers: Musée d'Art et d'Essai, Palais de Tokyo*, nº 9, Paris: Éditions de la Réunion des musées nationaux, pp. 13-14.

BEYER, Dominique, (2001). *Emar IV: Les sceaux. Mission Archéologique de Meskéné-Emar, recherches au pays d'Aštata*, Fribourg, Suíça: Editions Universitaires Fribourg.

BOEHMER, Rainer Michael; GÜTERBOCK, Hans G. (1987). *Glyptik aus dem Stadtgebiet von Boghazköy. Grabungskampagnen 1931-1939, 1952-1978 (Boğazköy-Hattuša XIV/II)*, Berlin: Mann.

BONATZ, Dominik, (2007). “The Iconography of Religion in the Hittite, Luwian and Aramaean Kingdoms”, *Iconography of Deities and Demons*, electronic pre-publication: <http://www.religionswissenschaft.uzh.ch/idd/>, pp. 1-29 (consultado pela última vez a 28/5/17).

BONATZ, Dominik, (2007). “The Divine Image of the King: Religious Representantion of Political Power in the Hittite Empire”, in Marlies Heinz & Marian H. Feldman (Eds.) *Representations of Political Power: Case Histories from Times of Change and Dissolving Order in the Ancient Near East*, Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, pp. 111-136.

BORDREUIL, Pierre; CAQUOT, André, (1979). “Texte en cunéiformes alphabétiques découverts en 1977 à Ibn Hani (les)”, in *Syria*, tomo 56, fascículo 3-4, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 295-315.

BORDREUIL, Pierre; LAGARCE Jacques & Élisabeth; BOUNNIN, Adnan; SALIBY, Nassib, (1984). “Les découvertes archéologiques et épigraphiques de Ras Ibn Hani (Syrie) en 1983: un lot d’archives administratives”, in *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 128^e année, n° 2, Paris: Boccard, pp. 398-438.

BOUNNI, Adnan; LAGARCE, Jacques & Élisabeth, (1979). “Rapport préliminaire sur la troisième campagne de fouilles (1977) à Ibn Hani (Syrie)”, in *Syria*, tomo 56, fascículo 3-4, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 217-291.

BOUNNI, Adnan; LAGARCE, Jacques & Élisabeth; SALIBY, Nassib, (1987). “Les dixième et onzième campagnes de fouilles (1984 et 1985) à Ras Ibn Hani (Syrie)”, in *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 131^e année, n° 2, Paris: Boccard, pp. 286-287.

BOUNNI, Adnan; LAGARCE, Jacques & Élisabeth, (1998). *Ras Ibn Hani, I. Le palais nord du Bronze Récent*, Beyrouth: Institut Français d'Archéologie du Proche-Orient.

BRETSCHNEIDER, Joachim, et al., (2008). “The Late Bronze and Iron Age in the Jebleh Region: A view from Tell Tweini”, in Hartmut Kühne, Rainer M. Czichon & Florian Janoscha Kreppner (Eds.) *Proceedings of the 4th International Congress of the Archaeology of the Ancient Near East, 2: 29 March – 3 April 2004, Freie Universität Berlin: Social and cultural transformation: the archaeology of transitional periods and dark ages, excavation reports*, Wiesbaden: Harrasowitz, pp. 33-46.

BRYCE, Trevor, (2002). *Life and Society in the Hittite World*, Oxford: University Press.

BRYCE, Trevor, (2005). *The Kingdoms of the Hittites*, New York: Oxford University Press.

BRYCE, Trevor, (2012). *The World of the Neo-Hittite Kingdoms: A political and military history*, Oxford: Oxford University Press.

BRYCE, Trevor, (2014). *Ancient Syria: a three thousand year history*, New York: Oxford University Press.

BUCHANAN, Briggs, (1967). “Five Hittite Hieroglyphic Seals”, in *Journal of Cuneiform Studies*, vol. 21, New Haven, Conn.: ASOR (The American Schools of Oriental Research), pp. 18-23.

CANBY, Jeanny Vorys, (1986). “The Child in Hittite Iconography”, in *Ancient Anatolia, Aspects of Change and Cultural Development: Essays in honor of Machteld J. Mellink*, Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, pp. 54-69.

CALVET, Yves, (2000). “The House of Urtenu”, in *Near Eastern Archaeology*, vol. 63, n° 4, Boston: The American Schools of Oriental Research, pp. 210-213.

CAUBET, Annie, (1982). “La Céramique”, in Dominique Beyer (Eds.) *Meskéné-Emar: dix ans de travaux, 1972-1982*, Paris: Recherche sur les civilisations, pp. 71-86.

CAUBET, Annie, (2013). “Working Ivory in Syria and Anatolia During the Late Bronze-Iron Age”, in K. Aslihan Yener (Eds.) *Across the Border: Late Bronze-Iron age relations between Syria and Anatolia, Proceedings of a Symposium held at the Research Center of Anatolian Studies, Koç University, Istanbul, May 31-June 1, 2010 (Ancient Near Eastern Studies, 42)*, Leuven-Paris: Walpole, Ma., pp. 449-463.

CAUBET, Annie, (2014). “Late Bronze Age Ceramics from Emar”, in Marta Luciani; Arnulf Hausleiter; Claudia Beuger (Eds.) *Recent trends in the study of Late Bronze Age ceramics in Syro-Mesopotamia and neighbouring regions. Proceedings of the International Workshop in Berlin, 2-5 November 2006*, Rhaden, Westf: VML Verlag Marie Leidorf, pp. 71-83.

CECCHINI, Serena Maria, (2002). “Area N: presentazione e cronologia”, in Stefania Mazzoni et al. (Eds.) *Eggitto e Vicino Oriente*, vol. 25 (Tell Afis, Siria, 2000–2001), Pisa: Università di Pisa, pp. 47-52.

CHITI, Barbara; PEDRAZZI, Tatiana, (2014). “Tell Kazel (Syria), Area II. New Evidence from a Late Bronze/Iron Age Quarter”, in *Proceedings of the 8th International Congress on the Archaeology of the Ancient Near East, 30 April – 4 May, 2012, University of Warsaw*,

Volume 3: Archaeology of Fire, Conservation, Preservation and Site Management, Bioarchaeology in the Ancient Near East, Islamic Session, Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 67-84.

COHEN, Yoram, (1999). "Change and Innovation in the Administration and Scribal Practices of Emar during the Hittite Dominion", in *Tel Aviv*, vol. 32, n° 2, Leeds: Maney Publishing, pp. 192-203.

COHEN, Yoram; D'ALFONSO, Lorenzo, (2008). "The Duration of the Emar Archives and the Relative and Absolute Chronology of the City", in *The City of Emar among the Late Bronze Age Empires: history, landscape and society. Proceedings of the Konstanz Emar Conference 25.-26.04.2006*, Münster: Ugarit-Verlag, pp. 13-14.

COHEN, Yoram, (2011). "The Administration of Cult in Hittite Emar", in *Altorientalische Forschungen*, vol. 38, n° 1, Berlin: Akademie Verlag, pp. 147-157.

COHEN, Yoram, (2012). "An Overview on the Scripts of Late Bronze Age Emar", in Elena Devecchi (Eds.) *Palaeography and Scribal Practices in Syro-Palestine and Anatolia in the Late Bronze Age: Papers Read at a Symposium in Leiden, 17-18 December 2009*, Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, pp. 33-45.

COLLINS, Billie Jean, (2007). *The Hittites and Their World*, Atlanta, Society of Biblical Literature.

COLLON, Dominique, (2010). "Report on the Seals and Sealings found at Tell Atchana (Alalakh) during the 2003 season of excavation", in Stephen Batiuk; K Aslihan Yener; et al (Eds.), *Tell Atchana, ancient Alalakh. Vol. 1, The 2003-2004 excavation seasons*, Istanbul: Üniversitesi Yayinlari, pp. 89-90; 96, fig. 7.1., 2a-c.

CURTIS, J. E., (1980). "Some Axe-Heads from Chagar Bazar and Nimrud", in *Iraq*, vol. 45, n° 1, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 73-81.

DANMANVILLE, Jenny, (1962). "Iconographie d'Ištar-Šaušga en Anatolie Ancienne (suite)", in *Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale*, vol. 56, n° 3, Paris: Presses Universitaires de France, pp. 113-131.

DİNÇOL, Ali M., (1983). “Hethitische Hieroglyphensiegel in den Museen zu Adana, Hatay und Istanbul”, in *Anadolu arařtırmaları*, 9, Istanbul: Edebiyat Fakültesi Basımenvi, pp. 213-249.

DİNÇOL, Ali, DİNÇOL, Belkıs, PEKER, Hasan, (2012). “New Hittite Hieroglyphic Seals from the Plain of Antioch in the Hatay Museum”, in J. J. Roodernberg (Eds.) *Anatolica*, n° XXXVIII, Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, pp. 191-199.

DİNÇOL, Ali, ALPARSLAN, Metin, (2013). “Hittite Glyptic”, in Meltem Doğan-Alparslan & Metin Alparslan (Eds.) *Hititler: bir Anadolu imparatorluğu. Hittites: an Anatolian Empire* (Anadolu uyarlıkları serisi, 3), Istanbul: Yapı Kredi Yayınları, pp. 392-404.

DİNÇOL, Belkıs, (1998). “Tönerne Siegelkopiene aus Boğazköy”, in Sedat Alp & Aygül Süel (Eds.) *III. Uluslararası Hititoloji Kongresi bildirileri = Acts of the IIIrd International Congress of Hittitology: Çorum, 16-22 Eylül: Çorum, September 16-22, 1996*, Ankara: Uyum Ajans, 1998, pp. 167-175.

DUNAND, M., BOUNNI, A., SALIBY, N. (1964). “Fouilles de Tell Kazel: Rapport préliminaire”, in *Les Annales Archéologiques de Syrie*, t. XIV, Damas: Direction Générale des Antiquités de Syrie, 1964, pp. 1-14.

ERKANAL, Hayat, (1977). *Die Äxte und Beile des 2. Jahrtausends in Zentralanatolien (Prähistorische Bronzefunde, Abteilung IV, 8. Band)*, München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung.

FAIST, Betina, FINKBEINER, Uwe, (2002). “Emar, Eine syrische Stadt unter hethitischer Herrschaft”, in *Die Hethiter und ihr Reich: das Volk der 1000 Götter*, Stuttgart: Theiss, pp. 190-195.

FINK, Amir Sumaka'I, (2010). *Late Bronze Age Tell Atchana (Alalakh): stratigraphy, chronology, history* (BAR, International Series, 2120), Oxford: Archaeopress.

FISCHER, Franz, (1963). *Die Hethitische Keramik von Boğazköy*, Berlin: Verlag Gebr. Mann.

FLEMING, Daniel E., (2000). *Time at Emar: the cultic calendar and the rituals from the diviner's archive*, Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns.

FORRER, Emil, (1931). “Note sur un cylindre babylonien et un cachet hittite de Ras Shamra”, in *Syria*, tomo 18 fascículo 2, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 156-158.

FRIEDRICH, Johannes, (1939). “Ein hethitischer Brief aus Tell Atchana”, in *Orientalia* (NOVA SERIES), vol. 8, Roma: Pontificio Instituto Biblico, pp. 310-316.

FUGMAN, Ejnar, (1958). *Hama. 2:1: Fouilles et recherches de la Fondation Carlsberg 1931-1938: L'architecture des périodes pré-hellenistiques*, Copenhaga: Nationalmuseet.

GATES, Marie-Henriette, (2001). “Potmarks at Kinet Höyük and the Hittite Ceramic Industry”, in Eric Jean, Ali M. Dınçol & Serra Durugönül (Eds.) *La Cilicie: espaces et pouvoirs locaux (Ile millénaire av. J.-C. – IV siècle ap. J.-C.). Actes de la Table Ronde D'Instabul, 2-5 Novembre, 1999*, Istanbul: Institut Français d'Études Anatoliennes-Georges Dumézil, pp. 137-157.

GENZ, Hermann, (2006). “Hethitische Präsenz im spätbronzezeitlichen Syrien: Die archäologische Evidenz”, in *Baghdader Mitteilungen 37*, University Heidelberg Forschungsprojekt/ Arbeitsgemeinschaft, Einzelpersonen, pp. 499-509.

GENZ, Hermann, (2011). “Foreign Contacts of the Hittites”, in Hermann Genz & Dirk Paul Mielke (Eds.) *Insights into Hittite History and Archaeology*, Leuven – Paris – Walpole, Ma: Peeters, pp. 301-331.

GLATZ, Claudia, (2007). *Contact, Interaction, Control – The Archaeology of Interregional Relations in Late Bronze Age Anatolia*. Dissertação de Doutorado, University College London.

GLATZ, Claudia, (2009). “Empire as network: Spheres of material interaction in Late Bronze Age Anatolia”, in *Journal of Anthropological Archaeology*, Nova Iorque: Elsevier Science, pp. 127-141.

GLATZ, Claudia, (2012). “Bearing the Marks of Control? Reassessing Pot Mark in Late Bronze Age Anatolia”, in *American Journal of Archaeology*, vol. 116, nº 1, Boston, Mass: Archaeological Institute of America, pp. 5-38.

GEIGER, Armgart, (1993). “Ein Schwertheft aus dem Tempelviertel der Oberstadt von Boğazköy – Hattuša”, in *Istanbuler Mitteilungen*, Band 43, Tübingen: Verlag Ernst Wasmuth, pp. 231-217.

GELB, Ignace, (1935). *Inscriptions from Alishar and Vicinity*, Chicago: University of Chicago Press.

GELB, Ignace, (1939). *Hittite Hieroglyphic Monuments*, Chicago: Chicago University Press.

GELB, Ignace; PURVES, Pierre M.; MACRAE, Allan A., (1943). *Nuzi Personal Names*, Chicago: University of Chicago Press.

GELB, Ignace, (1965). “On Some Old and New Hieroglyphic Hittite Seals”, in *Anadolu araştırmaları*, 2, Istanbul: Edebiyat Fakültesi Basımenvi, pp. 223-231.

GILIBERT, Alessandra, (2011). *Syro-Hittite Monumental Art and the Archaeology of Performance: The Stone Reliefs at Carchemish and Zincirli in the Earlier First Millenium BCE*, Nova Iorque: De Gruyter.

GILIBERT, Alessandra, (2011). “Die anatolische Sphinx”, in Lorenz Winkler-Horaček (Eds.) *Wege des Sphinx: Monster zwischen Oriente und Okzident. Eine Ausstellung der Abguss-Sammlung Antiker Plastik des Instituts für Klassische Archäologie der Freien Universität Berlin*, Rahden, Westf: VML Vlg Marie Leidorf, pp. 39-49.

GOETZE, Albrecht, (1940). “Review: Ugaritica. Études Relatives Aux Découvertes de Ras Shamra. Première série/ The Cuneiform Texts of Ras Shamra-Ugarit.”, in *American Journal of Archaeology*, vo. 44, n° 2, Boston, Mass: Archaeological Institute of America, pp. 259-261.

GORNY, Ronald L. (1993). “The Biconvex Seals of Alişar Höyük”, in *Anatolian Studies*, vol. 43, Cambridge: University Press, 1993, pp. 163-191.

GREEN, Alberto Ravinell Whitney, (2003). *The Storm God in the Ancient Near East*, Winona Lake, Indiana, Eisenbrauns, pp. 188-190.

GUNTER, Ann C., (2006). “Issues in Hittite Ceramic Production: A View from the Western Frontier”, in Dirk Paul Mielke, Ulf-Dietrich Schoop & Jürgen Seeher (Eds.) *Strukturierung und Datierung in der Hethitischen Archäologie: Voraussetzungen Probleme, neue Ansätze*,

Internationaler Workshop, Istanbul, 26-27. November 2004, Istanbul: Ege Yayınları, pp. 349-363.

GÜTERBOCK, Hans G. (1954). “Carchemish”, in *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 13, n° 2, Chicago: The University of Chicago Press, pp. 102-114.

GÜTERBOCK, Hans G. (1965). “A Votive Sword with Old Assyrian Inscription”, in *Studies in Honor of Benno Landsberger on his Seventy-Fifth Birthday*, April 21, 1965, Chicago: Chicago University Press, pp. 197-198.

HAGENBUCHNER, Albertine, (1989). *Die Korrespondenz der Hethiter. 2, Teil. Die Briefe mit Transkription, Übersetzung und Kommentar*, Heidelberg: Carl Winter. Univsertätsverlag.

HALAQYA, ISSAM K. H., (2011). “The Demise of Ugarit in the Light of its Connections with Ḫatti”, in *Ugarit-Forschungen*, n° 42, Münster: Ugarit-Verlag, pp. 297-332.

HAWKINS, J. D., (1972). “Building Inscriptions of Carchemish: The Long Wall of Sculpture and Great Staircase”, in *Anatolian Studies*, vol. 22, Cambridge: University Press, pp. 87-114.

HAWKINS, J. D., (1993). “A Bowl Epigraph of the Official Taprammi”, in M. J. Mellink, et al. (Eds.) *Aspects of Art and Iconography: Anatolia and Its Neighbors. Studies in Honor of Nimet Özgüç*, Ankara, Türk Tarih Kurumu Basımevi, pp. 715-717.

HAWKINS, J. D., (2009). “Cilicia, the Amuq and Aleppo: New Light in a Dark Age”, in *Near Eastern Archaeology*, vol. 72, n° 4, Boston: The American Schools of Oriental Research, pp. 164-173.

HELFT, Susan, (2010). *Patterns of Exchange/Patterns of Power: A New Archaeology of the Hittite Empire (Tese de Doutoramento não publicada)*, University of Pennsylvania.

HENRICKSON, Robert C., (2002). “Pottery and Potter: The View from Late Bronze Age Gordion”, in *Across the Anatolian Plateau: Readings in the Archaeology of Ancient Turkey*, Boston: American Schools of Oriental Research, pp. 123-132.

HERBORDT, Suzanne, (2002). “Hittite Seals and Sealings from the Nişantepe Archive, Boğazköy”, in K. Aslihan Yener & Harry A. Hoffner (Eds.) *Recent Developments in Hittite*

Archaeology and History: Papers in Memory of Hans G. Güterbock, Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, pp. 59.

HERBORDT, Suzanne, (2005). *Die Prinzen- und Beamtsiegel der hethitischen Grossreichszeit auf Tonbullien aus dem Nisantepe-Archiv in Hattusa*, Berlin: Mann.

HERBORDT, Suzanne, (2008). “Die Hethitische Glyptik: Im Lichte der Politischen und Kulturellen Beziehungen des Hethiterreichs zu Syrien und Mesopotamien”, in *Hattuša-Boğazköy. Das Hethiterreich im Spannungsfeld des Alten Orients. 6. Internationales Colloquium des Deutschen Orient-Gesellschaft 22-24 März 2006*, Würzburg, Wiesbaden: Harrossowitz Verlag, pp. 159-172.

HIGGINBOTHAM, Carolyn R., (2000). *Egyptianization and Elite Emulation in Ramesside Palestine: Governance and Accomodation on the Imperial Periphery*, Leiden, Boston, Köln: Brill.

HOFFNER, Harry A. (2009). *Letters from the Hittite Kingdom*, Atlanta: Society of Biblical Literature.

HOGARTH, David George, (1920). *Hittite seals with particular reference to the Ashmolean Collection*, Oxford: Clarendon Press.

HROZNÝ, Bedřich, (1939). “Sur un cachet "hittite"-hiéroglyphique de Ras Shamra”, in *Mélanges syriens offerts à monsieur René Dussaud*, vol. I, Paris: Geuthner, pp. 55-57.

HUSSER, Jean-Marie, (1990). *Dreams and dream narrative in the Biblical World*, Sheffield: Sheffield Academic Press

IKEDA, Jun, (1999). “Scribes in Emar”, in Kazuko Watanabe (Eds.) *Priests and Officials in the Ancient Near East: papers of the Second Colloquium on the Ancient Near East – the City and its Life, held at the Middle Eastern Culture Center in Japan (Mitaka, Tokyo), March 22-24, 1996*, Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, pp. 163-185.

IMPARATI, Fiorella, (1982). “Aspects de l’organisation de l’état Hittite dans les documents juridiques et administratifs”, in *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, vol. 25, n° 3, Leiden: Brill, pp. 264-267.

JABLONKA, Peter, (2006). “Emar und Troia: Zur Verbreitung hethitischer Hieroglyphensiegel”, in *Baghdader Mitteilungen* 37, University Heidelberg Forschungsprojekt/ Arbeitsgemeinschaft, Einzelpersonen, 2006, pp. 511-529.

JEAN, É. (2002). “Les Hittites en Syrie du nord à l’époque de l’empire: strategies politiques et culturelles d’après l’étude des sceaux”, in *Ktéma: civilizations de l’orient, de la Grèce et de Rome antiques*, n° 27, Estrasburgo: Universidade de Estrasburgo, pp. 251-255.

KILLEBREW, Ann E., (2005) *Biblical Peoples and Ethnicity: An Archaeological Study of Egyptians, Canaanites, Philistines, and Early Israel, 1300-1100 B.C.E.*, Atlanta: Society of Biblical Literature.

KLENGEL, Horst, (1992) *Syria: 3000 to 300 a.C.*, Berlin: Akademie Verlag.

KLENGEL, Horst, (2001). “Einige Bemerkungen zur hethitischen Herrschaftsordnung in Syrien”, in Gernot Wilhelm (Eds.) *Akten des IV. Internationalen Kongresses für Hethitologie. Würzburg, 4–8. Oktober 1999, StBoT 45 (Studien zu den Bogazköy-Texten)*, Wiesbaden: O. Harrassowitz, pp. 255-271.

KLENGEL, Horst, (2014). “Anatolia (Hittites) and the Levant”, in *The Oxford Handbook of The Archaeology of the Levant c. 8000-332 BCE*, Oxford: University Press, pp. 80-85.

KOHLMEYER, Kay, (2009). “The Temple of the Storm God in Aleppo during the Late Bronze and Early Iron Ages”, in *Near Eastern Archaeology*, vol. 72, n° 4, Boston: The American Schools of Oriental Research, pp. 190-202.

KUHRT, Amélie, (2000). *El Oriente Próximo en la Antigüedad (c. 3000-330 a.C.)*, vol. I, Barcelona: Editorial Crítica.

LAGARCE, Jacques & Élisabeth; BOUNNI, Adnan; SALIBY, Nassib, (1983). “Les fouilles à Ras Ibn Hani en Syrie (campagnes de 1980, 1981 et 1982). Contribution à l’étude de quelques aspects de la civilisation ugaritique”, in *Comptes rendus des séances de l’Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 127^e année, n° 2, Paris: Boccard, pp. 249-290.

LACKENBACHER, Sylvie, (2004). “Politique et diplomatie”, in Geneviève Galliano et al. (Eds.) *Le royaume d’Ougarit: aux origines de l’alphabet (Exposition, Lyon, Musée des beaux-arts, 21oct. 2004-17 janv. 2005)*, Paris: Somogy; Lyon: Musée des Beaux-Arts, pp. 103-106.

LAROCHE, Emmanuel, (1956). “L’inscription Hittite d’Alep”, in *Syria*, tomo 33, fascículo 1, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 131-141.

LAROCHE, Emmanuel, (1960). *Les Hieroglyphes Hittites, Première Partie: L’écriture*, Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique.

LAROCHE, Emmanuel, (1966). *Les Noms des Hittites (Etudes Linguistiques 4)*, Paris: Librairie C. Klincksieck.

LAROCHE, Emmanuel, (1968). “Textes de Ras Shamra en Langue Hittite”, in Jean Nougayrol, Claude Schaeffer, et al. (Eds.) *Ugaritica V* (Mission de Ras Shamra, t. 16), Paris: P. Geuthner, pp. 769-784

LAROCHE, Emmanuel, (1982). “Documents Hittites et Hourrites”, in Dominique Beyer (Eds.) *Meskéné-Emar: dix ans de travaux, 1972-1982: à l’occasion d’une exposition: textes*, Paris: Recherche sur les civilisations, pp. 53-60.

LEBRUN, René, TAVERNIER, Jan, (2012). “Deux Objets Inscrits de Tell Tweini”, in Karel Van Leuven, Tom Boiy et al. (Eds.) *Ancient Near East, a life!: festschrift Karel Van Lerberghe (Orientalia Lovaniensia analecta, 220)*, Leuven: Uitgeverij Peeters en Departement Oosterse Studies, pp. 319-333.

LORENZ, Jürgen; SCHRAKAMP, Ingo, (2011). “Hittite Military and Warfare”, in Hermann Genz & Dirk Paul Mielke (Eds.) *Insights into Hittite History and Archaeology*, Leuven – Paris – Walpole, Ma: Peeters, pp. 125-151.

MACQUEEN, James Galloway, (1975). *The Hittites and their contemporaries in Asia Minor*, Londres: Thames and Hudson.

MALLOWAN, M. E. L., (1972). “Carchemish: Reflections on the Chronology of the Sculpture”, in *Anatolian Studies*, vol. 22, Cambridge: University Press, pp. 63-85.

MARCHETTI, Nicolò, (2014). *Karkemish. An Ancient Capital on the Euphrates*, Bolonha: AnteQuem.

MARGUERON, Jean, (1982). “Aux Marches de L’Empire Hittite: Une Campagne de Fouille a Tell Faq’ous (Syrie), Citadelle du Pays d’Astata”, in *La Syrie au bronze récent: recueil publié à l’occasion du cinquantenaire de la découverte d’Ougarit, Ras Shamra: (extraits de*

la XXVIIe Rencontre Assyriologique Internationale, Paris, Juillet 1980), Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, pp. 47-66.

MARGUERON, Jean, (1995). "Emar, capital of Aštata in the fourteenth century BCE", in *Biblical Archaeologist*, vol. 58, n° 3, Atlanta: GA Scholars Press, pp. 126-138.

MARGUERON, Jean, (1995). "Emar au XIV^e siècle av. J.-C.: une ville Hittite en milieu syrien?", in Philippe Jansen (Eds.) *Sources-Travaux historiques. Orient-Occident: Cultures et échanges. Phénomènes d'acculturation dans l'Antiquité*, n° 36-37, Paris: Histoire au Présent, pp. 25-38.

MÁRQUEZ-ROWE, Ignacio, (1999). "The Legal Texts from Ugarit", in W.G.E. Watson & N. Wyatt (Eds.) *Handbook of Ugaritic Studies*, Leiden, Boston, Köln: Brill, pp. 420-422.

MARTINO, Stefano de, (2014). "Il ruolo politico di Karkemish in Siria durante il periodo imperiale ittita", in Nicolò Marchetti (Eds.) *Karkemish. An Ancient Capital of the Euphrates*, Bolonha: AnteQuem, pp. 86-92.

MASSIMO CULTRARO, Catania, (2004). "Exercise of Dominance. Boar Hunting in Mycenaean Religion and Hittite Royal Rituals", in Manfred Hutter & Sylvia Hutter-Braunsar (Eds.) *Offizielle Religion, lokale Kulte und individuelle Religiosität: Akten des religionsgeschichtlichen Symposiums Kleinasien und angrenzende Gebiete vom Beginn des 2. Bis zur Mitte des 1. Jahrtausends v. Chr., Bonn, 20-22. Februar, 2003 (Alter Orient und Altes Testament, Bd. 318)*, Münster: Ugarit Verlag, pp. 123-125.

MASSON, Emilia, (1975). "Quelques sceaux hittites hiéroglyphiques", in *Syria*, tomo 52 fascículo 3-4, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 225-227; 229; 230.

MATTHIAE, Paolo, (1980). *Ebla: An Empire Rediscovered*, Londres: Hodder and Stoughton.

MATTHIAE, Paolo, (1980). "Ittiti ed Assiri a Tell Fray: Lo scavo di una città medio-siriana sull'eufrate", in *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, fascículo XXII, Roma: Istituto di Studi Sulle Civiltà dell'Egeo e del Vicino Oriente, pp. 35-51.

MAXWELL-HYSLOP, K. R., (1953). "Bronze Lugged Axe- or Adze Blades from Asia", in *Iraq*, vol. 15, n° 1, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 68-87.

MAXWELL-HYSLOP, K. R., (1993). "A Note on the Techniques used by Jewellers at Carchemish and Nimrud", in M. J. Mellink, et al. (Eds.) *Aspects of Art and Iconography: Anatolia and Its Neighbors. Studies in Honor of Nimet Özgüç*, Ankara, Türk Tarih Kurumu Basımevi, 1993, pp. 297-299.

MAZZONI, Stefania, (1999). "Sigilli del Bronzo Medio e Tardo dall'Area E", in Stefania Mazzoni et al. (Eds.) *Eggitto e Vicino Oriente*, vol. 22/23 (Tell Afis, Siria, 1999-2000), Pisa: Università di Pisa, pp. 17-19.

MELLINK, Machteld J., (1954). "Revised Work(s): Carchemish. Report on the Excavations at Jerablus on Behalf of the British Museum. Part II. The Excavation in the Inner Town by Leonard Woolley: The Hittite Inscriptions by R. D. Barnett", in *American Journal of Archaeology*, vol. 58, n° 3, Boston, Mass: Archaeological Institute of America, pp. 247-250.

MELLINK, Machteld J., (1964). "A Hittite Figurine from Nuzi", in *Vorderasiatische Archäologie: Studien und Aufsätze. Anton Moortgat zum 65. Geburtstag gewidmet von Kollegen, Freunden und Schülern*, Berlin: Verlag Gebr. Mann, pp. 155-164.

MIELKE, Dirk Paul, (2007). "Red Lustrous Wheelmade Ware from Hittite Contexts", in Irmgard Hein (Eds.) *The lustrous wares of Late Bronze Age Cyprus and the Eastern Mediterranean: Papers of a Conference, Vienna, 5th-6th of November 2004*, Wein: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, pp. 155-168.

MIELKE, Dirk Paul, (2017). "From »Anatolia« to »Hittite«. The Development of Pottery in Central Anatolia in the 2nd Millennium BC", in A. Schachner & Jürgen Seeher (ed.), *Innovation versus Beharrung: Was macht den Unterschied des hethitischen Reichs im Anatolien des 2. Jahrtausends v. Chr.? Internationaler Workshop zu Ehren von Jürgen Seeher, Istanbul, 23–24. Mai 2014 (Byzas, 23)*, Istanbul: Ege Yayınları, pp. 122-144.

MILLER, Jared L. (2007). "Mursili II's Dictate to Tuppi-Teššub Syrian Antagonists", in *KASKAL: Rivista di Storia, Ambienti e Culture del Vicino Oriente Antico*, Vicchio: LoGisma Ed., pp. 121-152.

MORA, Clélia, (1987). *La glittica Anatolica del II millennio A.C.: classificazione tipologica / 1, [3] I sigilli a iscrizione geroglifica*, Studia Mediterranea 6, Pavia: Iuculano.

MORA, Clélia, (2004). “Sigilli e sigillature di Karkemiš in età imperiale ittita I. I re, i dignitari, il (mio) Sole”, in Alfonso Archi & F. Pecchioli Daddi (Eds.) *Studi di Ittitologia in onore di Onofrio Carruba, Orientalia* (NOVA SERIES), vol. 73, fascículo 4, Roma: Pontificio Istituto Biblico, pp. 427-450.

MORA, Clélia, (2008). “Die Hethitische Glyptik: Im Lichte der Politische und Kulturellen Beziehungen des Hethiterreichs zu Syrien und Mesopotamien”, in Gernot Wilhelm (Eds.) *Ḫattuša-Boğazköy: das Hethiterreich im Spannungsfeld des Alten Orients: 6. Internationales Colloquium der Deutschen Orient-Gesellschaft, 22-24 März 2006 in Würzburg*, Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 159-172.

MORA, Clélia, (2010). “Les Hittites en Syrie du Nord. Contacts, influences et échanges”, in Isabelle Klock-Fontanille, Séverine Bietlot & Karine Meshoub (Eds.) *Identité et altérité culturelles: les cas des Hittites dans le Proche-Orient ancien: actes de colloque, Université de Limoges, 27-28 Novembre 2008*, Bruxelles: Safran, pp. 163-170.

MOOREY, Peter Roger Stuart, (1980). *Cemeteries of the First Millennium B.C. at Depe Hüyük, near Carchemish, salvaged by T. E. Lawrence and C. L. Woolley in 1913*, Oxford: B.A.R (British Archaeological Reports).

MÜLLER-KARPE, Andreas, (2009). “The Hittite Empire”, in Joan Aruz, Kim Bezel & Jean M. Evans (et al.) *Beyond Babylon: Art, Trade, and Diplomacy in the Second Millenium B.C.*, New Haven e Londres: Yale University Press, pp. 177-178.

MUSCARELLA, Oscar White, (1988). *Bronze and Iron: Ancient Near Eastern Artifacts in The Metropolitan Museum of Art*, Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art.

NEVE, Peter, (1996). *Ḫattuša – Stadt der Götter und Tempel: Neue Ausgrabungen in der Hauptstadt der Hethiter*, Mainz Am Rhein: Verlag Philipp von Zabern.

NEU, Erich, (1995). “Hethiter und Hethitisch in Ugarit”, in Manfred Dietrich & Oswald Loretz (Eds.) *Ugarit: ein ostmediterranes Kulturzentrum im Alten Orient. Ergebnisse und Perspektiven der Forschung*, Münster: Ugarit-Verlag, pp. 115-129.

NIEDORF, Christian F., (2002). “Ein hethitisches Brieffragment aus Alalāḫ”, in Oswald Loretz, Manfred Dietrich et al. (Eds.) *Ex Mesopotamia et Syria lux: Festschrift für Manfred*

Dietrich zu seinem 65. Geburtstag (Alter Orient und Altes Testament, Bd. 281), Münster: Ugarit-Verlag, pp. 517-526.

NIEMEIER, Wolf-Dietrich, (2002). “Ḫattuša und Aḫḫijawa im Konflikt um Millawanda/Milet”, in *Die Hethiter und ihr Reich: das Volk der 1000 Götter*, Stuttgart: Theiss, pp. 294-299.

NOUGAYROL, Jean, SCHAEFFER, Claude, et al., (1968). *Ugaritica V* (Mission de Ras Shamra, t. 16), Paris: P. Geuthner.

NOVÁK, Mirk, (2012). “The Temple of ‘Ain Dārā in the Context of Imperial and Neo-Hittite Architecture and Art”, in Jens Kamlah & Henrike Michelau (Eds.) *Temple Building and Temple Cult: architecture and cultic paraphernalia of temples in the Levant (2.-1. Mill. B.C.E.). Proceedings of a conference on the occasion of the 50th anniversary of the Institute of Biblical Archaeology at the University of Tübingen (28-30 May 2010)*, Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 41-54.

OTTEN, Heinrich, (1956). “Rezension zu Wiseman 1953”, in *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, Bd. 106, Wiesbaden: Kommissionsverlag Franz Steiner GMBH, pp. 213-214.

OTTEN, Heinrich; SOUČEK, Vladimír, (1965). *Das Gelubde der Königin Puduhepa an die Göttin Lelwani, StBOt 1 (Studien zu den Bogazköy-Texten)*, Wiesbaden: O. Harrassowitz.

OTTO, Adelheid, (2012). “Archaeological Evidence for Collective Governance along the Upper Syrian Euphrates during the Late and Middle Bronze Age”, in Gernot Wilhelm (Eds.) *Organization, Representation, and Symbols of Power in the Ancient Near East. Proceedings of the 54th Rencontre Assyriologique Internationale at Würzburg, 20-25 July 2008*, Winona Lake: Eisenbrauns, pp. 87-99.

ÖZYAR, Aslı, (1998). “The Use and Abuse of Re-use at Karkamish”, in Güven Arsebük, Machteld J. Mellink & Wulf Schirmer (Eds.) *Light on Top of the Black Hill: Studies presented to Halet Çambel*, Istanbul: Ege Yayınları, pp. 633-640.

POSTGATE, J. N., (2007). “The ceramics of centralization and dissolution: a case study from Rough Cilicia”, in *Anatolian Studies*, vol. 57, Cambridge: University Press, pp. 141-150.

PRITCHARD, James B., (1969). *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*, Princeton, New Jersey: Princeton University Press.

PRUZSINSKY, Regine, (2007). “Emar and the transition from Hurrian to Hittite Power”, in Marlies Heinz & Marian H. Feldman (Eds.) *Representations of Political Power: Case Histories from Times of Change and Dissolving Order in the Ancient Near East*, Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, pp. 21-37.

RIIS, P. J. (1948). *Hama. II:3: Fouilles et recherches de la Fondation Carlsberg, 1931-1938: Les cimetières à crémation*, Copenhaga: Nationalmuseet.

RIIS, P. J. & BUHL, Marie-Louise, (1990). *Hama. II:2: Fouilles et recherches de la Fondation Carlsberg, 1931-1938: Les objets de la période dite syro-hittite (âge du fer)*, Copenhaga: Nationalmuseet.

SAKAL, Ferhan, (2005). “Ein neues Stempelsiegel aus Emar”, in *Colloquium Anatolicum IV*, University Heidelberg Forschungsprojekt/Arbeitsgemeinschaft, Einzelpersonen, pp. 181-185.

SALVINI, Mirjo, (2001). “Textes Hittites”, in Marguerite Yon & Daniel Arnaud (Eds) *Études Ougaritiques I: Travaux 1985-1995 (Ras Shamra-Ougarit XIV)*, Paris: Éditions Recherche sur les Civilizations, pp. 339.

SALVINI, Mirjo & TRÉMOUILLE, Marie-Claude, (2003). “Les Textes Hittites de Meskéné-Emar”, in *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, fascículo XLV/2, Roma: Istituto di Studi Sulle Civiltà dell’Egeo e del Vicino Oriente, pp. 225-271.

SANDARS, N. K., (1963). “Later Aegan Bronze Swords”, in *American Journal of Archaeology*, vol. 67, n° 2, Boston, Mass: Archaeological Institute of America, pp. 140-142.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, (1931). “Les fouilles de Minet el-Beida et de Ras-Shamra. Deuxième campagne (printemps 1930). Rapport sommaire”, in *Syria*, tomo 12, fascículo 1, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 1-14.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, (1937). “Fouilles de Ras Shamra-Ugarit. Huitième campagne (printemps 1936)”, in *Syria*, tomo 18, fascículo 2, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 145-146.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, (1938). “Les fouilles de Ras Shamra-Ugarit. Neuvième Campagne (printemps 1937)”, in *Syria*, tomo 19, fascículo 4, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, 1938, pp. 313-334.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, (1939). *Ugaritica I* (Mission de Ras Shamra, t. 3), Paris: P. Geuthner.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, (1952). “Nouvelles archéologiques”, in *Syria*, tomo 29, fascículo 1-2, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, pp. 172-173.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, (1956). *Ugaritica III* (Mission de Ras Shamra, t. 8), Paris: P. Geuthner.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, (1956). “La matrice d’un sceau du roi Hittite Mursili II retirée des cendres du palais royal d’Ugarit”, in *Ugaritica III* (Mission de Ras Shamra, t. 8), Paris: P. Geuthner, pp. 87-93.

SCHOOP, Ulf-Dietrich, (2011). “Hittite Pottery: A Summary”, in Hermann Genz & Dirk Paul Mielke (Eds.) *Insights into Hittite History and Archaeology*, Leuven – Paris – Walpole, Ma: Peeters, pp. 241-273.

SEEDEN, Helga, (1980). *The Standing Armed Figurines in the Levant*, München: C.H. Beck’sche Verlagsbuchhandlung.

SEIDL, Ursula, (1972). “Lapisreliefs und ihre Goldfassungen aus Karkamiš”, in *Istanbuler Mitteilungen*, Band 22, Tübingen: Verlag Ernst Wasmuth, pp. 15-43.

SHAVEL, Sariel, (2004). *Swords and Daggers in Late Bronze Age Canaan (Prähistorische Bronzefunde, Abt. 4, Bd. 13)*, Stuttgart: Franz Steiner.

SIEGELOVÁ, Jana; TSUMOTO, Hidetoshi, (2011). “Metals and Metallurgy in Hittite Anatolia”, in Hermann Genz & Dirk Paul Mielke (Eds.) *Insights into Hittite History and Archaeology*, Leuven – Paris – Walpole, Ma: Peeters, pp. 275-300.

SIMON, Zsolt, (2013). “Die hethitische Präsenz in der Levante während der Spätbronzezeit: Archäologische vs. schriftliche Quellen”, in *Altorientalische Forschungen*, vol. 40, n° 2, Berlin: Akademie-Verlag, pp. 295-313.

SINGER, Itamar, (1998). “A City of Many Temples: Ḫattuša, capital of the Hittites”, in Benjamin Z. Kedar & R.J. Zwi Werblowsky (Eds.) *Sacred Space: shrine, city, land*, New York: New York University Press, pp. 32-44.

SINGER, Itamar, (2003). “The Great Scribe Taki-Šarruma”, in *Hittite Studies in Honor of Harry A. Hoffner Jr. on the Occasion of His 65th Birthday*, Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, pp. 341-348.

SINGER, Itamar, (1980). “Three Hittite Seals”, in *Tel Aviv*, vol. 7, n° 3-4, Leeds: Maney Publishing, pp. 170-171.

SINGER, Itamar, (2011). “A Political History of Ugarit”, in *The Calm Before the Storm*, Atlanta, Society of Biblical Literature, pp. 19-147.

SINGER, Itamar, (2011). “Takuḫlinu and Ḫaya: Two Governors in the Ugarit Letter from Tel Aphek”, in *The Calm Before the Storm*, Atlanta, Society of Biblical Literature, pp. 147-172.

SINGER, Itamar, (2011). “A Concise History of Amurru”, in *The Calm Before the Storm*, Atlanta, Society of Biblical Literature, pp. 197-242.

SINGER, Itamar, (2011). “Hittite Cultural Influence in the Kingdom of Amurru”, in *The Calm Before the Storm*, Atlanta, Society of Biblical Literature, pp. 253-258.

SINGER, Itamar, (2011). “A New Hittite Letter from Emar”, in *The Calm Before the Storm*, Atlanta, Society of Biblical Literature, pp. 295-305.

SINGER, Itamar, (2017). “Alalah/Mukiš under Hittite Rule and Thereafter”, in K. Aslıhan Yener; Çiğdem Maner; Mara T. Horowitz; Allan S. Gilbert (Eds.) *Overtuning certainties in Near Eastern Archaeology: a festschrift in honor of K. Aslihan Yener*, Leiden; Boston: Brill, pp. 614-633.

SMITH, Sidney, (1939). “A Preliminary Account from the Tablets from Atchana”, in *The Antiquaries Journal*, vol. 19, n° 1, Londres: Society of Antiquaries in London, pp. 38-48.

STARKE, Frank, (1990). *Untersuchung zur Stammbildung des keilschrift-luwischen Nomens 31 (Studien zu den Bogazköy-Texten)*, Wiesbaden: O. Harrassowitz.

STARKE, Frank, (2001). "Ein silbernes, bikonvexes Siegel mit luwischer Hieroglypheninschrift", in Uwe Finkbeiner (Eds.) *Emar 1999 – Bericht über die 3. Kampagne der syrisch-deutschen Ausgrabungen, Baghdader Mitteilungen 32*, University Heidelberg Forschungsprojekt/ Arbeitsgemeinschaft, Einzelpersonen, pp. 102, Abb. 24; 103-105.

STARKE, Frank, (2003). "Stempelsiegel mit luwischer Inschrift", in Uwe Finkbeiner; Ferhan Sakal (Eds.) *Emar 2002 – Bericht über die 5. Kampagne der syrisch-deutschen Ausgrabungen, Baghdader Mitteilungen 32*, University Heidelberg Forschungsprojekt/ Arbeitsgemeinschaft, Einzelpersonen, pp. 19; 91-92, Abb. 26.

SUTER, Claudia E. (2000). "The Hittite Seal from Megiddo", in *Aula Orientalis*, Barcelona: Editorial AUSA, pp. 421-430.

SYMINGTON, Dorit, (2001). "Hittites at Kilise Tepe", in Eric Jean, Ali M. Dinçol & Serra Durugönül (Eds.) *La Cilicie: espaces et pouvoirs locaux (IIe millénaires av. J.-C. – IV siècle ap. J.-C.). Actes de la Table Ronde d'Istanbul, 2-5 novembre 1999*, Istanbul: Institut Français d'Études Anatoliennes-Georges Dumézil, pp. 172.

USSISHKIN, David, (1967). "On the Dating of Some Groups of Reliefs from Carchemish and Til Barsib", in *Anatolian Studies*, vol. 17, Cambridge: University Press, pp. 181-192.

VAN DEN HOUT, (1995). *Der Ulmitešub-Vertrag. Eine prosopographische Untersuchung, StBOt 38 (Studien zu den Bogazköy-Texten)*, Wiesbaden: O. Harrassowitz.

VENTZKE, Walter, (1983). "Zur Rekonstruktion eines bronzenen Schuppenpanzers", in Rolf Hachmann (Eds.) *Frühe Phöniker im Libanon: 20 Jahre deutsche Ausgrabungen in Kāmid el-Lōz*, Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, pp. 94-100.

VIROLLEAUD, Charles, (1957). *Le Palais Royal d'Ugarit II: Textes en cunéiformes alphabétiques des archives est, ouest et centrales* (Mission de Ras Shamra, tome VII), Paris: Geuthner.

WALSER, Gerold, (1964). *Neuere Hethiterforschung*, Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH.

WATSON, Wilfred G.E., (1995). "Non-Semitic Words in the Ugaritic Lexicon", in *Ugarit-Forschungen*, n° 27, Münster: Ugarit-Verlag, pp. 533-558.

WEEDEN, Mark, (2013). "After the Hittites: The Kingdom of Karkamish and Palistin in Northern Syria", in *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, vol. 56, issue 2, Londres: Institute of Classical Studies, pp. 1-20.

WERNER, Rudolf, (1991). *Kleine Einführung ins Hieroglyphen-Luwische (Orbis Biblicus et Orientalis 106)*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.

WINTER, Irene J., (1976). "Carved Ivory Furniture Panels from Nimrud: A Coherent Subgroup of the North Syrian Style", in *Metropolitan Museum Journal*, vol. 11, Chicago: The University Press of Chicago, pp. 25-54.

WISEMAN, Donald, (1953). *The Alalakh Tablets*, Londres: British Institute of Archaeology at Ankara.

WOOLLEY, Leonard, (1921). *Carchemish: report on the excavations at Jerablus on behalf of the British Museum conducted by D.G. Hogarth, R. Campbell Thompson and C. Leonard Woolley with T.E. Lawrence, P.L.O. Guy, and H. Reitlinger. Pt. 2, The town defences*, London: Published for the Trustees of the British Museum by British Museum Publications.

WOOLLEY, Leonard, (1952). *Carchemish: report on the excavations at Jerablus on behalf of the British Museum conducted by D.G. Hogarth, R. Campbell Thompson and C. Leonard Woolley with T.E. Lawrence, P.L.O. Guy, and H. Reitlinger. Pt. 3, The excavations in the inner town*, London: Published for the Trustees of the British Museum by British Museum Publications.

WOOLLEY, Leonard, (1955). *Alalakh: an account of the excavations at Tell Atchana in the Hatay, 1937-1949*, London: Society of Antiquaries.

YAMADA, Masamichi, (2006). "The Hittite Administration in Emar: The Aspects of Direct Control", in *Zeitschrift für Assyrologie und Vorderasiatische Archäologie*, 96, n° 2, Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co., pp. 222-234.

YENER, K. Aslihan, (2005). "Alalakh Spatial Organization", in *The Amuq Valley Regional Projects: Surveys in the Plain of Antioch and Orontes Delta, Turje, 1995-2002*, vol. 1, Chicago: Oriental Institute Publications, pp. 99-144.

YENER, K. Aslihan, (2011). "Hittite Metals at the Frontier: A Three-Spiked Battle Ax from Alalakh", in Philip P. Betancourt & Susan C. Ferrence (Eds.) *Metallurgy: Understanding*

How, Learning Why: Studies in Honor of James D. Muhly, Philadelphia, Pennsylvania: INSTAP Academic Press, pp. 265-272.

YENER, K. Aslıhan, (2013). “Recent Excavations at Alalakh: Throne Embellishments in Middle Bronze Age Level VII”, in Joan Aruz, Sarah B. Graff & Yelena Rakic (Eds.) *Cultures in Contact: From Mesopotamia to the Mediterranean in the Second Millennium B.C.*, Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art; New Haven, Conn.: Distributed by Yale University Press, pp. 142-153.

YENER, K. Aslıhan; AKAR, Murat, (2013). “Alalakh – Tell Atchana”, in Meltem Doğan-Alparslan & Metin Alparslan (Eds.) *Hittiter: bir Anadolu imparatorluğu. Hittites: an Anatolian Empire* (Anadolu uygarlıkları serisi, 3), İstanbul: Yapı Kredi Yayınları, pp. 264-271.

YENER, K. Aslıhan, (2013). “New Excavations at Alalakh: The 14th-12th Centuries BC”, in K. Aslıhan Yener (Eds.), *Across the Border: Late Bronze-Iron Age Relations Between Syria and Anatolia: proceedings of a symposium held at the Research Center of Anatolian Studies, Koç University, Istanbul, May 31-June 1, 2010*, Leuven, Paris: Walpole, Ma., Peeters, pp. 11-35.

YENER, K. Aslıhan; DINÇOL, Belkıs; PEKER, Hasan, (2014). “Prince Tuthaliya and Princessa Ašnuhepa”, in *N.A.B.U.: Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires*, n° 4 (Décembre), Paris: NABU, pp. 136-138.

YENER, K. Aslıhan, (2015). “Material Evidence of Cult and Ritual at Tell Atchana, Ancient Alalakh: Deities of the Transitional Middle-Late Bronze Period”, in Paolo Ciadardini & Deborah Giannessi (Eds.) *From the Treasures of Syria: Essays on Art and Archaeology in Honour of Stefania Mazzoni*, Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, pp. 205-215.

YENER, K. Aslıhan, (2017). “Cult and Ritual at Late Bronze Age II Alalakh: Hybridity and Power under Hittite Administration”, in Alice Mouton (Eds.), *Hittitology Today: Studies on Hittite and Neo-Hittite Anatolia in Honor of Emmanuel Laroche’s 100th Birthday, Istanbul 21-22 novembre, 2014*, Paris: Institut Français d’Études Anatoliennes Georges-Dumézil, pp. 215-224.

YON, Marguerite, (2006). *The City of Ugarit at Tell Ras Shamra*, Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns.

Webgrafia

BILGIN, Tayfun, *Hittite Monuments* – disponível em <https://www.hittitemonuments.com/> (consultado pela última vez a 7/1/2018).

CAMMAROSANO, Michele, (2017). *A Map of The Hittite World* – disponível em <https://osf.io/t2y7h/> (consultado pela última vez a 7/1/2018).

KOŠAK, S. & MÜLLER, G. G. W., *Catalogue des textes hittites (CTH)* – disponível em <http://www.hethport.uni-wuerzburg.de/CTH/> (consultado pela última vez a 6/01/2018).

The Cultural Heritage of Hittite Anatolia, an International and Interdisciplinary project for a Hittite Historical Atlas – disponível em <http://hha.datalino.de/index.php> (consultado pela última vez a 7/1/2018).

The University of Chicago, The Oriental Institute – *Anatolian Atlas, Archeological Site and Findspots* – disponível em <https://oi.uchicago.edu/research/camel/atlas-sites> (consultado pela última vez a 7/1/2018).

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa de distribuição e número de selos/ <i>bullae</i> /impressões hititas no território sírio setentrional e ocidental.....	14
Figura 2 – Reconstrução da selagem de tabuinhas de madeira.....	15
Figura 3 – Reconstrução da selagem de um saco.....	15
Figura 4 – Esquema de leitura dos hieróglifos dispostos nos selos de tradição anatólica...	18
Figura 5 – Mapa de distribuição e número de tabuinhas com escrita hitita ou enviadas de Hatti no território sírio setentrional e ocidental.....	43
Figura 6 – (À esquerda) exemplo de uma tabuinha de tipo “sírio” (ETBLM 3/BLMJ 804). (À direita) exemplo de uma tabuinha de tipo “sírio-hitita” (ETBLM 1/BLMJ 1131).....	57
Figura 7 – Mapa de distribuição e número de armamento hitita e possíveis importações; assim como possíveis locais com guarnição hitita no território sírio setentrional e ocidental.....	60
Figura 8 – Mapa de distribuição das cerâmicas de tradição Anatólia Central Norte no território sírio setentrional e ocidental.....	75
Figura 9 – Mapa de distribuição e número de pequenos objectos de prestígio hititas ou sírio-hititas no território sírio setentrional e ocidental.....	85

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Selos, <i>bullae</i> e impressões de selos hititas em território sírio.....	20
Tabela 2 – Tabuinhas de escrita hitita ou remetidas de Ḫatti.....	44
Tabela 3 – Armamento.....	61
Tabela 4 – Objectos de prestígio.....	87

Anexos

Anexos A – Mapa e Planta



Figura 1 – Mapa do Próximo Oriente com a indicação de todos os sítios e monumentos hititas mencionados na dissertação (adaptado de *A Map of the Hittite World*, versão 3, de Michele Cammarosano).

Índice da Figura 1

Nome Actual	Nome Antigo	Coordenadas (DMS)
Abū Kalkal		36°26'N 38°05'E
‘Ain Dārā		36°27'33.7"N 36°51'7.5"E
Acem Höyük		38°24'41.72"N 33°50'7.74"E
Alaca Höyük	Arinna?	40°14'4"N 34°41'44"E
Alişar Höyük	Ankuwa?	39°36'19.67"N 35°15'41.54"E
Alepo	Ḫalab	36°11'57.01"N 37°9'45"E
Arslantepe	Melid	38°22'55"N 38°21'40"E
Aššur	Aššur	35°27'24"N 43°15'45"E
Babilónia	Babili	32°32'11"N 44°25'15"E
Bete-Seā		32°30'N 35°30'E
Boğazköy	Ḫattuša	40°17.50"N 34°37'0.48"E
Biblos	Gubal	34°07'10.9"N 35°38'46.5"E
Comana	Kummanni	38°19'48"N 36°19'48"E
Darende		38°32'50"N 37°30'40"E
Deve Höyük		36°46'2.06"N 37°38'19.32"E
Diyarbakır		37°54'36"N 40°14'24"E
Doğantepe		39°59'01"N 32°55'13.3"E
El-Qitar	Til Abnu?	36°23'2"N 38°10'49"E
Gordion		39°39'01.8"N 31°58'44.6"E
Ḫama	Ḫama	35°08'N 36°45'E
İmikuşağı		38°31'31.3"N 38°27'19.4"E
Kamid el-Loz	Kumidi	33°36'57.6"N 35°48'57.6"E
Karahöyük	Lawazantiya?	38°15'44.0"N 37°06'47.6"E
Karkamiš	Kargamišša	36°49'43.76"N 38°0'57.78"E
Kastamonu		41°38'43.8"N 33°56'12.7"E
Kayalıpınar	Šamuḫa	39°37'14.8"N 36°31'40.6"E
Kayseri	Mazaca	38°44'N 35°29'E

Kilise Tepe		36°30'08.8"N 33°33'13.3"E
Kinet Höyük	Isso/Izziya?	36°50'18"N 36°9'.52"E
Kültepe	Kaneš/Neša	38°51'N 35°38'E
Kuşaklı	Šarišša	39°18'29.04"N 36°54'35.70"E
Latakia		35°31'N 35°47'E
Malatya		38°21'N 38°18'E
Megido	Megido	32°35'4.64"N 35°11'0.58"E
Mileto	Milawanda	37°31'49"N 27°16'42"E
Minet el Beida	Ma'hadu	35°36'25.2"N 35°46'33.6"E
Nimrud	Kalḫu	36°5'53.49"N 43°19'43.57"E
Nínive	Ninua (hit. Nenuwa)	36°21'34"N 43°09'10"E
Norşuntepe		38°37'8"N 39°28'12"E
Yorghhan Tepe	Nuzi	35°22'12"N 44°15'18"E
Osmankayası		40°01'36.1"N 34°37'20.1"E
Oymağaac	Nerik	41°12'27.66"N 35°25'45.14"E
Ras Ibn Hani		35°35'6"N 35°44'45.6"E
Ras Şamra	Ugarit	35°36'6.86"N 35°46'55.09"E
Şagır Bazar		36°52'33.5"N 40°53'52.59"E
Sakçegözü		37°11'12"N 36°53'29"E
Şarköy		40°36'14"N 27°06'23"E
Sídon		33°33'38"N 35°23'53"E
Tarso	Tarsa	36°55'00"N 34°53'44"E
Tartus		34°54'N 35°53'E
Tchogha-Zanbil	Dür Untash	32°0'30"N 48°31'15"E
Tell Atchana	Alalaḫ	36°14'16"N 36°23'05"E
Tell Afis		35°54'17.52"N 36°47'55.01"E
Tell el-Fara (sul)	Sharuhen	31°16'54"N 34°28'57"E
Tell es-Sa'idiyeh		32°19'19"N 35°33'36"E
Tell Fekheriye	Waššuganni?	36°50'31.9"N 40°04'12.5"E
Tell Fray		35°54'12.76"N 38°23'3.11"E

Tell Halaf		36°49'35.76"N 40°2'22.56"E
Tell Kazel	Simyra?	34°42'29"N 35°59'10"E
Tell Mardikh	Ebla	35°47'52.8"N 36°47'52.8"E
Tell Meskene	Emar	35°59'12.63"N 38°6'40.95"E
Tell es-Miřrife	Qatna	34°50'06"N 36°51'57"E
Tell Nebi Mend	Kadeř	34°33'27.45"N 36°31'10.89"E
Tell řeh Hamad	Dur Katlimmu	35°38'36"N 40°44'25"E
Tell Tweini	Gibala?	35°22'18"N 35°56'11"E
Tilbeřar		36°52'26.4"N 37°33'32.4"E
Tille Hyk		37°44'N 38°53'E
Tilmen Hyk		37°1'48.22"N 36°44'15.22"E
Ymktepe	Elipru?	36°48'N 34°36'E
Zincirli	Sam'al	37°06'13"N 36°40'43"E
Monumentos		
	Fıraktın	38°16'18"N 35°37'54"E
	İmamkulu	38°14'45.96"N 35°55'45.12"E
	Sirkeli Hyk	37°0'14"N 35°44'43"E
	Yazılıkaya	40°01'30"N 34°37'58"E

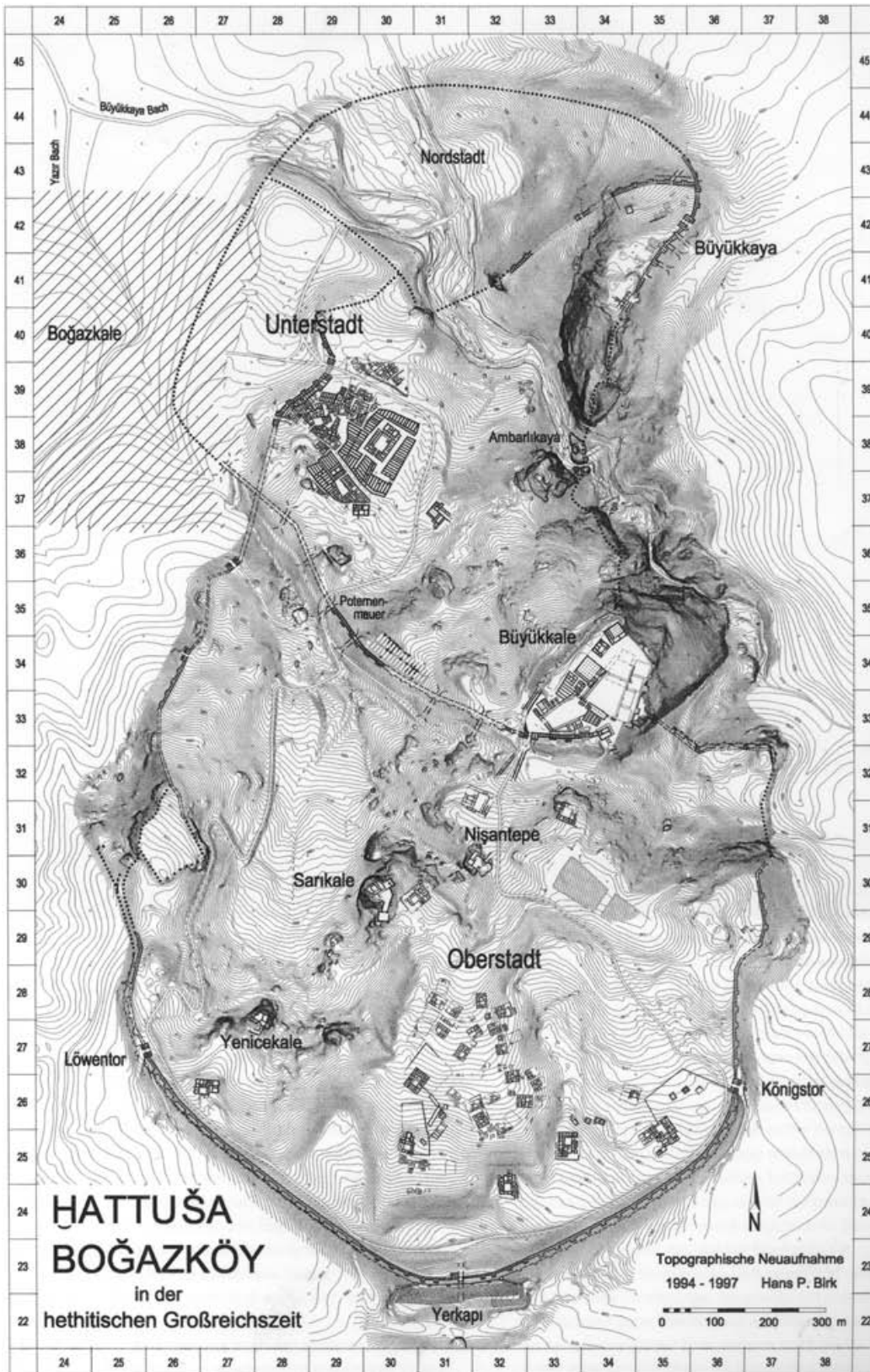


Figura 2 – Planta da capital hitita Ғattuša (COLLINS, 2007).

Anexos B – Lista de reis de Ḫatti¹²⁹

Antigo Reino

Labarna – 1650

Ḫattušili I 1650 – 1620

Muršili I 1620 – 1590

Ḫantili I 1590 – 1560

Zidanta I }
Ammuna } 1560 – 1525
Ḫuzziya I }

Telipinu 1525 – 1500

Alluwamna }
Taḫurwaili }
Ḫantili II } 1500 – 1400
Zidanta II }
Ḫuzziya II }
Muwatalli I }

Novo Reino

Tudḫaliya I/II }
Arnuwanda I } 1400 – 1350
Ḫattušili II? }
Tudḫaliya III }

Šuppiluliuma I 1350 – 1322

¹²⁹ Segundo Bryce (2005).

Arnuwanda II	1322 – 1321
Muršili II	1321 – 1295
Muwatalli II	1295 – 1272
Urḫi-Tešub	1272 – 1267
Ḫattušili III	1267 – 1237
Tudḫaliya IV	1237 – 1228
Kurunta	1228 – 1227
Tudḫaliya IV ¹³⁰	1227 – 1209
Arnuwanda III	1209 – 1207
Šuppiluliuma II	1207 –

¹³⁰ Segundo período como rei?

Anexos C – Cronologia sincrónica dos reis

<i>Data</i>	Hatti	Karkamiš	Alepo	Ugarit ¹³¹	Amurru ¹³²	Egipto ¹³³	Assíria ¹³⁴
1350	Šuppiluliuma I	Šarri-Kušuḫ (Piyššili)	Telipinu	Ammištamru I	Abdi-Aširta	Aquenáton	Aššur-uballiṭ I
				Niqmaddu II		Semenkhkare	
Arnuwanda II	Muršili I	Talmi-Šarruma	Ar-Ḫalba		DU-Tešub	Tutankhamon	
Muwatalli				Niqmepa		Aziru	Ay
	Urḫi-Tešub	Duppi-Tešub	Bentešina		Horemheb	Enlil-nērārī	
1272				1267	Ḫattušili III	Ini-Tešub	Halpazitis
	Bentešina	Ramsés I	Adad-nērārī I				
						Seti I	
							Šalmānašar

¹³¹ Cronologia de acordo com Singer, 2011.

¹³² Cronologia de acordo com Singer, 2011.

¹³³ Cronologia baixa de acordo com Kuhrt, 2000.

¹³⁴ Cronologia baixa de acordo com Kuhrt, 2000.

<i>Data</i>	Hatti	Karkamiš	Alepo	Ugarit	Amurru	Egipto	Assíria	
1237	Hattušili III	Ini-Tešub I	Halpazitis	Ammištamru II	Bentešina	Ramsés II	Šalmānašar	
1228	Tudhaliya IV			Ibiranu	Niqmaddu III		Šaušgamuwa	Tukultī-Ninurta I
	Kurunta							
1227	Tudhaliya IV			-	Ammurapi			
1209	Arnuwanda II	Talmi-Tešub	Amenemés I					
1207	Šuppiluliuma II							
1200	Idade do Ferro							
<i>Inícios a meados do s. XII a.C.</i>		Kuzi-Tešub	Grandes Reis de Karkamiš ¹³⁵	Ammurapi		Seti II	Aššur-nādin-apli	
		Maza-Karhuḫa	Tudhaliya?			Siptah	Aššur-nērārī III	
						Twosret	Enlil-kudurrī-ušur	
					Setnakht	Ninurta-apli-Ekur		
			Ramsés III		Aššur-dān I			
<i>Meados do s. XII a.C.</i>			Iri-Tešub?			Ramsés IV		

¹³⁵ Cronologia de acordo com Weeden, 2013.

<i>Data</i>
<i>Meados do s. XII a.C.</i>
<i>Finais do s. XII a.C.</i>
<i>Inícios do s. XI a.C.</i>
<i>Finais do s. XI a.C. / S. X a.C.</i>

Grandes Reis de Karkamiš	
Iri-Tešub?	
Ini-Tešub?	
Šapazati	
Ura-Tarḫunza	En Kur de Karkamiš
	Šuḫi I
Tudḫaliya?	Aštuwatamanza

Egipto	Assíria
Ramsés V	Aššur-dān I
Ramsés VI	
Ramsés VII	Ninurta-tukultī-Aššur Mutakkil-Nusku
Ramsés VIII	Aššur-rēša-iši I
Ramsés IX	
Ramsés X	Tiglat-Pilešar I
Ramsés XI	Ašarēd-apil-Ekur
Esmendes	Aššur-bēl-kāla
Pinedjem I	Eriḫba-Adad II
	Šamšī-Adad IV
Amenemesu	Aššurnāširpal I
Psusennes I	Šalmānašar II
	Aššur-nērārī IV
	Aššur-rābi II

<i>Data</i>		Grandes Reis de Karkamiš	En Kur de Karkamiš¹³⁶
<i>Séc. X a.C.</i>		Tudḫaliya?	Aštuwatamanza
			Šuḫi II
<i>Finais do s. X a.C./ inícios do s. IX a.C.</i>		Descendentes de Ura-Tarḫunza.	Katuwa
<i>c. 870 a.C.</i>			Šangara
<i>c. 848 a.C.</i>			Dinastia Aštiruwa¹³⁷
<i>Finais do s. IX a.C.</i>			

Egipto	Assíria
Amenemope	Aššur-rābi II
Osorkon, o ancião	
Siamun	Aššur-rēša-iši II
Psusennes II	Tiglat-Pilešar II
Shoshenk I	Aššur-dān II
Osorkon I	Adad-nērārī II
Shoshenk II	Tukultī-Ninurta II
Takelot I	Aššurnāširpal II
Osorkon II	Šalmānašar III
Takelot II	
Shoshenk III	Šamši-Adad V

¹³⁶ Cronologia de acordo com Bryce, 2012.

¹³⁷ Cronologia de acordo com Bryce, 2012.

<i>Data</i>	Dinastia Aštiruwa
<i>Finais do s. IX a.C. / inícios do s. VIII a.C.</i>	Aštiruwa
<i>Meados do s. VIII a.C.</i>	Yariri
<i>2ª metade do s. VIII a.C.</i>	Kamani
<i>717 a.C.</i>	Filho de Šaštura (=Pisiris?)

Egipto	Assíria
Shoshenk III	Adad-nērārī III
Pami	Šalmānašar IV
Shoshenk V	Aššur-dān I
	Aššur-nērārī V
Osorkon IV	Tiglat-Pilešar III
	Šalmānašar V
	Šargão II

Anexos D – Inventário textual do *corpus*

Sítio arqueológico

Categoria de artefacto

Nº de inventário no anexo (Nº de inventariação original)

Descrição

Dimensão

Inscrição hieroglífica¹³⁸

Locus

Datação

Bibliografia

Observações

Mapas/Plantas topográficas/Planta

Nota: Apenas os objectos considerados hititas ou sírio-hititas têm uma ficha de inventário completa. Para possíveis importações apresenta-se somente imagens.

¹³⁸ Os símbolos hieroglíficos identificados seguem a numeração organizada por Laroche (1960).

Selos

Nº 1 (11180)

Descrição: Selo biconvexo de rocha vermelha escura (pórfiro?), perfurado diametralmente, com sulcos proeminentes ao longo da margem.

Dimensão: Tem 2 cm de diâmetro e 1.2 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: O nome apresentado é *Pasasa* (L. 334 – L. 415 – L. 104). O L. 370, na direita e esquerda, sobre o L. 79, provam que se trata do nome de uma mulher.

Lado B: A composição dos caracteres é igual ao lado A. A única diferença é que, para além dos triângulos, usa-se também uma estrela radiante.

Locus: Contexto desconhecido, encontra-se actualmente no Museu de Arqueologia de Hatay.

Datação: Este selo datará entre meados ou finais do Império Hitita.

Bibliografia: DİNÇOL; 1983, p. 233, nº 20; MORA, 1987, p. 151 (VI b, nº 1.18), Tav. 38.

Tell Atchana/ Alalah

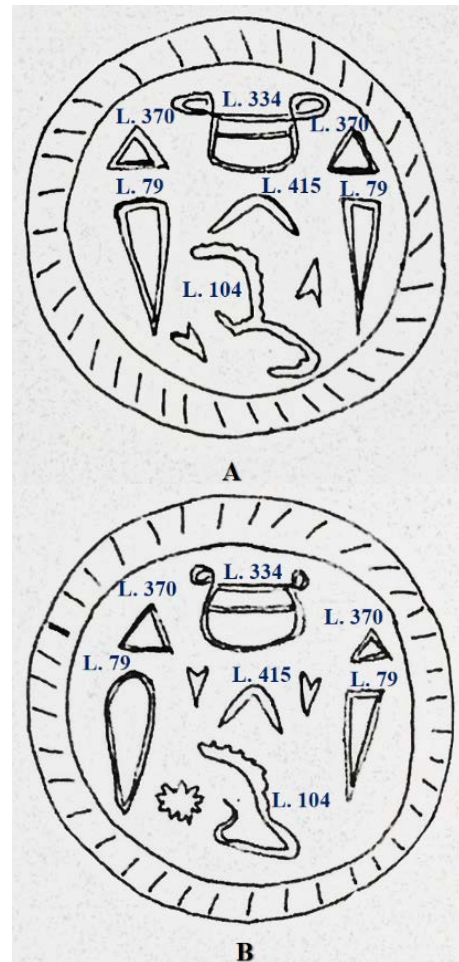


Figura 1 – Desenho do selo nº 11180 (MORA, 1987).

Nº 2 (11181)

Descrição: Selo biconvexo de cor bege (xisto?), perfurado diametralmente.

Dimensão: Tem 1.7 cm de diâmetro e 1 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: O grupo principal consiste nos hieróglifos L.193 + L.391 – L. 319 – L.391, formando o nome *Armatime*. Os símbolos L. 370 sobre L. 386 comprovam que se trata do nome de um homem. Não há nenhum símbolo indicativo do título do dono, embora um outro selo de Malatya-Aslantepe de uma colecção privada, que partilha o mesmo nome, apresente o título de AURIGA.

Lado B: Embora o grupo da esquerda e direita, que consistem nos hieróglifos L. 370 sobre L. 79, indiquem que se trate provavelmente do nome de uma mulher, a sua leitura não é segura. O primeiro símbolo pode ser considerado como L. 110, ao passo que o do meio não é identificável, enquanto que o último é remanescente de L. 439. Assim, o nome poderá possivelmente ser lido como *Ma-x-wa*.

Locus: Contexto desconhecido, encontra-se actualmente no Museu de Arqueologia de Hatay.

Datação: Este selo datará entre meados ou finais do Império Hitita.

Bibliografia: DİNÇOL; 1983, p. 237, nº 26; MORA, 1987, p. 292 (XII a, nº 2.33), Tav. 88.

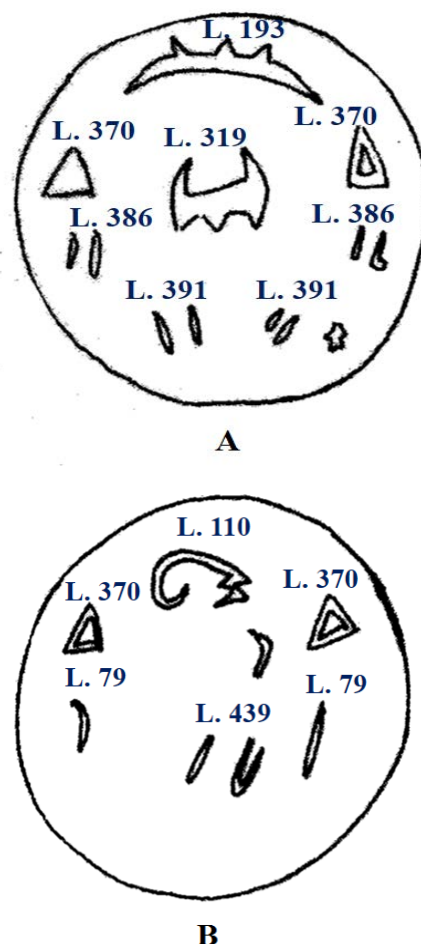


Figura 2 – Desenho do selo nº 11181 (MORA, 1987).

Nº 3 (AT/39/322)

Descrição: Selo biconvexo de esteatite branca, perfurado diametralmente, com uma linha delineada ao longo da margem.

Dimensão: Tem 0.39 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: O lado A é simples enquanto o B apresenta os hieróglifos lúvios L. 334 – L. 186 – L. 439 (= *Pa-lu-wa*) L. 46 – L. 390 (= REX.FILIUS REGIO.DOMINUS). Ou seja, *Paluwa*, Filho do Rei, Senhor do País.

Locus: O selo foi exumado na pequena divisão oeste do anexo leste do templo de Ištar (AJ 30), fase IB, quadrícula M 15.

Datação: Datará do século XIII a.C., embora pertença a um estrato posterior à ocupação hitita, do século XII a.C.¹³⁹.

Bibliografia: FINK, 2010, photo 5; MORA, 1987, p. 288 (XII a, nº 2.21), Tav. 85; WOOLLEY, 1955, p. 88; p. 266, nº 155; Pl. LXVII.

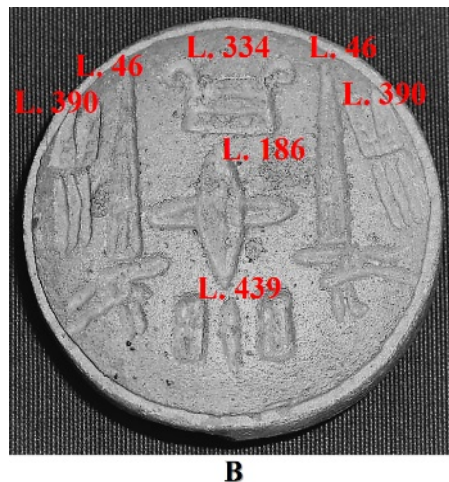


Figura 3 – Selo AT/39/322 (FINK, 2010).

¹³⁹ As escavações da presente centúria aprofundaram o conhecimento do sítio arqueológico, pondo em causa a estratigrafia original proposta por Woolley. Segundo Fink, a divisão não se trata de um anexo, mas um edifício separado – o qual designou de templo de

Paluwa devido ao selo – que cancela a estratigrafia da fase IB do templo e é, por isso, posterior (1240-1210 a.C.), mas ainda do século XIII a.C. (FINK, 2010, p. 44).

Nº 4 (AT/38/135)

Descrição: Selo biconvexo de esteatite cinzenta, perfurado diametralmente, com uma dupla linha incisa ao longo da margem.

Dimensão: Tem 1.9 cm de altura.

Inscrição hieroglífica: Apresenta em ambas as faces hieróglifos lúvios que resultam na palavra *A-wa-tas*.

Locus: O selo foi exumado no átrio sudeste do forte norte, na fase III¹⁴⁰, por debaixo do pavimento de ladrilho, quadrícula S 12.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: MORA, 1987, p. 310 (XII b, nº 1.38), Tav. 99; WOOLLEY, 1955, p. 168; p. 266, nº 156; Pl. LXVII.

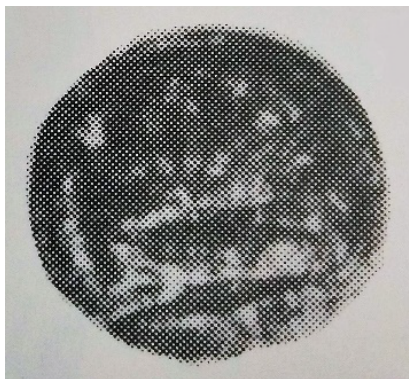


Figura 4 – Selo AT/38/135 (MORA, 1987).

¹⁴⁰ Com as novas escavações assume-se que esta fase terá início em 1420/1400-1240 a.C. (FINK, 2010, p. 3).

¹⁴¹ Ou no que Fink designa como o templo de Paluwa, donde se exumou o selo AT/39/322 igualmente (FINK, 2010, p. 55 nota 56).

Nº 5 (AT/46/12)

Descrição: Selo biconvexo de serpentina vermelha, perfurado diametralmente, com uma dupla linha incisa ao longo da margem.

Dimensão: Tem 2.4 cm de diâmetro e 1.5 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica: Apresenta em ambas as faces hieróglifos lúvios ilegíveis.

Locus: O selo foi exumado do canto sudoeste do pátio do templo de Istar¹⁴¹, por detrás de uma soleira de basalto, da fase I-II, quadrícula N 16.

Datação: Datará do século XIII a.C., embora pertença a um estrato posterior à ocupação hitita, do século XII a.C.¹⁴²

Bibliografia: MORA, 1987, p. 330 (XII b, nº 2.20), Tav. 109; WOOLLEY, 1955, p. 267, nº 157; Pl. LXVII.

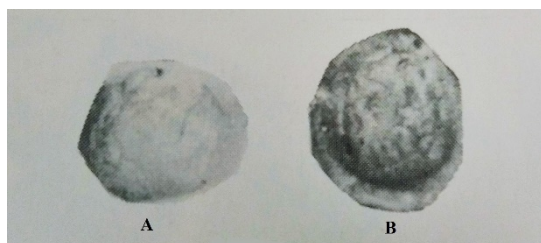


Figura 5 – Selo AT/46/12 (MORA, 1987).

¹⁴² Fink propõe uma datação mais antiga para esta fase (1280-1240 a.C.) (FINK, 2010, p. 3).

Nº 6 (AT/38/153)

Descrição: Selo biconvexo de barro (?), perfurado diametralmente, com uma linha incisa ao longo da margem.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: O lado A apresenta em hieróglifos lúvios, *Nu-*, seguido por um caractere de oito traços e depois por um triângulo com dois traços, provavelmente correspondendo a um título (embora três traços seja o mais usual). Do lado B apresenta-se *wa* + pássaro de água + *a* e dois traços.

Locus: À semelhança do selo nº 4 (AT/38/135), este terá sido exumado no mesmo enchimento realizado no chão do átrio sudeste do forte norte, no qual se substituiu o original pavimento de ladrilho da fase III para um de cerâmica na fase II. Contudo, tendo em conta que apenas restaram alguns troços do pavimento de cerâmica e o de ladrilho não era contínuo, a estratigrafia apresentada não era fiável e, desse modo, os artefactos encontrados poderiam somente ser datados de acordo com as suas próprias características. Ao contrário do selo AT/38/135, o AT/38/153 encontrava-se segundo Woolley (1955) “*high up in the filling*”, portanto estava

fora do seu contexto original, podendo integrar à fase IV (fig. 50).

Datação: Datará do século XIII a.C.

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 21 nota 16; MORA, 1987, p. 311 (XII b, nº 1.39), Tav. 99; WOOLLEY, 1955, p. 156; p. 168; p. 267, nº 159; Pl. LXVII.

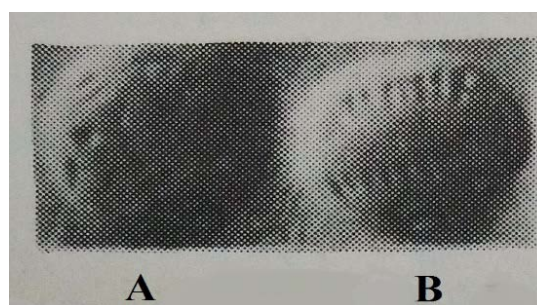


Figura 6 – Selo AT/38/153 (MORA, 1987).

Nº 7 (AT/37/3)

Descrição: Selo de estampa de terracota com base circular (?).

Dimensão: Tem 1.5 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: Apresenta a figura incisa de um pássaro (?) e outros caracteres ilegíveis (*A-pi-pa?*). Como a inscrição é bastante grosseira, tratar-se-á de produção local?

Locus: O selo foi encontrado à superfície, por debaixo do *tell*.

Datação: –

Bibliografia: MORA, 1987, p. 270 (XI 4.3), Tav. 79; WOOLLEY, 1955, p. 267, nº 160; Pl. LXVII.



Figura 7 – Selo AT/37/3 (MORA, 1987).

Nº 8 (AT/39/38)

Descrição: Selo de estampa de terracota.

Dimensão: Tem 2 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: “Filho do Rei, Pa-lu-wa + ideograma”. O ideograma normalmente significa “dar”, “dedicado” e provavelmente representa *pa* ou *pi*, formando assim um nome composto. O nome deste selo terá decerto relação com o nº 3 (será uma cópia? Ver nota 46).

Locus: O selo foi recolhido na camada superficial do solo, não se conhece a sua estratigrafia.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: MORA, 1987, p. 311 (XII b, nº 1.40), Tav. 99; WOOLLEY, 1955, p. 267, nº 161; Pl. LXVII.

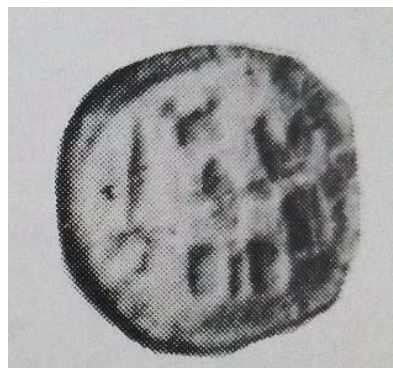


Figura 8 – Selo AT/39/38 (MORA, 1987).

Nº 9 (AT/49/15)

Descrição: Selo de estampa com argola partida. Não apresenta inscrição hieroglífica, apenas decoração geométrica

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: –

Locus: O selo foi recolhido na camada superficial do solo, não se conhece a sua estratigrafia.

Datação: Possivelmente do século XIV a.C.

Bibliografia: WOOLLEY, 1955, p. 268, nº 168; Fig. 72.



Figura 9 – Desenho do selo AT/49/15 (WOOLLEY, 1955).

Nº 10 (A03-R1247)

Descrição: Selo de estampa da forma de um cone irregular, de esteatite preta.

Dimensão: –

Decoração: Apresenta uma incisão diagonal à volta da parte de cima; logo acima, o topo do cone partiu-se ao nível de uma perfuração. A base consiste de um padrão de “vs” duplos entre os espaços vazios da cruz central. Este tipo de *design* não é conhecido, embora o selo A03-51009, exumado na mesma quadrícula, apresente um padrão semelhante, mas a base rectangular da forma de quatro lóbulos difere. Encontrou-se selos com a mesma forma na capital hitita, Boğazköy, nas U.Es. mais antigas, porém as pegas e o *design* não correspondem.

As incisões eram normalmente executadas usando-se sílex ou uma corda banhada em água ou óleo e de seguida passada num abrasivo, como areia fina. Ao deslizar com a corda de trás para a frente numa pedra macia ou num pedaço de barro delineava-se uma série de incisões. Os primeiros selos e amuletos do VI milénio a.C. eram incisados deste modo, uma prática que continuou a ser usada aquando da falta de tecnologia mais

avançada. Contudo, os “vs” do selo A03-R1247 não foram incisados deste modo.

Locus: O selo é um achado de superfície da quadrícula 44.69, localizada na orla dos *Craft Quarters*, na zona residencial da cidade, área 2 (ver fig. 49).

Datação: Possivelmente do século XIV a.C.

Bibliografia: COLLON, 2004, p. 89-90; p. 96, fig. 7.1., 2a-c.



Figura 10 – Desenho e fotografia do selo A03-R1247 (COLLON, 2004).

Bullae

Nº 11 (AT/37/2)

Descrição: *Bulla* de barro com impressão circular, muito desgastada.

Dimensão: Tem 2 cm de diâmetro.

Decoração: Na margem apresenta um círculo de triângulos e ornamentos fitomórficos (?) enquanto no centro se distribuem símbolos hieroglíficos difíceis de interpretar (ooo iii?).

Locus: A *bulla* trata-se de um achado de superfície recolhido perto da trincheira C (fig. 50).

Datação: Devido ao seu mau estado de conservação não é possível atribuir-lhe uma datação certa (século XIII a.C.?)

Bibliografia: MORA, 1987, p. 127 (V, nº 6.5), p. 109, p. 134, Tav. 30; WOOLLEY, 1955, p. 266, nº 154, Pl. LXVII, 154.

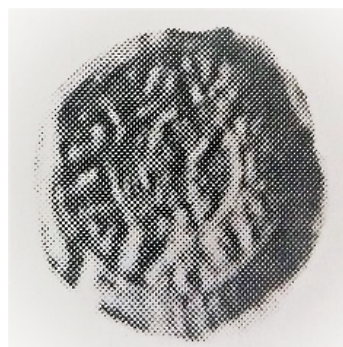


Figura 11 – *Bulla* AT/37/42 (MORA, 1987).

Nº 12 (AT/37/142)

Descrição: *Bulla* de barro com impressão circular, muito danificada.

Dimensão: Tem 2.5 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: Apresenta três hieróglifos lúvios, sendo que o primeiro significa possivelmente *-lu*, seguido de L. 442, e terminando com o ideograma “dar”.

Locus: A *bulla* foi encontrada na camada superficial do solo, não se conhece a sua estratigrafia.

Datação: Possivelmente do século XIII – XII a.C.

Bibliografia: MORA, 1987, p. 330 (XII b, nº 2.19), p. 109, Tav. 109; WOOLLEY, 1955, p. 267, nº 163, Pl. LXVII, 163.



Figura 12 – *Bulla* AT/37/142 (MORA, 1987).

Nº 13 (AT/37/101)

Descrição: *Bulla* de barro com impressão circular, parcialmente conservada. Do que resta do bordo esboça-se, ao que parece, um grupo de traços horizontais e verticais, em alternância regular.

Dimensão: Tem 1.5 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: O primeiro símbolo, que consiste em três traços, é normalmente interpretado como um ideograma que significa “chefe”, portanto o nome representado dever-se-ia ler como CHEFE-*qa-bu-ha-pa*. A combinação de nomes com a deusa Hēpa é uma prática já conhecida, especialmente no âmbito hurrita.

Outra possível leitura seria *Tara/i-la-nú-há/e-pa*.

Locus: A *bulla* foi exumada na rua principal da cidade, na zona residencial, fase II (fig. 52).

Datação: Possivelmente do século XIV – XIII a.C.

Bibliografia: MORA, 1987, p. 98 (IV, nº 4.3), p. 109, Tav. 19; WOOLLEY, 1955, p. 267, nº 164.



Figura 13 – Desenho da impressão da *bulla* AT/37/101 (MORA, 1987).

Nº 14 (8438)

Descrição: *Bulla* cónica de barro com impressão lisa.

Dimensão: Tem 2.5 cm de altura, 3 cm de diâmetro (a impressão tem 2.4 cm de diâmetro).

Decoração: O campo central, onde se encontram os hieróglifos constituintes do nome do dono do selo, é bastante pequeno, sendo rodeado por dois esquemas decorativos; o do interior apresenta uma faixa de espirais ao passo que o do exterior demonstra uma elaborada faixa aos ziguezagues. Os hieróglifos são ilegíveis.

Locus: Contexto desconhecido, encontra-se actualmente no Museu de Arqueologia de Hatay.

Datação: Fins do século XVI a.C.?

Bibliografia: DİNÇOL, DİNÇOL & PEKER, 2012, p. 193, fig. 4.



Figura 14 – *Bulla* nº 8438 (DİNÇOL, DİNÇOL & PEKER, 2012).

Nº 15 (AT/20414)

Descrição: *Bulla* de barro com impressão de um selo de estampa.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: A borda, bastante danificada, apresenta motivos decorativos que circundam o campo central. Neste encontram-se, à direita, os hieróglifos que compõem o nome Tudḫaliya (MONS. *TU* = L. 207), acompanhado do título REX.FILIUS (= L. 46) e à esquerda o nome Ašnu-Hepa com o mesmo título à esquerda.

A personagem do príncipe Tudḫaliya consta igualmente noutras duas fontes de Alalaḫ, nomeadamente na tabuinha nº 22 e no ortóstato nº 21. A princesa Ašnu-Hepa é que se destaca como novidade, encontrando-se novamente o seu nome no fragmento de tabuinha *KBo* 18.12, como remetente. Apresentando duas cartas, o anverso deste fragmento, deveria ter como principal destinatário o Grande Rei do Ḫatti e o remetente desaparecido seria Tudḫaliya, o príncipe e esposo de Ašnu-Hepa.

O príncipe Tudḫaliya possivelmente faria parte da família real hitita e

desempenharia o cargo de governador de Alalaḫ.

Locus: A *bulla* foi recolhida na quadrícula 42.10, fase local 4, no chão da divisão de um edifício em adobe. A quadrícula foi aberta imediatamente a sul das trincheiras realizadas por Woolley (século XX) na área do templo e do recinto de elite (área 1, extremidade norte do *tell*) (fig. 49).

Datação: De acordo com a análise estilística a impressão de selo datará dos finais do século XIV/inícios do século XIII a.C.

Bibliografia: YENER, DINÇOL & PEKER, 2014, p. 136-138; YENER, 2017, p. 216.



Figura 15 – *Bulla* AT/20414 (YENER, 2017).

Armas

Nº 16 (AT 1889)

Descrição: Machado à base de cobre, munido de três espetos e com encabamento de haste no centro.

Dimensões: –

Embora ainda não se tenham realizado análises metalográficas, parece que o machado foi fabricado a partir de um molde bivalve fechado e apresenta uma pátina verde à superfície causada pela oxidação do metal à base de cobre. Duas saliências pontiagudas flanqueiam o alvado, por cima e por baixo, de modo a fixar a cabeça do machado à haste, estabilizando a peça. Os três espetos proeminentes, divididos longitudinalmente e verticalmente, juntando-se depois na base, possivelmente reflectem o método de fundição. Dois dos espetos abrem-se para fora, ficando o central de frente em direcção axial. A combinação dos três espetos resultaria num golpe mortal contra a cabeça, tornando o machado numa arma bastante eficiente: pequena, mas letal. Esta arma com espetos diferencia-se das restantes dessa categoria devido ao botão, semelhante ao de um martelo, que apresenta na zona posterior,

o que torna os espetos a ponta da arma em vez de uma lâmina lisa. Três protuberâncias tubulares separam os espetos da ponta em botão. A sua extremidade é incisada, talvez por motivos decorativos. Um machado em Gaziantep, a região vizinha a norte, apresenta um botão de martelo semelhante, mas provém de contexto desconhecido.

Ao demonstrar fortes vinculações estilísticas com o machado munido de espetos do alto-relevo do Deus Guerreiro, na Porta do Rei de Ḫattuša (fig. 18), o machado nº 16 é consistente com outros achados de produção de armas sagradas. Para além de diferir estilisticamente do resto dos machados descobertos em Alalah.

Na Anatólia os símbolos mais importantes eram as divindades masculinas e femininas, normalmente retratadas com os seus atributos, uma arma ou um instrumento. Portanto, a associação de relâmpagos e machados com o Deus Tempestade Tešub na iconografia torna esses símbolos/objectos um elemento de fácil reconhecimento e parte da sua identidade. No caso do baixo-relevo de Ḫattuša, a representação é do Deus Guerreiro com a arma suprema

de destruição, o machado com espetos nas mãos de uma divindade.

A relação de armas munidas de espetos com o reino divino não se restringe a exemplares verdadeiros ou a representações em portas monumentais. O machado de três espetos é retratado em dois artefactos ritualísticos. O primeiro, um vaso de prata em forma de punho do período do Antigo Reino, com decoração em baixo-relevo. O segundo, uma impressão de um selo cilíndrico num *pithos*, datado do Bronze Final. De acordo com o vaso de prata, o Deus Guerreiro ou Deus Tempestade (a segurar as rédeas do touro) levanta a arma com espetos acima da sua cabeça numa posição beligerante. Uma figura, trajada como um rei, observa-lo sobre um altar enquanto verte uma oferta de libação.

A posição ameaçadora é representada também no segundo exemplo, uma impressão de selo num *pithos* encontrado em Imikuşağı, a leste de Turquia. Estilisticamente, o selo aproxima-se dos exemplares de Alalakh, Ugarit e Biblos. De novo, retrata-se um machado munido de três espetos nas mãos do Deus Tempestade (que segura um tridente relâmpago), vestido com uma saia egípcia. À esquerda, surge novamente a

figura do rei, vestido com uma longa túnica e vertendo uma libação. Outro deus com chifres, empunha uma longa espada com o pomo em forma de lua crescente, enquanto segura o inimigo pelo cabelo. Uma espada deste género foi igualmente encontrada em Alalakh, (fig. 22).

As imagens positivas de divindades hititas e armas divinas em metal eram exibidas, em contextos religiosos, como emblemáticas de um guerreiro hitita vitorioso. A palavra suméria *tukul* (uma designação geral para arma) também conotava um sentido metafórico de poder, divindades e tropas. Em conformidade, os textos revelam que as armas usadas em batalhas vitoriosas eram decoradas com metais preciosos e colocadas no altar da divindade tutelar. Consequentemente, o machado com espetos deve estar associado ao Deus Guerreiro e está imbuído de poder sagrado.

Locus: O artefacto foi exumado logo abaixo de solo revirado da fase local 1, quadrícula 64.83, área 4, fortaleza sul, zona oeste do *tell* (fig. 49).

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: YENER, 2011, p. 265-272; YENER & AKAR, 2013, p. 268-269.

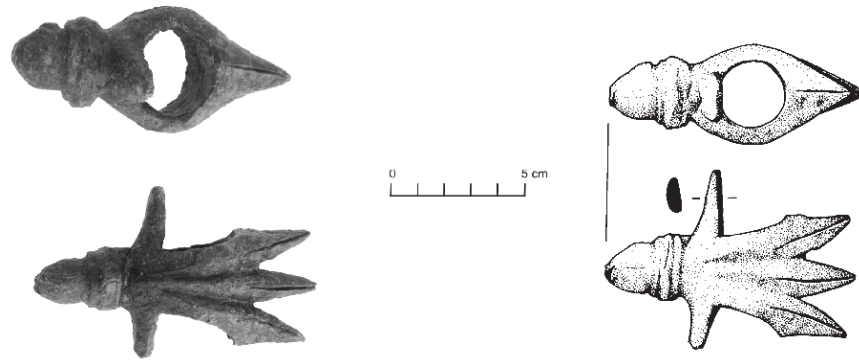


Figura 16 – Fotografia e desenho do machado AT 1889 (YENER, 2011).

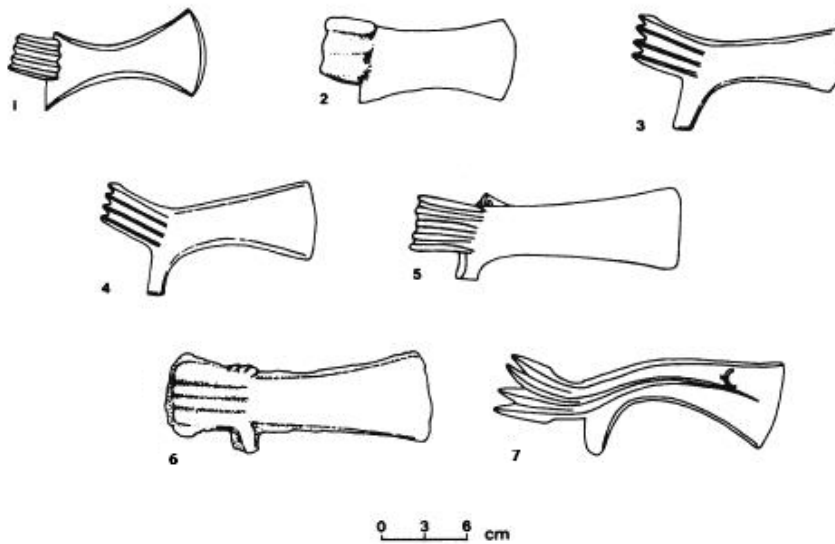


Figura 17 – Exemplos de machados comparativos com o nº 16. 1. Kültepe-Kaneş; 2. Acem Höyük; 3. Şagır Bazar; 4. Nimrud; 5. Ugarit; 6. Boğazköy; 7. Bete-Seâ (CURTIS, 1980).



Figura 18 – Desenho do alto-relevo do Deus Guerreiro na Porta do Rei, Hattuša. Pormenor do machado com 4 espetos (GENZ & MIELKE, 2011).



Figura 19 – Ponta de lança de alvado AT/39/305 (WOOLLEY, 1955).



Figura 20 – Punho da espada de bronze de Diyarbakır (GÜTERBOCK, 1965).

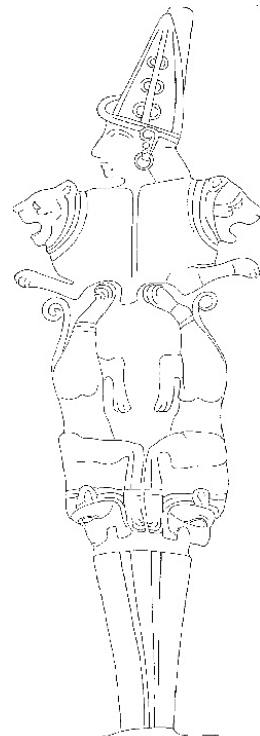


Figura 21 – Baixo-relevo 82 de Yazılıkaya, Deus Espada (BITTEL et al., 1975).

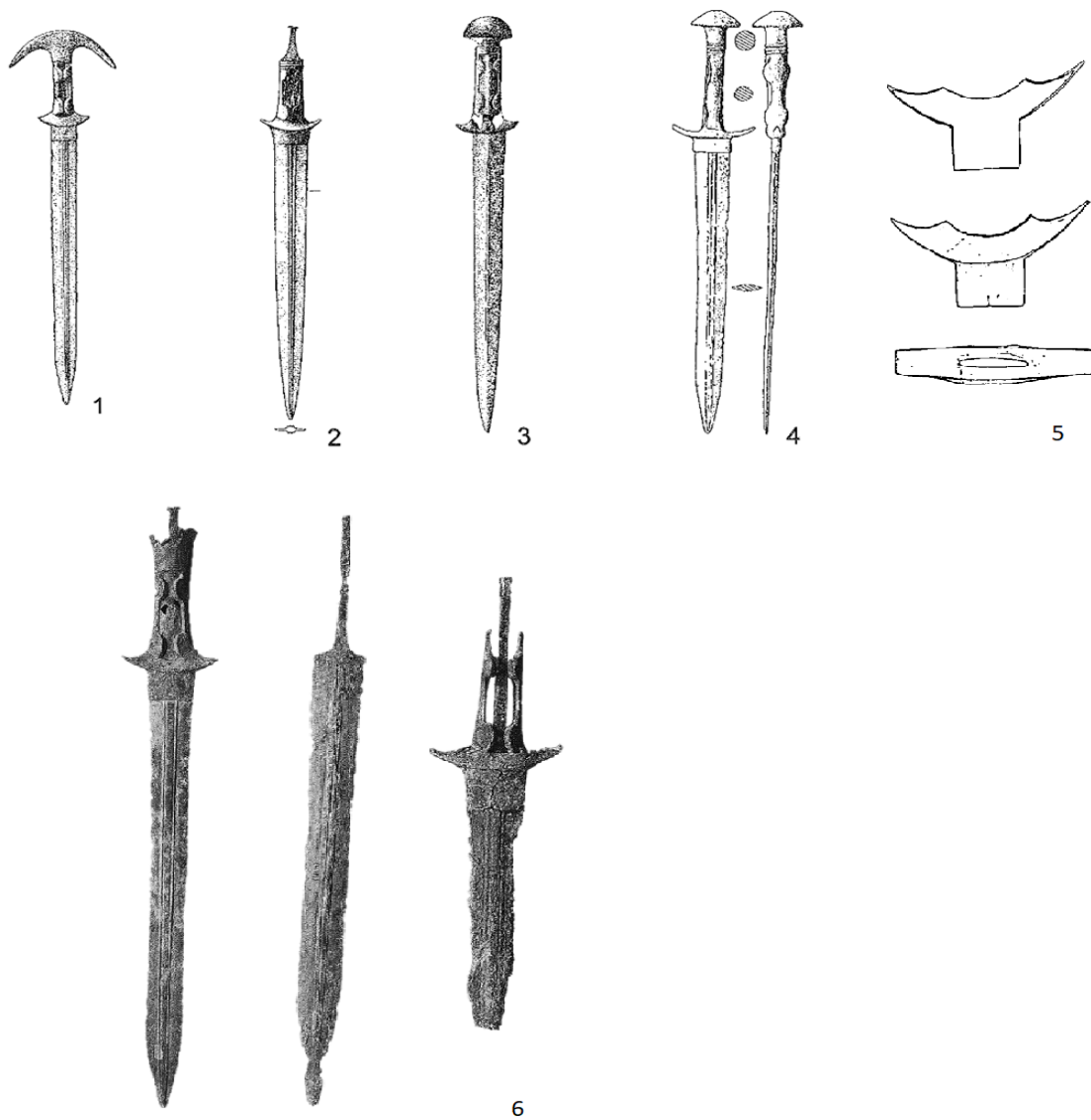


Figura 22 – Exemplos de espadas com pomo em lua crescente comparativos com a AT/36/4. 1. Alalah; 2. Ugarit; 3. Tell es-Sa'idiye; 4. Şarköy; 5. Boğazköy; 6. Miletto (GIEGER, 1993; LORENZ & SCHRAKAMP, 2011; NIEMEIER, 2002).

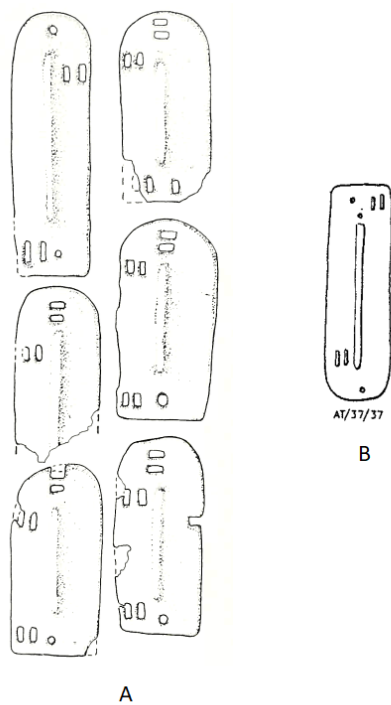


Figura 23 – Escamas das armaduras de A. Boğazköy; B. Alalah (AT/37/37) (MACQUEEN, 1975; WOOLLEY, 1955).

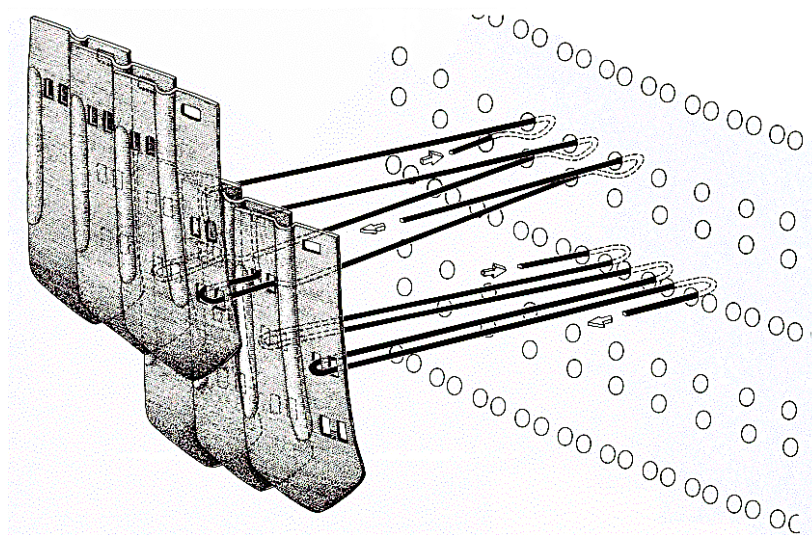


Figura 24 – Reconstrução do processo de costura das placas de bronze à peça de vestuário de couro ou linho. O fio usado para a costura poderia ser pêlo de cavalo como mencionado nas tabuinhas de Nuzi (VENTZKE, 1983).

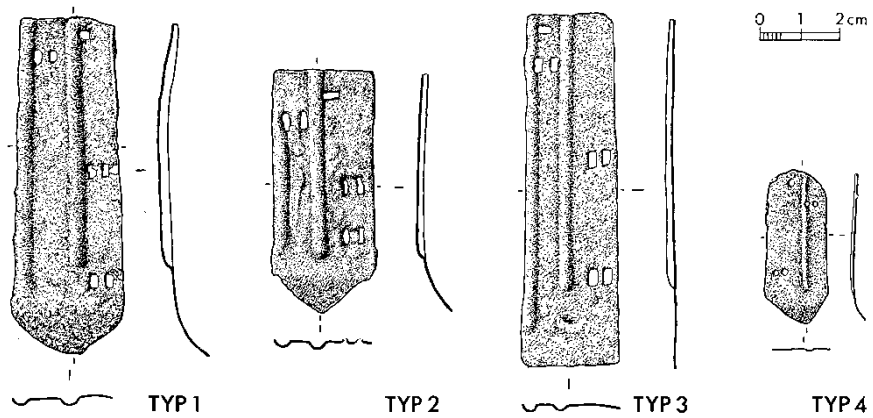


Figura 25 – Os quatros tipos de escamas de armadura recolhidas em Kamid el-Loz (VENTZKE, 1983).

Cerâmica

Nº 17 (AT/39/240)

Descrição: Molde de terracota da deusa Ištar/Šaušga.

Dimensão: –

Barrelet e Alexander interpretaram a iconografia como a divindade rodeada por dois ramos de uma grinalda de vegetação em forma de amêndoa, que se desenvolvem do pedestal sobre o qual se encontra. Deste, crescem adicionalmente mais dois elementos de vegetação para cada lado. Os dois braços da grinalda sustentam o disco solar sobre a cabeça de Ištar/Šaušga, por cima da sua coroa alta e cônica. Porém, Woolley inicialmente considerou que a deusa se encontrava sobre a cabeça (ou crânio) de um antílope, cujas hastes circundavam a figura divina e sustentavam, por sua vez, o disco solar. A deusa estende os braços, abrindo as suas vestes e expondo o seu corpo. Segundo Woolley, a deusa segura nas duas mãos os chifres, sobre as quais pousam dois pássaros (pombas?).

A coroa alta e cônica, elemento divino hitita, assinala a terracota como um produto hitita, embora a temática fitomórfica a circundar a deusa seja de tradição hurrita e síria, atestada em

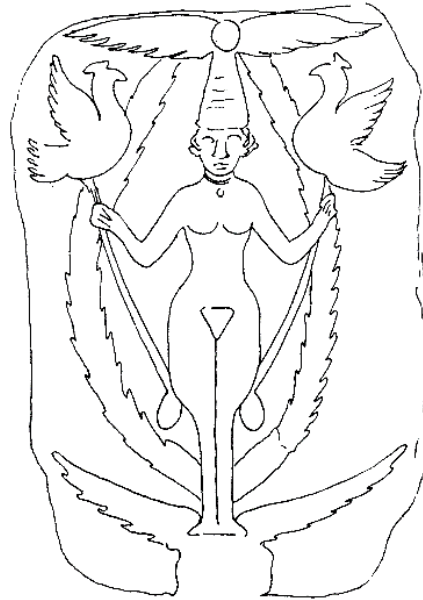


Figura 26 – Desenho do molde de terracota AT/39/240 (ALEXANDER, 1991).

impressões de selos do período colonial assírio no início do II milénio a.C. A coroa introduz igualmente uma ambivalência sexual visto ser uma indumentária masculina. Este aspecto da deusa é igualmente observado na estatueta de Nuzi hitita e mencionado em textos religiosos hurritas (ver nota 96).

Locus: O molde em terracota encontrava-se no chão do quarto 13 da residência privada 39/C, fase III, século XIV a.C. A proximidade desta estrutura com o templo de Ištar fase III e II, possivelmente é indicativo de uma relação funcional, talvez de cariz sagrado, dentro do precinto do templo. Porém, a natureza conturbada da sua estratigrafia torna

difícil de identificar os padrões de
atividade e conteúdos de modo a atribuir
funções.

Datação: Século XIV a.C.?

Bibliografia: ALEXANDER, 1991, p.
168-169; BARRELET, 1958, p. 42-43;
WOOLLEY, 1955, p. 182; 247-248; Pl.
LIV o.

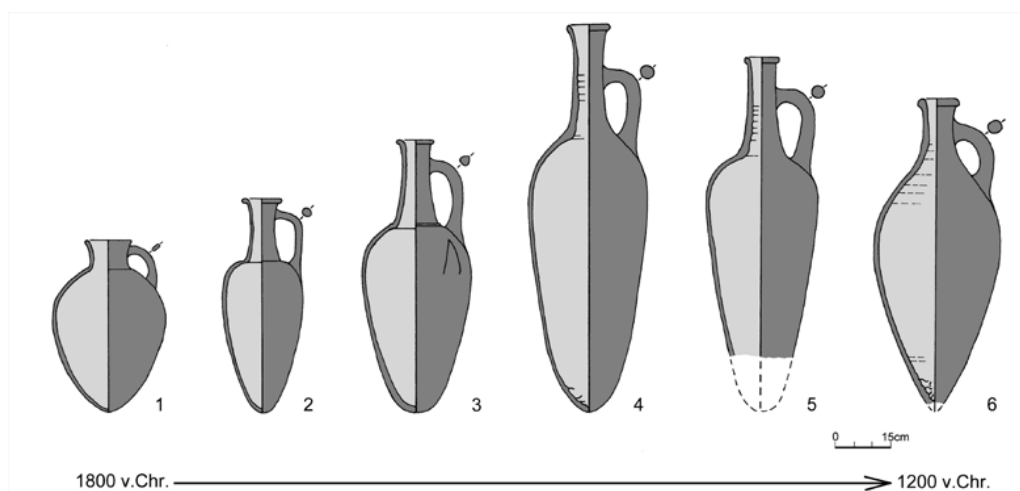


Figura 27 – Evolução da forma da ânfora grande hitita ao longo do Bronze Médio e Final (MIELKE, 2017).



Figura 28 – Ânfora grande tipo
39 do anexo noroeste do templo
de Alalah, fase II (WOOLLEY,
1955).

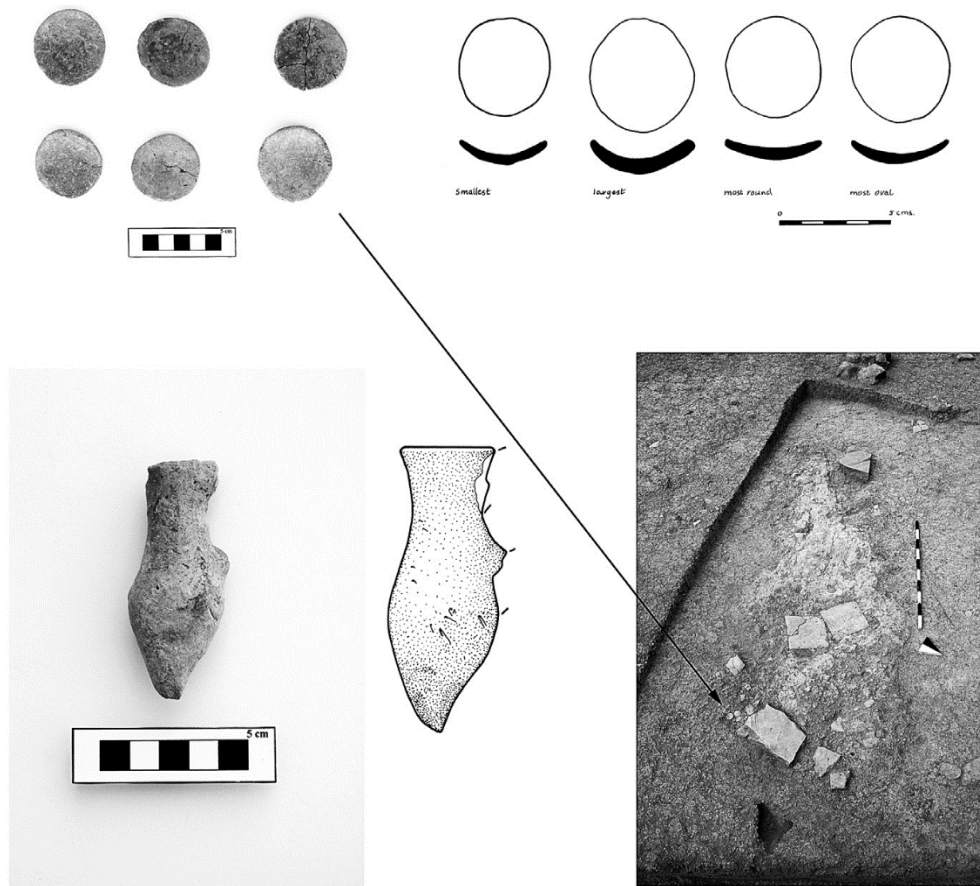


Figura 29 – Cerâmica votiva recolhida na quadrícula 43.54, fase I, período 2 (YENER, 2017).

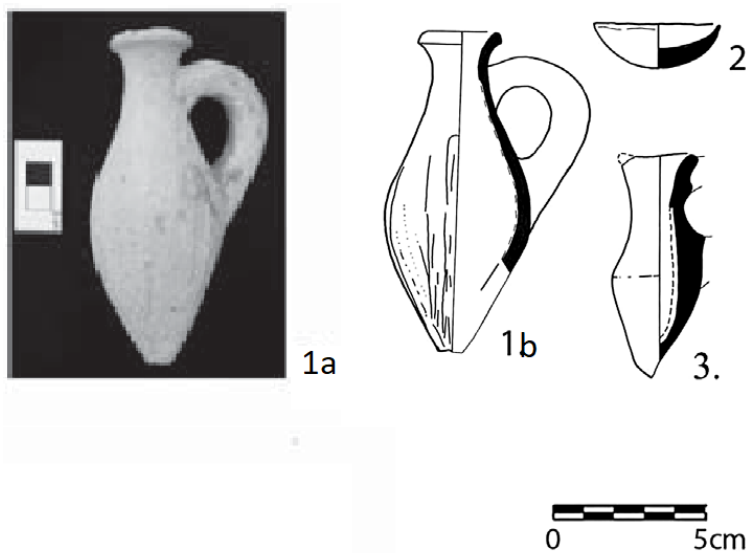


Figura 30 – Cerâmica votiva recolhida na quadrícula 43.54, fase I, período 2. 1a e b. Fotografia e desenho da ânfora em miniatura AT 10331; 2. Prato em miniatura AT 7185. 3. Jarro em miniatura AT 3524 (YENER, 2017).

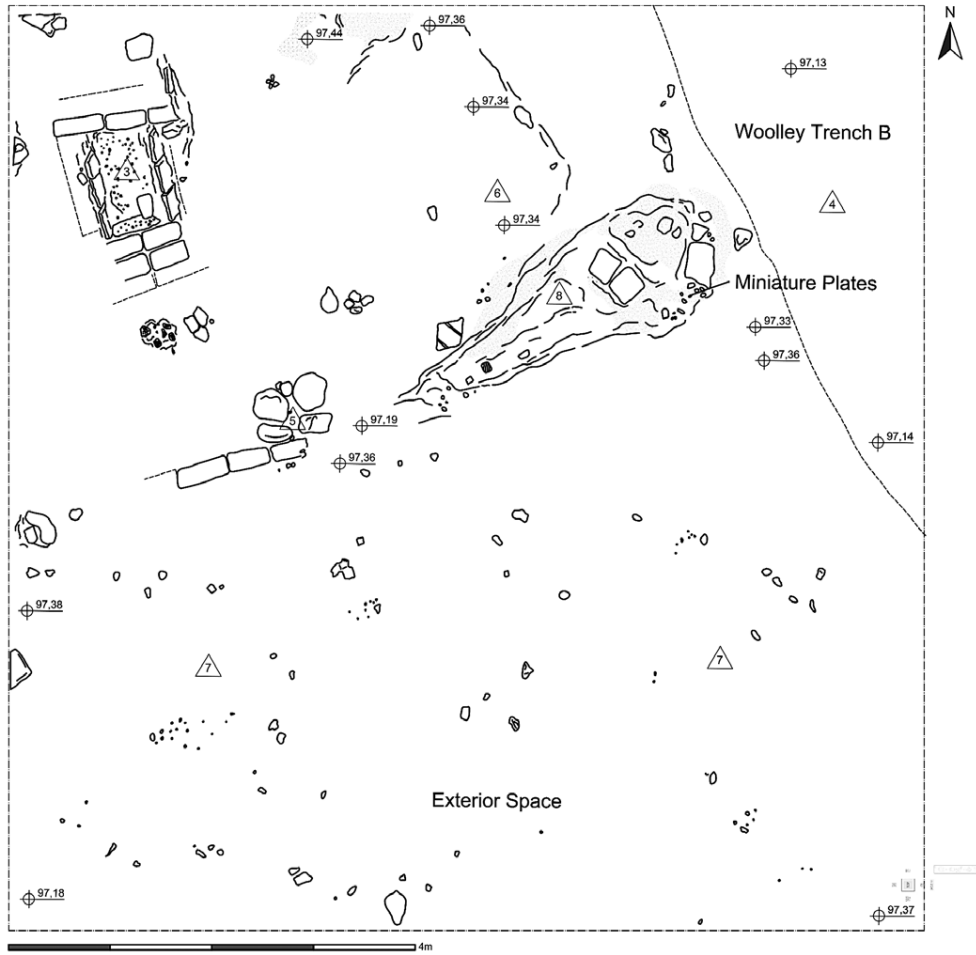


Figura 31 – Plano da quadrícula 43.54, fase 1, período 2, a representar um tanque perto do templo de Ištar e o *locus* das cerâmicas votivas (YENER, 2017).

Objectos de prestígio

Nº 18 (AT/38/38)

Descrição: Estatueta de marfim completa, excepto uma face da cara. Representação de uma criança feminina nua.

Dimensão: Tem 7.3 cm de altura.

Segundo Woolley a postura e proporções da figura demonstram influência egípcia, mas o estilo do penteado é mais característico da arte hitita. Contudo, o pormenor do entalhe do espaço negativo entre os braços e o torso é incomum na arte egípcia. A figura encontra-se de pé, com os braços estendidos ao longo do corpo e as mãos a descansar nas cochas. A raiz do seu cabelo começa bastante para atrás da sua testa e cai-lhe pelas costas numa longa trança ou rabo-de-cavalo. O penteado encontra paralelos na escultura da Antiga Assíria e nas mais antigas estatuetas sumérias em Aššur, tendo sido provavelmente um aspecto artístico transmitido aquando do período colonial assírio (*kārum*) no século XX-XVIII a.C. A estatueta apresenta algumas características anatómicas típicas da arte hitita, nomeadamente a cabeça desproporcionalmente grande, o nariz proeminente, os olhos delineados com

pálpebras levantadas e as orelhas excepcionalmente grandes. Existem exemplares no Museu Britânico similares a este artefacto (ex: BM 38185)

Locus: O artefacto foi exumado no átrio sudeste do forte norte, “*high up in the soil*” do pavimento de ladrilho, pertencendo assim à fase II. Provém do mesmo contexto que os selos nº 4 e 6, embora pertença a uma fase mais recente.

Datação: Século XIV-XIII a.C.

Bibliografia: WOOLLEY, 1955, p. 168 e 289, LXXVI, c.; BARNETT, 1939, p. 121-123; CANBY, 1986, p. 63-64; HELFT, 2010, p. 250.



Figura 32 – Estatueta de marfim AT/38/38 (WOOLLEY, 1955).

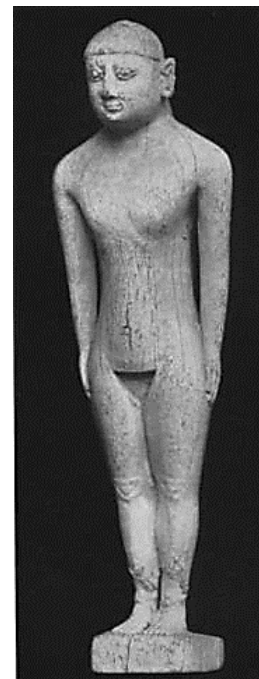


Figura 33 – Estatueta anatólica (BM 38185) (BARNETT, 1938).

Nº 19 (AT/46/20)

Descrição: Estatueta de lápis-lazúli de uma deusa em miniatura.

Dimensão: –

A figura apresenta traços hititas no rosto: uma cara e nariz grande, orelhas proeminentes e lábios cerrados. As suas vestes cobrem-lhe os ombros como uma capa e com o seu braço esquerdo, a divindade expõe a parte inferior do seu corpo. Realizaram-se três perfurações com um furador, uma em cada braço e outra nas traseiras, rente à base. A atenção ao pormenor do reverso do toucado embrulhado (originalmente revestido de ouro?), espécie de turbante, é incomum na arte de Alalah. O mesmo se aplica à sua postura, com o seu braço direito estendido ao longo do seu corpo, atestada noutras estatueta de barro de figuras femininas nuas (AT 15813) e terracotas votivos (AT/39/75; T/39/300 e AT/46/112).

O gesto de abrir o robe, o seu carácter sexual, é característico das representações da deusa síria Ištar. A figura mesopotâmica da divindade nua a segurar o seu peito terá sido assimilada na iconografia anatólica aquando do período colonial assírio, sendo representada na



Figura 34 – Estatueta de lápis-lazúli AT/46/20 (YENER, 2015).

forma de estatueta de marfim e várias de chumbo, encontradas nas residências do centro comercial de Kaneš (Kültepe). Todavia, outras formas de representação do mesmo período já faziam alusão a um processo de transformação iconográfica e semântico. São os casos da estatueta de chumbo e das ilustrações dos selos de Karahöyük, nos quais a deusa apresentava asas, antecipando, assim, as características da divindade hurrita. Na época do Antigo Reino, mas especialmente durante o período imperial, a imagem de uma mulher nua ou semidescoberta, com ou sem asas, era quase exclusivamente associada a Ištar/Šaušga (ex.: impressão de selo nº 147 de Boğazköy [fig. 36]; estatueta de marfim de Nuzi; placa de marfim de Megido [fig. 40]; o baixo-relevo de

Ímamkulu [fig. 35] e um selo cilíndrico hitita, AO 20.138¹⁴³ [fig. 37]).

A versão da estatueta de Alalah é plácida, não-provocativa, mas certamente que a sua seminudez é da mesma origem que os seus homólogos sírios e deve-se a motivos sexuais.

Locus: O artefacto foi descoberto no canto norte do anexo sudeste do templo de Istar, fase II, onde se encontrava um armário com alguns dos melhores exemplos do tesouro do templo de Alalah.

Datação: Século XIV-XIII a.C.

Bibliografia: BONATZ, 2007, p. 2;

YENER, 2015, p. 208, fig. 5a-b;

MELLINK, 1964, p. 155-164;

WOOLLEY, 1955, p. 81, Pl. LXIX j.

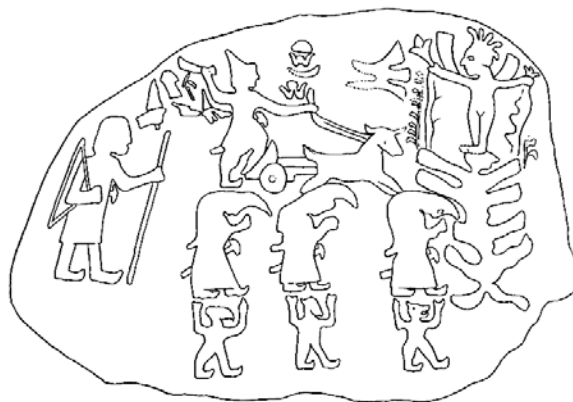


Figura 35 – Desenho do baixo-relevo de Ímamkulu. Figura de Istar no canto superior direito (ALEXANDER, 1991).



Figura 36 - Selo nº 147 de Boğazköy (BOEHMER & GÜTERBOCK, 1987).

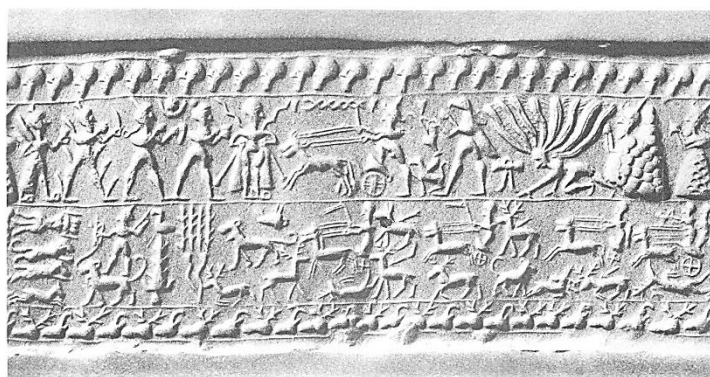


Figura 37 – Impressão do selo AO 20.138. Figura de Istar/ Šaušga no friso superior, lado esquerdo (PARROT, 1951).

¹⁴³ PARROT, André, “Cylindre hittite nouvellement acqui (AO 20.138)”, in *Syrie*, tomo

28, fascículo 3-4, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, 1951, pp. 180-190.

Nº 20 (AT/38/204)

Descrição: Metade esquerda de uma placa de osso/marfim.

Dimensão: Originalmente uma peça de 6 cm².

A peça, encerrada por uma borda simples, divide-se em quatro secções triangulares, com um entalhe em cruz, originalmente embutido com um material semelhante a faiança, a separa-las. Os quatro espaços triangulares apresentam figuras esculpidas em baixo-relevo, o seu fundo foi bastante entalhado de modo a remover uma pasta (?) de preenchimento (na altura da sua descoberta, a placa encontrava-se parcialmente coberta com um depósito de cal extremamente duro que preenchia as cavidades; era aparentemente a pasta original que com o decurso do tempo se deteriorara, inchara e perdera as suas cores).

A forma da placa e o seu entalhe em cruz aproximam-se de outro exemplar em terracota de Emar (fig. 79), dividido igualmente em quatro secções. Os motivos decorativos (a esfinge coroada, um caprídeo com as pernas dianteiras dobradas e a árvore voluta) pertencem ao reportório iconográfico do Bronze Final da Síria setentrional/Anatólia, Levante e

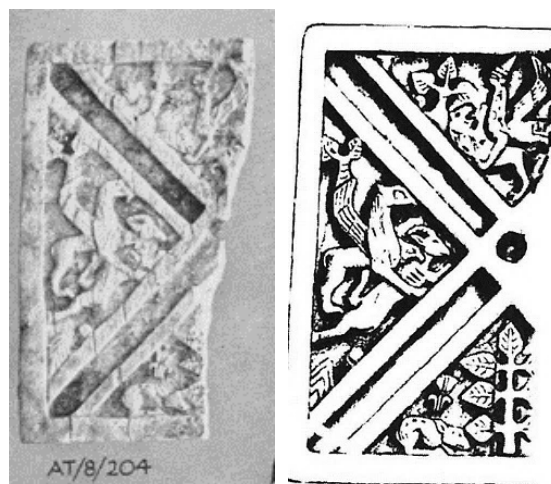


Figura 38 – Fotografia e desenho da placa de marfim AT 38/240 (WOOLLEY, 1955; YENER, 2013).

Norte da Mesopotâmica. Junto com o artefacto de Megido (fig. 40) contribuem para o enquadramento da placa de Alalah no ambiente sírio da altura. A esfinge de Emar assemelha-se à representada na placa de Megido, apresentando a divina coroa cónica, as penas das asas desenhadas como linhas paralelas e o dorso ornado por uma espécie de padrão de escamas que preenche todo o corpo das esfinges de Megido (aparte das patas, traseiro e cauda). A sua juba concebida como o penteado de Hator e a barba falsa no seu queixo são características assimiladas da arte egípcia.

Na secção triangular completa representa-se uma esfinge com uma segunda cabeça a sair-lhe do peito, a devorar um animal com chifres. As suas asas alçadas

dividem-se em três segmentos, com a ponta a inclinar-se ligeiramente para a frente, com cada fileira de penas representada por estrias paralelas. A criatura equipara-se às esfinges esboçadas na placa sírio-hitita de Megido, que apresentam a mesma forma nas asas, arqueando a sua ponta para dentro, assim como no desenho das penas em linhas e nos pescoços longos e destacados.

O triângulo superior apresenta uma esfinge com uma coroa cônica com chifres semelhante às esculturas de esfinges descobertas em Ḫattuša e com paralelos também na placa de Megido. As suas asas dividem-se outrossim em três segmentos e as penas são delineadas como linhas paralelas. A criatura domina um touro (?) deitado de costas, em frente do qual se encontra uma árvore. No triângulo inferior esboça-se um pequeno animal (coelho?) a agachar-se debaixo de uma árvore e por cima das suas costas encontra-se um arbusto trifoliado. Este

motivo fitomórfico, utilizado frequentemente nos relevos hititas como preenchimento, à semelhança das rosetas, foi empregue com o mesmo propósito na placa de Megido.

A figura da esfinge dicéfala é característica da arte hitita, embora o acréscimo das asas dever-se-á a influência egípcia. A sua base é o corpo do leão com a cabeça cabisbaixa¹⁴⁴, tendo no topo uma cabeça humana, coroada, por vezes, por um elemento divino hitita, a coroa alta e cônica atribuída às divindades. A tradição artística terá continuado até ao I milénio a.C., com poucas alterações¹⁴⁵, encontrando-se exemplares esculpidos em ortóstatos de Karkamiš (fig. 112), Tell Halaf (fig. 42)¹⁴⁶ e Zincirli (fig. 41)¹⁴⁷. A esfinge possivelmente poderá ser considerada como um atributo da deusa Šaušga, observando-se uma relação próxima entre as duas figuras no anel de Konya (fig. 39), no qual o animal preso por uma correia é montado pela

¹⁴⁴ Nitidamente diferentes do tipo de pescoço alongado e com a cabeça leonina erguida (ALEXANDER, 1991, p. 165).

¹⁴⁵ As representações nas centúrias posteriores enfatizam a continuidade do corpo, pescoço e a cabeça leonina e demonstram que a cabeça divina era tida como uma adição, seja pela sua relação com o contorno do pescoço ou pelo seu posicionamento na criatura (ocasionalmente por

cima da cabeça leonina) (ALEXANDER, 1991, p. 165).

¹⁴⁶ ORTHMANN, Winfried, *Untersuchungen zur spätethischen Kunst*, Bonn: Rudolf Habelt Verlag, 1971, Tafel 11.

¹⁴⁷ VON LUSCHAN, Felix, "Thorsculpturen von Sendschirli", in *Mittheilungen aus den Orientalischen Sammlungen, Heft XIII, Ausgrabungen in Sendschirli III*, Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1902, Taf. XLIII.

divindade. À semelhança com a esfinge da placa de terracota de Emar, a criatura demonstra influências egípcias com a barba falsa e a coroa cônica hitita. A sua relação com Šaušga equipara-se às representações do Deus Tempestade sobre o touro, também domado por uma correia, uma imagem que remonta ao período colonial assírio e terá perdurado na época imperial. Outro possível paralelo remete para o baixo-relevo 44 de Yazılıkaya (fig. 43)¹⁴⁸, no qual o deus Šarruma se encontra por cima de um leão atrelado, tendo a cena pictórica repetindo-se em Darendé e, sem a correia, em Malatya¹⁴⁹ (fig. 44 e 45).

Locus: O artefacto foi exumado na superfície imediatamente acima dos destroços do forte, pertencendo assim à fase II.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: ALEXANDER, 1991, p. 163-165; WOOLLEY, 1955, p. 169 e 291, Pl. LXX VII; YENER, 2013, p. 151, fig. 17.



Figura 39 – Anel de ouro de Konya (Museu Ashmolean, Universidade de Oxford/ Bridgeman Images [AMO113030]).



Figura 40 – Desenho da placa sírio-hitita de Megido (ALEXANDER, 1991).

¹⁴⁸ BITTEL, Kurt et al., *Das Hethitische Felsheiligtum Yazilikaya*, Berlin: Gerb. Mann Verlag, 1975, Tafel 58.

¹⁴⁹ DELAPORTE, Louis, *Malatya: Arslantepe. La porte des lions*, vol. I, Paris: Boccard, 1940, Pl. XXIII 1.

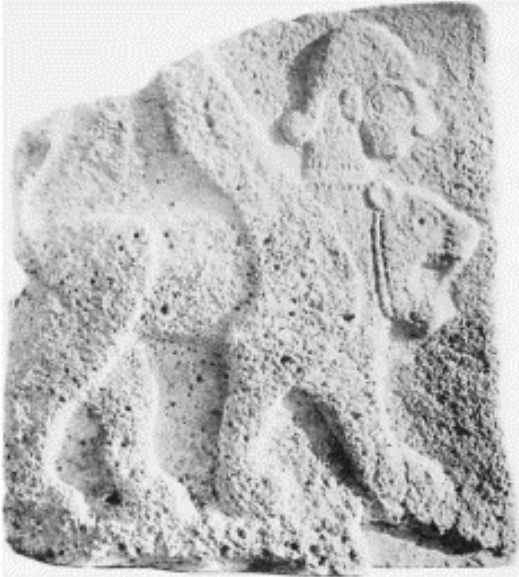


Figura 41 – Ortóstato da esfinge dicéfala de Zincirli (VON LUSCHAN, 1902).



Figura 42 – Ortóstato da esfinge dicéfala de Tell Halaf (A3/152) (ORTHMANN, 1971).



Figura 43 – Desenho dos baixos-relevos 41-46 de Yazılıkaya. Destaque na figura 44 com o deus Šarruma a montar um leão preso por uma correia (BITTEL et al., 1975).



D

Figura 44 – Figura D de Darende (GELB, 1939).



Figura 45 – Figura J de Malatya (1940).

Ortóstatos

Nº 21 (AT/40-45/2)

Descrição: Ortóstato de basalto com representação em baixo-relevo, na faceta lateral esquerda, de um empregado com uma lança (?) e no anverso uma personagem da realeza seguida pela sua esposa. Inscrição hieroglífica defronte a identificar o indivíduo como “MONS.TU REX.FILIUS (Tudḫaliya, Filho do Rei = DUMU.LUGAL)”.

Dimensão: Tem 97 cm de comprimento; 85 cm de altura e 28 cm de largura.

O ortóstato foi encontrado no templo de Ištar, fase Ib, reutilizado como um degrau entre as esculturas dos leões, deitado de anverso para baixo, escondendo a sua iconografia. Woolley interpretou este gesto como uma tentativa de humilhar a antiga hegemonia hitita sobre Alalah que, por essa altura, fora expulsa da cidade. A personagem da realeza identificada como Tudḫaliya, filho do rei, segundo a sua lógica, corresponderia ao filho do rei Ḫattušili III, Tudḫaliya IV, na altura ainda príncipe. Portanto, Woolley assumiu que Alalah tornara-se independente no reinado do seu pai, provavelmente como seqüela do tratado de Kadeš, datando esse evento em 1273.

Consequentemente, correspondeu essa data com a fase I do templo, pertencendo o ortóstato originalmente à fase Ia. A atribuição do ortóstato a esse contexto é plausível e provavelmente correcta, considerando que o revestimento interior da parede noroeste da *cella* consistia em ortóstatos do mesmo tamanho e com a mesma técnica de escultura que o AT/ 40-45/2, o qual terá servido como uma peça de canto a decorar uma espécie de entrada. Como o trabalho de escultura era realizado no sítio, o ortóstato AT/ 40-45/2 é produto da oficina local. A técnica de cinzelamento é bastante grosseira e parece que a obra não está finalizada, as figuras demasiado planas à superfície sem se destacarem muito do fundo. Nesse aspecto assemelham-se ao trabalho de Alaca Höyük.

Contudo, a teoria de Woolley estava incorrecta no que toca à identidade do indivíduo e à datação do templo em si. Na leitura mais recente de Niedorf, a inscrição refere: “REX.FILIUS MONS.TU MAGNUS.AURIGA” = “Tudḫaliya, filho do rei e chefe dos carros de guerra”. Uma segunda legenda é legível em cima da figura feminina, por detrás de Tudḫaliya, possivelmente correspondente a REX.FILIA = princesa.

Niedorf relaciona este Tudḫaliya com o mencionado na tabuinha ATT 35 e CTH 63, identificando-o como o governador de Alalaḫ, membro da família real de Ḫatti. Se a figura retratada no ortóstato não corresponde ao rei hitita, então o argumento de Woolley para datar o templo I é inválido. A estrutura não poderia ser anterior ao reinado de Muršili II, considerando que a personagem do Tudḫaliya, o governador de Alalaḫ, era seu contemporâneo, datando o templo de finais do século XIV/ inícios do século XIII a.C. A apoiar esta teoria, temos o achado dos fragmentos do texto oracular ATT 454 nas fundações da fase Ia do templo, embora sejam originários da fase II, a primeira construção de um possível templo hitita na cidade.

Bonatz discorda igualmente com a interpretação de Woolley, justificando as várias razões pelas quais considera essa suposição problemática. De um ponto de vista iconográfico, a figura representada no ortóstato não pode coincidir com um Grande Rei hitita. A sua indumentária consiste numa longa capa com uma abertura frontal a expor um saiote e uma coroa redonda com um único corno à frente. Esta coroa é um atributo divino usado pelos vice-reis, príncipes e altos

funcionários nos baixos-relevos em monumentos ou em rochas ao ar livre, mas não pela sua majestade.

Consequentemente, Bonatz considera que a figura masculina é de facto um governador local e que o nome Tudḫaliya corresponde realmente ao rei hitita. O que se observa no cenário do ortóstato é uma homenagem ao rei, presente pictograficamente, com os seus subordinados, o governador local, a sua esposa e um empregado (talvez um sacerdote), a realizar um gesto de adoração – punho levantado com o dedo a apontar – à sua pessoa perante o seu nome. Helft, porém, crê que a explicação de Bonatz é insatisfatória quando se considera colocação dos hieróglifos relativamente às figuras e os padrões de representação na maioria dos baixos-relevos hititas.

Durante a vida de Tudḫaliya desenvolveu-se um culto dedicado à sua figura, portanto Bonatz considera que o ortóstato de Alalaḫ deverá estar relacionada com este conceito de teologia política. Tratar-se-ia de uma das evocações de lealdade pictóricas (sem dúvida, forçadas) perante o Grande Rei hitita, realizadas no período em que a

cidade ainda se encontrava sobre a sua hegemonia.

Nas escavações realizadas em Alalakh em 2014, recuperou-se uma *bullā* (nº 15) que veio a esclarecer a identidade da personagem subsequente a Tudhaliya e reforçar a sua posição como governador da cidade. À semelhança com o ortóstato, as duas figuras apresentavam o título de REX.FILIUS/ FILIA, sendo o nome de Tudhaliya acompanhado do de Ašnu-Hepa. O estilo da *bullā* enquadra-se nos finais do século XIV/ inícios do século XIII a.C., no mesmo período das fontes escritas (ATT 35 e CTH 63) nas quais Niedorf se baseou para criar uma correlação com o Tudhaliya do ortóstato. Ademais, uma releitura dos hieróglifos do ortóstato permitiu identificar um segundo título atribuído a Tudhaliya, “Grande Sacerdote”. Com base nas novas evidências, Yener, Dinçol e Peker, propuseram três opções quanto ao enquadramento histórico da figura de Tudhaliya: A) era um alto funcionário do reinado de Muršili II, responsável por parte do território de Ugarit ou Aštata, as possíveis áreas fronteiriças adjacentes a Alalakh; B) Tudhaliya, Grande Sacerdote e príncipe, residente em Alalakh como governador; e C) O nome de Tudhaliya e

o seu título de príncipe originou ou da dinastia de Ḫattusa ou de umas das dinastias *secundo genitor* na Síria, nomeadamente Karkamiš ou Alepo. Actualmente, não se conhece nenhum príncipe Tudhaliya em Ḫattuša ou Karkamiš correspondente a essa altura. Contudo, o vice-reino de Alepo era governado por um Grande Sacerdote, Telipinu, filho de Šuppiluliuma I. A noção de sacerdote-regente é igualmente observada em Alalakh com o exemplo de Tudhaliya. Estas semelhanças sugerem que a dinastia de Alepo será a candidata mais adequada para atribuir a linhagem de Tudhaliya. Nesse caso, o príncipe deveria ser filho de Telipinu, o Grande Sacerdote de Alepo.

Embora a personagem representada possa ser contextualizada no período histórico, a datação do ortóstato em si é mais complicado. Se Tudhaliya, o governador de Alalakh, pertence aos finais do século XIV a.C./ inícios do século XIII a.C., o ortóstato terá sido encomendado nessa altura, tornando-o num dos mais antigos baixos-relevos de hieróglifos lúvios. Contudo, o uso de ortóstatos com decorações em baixo-relevo é uma prática que chega tarde a Ḫattuša, sendo característica dos reinados de Tudhaliya

IV e Šuppiluliuma II, ou seja, essencialmente, século XIII a.C. A figura de Tudḫaliya, um príncipe com uma coroa de um só corno, é um atributo regular do século XIII a.C., ao invés do século XIV a.C. Dado que o ortóstato não se encontra no seu enquadramento original, o contexto arqueológico também não ajuda na sua datação. Enquanto as datações a radiocarbono ainda estão a ser processadas, não se pode atribuir ao templo fase I uma datação mais precisa que finais do século XIV a.C./ inícios do século XIII a.C. Por conseguinte, impossibilita chegar a um consenso quanto à ocorrência do ortóstato.

Bibliografia: BONATZ, 2007, p. FINK, 2010, p. 53-54; NIEDORF, 2002, p. 517-526; WOOLLEY, 1955, p. 85-89; 241-

242; 398; pl. XLVIII; YENER, DINÇOL & PEKER, 2014, p. 136-138.

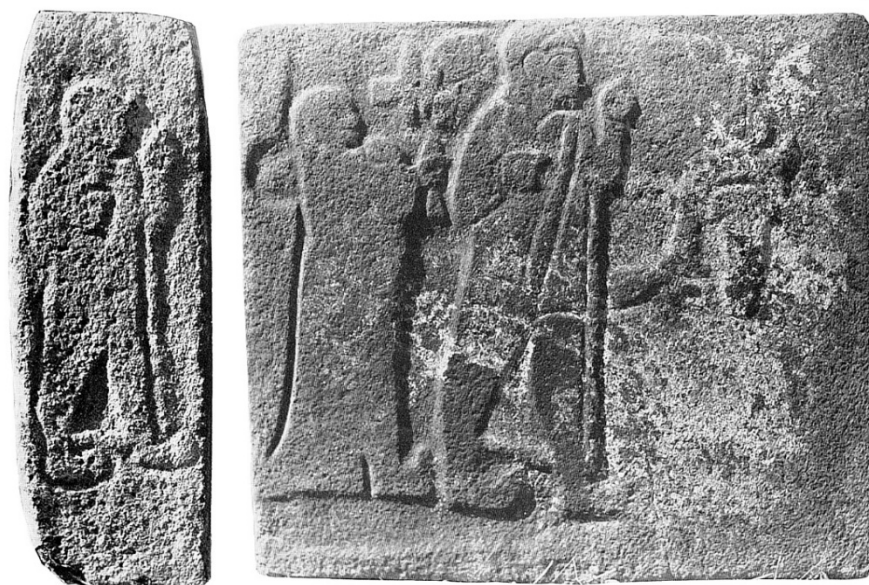


Figura 46 – Ortóstato AT/ 40-45/2 de Alalah, com a representação de Tudḫaliya e sua esposa Ašnu-Hepa no anverso e um possível sacerdote na faceta lateral (BONATZ, 2007).

Tabuinhas cuneiformes

Nº 22 (ATT 35)

Descrição: Fragmento do canto superior direito conservado. Representa uma daquelas tabuinhas pequenas, em forma de “almofada”, relativamente grossas, que eram tipicamente usadas para redigir pouco conteúdo ou serviriam apenas como cartas de saudação/felicitação.

Dimensão: Tem 3.6 cm de altura; 5.2 cm de largura e 1.2 cm de espessura.

Carta hitita bastante fragmentada enviada pelo soberano do Hatti ao seu vassalo Tudhaliya. Presumivelmente esta personagem é idêntica ao homónimo indicado no acordo de Muršili II, correspondendo igualmente ao representado no ortóstato encontrado em Alalah, o qual desempenharia o cargo de governador hitita em Mukiš ou Alalah. Este Tudhaliya deveria ser um parente do Grande Rei hitita. Há outros dois documentos referentes a um indivíduo com o mesmo nome, que poderá corresponder ao nosso Tudhaliya. O primeiro é a inscrição pictórica em baixo-relevo num ortóstato de Alalah, posteriormente reutilizado como um degrau na escadaria do templo, fase I. A parte direita da inscrição apresenta

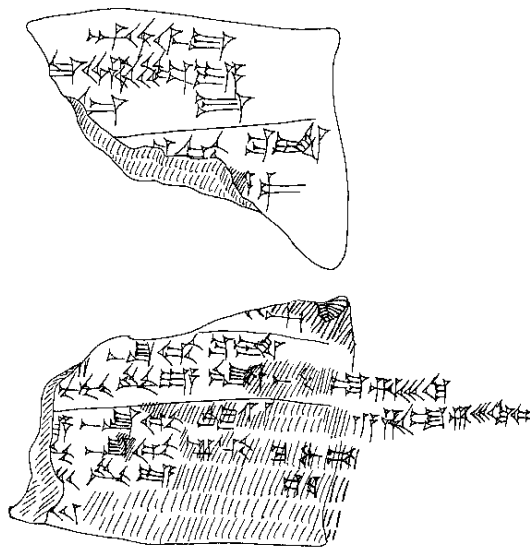


Figura 47 – Desenho dos fragmentos de ATT 35 (NIEDORF, 2002).

“Tudhaliya, filho do rei” (= MONS. *TU REX.FILIUS*). Foi identificado recentemente por debaixo do nome o título de “Grande Sacerdote”.

A segunda é a menção de um Tudhaliya – infelizmente sem uma aposição explanatória – no acordo entre Muršili II com Tuppi-Teššup de Amurru (CTH 63), no qual regulam a devolução dos prisioneiros feitos aquando de campanhas anteriores. O acordo não teve efeitos jurídicos e seria somente selado após a comparecência do vice-rei de Karkamiš e dois outros indivíduos, nomeadamente Tudhaliya e Halpaḫi, perante o Grande Rei. A hipótese é de que este Tudhaliya corresponderá com o representado no

ortóstato, visto que a presença de um príncipe hitita que desempenhasse algum cargo relevante em Alalaḫ coincide com o contexto do édito de Muršili. Como o vice-rei de Karkamiš e um alegado representante de Alepo, os representantes dos estados mais importante do norte da Síria aparecem em CTH 63, aos quais Muršili sempre demonstrou grande confiança devido à sua relação consanguínea.

Portanto, é plausível considerar Tudḫaliya um parente do Grande Rei e aceitar uma correlação com o mesmo nome em Alalaḫ¹⁵⁰, o indivíduo mencionado na nossa carta, assim como no ortóstato, no qual uma relação consanguínea deriva indirectamente do uso da saudação ou do título “Filho do Rei”. O reino de Mukiš/Alalaḫ adjacente a Karkamiš e Ḫalab, imediatamente contíguos ao Império Hitita parece também ter sido governado por um parente da família real,

de modo a assegurar o flanco meridional de Ḫatti.

Contudo, há um documento que é excepção à hipótese colocada. O remetente da carta *KBo* IX 38, muito fragmentada, equivalente a uma segunda carta de Ras Šamra, chama-se Tudḫaliya e escreve para o Grande Rei hitita. Duas vezes repete-se a mesma conversa sobre Gaduman, que, de acordo com KUB XIX 27, situava-se na fronteira entre Karkamiš e Mukiš e é mencionada várias vezes nos antigos arquivos de Alalaḫ IV. Como as zonas fronteiriças são extremamente sensíveis em termos políticos e originam amiúde disputas na Síria do Bronze Final, não se pode excluir de todo que esta carta não tenha sido enviada directamente à soberania hitita por Tudḫaliya, o governador de Alalaḫ, na ocasião de joins disputas sobre a afiliação do sítio de Gaduman, visto que o vice-rei de Karkamiš, que era primordialmente

¹⁵⁰ Em 2007, Miller publicou novas adições da carta CTH 63, descobrindo o domicílio de Ḫalpaḫi – Ḫalpa –, mas infelizmente sendo incapaz de desvendar o de Tudḫaliya. Porém, pôde reconhecer da escrita legível que sobrou o último símbolo do domicílio de Tudḫaliya, o qual parece aproximar-se de *ša* ou *ta*, ou ainda *da*, *it* ou *ḫu*. Isto por sua vez enfraquece, senão, destrói por completo a correlação do Tudḫaliya desta carta com a cidade de Alalaḫ. Miller, por sua vez,

associa o símbolo *ša* com a região de Aštata e presume que o Tudḫaliya de CTH 63 deve-se referir a um governador de Aštata. Especula ainda que possivelmente corresponderá até ao governador militar responsável pela guarnição hitita estabelecida em Aštata por Muršili II durante o seu 9º ano de reinado (ver mais em capítulo 2.3.1) (MILLER, 2017, p. 122-143; SINGER, 2017, p. 618).

responsável por tais casos, já estava supostamente envolvido.

De um ponto de vista paleográfico, segundo Hagenbuchner o texto deveria ser atribuído a meados do reinado de Muwatalli II. Isto significa que ATT 35 e KBo IX 83 encontram-se nitidamente desfasados, a primeira a pertencer ao início e a segunda ao final de uma longa carreira de Tudḫaliya. Os critérios paleográficos da tabuinha ATT 35 enquadram-se no início do período imperial (últimos anos de Šuppiluliuma I até Muršili II). Portanto a atribuição desta carta ao mesmo indivíduo aqui discutido não é impossível, mas talvez improvável. Porém, a datação que Hagenbuchner atribui a KBo IX 83 pode estar errada, dado que as novas formas dos caracteres eram usualmente introduzidas primeiro no território sírio setentrional que na pátria anatólica, pelo que é plausível que a carta seja mais antiga, talvez do tempo de Muršili II. Se Tudḫaliya foi o primeiro governador hitita em Mukiš/Alalaḫ e quantos sucessores teve para o seu posto, não pode ser determinado por falta de fontes. Tudḫaliya era um nome popular entre a realeza hitita, pelo que é possível que mais que um tenha ocupado um cargo

oficial na Síria setentrional durante o período de hegemonia hitita.

Locus: Desconhece-se o seu contexto em Alalaḫ, mas tal como a maioria dos textos hititas encontrados nesta cidade, originará das fases I/II.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: BECKMAN, 1996, p. 155-158, nº 30; FINK, 2010, p. 53-54; HOFFNER, 2009, p. 374, nº 216; NIEDORF, 2002, p. 517-526.

Nº 23 (ATT 124)

Descrição: Fragmento de tabuinha de escrita hitita com seis linhas.

Dimensão: –

Trata-se de uma carta trocada entre dois indivíduos, de ^MMI.LÚ (Arma-ziti) para ^mŠar (-ru-up-shi?), relativamente a empregados foragidos. Este Arma-ziti mencionado poderá corresponder ao homónimo presente em impressões de selos nos documentos de Ḫattuša e Ugarit, entre os reinados de Ḫattušili III e Tudḫaliya IV (ver nota 47).

Locus: Desconhece-se o seu contexto estratigráfico ou *locus* em Alalaḫ, embora tenha sido atribuída inicialmente à fase

IV, o que decerto não deverá estar correcto.

Datação: –

Bibliografia: DASSOW, 2005, p. 29; HAGENBUCHNER, 1989, p. 440, nº 330; OTTEN, 1956, p. 213-214; SMITH, 1939, p. 39.

Nº 24 (ATT 125)

Descrição: Tabuinha com escrita hitita no anverso e topo do reverso, permanecendo o resto do espaço em branco.

Dimensão: –

O remente designa-se de LUGAL (“rei”) o que, de acordo com as cartas de Ugarit, pode referir-se ao vice-rei de Karkamiš.

Não será decerto o soberano hitita pois nas cartas que endereça aos seus subordinados, intitula-se sempre de ^DUTUŠI (“Sua Majestade”).

Hagenbuchner observa que não era usual para um príncipe sírio, mesmo pertencente à família real hitita, de usar a escrita hitita em vez de acádica na correspondência com os seus subordinados.

Pirwanna terá enviado uma remessa de aves, talvez uma iguaria inexistente em Karkamiš/Ḫattuša, mas disponível em

Alalah. O facto de terem chegado ao seu destino estragadas indica uma longa viagem. Se a remessa se destinava a Karkamiš significa uma viagem de pelo menos 6 dias. Não há indicação de quaisquer métodos de preservação da carne, embora noutros textos hititas saibamos que secavam frutas e até carne e peixe.



Figura 48 – Anverso e reverso da tabuinha ATT 125 (SMITH, 1939).

O remetente informa que irá atender ao pedido feito pelo endereçado imediatamente após o fim dos sacrifícios que estava correntemente a realizar. O que indica que a sua participação nas actividades culturais precede as suas viagens ou deveres administrativos.

É incerto se se deve considerar Piwanna com um “fornecedor da corte” no que respeita a aves ou se está a expressar apenas uma grande preocupação pelo bem-estar físico do Grande Rei/vice-rei hitita.

Locus: A tabuinha foi exumada sobre as ruínas da muralha da cidade, fase I/II (1273-1194 a.C.)¹⁵¹.

Datação: A ortografia e escrita do texto corresponde à dos de Boğazköy do período imperial, portanto enquadrar-se-á entre os séculos XIV-XIII a.C.

Bibliografia: DASSOW, 2005, p. 19; FRIEDRICH, 1939, p. 310-316; HAGENBUCHNER, 1989, p. 387-389, n° 298; HOFFNER, 2009, p. 372-373, n° 125; SMITH, 1939, p. 38-39, Pl. XVIII, 1 e 2.

N° 25 (ATT 454)

Descrição: Três fragmentos de uma grande tabuinha hitita com um texto de adivinhação. Apesar de não colarem entre si conhece-se a sua posição relativa. A tabuinha apresenta duas colunas no anverso e reverso, sendo que na margem esquerda dividem-se mais três.

Dimensão: –

O texto consiste num típico inquérito oracular hitita no qual se averigua a causa pela raiva dos deuses. Um bom exemplar deste género de documento seria o KUB,

¹⁵¹ Fink propõe uma datação mais antiga para esta fase (1353/1341-1320-1313 a.C.) (FINK, 2010, p. 3).

V, 7, traduzido por Albert Goetze (1969). O conteúdo de Alalaḫ difere somente nos minuciosos detalhes das observações retiradas pelo adivinho em cada inquérito, o que não é incomum na literatura de adivinhação hitita. A escrita é idêntica em todos os aspectos às das tabuinhas homólogas de Boğazköy, embora duas características peculiares na ortografia possam indicar a possível existência de uma escola local de escribas hititas em Alalaḫ, díspar das de Ḫattuša.

Locus: Os fragmentos constituintes da tabuinha foram descobertos na fase II do templo de Ištar, quadrícula N14, numa cavidade de destroços queimados usada para nivelar uma depressão da fase I do sítio¹⁵².

Datação: Século XIV-XIII a.C.

Bibliografia: PRITCHARD, 1969, p. 497-498; WISEMAN, 1953, p. 116-118; WOOLLEY, 1955, p. 78.

¹⁵² Fink propõe para o templo II, 1353/1341-1320/1313 a.C., e para o I, 1320/1313-1280 a.C. (FINK, 2010, p. 3).

Nº 26 (ATT 47/26)

Descrição: Fragmento de um texto hitita, presságio.

Dimensão: –

Locus: O documento foi exumado da quadrícula S 13, fase III (fig. 51).

Datação: –

Bibliografia: DASSOW, 2005, p. 20 e 30.

Observações: Dois sistemas de faseamento são apresentados nos objectos exumados de Alalah. Um refere-se as escavações de Woolley e outro as escavações mais recentes dirigidas por Murat Akar e Mara Horowitz. Basicamente Woolley dividiu a estratigrafia de cada edifício por fases, designando-as como Templo fase I, Palácio fase IV, etc. Enquanto no novo sistema de Akar e Horowitz, nessa parte, apenas se substitui a numeração romana por arábica, passando para Templo fase 1 e Palácio fase 4. Quanto às novas quadrículas que abriram, o sistema que criaram inclui o que designam de “fase local”, que se refere à estratigrafia de cada quadrícula individualmente (unidades de escavação), começando no número 1 no topo de cada sequência. E “período” para se referirem à sequência de todo o sítio arqueológico.

No que respeita a cronologia, apresentam-se as hipóteses inicialmente propostas por Woolley para cada uma das suas fases, seguidas de notas de actualizações de publicações mais recentes, nomeadamente, de Fink (2010). Ver tabela abaixo.

Tabela I – Síntese da estratigrafia e cronologia de Alalah (F de Fink e W de Woolley) (FINK, 2010)

Political Status	Locality Status	Level	Buildings/fortifications	Proposed Historical Attribution	Fink's dating	Woolley's dating
Kingdom	City (Tell: 21 ha.; lower city:?? ha.) (Amuq M?)	VA ^F	Level V ^W temple begins? Level V ^W shrines Level VAB ^W fortress Level VAB ^W site H	Mostly pre-Idrimi Seized by Idrimi	– 1490/1465 a.C.	1595 – 1447 a.C.
		VB ^F	Level V ^W temple Level V ^W shrines Level V ^W building fragments under Level IV ^W palace Level V ^W house 39/C & Level IV ^W houses 39/A–C Level IV ^W site H Level IV ^W “fortress” Level IV ^W city wall & rampart	Idrimi	1490/1465 – 1465/1440 a.C.	
		IVA ^F	Level IV ^W temple Level IV ^W “fortress” continued Level IV ^W palace (Niqmepa & Ilimilimma wings) Level IV ^W houses 39/A–C continued Level IV ^W house 37 Level IV ^W city wall & rampart continued Level IV ^W site H continued	Niqmepa, Ilimilimma (Level IV ^W archive)	1465/1440 – 1420/1400 a.C.	1447 – 1370 a.C.
		IVB ^F	Level III ^W temple Levels III–II ^W “fort” Level III ^W houses 37/A, C, 38/A, 39/C Level II ^W houses 37/A–D, 38/A, 39/C Levels III–II ^W city wall & rampart	Addu-Nīrārī? Itūr-Addu Conquered by Šuppiluliuma I [Idrimi statue, Atchana/ Nuzi ware]	1420/1400 – 1353/1341 a.C.	1370 – 1350 a.C.
Hittite territory		III ^F	Level II ^W temple Levels III–II ^W “fort” continued Levels III–II ^W city wall with Level I ^W revetment Level I ^W houses 37/A–C, 38/A	Šuppiluliuma I– Arnuwanda II End of city: deportation by Muršili II? (year 9?) [LH IIIA:2 pottery]	1353/1341 – 1320/1313 a.C.	1350 – 1273 a.C. 1273 – 1194 a.C.

	Stronghold (3 ha. at most) (Hiatus between Amuq M and N?)	IIA ^F	Level IA ^W temple Levels III–II ^W “fort” continued	Tudḫaliya DUMU.LUGAL	1320/1313 – 1280 a.C.	
		IIB ^F	Level IB ^W temple Levels III–II ^W “fort” continued	Post Tudḫaliya DUMU.LUGAL Šukur- Tešub. Paluwa?	1280 – 1240 a.C.	–
		IA ^F	Paluwa shrine Level I ^W “house” 38/B	Paluwa?	1240 – 1210 a.C.	1273 – 1194 a.C.
		IB ^F	Level I ^W “house” 38/B continued Level 0 ^W temple	Ends no later than fall of Ḫatti & Ugarit	1210 – 1190/1185 a.C.	1273 – 1194/ 1194 – 1140 a.C.

Tabela II – Cronologia das fases de Alalah segundo a versão adoptado por Woolley (WOOLLEY, 1955)	
Fase VII	1780 – 1750 a.C.
Fase VI	1750 – 1595 a.C.
Fase Va	1595 – 1527 a.C.
Fase Vb	1527 – 1447 a.C.
Fase IV	1447 – 1370 a.C.
Fase III	1370 – 1350 a.C.
Fase II	1350 – 1273 a.C.
Fase I	1273 – 1194 a.C.
Fase 0	1140 a.C.

Mapas/ Plantas

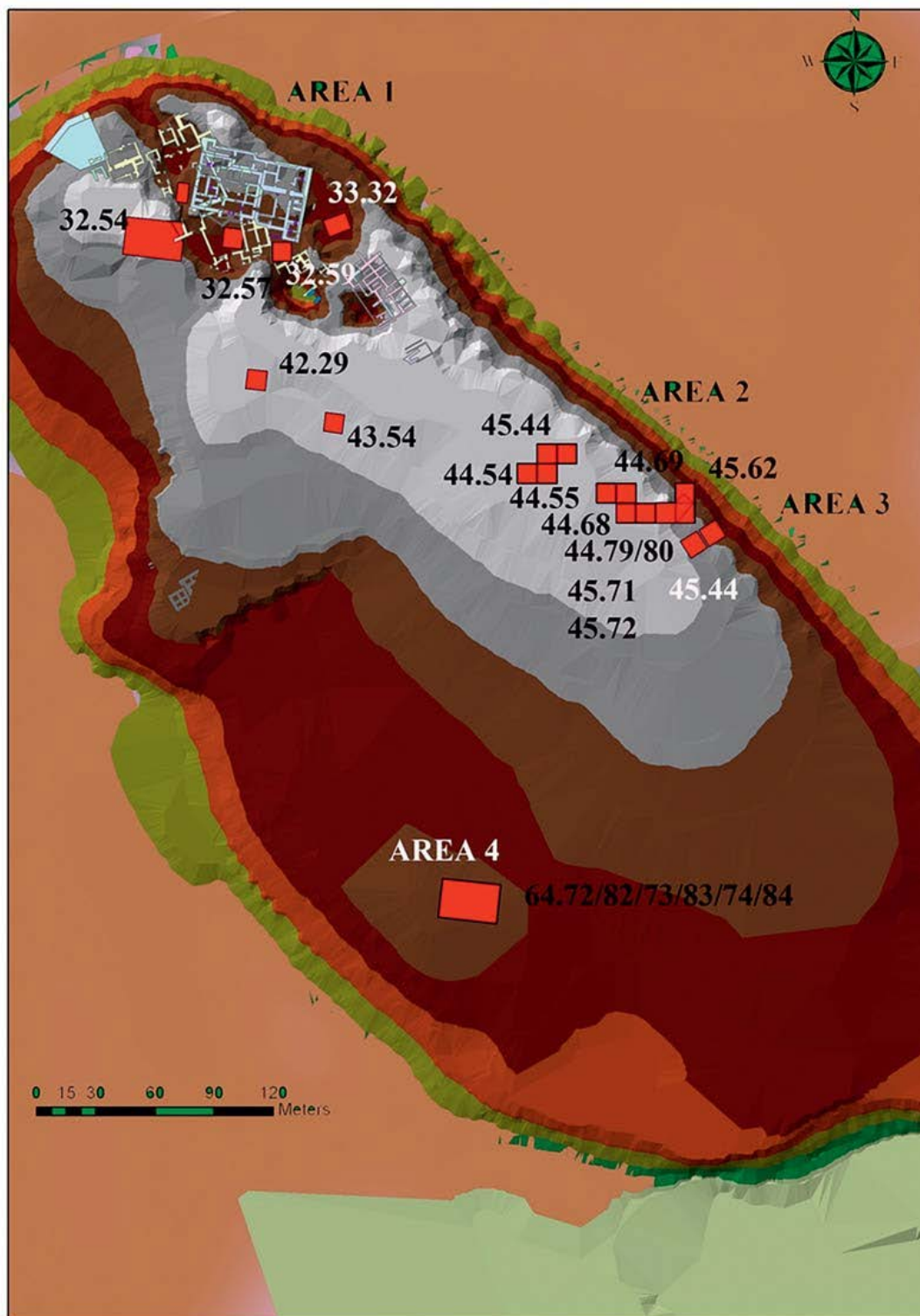
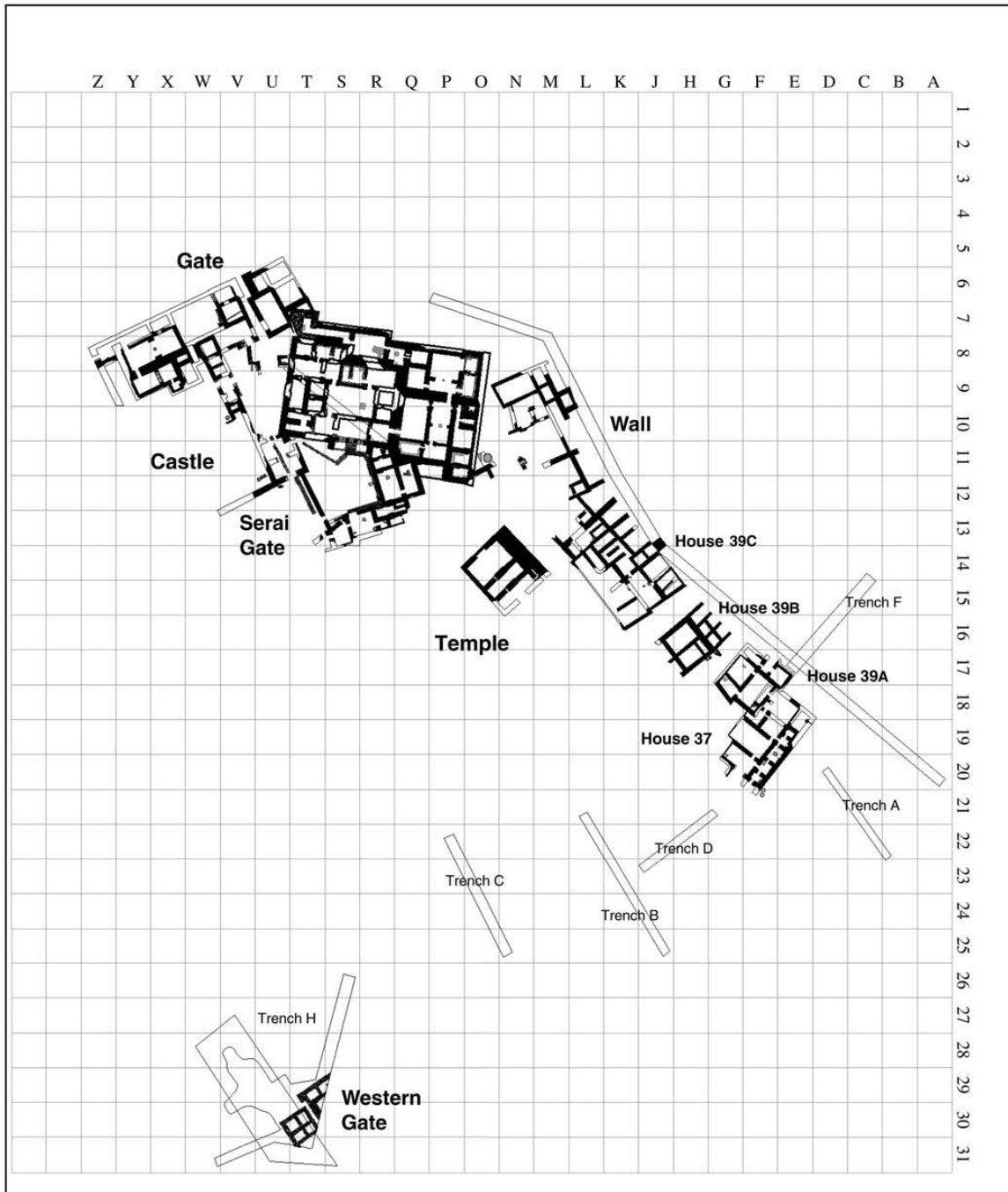


Figura 49 – Mapa de Tell Atchana com a indicação das áreas intervencionadas e respectivas quadrículas (YENER, 2013).



Fase IV

Figura 50 – Configuração arquitectónica da fase IV de Tell Atchana (YENER, 2005).

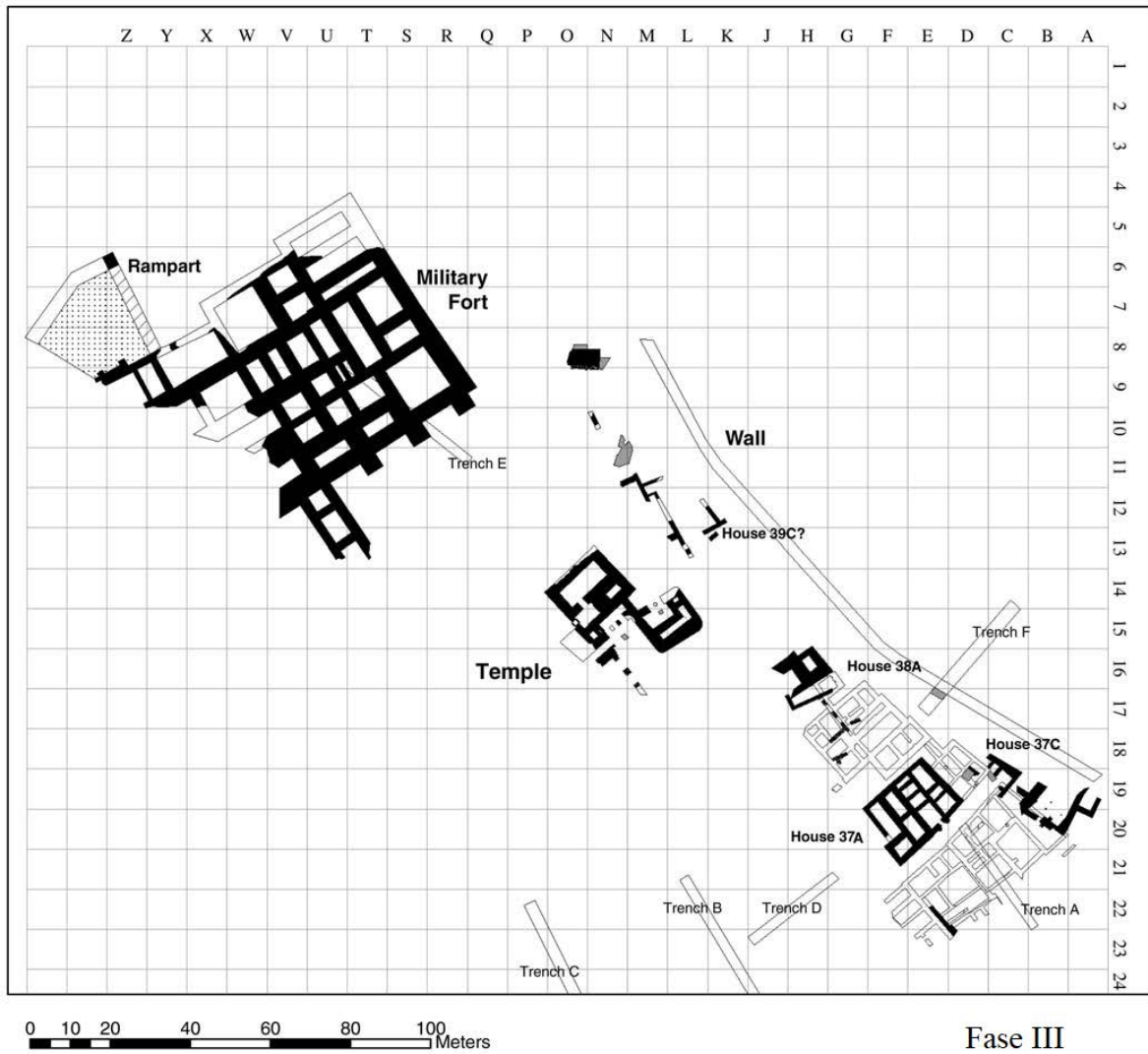


Figura 51 – Configuração arquitectónica da fase III de Tell Atchana (YENER, 2005).

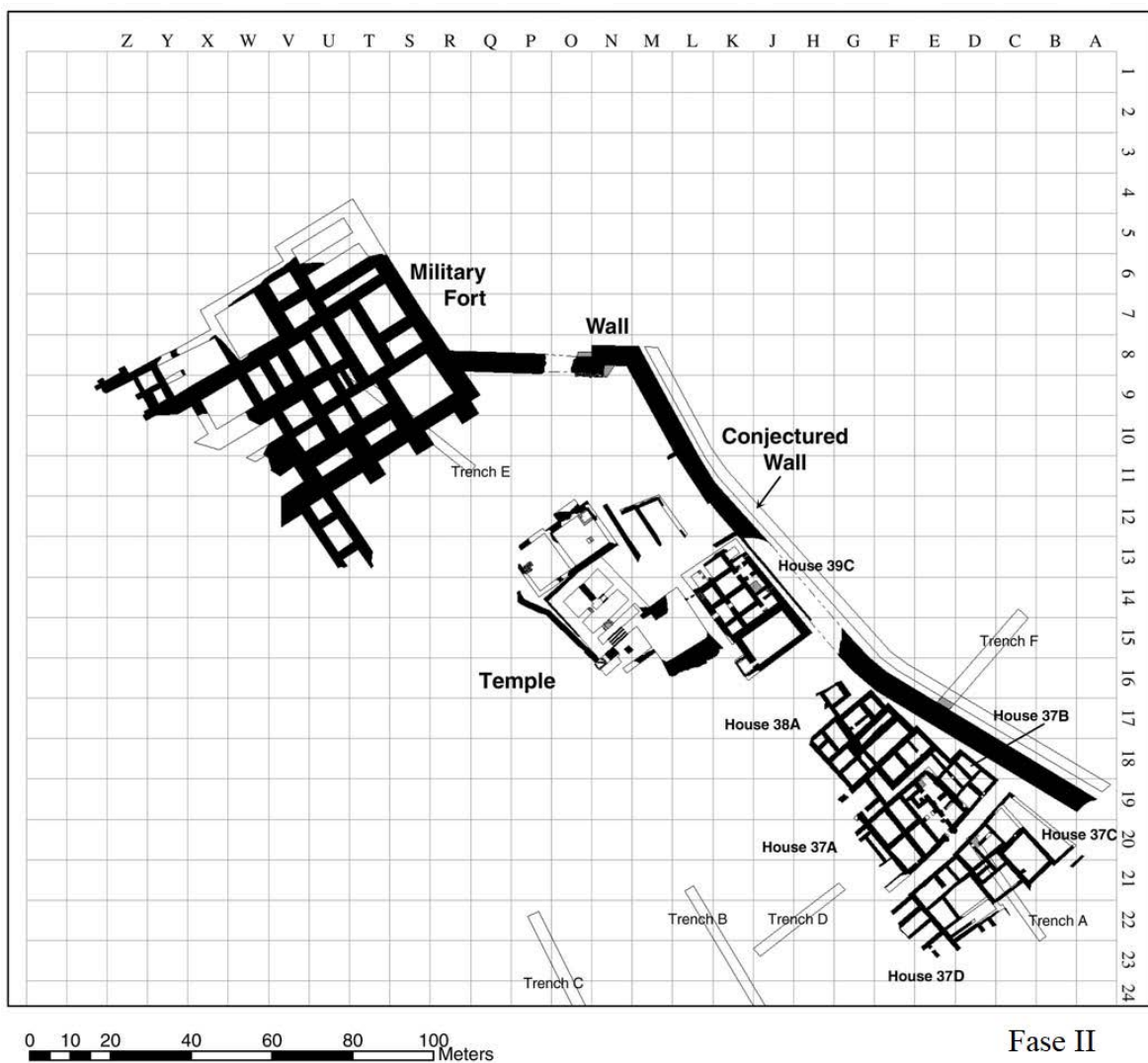


Figura 52 – Configuração arquitectónica da fase II de Tell Atchana (YENER, 2005).

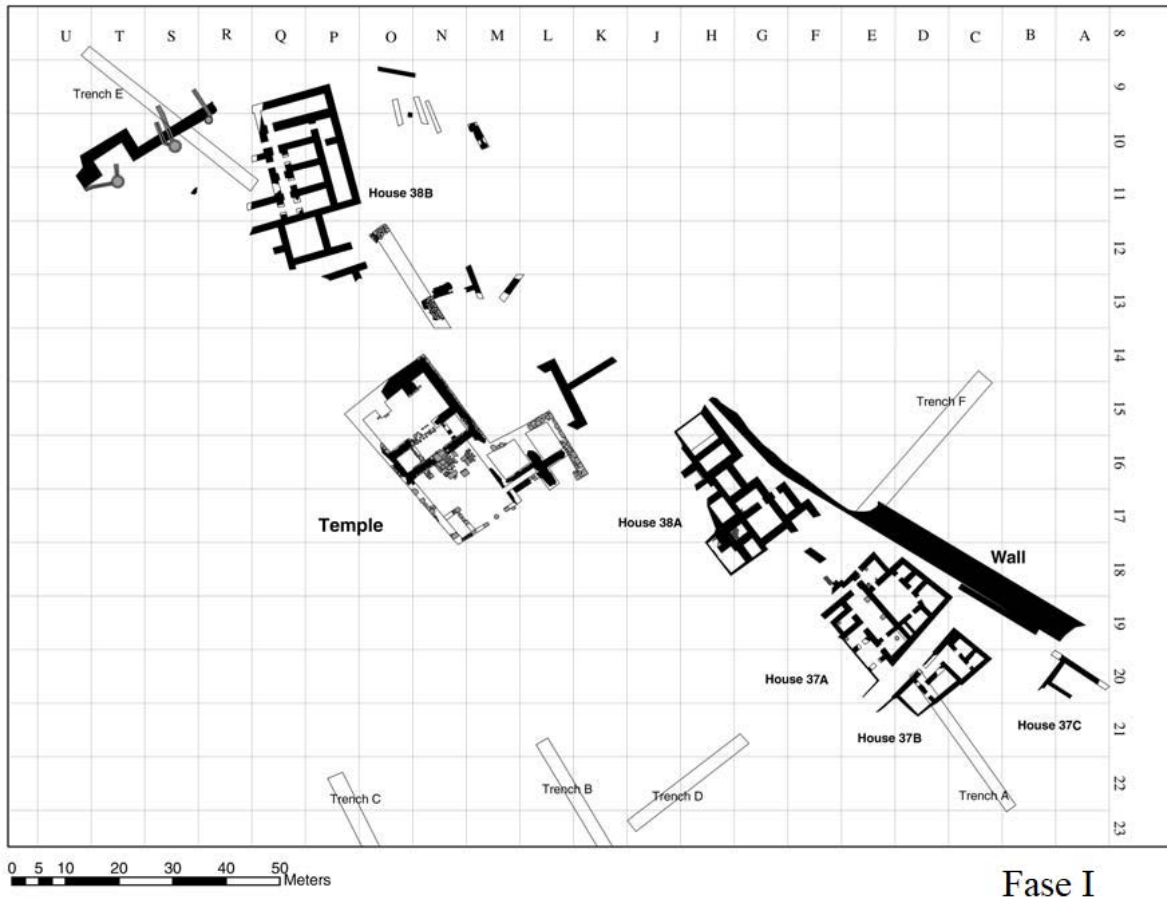


Figura 53 – Configuração arquitectónica da fase I de Tell Atchana (YENER, 2005).

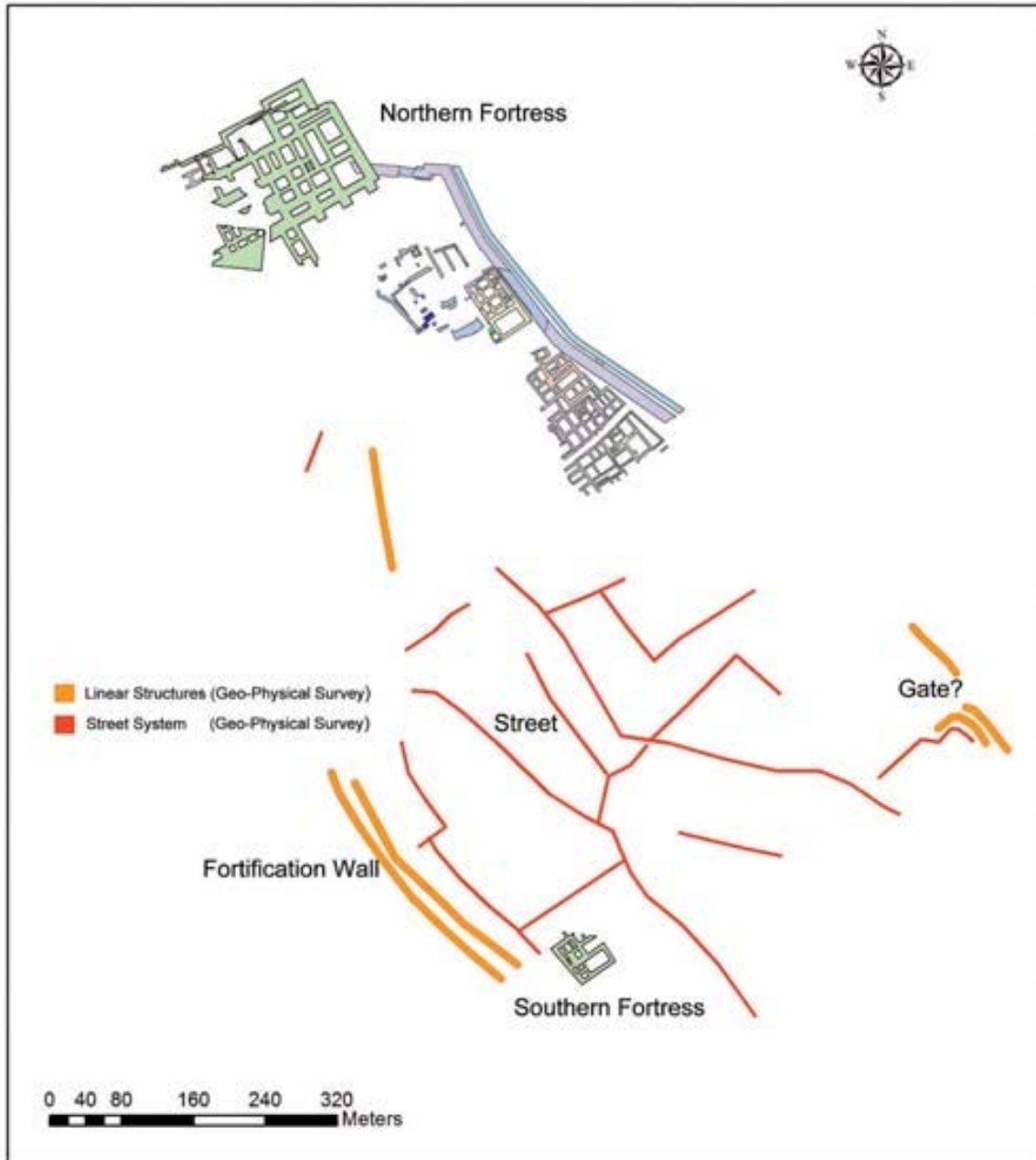


Figura 54 – Representação das fortalezas de Alalah segundo às escavações de Woolley e os resultados da sondagem com magnetómetro (AKAR, 2013).

Selos

Alepo

Nº 27

Descrição: Selo biconvexo de serpentina esverdeada com uma linha delineada ao longo da margem.

Dimensão: Tem 1.7 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: Apresenta uma figura humana de perfil, com um vestuário curto e um barrete arredondado (um arqueiro?); sob o braço direito esticado encontram-se duas barras verticais (= VIR₂?, L. 386) e sobre a mão esquerda encontra-se BONUS₂ (= L. 370).

Lado B: Alguns vestígios de hieróglifos (L. 196 sobre o dorso de um animal?).

Comprado.

Datação: Século XIII a.C. ou poderá ser já um produto da Idade do Ferro.

Bibliografia: MORA, 1987, p. 264 (XI, nº 2.1), Tav. 75; p. 273.



Figura 55 – Selo nº 26 (MORA, 1987).

Nº 28

Descrição: Selo biconvexo

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: Lado A:
TONITRUS-la-li?-mi? BONUS.VIR

Lado B: Na?-ti-um?-li

Comprado.

Datação: –

Bibliografia: HELFT, 2010, p. 252.

Ortóstatos

Nº 29 (ALEPPO 1)

Descrição: Lápide com inscrição de hieróglifos lúvios. Dedicatória de Talmi-Šarruma ao templo de Ȝepat-Šarruma.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: Apenas o início da primeira linha é discernível, lendo-se: “za[?]-ia[?] d^dHé-pa-SARRUMA DEI-DOMUS Tal-mi-Sarruma REX HALPA^{pa-URBS} Telipinu” (segunda linha) MAGNUS. SACERDOS FILIUS AEDIFICARE wa-wa+r—i[?]-tá-li (a)-ki.TESUB^{pa} SCRIBA I-tú^{??}-wa^{URBS}.

“Este templo para Ȝepat [e] Šarruma, Talmi-Šarruma, rei de Alepo, [filho] de Telipinu o Grande Sacerdote, mandou construir [...] [Aki-Tešub] escriba”.

Talmi-Šarruma é descendente de Telipinu, filho de Šuppiluliuma, sobrinho de Muršili II e primo directo de Muwatalli II. Se a inscrição datar ainda do tempo de vida do vice-rei de Alepo poderá enquadrar-se então nos inícios do século XIII a.C., imediatamente após do final do século XIV a.C., coincidindo com o reinado do seu primo.

Inicialmente Werner, seguindo a leitura de Merrigi, decifrou o último nome como

Kili-Tešub, contudo Laroche corrigiu-o, mostrando que o símbolo inicialmente interpretado como L. 278 (=li) é na realidade L. 450 (=a), lendo-se (A)ki-Tešub, da cidade de I/A-tu/ta-wa (?). Este nome surge igualmente no selo RS 19.78 de Ugarit e é mencionado no documento KBo XI 1, a oração de Muwatalli ao Deus Tempestade de Kummanni, como pai do escriba Lurma.

Locus: A lápide foi encontrada reutilizada na parede sul do muro da mesquita de Al-Qaiqan, situada a norte do Bāb Antakeya (portão de Antioquia).

Datação: Finais do século XIV/inícios do século XIII a.C.

Bibliografia: GELB, 1939, p. 9; LAROCHE, 1956, p. 131-141; VAN DEN HOUT, 1995, p. 243-244; WERNER, 1991, p. 50-51.

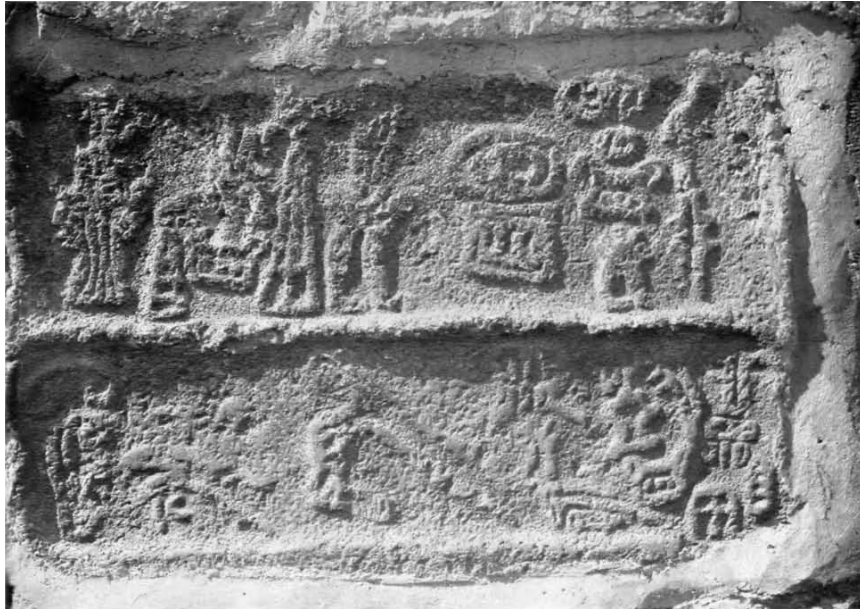


Figura 56 – Ortóstato ALEPPO I. Dedicatória de Talmi-Šarruma ao templo de Hēpat-Šarruma (GELB, 1939).



Figura 57 – Desenho da inscrição com a indicação do sentido de leitura. A primeira linha lê-se da esquerda para a direita, continuando na segunda no sentido contrário (WERNER, 1991).



Figura 58 – Ortóstatos do pódio do templo do Deus Tempestade com orifícios de cavilha no topo (HELFT, 2010).



Figura 59 – Ortóstato de esfinge dicéfala no templo do Deus Tempestade, Alepo (KOHLMEYER, 2009).



Figura 60 – Ortóstato de criatura híbrida, com corpo de leão, cabeça de pássaro e de cobra do templo do Deus Tempestade, Alepo (KOHLMEYER, 2009).



Figura 61 – Ortóstato de homem-touro de Alepo (acima) e de ‘Ain Dārā [E1 e E2] (à direita) (ABOU-ASSAF, 1990; KOHLMAYER, 2009).



Figura 62 – Ortóstato do deus-montanha ladeado por duas criaturas híbridas com cabeça de águia [E5] (à esquerda) e com cabeça de leão [E6] (à direita), ‘Ain Dārā (ABOU-ASSAF, 1990).



Figura 63 – Ortóstato de “janelas falsas” de Alepo (acima) e ‘Ain Dārā (abaixo) (HELFT, 2010; KOHLMAYER, 2009).



Figura 64 – Exemplar de um modelo de casa hitita (HELFT, 2010).



Figura 65 – Ortóstato de estilo hitita, possivelmente do Bronze Final, do templo do Deus Tempestade, Alepo (HELFT, 2010).

Selos

Deve Höyük

Nº 30 (1913.333)

Descrição: Selo biconvexo de esteatite, com duas ranhuras rasas de lado, desgastado em ambas as faces e perfurado diametralmente. Encontra-se actualmente no Museu de Ashmolean.

Dimensão: Tem 2.4 cm de diâmetro e 1.3 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: Inscrição *ku* (= L. 423) -*la* (= L.175) -*ziti* (= L. 313) na margem superior do selo. Duas estrelas e dois entalhes no restante espaço da peça.

Lado B: Quatro estrelas e um trevo.

Locus: Embora tenha sido exumado da sepultura pártia do cemitério de Deve Höyük, pertence claramente à secção crematório do cemitério (século VIII-VII a.C.), como indicam os indícios superficiais de fogo que apresenta.

Datação: A sua manufactura não datará mais tarde que o século XIII a.C.

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 22, nota 20; HOGARTH, 1920, p. 89; MOOREY, 1980, p. 111; Pl. 2, nº 463.

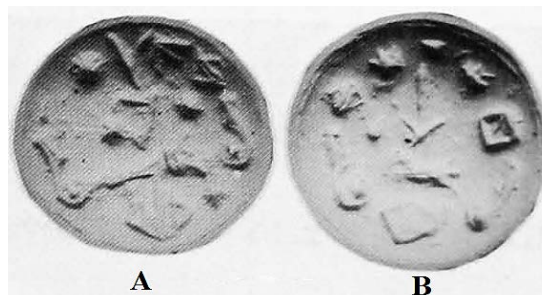


Figura 66 – Selo 1913.333 (MOOREY, 1980).

Nº 31 (1923.334)

Descrição: Selo biconvexo de esteatite branca, de forma irregular, com duas ranhuras rasas de lado e com ambas as faces praticamente lisas. Apresenta sinais de exposição ao fogo. Encontra-se atualmente no Museu de Ashmolean.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: Apresenta no lado A o hieróglifo L. 424 ou L. 423 repetido duas vezes de forma a originar o nome *Ku-ku*, para além de dois entalhes.

Locus: A situação do seu contexto equivale à do selo anterior descrito.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 22, nota 20; HOGARTH, 1920, p. 89; MOOREY, 1980, p. 111; Pl. 2, nº 464.

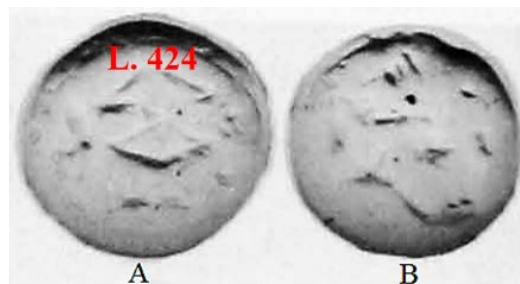


Figura 67 – Selo 1923.334 (MOOREY, 1980).

Bullae

Nº 32 (TM.07.Z.366)

Descrição: *Bulla* de barro cozida, o que não é usual, com o reverso completamente liso. A sua tipologia não segue a dos exemplares recolhidos em Hattuša (pedaços de barro esferóides presos na extremidade por fios).

Dimensão: A impressão tem 2.1 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: No centro do selo encontra-se o nome e cargo do usuário: *BONUS*₂. *AURIGA* (= L. 370 – L. 289) *MONS* (-*wa/i*)-*la-FRATER*₂ (-*nani[ya]*) (= L. 207 – L. 175 – L. 276), ou seja *Walanani(ya) kartappu* (= auriga em acádico). Embora o nome em causa não tenha ainda sido atestado na documentação, os dois elementos que o compõem são conhecidos na onomástica hitita¹⁵³.

O anel que cerca a composição central é decorado com triângulos alongados (bastante comum nestes frisos; por vezes é uma simplificação do símbolo L. 440, que provavelmente deriva do L. 369 = *VITA*) e *TONITRUS* (= L. 199).

Tell Mardikh/ Ebla

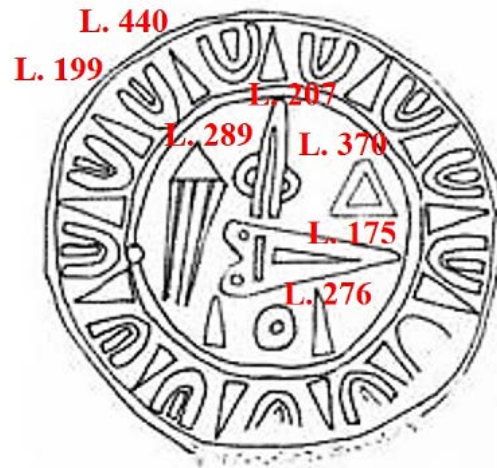


Figura 68 – Desenho da impressão de selo TM.07.Z.366 (ARCHI, 2008).

Dentre a posição de *kartappu*, distingue-se uma categoria de oficiais de alto-escalão encarregues de tarefas importantes, como missões diplomáticas nos países estrangeiros. É provável que *Walanani* tenha sido despachado para Ebla com um propósito dentro desse âmbito.

Não há sinais ou vestígios de fogo no contexto do qual a peça foi descoberta. Talvez, a *bulla* foi cozida numa fase posterior, depois de ter sido removida do receptáculo, possivelmente de modo a preservar alguma peculiaridade, como a impressão nos hieróglifos. Se

¹⁵³ Ver *Les Noms des Hittites* (1966), p. 202-204.

considerarmos as funções de um *kartappu*, a *bullu* poderia ter sido impressa numa tábua de madeira como no exemplar descoberto no naufrágio de Uluburun, fechado por fitas que seguiam abaixo das bordas laterais da *bullu* (que foram quebradas). Walanani teria recebido isto como prova da veracidade das instruções que lhe foram encarregues de comunicar às autoridades locais, em nome do rei hitita (Muršili II ou um dos seus sucessores) ou do vice-rei de Karkamiš.

Locus: A *bullu* foi exumada na área Z que abrange a parte norte da cidade, do sopé das muralhas ocidentais em direcção ao palácio setentrional. Durante o Bronze Médio, esta zona foi ocupada por uma grande residência organizada em torno de um vasto pátio interior. As duas fases posteriores datam do Bronze Final, sendo que a primeira, imediatamente após a camada de destruição do Bronze Médio, reutilizou o nível de pavimento anterior. Na segunda fase (1300-1200 a.C.), construíram-se novos quartos reutilizando parcialmente as estruturas prévias. A *bullu* foi recolhida numa U.E. de colapso desta segunda fase na parte sudoeste da área (BiVII9iv, nível 3).

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI, 2008, p. 397-400; HERBORDT, 2005, p. 434.

Nº 33 (TM S.244 I-II)

Descrição: *Bulla* de barro com uma impressão circular.

Dimensão: 5.7 x 4 x 0.8 cm (*bulla*); 2.1 cm de diâmetro (impressão)

Inscrição hieroglífica: A impressão I encontra-se apenas parcialmente preservada, faltando o lado direito, ao passo que a II está completa, mas bastante corroída. Há um resquício de uma terceira impressão, III, contudo somente uma parte da margem ficou impressa, não se identificando quaisquer símbolos.

Impressão I: *Hu-r-tà-á¹-ná²*.

Impressão II: Embora completa, apenas um símbolo é claramente visível: *á*; apresentando também indícios de um outro que parece ser *hu*. Archi (1980) acredita que a impressão I e II corresponderão ao anverso e reverso, respectivamente, da mesma *bulla*. Se for esse o caso, então fica garantida a leitura de *á* em I, todavia o símbolo *ná* permanece incerto.

O nome apresentado pode remontar a *Hu-ru-ta¹⁵⁴*, atestado num documento paleo-assírio, alargado com o elemento *-na*,

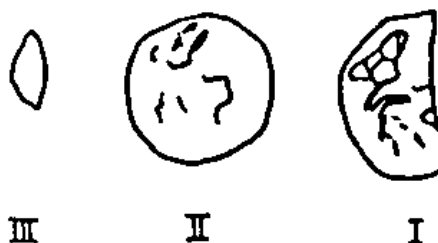


Figura 69 – Fotografia da *bulla* TM S.244 I-II e desenho de cada impressão (ARCHI, 1980).

frequentemente usado, como no caso de *Palla* para *Pallan(na)a¹⁵⁵*.

Locus: Achado de superfície recolhido em 1974.

Datação: Século XIII a.C.?

Bibliografia: ARCHI, 1980, p. 30, Tav. II, abb. 7; MORA, 1987, p. 311 (XII b, nº 1.41), Tav. 99.

¹⁵⁴ Ver *Les Noms des Hittites* (1966), p. 73, nº 409.

¹⁵⁵ Ver *Les Noms des Hittites* (1966), nº 906-907.

Selos

Nº 34 (EM 99:38)

Descrição: Selo biconvexo de prata com uma percentagem de 7%-8% de cobre. Perfuração diametral para anexação de uma pega de bronze. Apresenta em ambas as faces uma faixa circunferencial na borda com traços ornamentais.

Dimensão: Tem 2.9 cm de diâmetro e 1.75 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: BONUS₂ (= L. 370) VIR₂ (= L. 386) *ku-ku-nu* – BONUS₂ (= L. 370) VIR₂ (= L. 386). O nome do dono do selo é Kukunu: variantes deste nome são atestados na escrita cuneiforme da Ásia Menor desde o período Assírio Antigo (2000-século XVI a.C.), tendo continuado nos inícios do século XIV a.C. e meados do século XIII a.C, durante o reinado de Hattušili III. Os símbolos L. 370 sobre L.386 comprovam que se trata do nome de um homem. O grupo de caracteres por debaixo do nome são ornamentos/símbolos dos quais não se percebe o significado.

Tell Meskene/ Emar



Figura 70 – Selo EM 99:38 (JABLONKA, 2006).

Lado B: BONUS₂ (= L. 370) VIR₂ (= L. 386) – L. 386 – L. 35 (= na) – L. 9 (á) (Á-na-ni-zi?). O significado da sequência dos hieróglifos L. 35 – L. 9 é indeterminado (título de um cargo?).

Devido à cronologia do selo – século XIII a.C. – e ao estatuto do seu dono, pode-se considerar a sua correlação com a pessoa identificada no texto KUB XIII 35+ III 38 (^mKU-UK-KU)¹⁵⁶, que é mencionado como uma testemunha não-presente no caso de ^mGAL-^DU [Ura-Tarḫunta-/Talmi-Tesuba-], filho de Ukkura. Porém, o título de corte ou de cargo que apresenta, *salasha-* (^{LÚ}ša-la-aš-ḫa-aš), não tem ligação com a sequência L. 35 – L. 9.

Locus: O selo foi recolhido na quadrícula 74/52, *locus* FS 10, no entulho sobre as

¹⁵⁶ “É ^mKU-UK-KU II LÚ III SAL Š[U.NIGI]N V S[AG.DU]” (OTTEN & SOUČEK, 1965, p. 30, Kol. III 24).

estruturas residenciais do Bronze Final,
situadas a este e nordeste na *Upper Town*.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: STARKE, 2001, p. 102,
Abb. 24; p. 103-105; JABLONKA, 2006,
p. 511-529; Abb. 1.

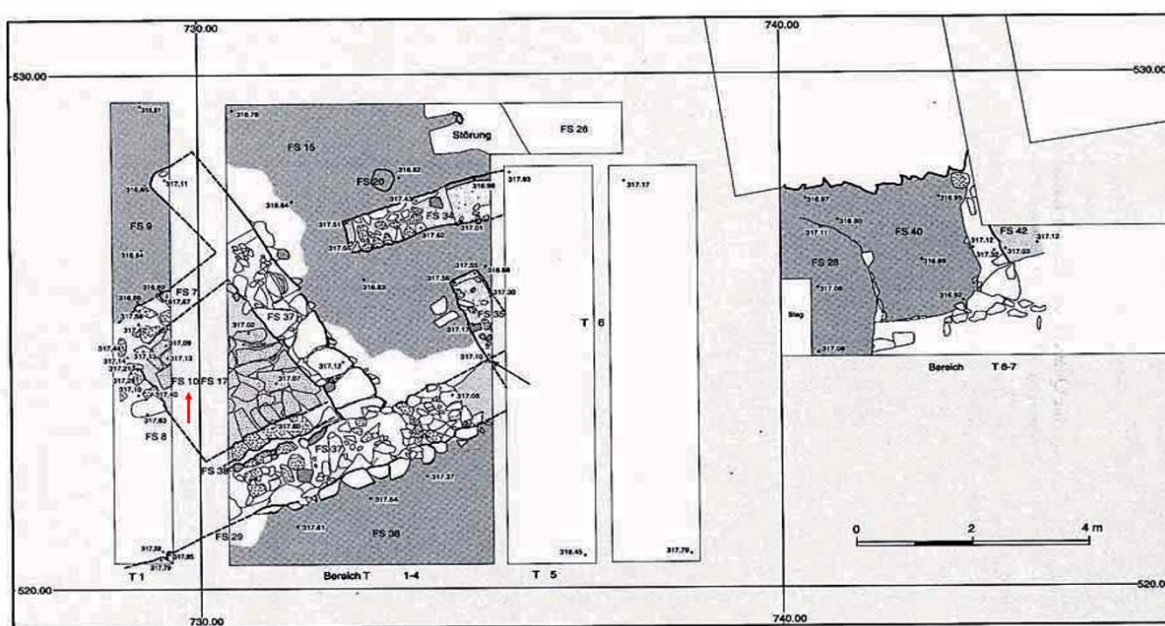


Figura 71 – *Upper Town I*. Registo das estruturas e achados (FS) da fase de construção II, quadrículas 72-74/52. Seta vermelha a indicar o *locus* FS 10 donde se recolheu o selo EM99:38 (FINKBEINER, 2001)

Nº 35 (EM02:134)

Descrição: Selo trípole de bronze. Base discóide e um cabo trípole na forma de patas de leão que convergem no topo num botão cilíndrico. É um tipo muito comum na Anatólia entre os séculos XIV-XIII a.C.

Dimensão: O selo tem 2.5 cm de largura e 2.5 cm de altura, enquanto o botão tem 1.3 cm de comprimento e 0.8 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: Apresenta uma faixa circunferencial na borda com traços ornamentais. Os hieróglifos no centro não são legíveis devido à corrosão. No topo e na base à esquerda encontram-se os hieróglifos L. 370 e L. 419 (ou 186?). Os caracteres maiores no meio e os que os acompanham deveriam indicar o nome próprio (com o título/cargo?) em logograma, porém são ilegíveis (= L. 135, médico, sacerdote, mágico?).

Locus: O selo foi recolhido na quadrícula 72/50, fase de construção Bph. OSW 1, U.E. 2, num depósito de entulho nas redondezas da área residencial do Bronze Final, na *Upper Town*.

Datação: Século XIV/XIII a.C.

Bibliografia: STARKE, 2003, p. 19; 91-92, Abb. 26.

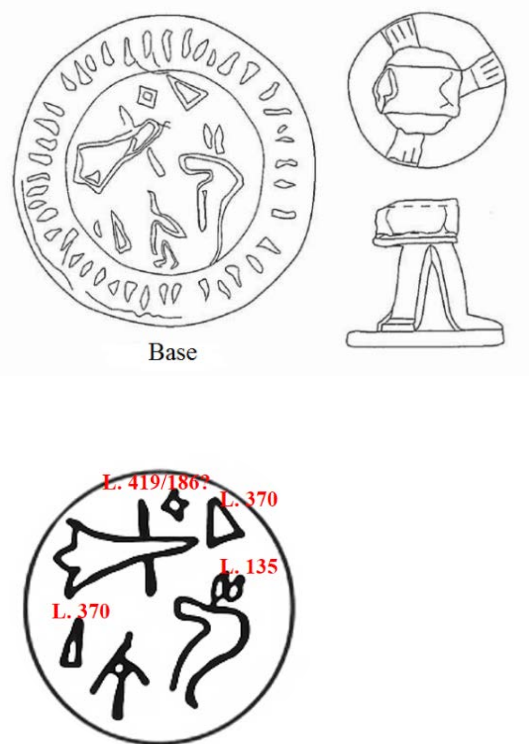


Figura 72 – Desenho do selo EM02:134 identificando-se os seus hieróglifos (STARKE, 2003).

Nº 36 (EM03:1)

Descrição: Selo de estampa de bronze com uma base redonda e um cabo cónico com 7 facetas. O topo é em forma de martelo ou botão, decorado por quatro linhas paralelas no centro da parte de cima, que delineiam toda a curvatura. O espaço que liga o botão com o cabo apresenta também duas linhas paralelas, dando a ilusão de que as duas peças estão atadas uma à outra.

Dimensão: –

Decoração: O selo está danificado no lado direito da base devido a corrosão. Na borda é emoldurado por uma faixa que, em vez de se fechar num anel, sobrepõe-se. Por dentro encontra-se uma composição de tranças com um laço espiral que ornamentam o centro da peça. Esta composição é $\frac{3}{4}$ de tranças e $\frac{1}{4}$ do laço espiral na forma de dupla hélice. As tranças não são todas esboçadas da mesma forma, visto que algumas das suas linhas não poderiam ser continuadas devido ao espaço limitado pela faixa exterior. O cruzamento das linhas individuais das tranças também não está completo. Em vez disso, as linhas desenhadas no fundo são interrompidas. A decoração central consiste em duas

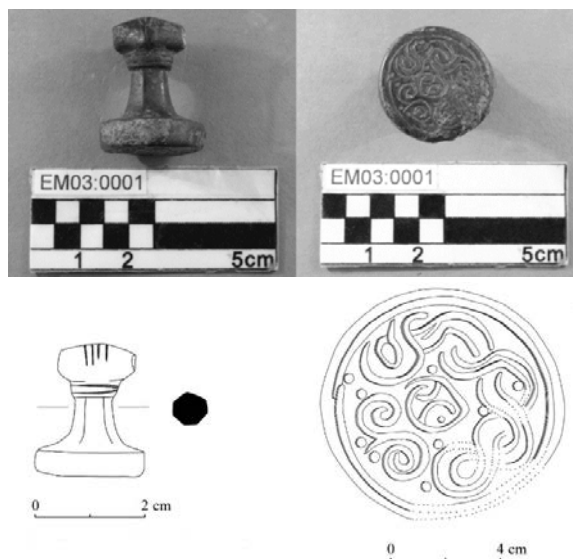


Figura 73 – Fotografia e desenho do pormenor decorativo do selo EM03:1 (SAKAL, 2005).

linhas curvas semicirculares que se tocam no meio da sua curvatura convexa. Este motivo é também emoldurado por uma faixa circular, que tal como a exterior, não se encerra num anel, as suas pontas desencontram-se.

A imagem do selo apresenta, pelo que se consegue observar, dez pontos decorativos. À primeira vista parece que estão distribuídos de um modo aleatório, mas supostamente foram colocados seguindo um certo padrão. Portanto, há dois pontinhos na transição da trança para o padrão em espiral, sendo que um se situa dentro da trança. Outros dois pontinhos se encontram em ambos os lados de uma protuberância em forma de espinho do padrão da espiral na transição

entre as duas espirais. Outros pontinhos distribuem-se à volta da ornamentação central, tendo um pontinho dentro dessa.

Este selo pertence ao grupo designado de “Kegelknaufstempel”, entre os selos de estampa, tendo sido usado na Anatólia entre o século XVII-XIII a.C.

Representam uma típica forma de arte dos selos hititas e podem ser manufacturadas em metal, pedra ou, mais raramente, em barro. Selos cónicos deste género feitos de metal são fundidos numa peça, sendo que se conhece moldes correspondentes, por exemplo, na cidade de Ḫattuša. A sua decoração varia de peça para peça, encontrando-se padrões ornamentais, representações figurativas ou hieróglifos. As decorações preferidas eram especialmente os padrões de espirais, laços e tranças, que poderiam ser usados individualmente ou misturados entre si.

Locus: O selo foi descoberto no perfil oeste da *Upper Town*, logo abaixo da superfície, numa secção de entulho, à semelhança dos outros dois achados anteriores. Nesta área distribuem-se várias residências às quais ainda não foi possível atribuir uma datação.

É particularmente notável que se tenha encontrado um selo hitita do século

XVII/XVI a.C. em Emar, apesar de não se poder excluir a hipótese de que tenha aparecido somente após a conquista de Šuppiluliuma I na segunda metade do século XIV a.C.. Porém, demonstra possivelmente um intercâmbio entre Emar e o centro hitita já no período do Antigo Reino.

Datação: Boehemer data este grupo de selos ornamentais de Ḫattuša à segunda metade do século XVII/século XVI a.C., sendo que dois exemplares publicados na sua obra (1987), nº 135 e 136 (fig. 74), apresentam um padrão decorativo semelhante, que envolve igualmente tranças e espirais (nº 135), assim como pontinhos (nº 136). Portanto este tipo de padrão seria um género ornamental próprio nos selos.

Bibliografia: BOEHEMER & GÜTERBOCK, 1987, p. 49-50; SAKAL, 2005, p. 181-185.

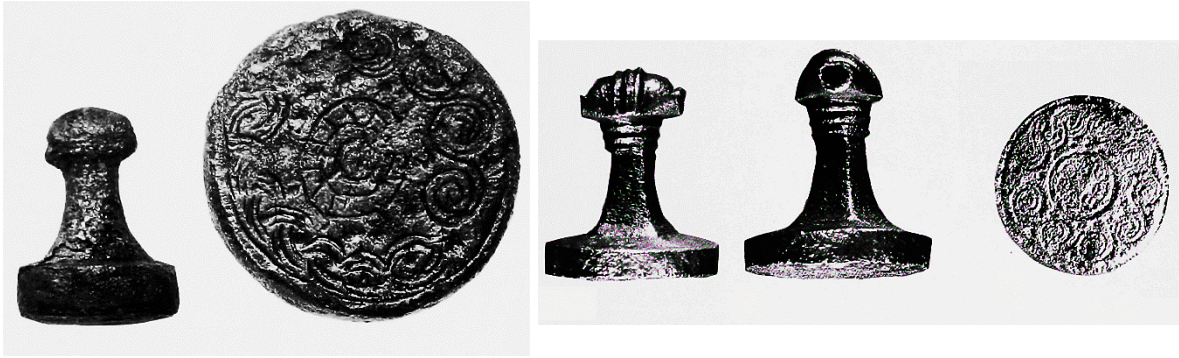


Figura 74 – Selo nº 135 e 136 de Ḫattuša respectivamente (BOEHEMER & GÜTERBOCK, 1987).

Cerâmica

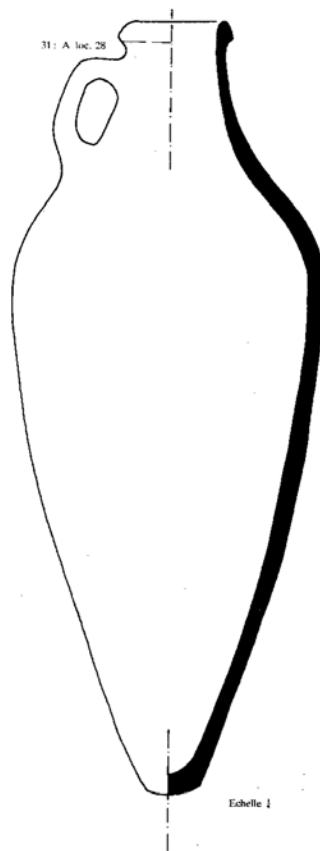


Figura 75 – Ânfora grande do *chantier* A (tipo 31) de Emar (CAUBET, 1982).

Estela



Figura 76 – Fragmento de pequena estela de calcário com grafito de uma divindade hitita com um pássaro (Musée du Louvre / Pierre et Maurice Chuzeville [AO 27140]).

Glíptica

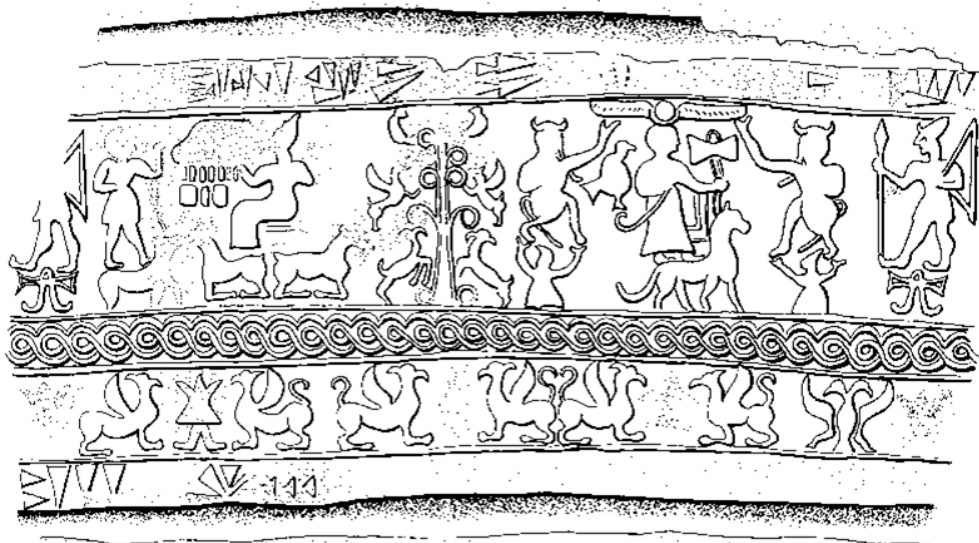


Figura 77 – Desenho da impressão do selo de Šahuruṅwa (BEYER, 1982).

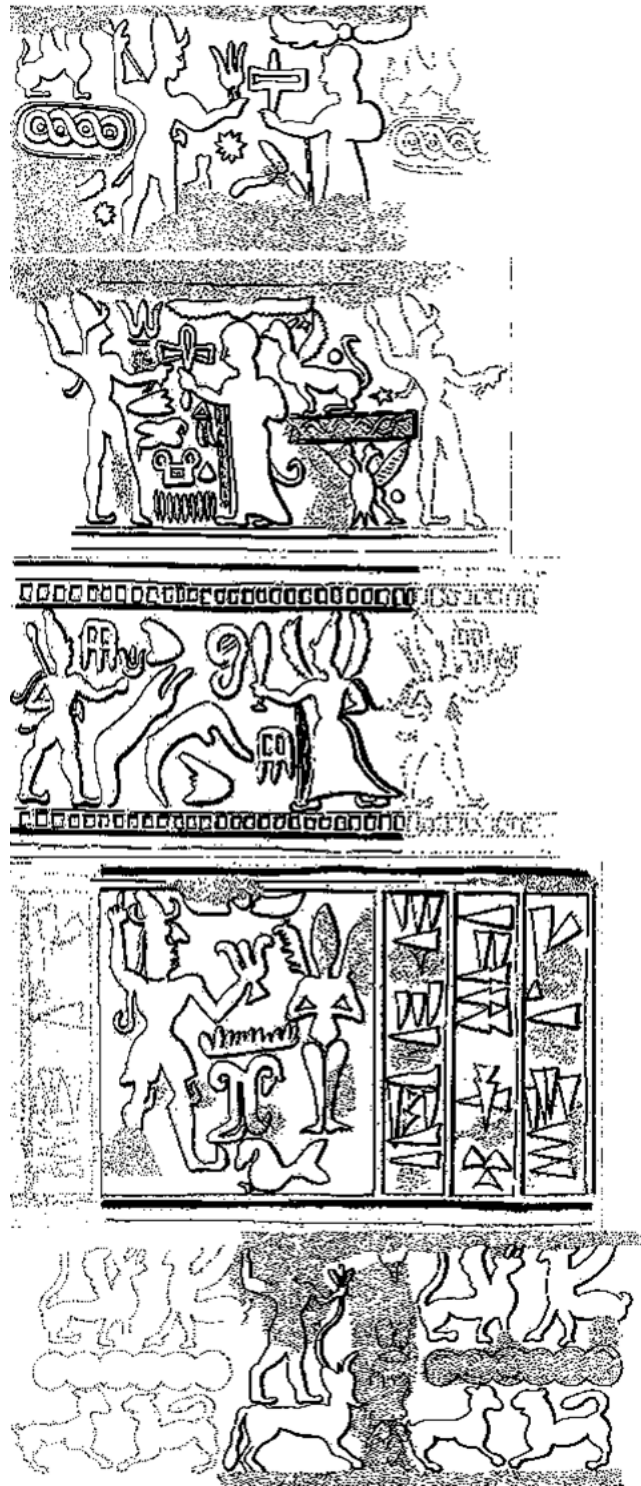


Figura 78 – Exemplos da glíptica de selos sírio-hititas de Emar (A9; A10; A33; A34 e A107) (BEYER, 2001).

Outros

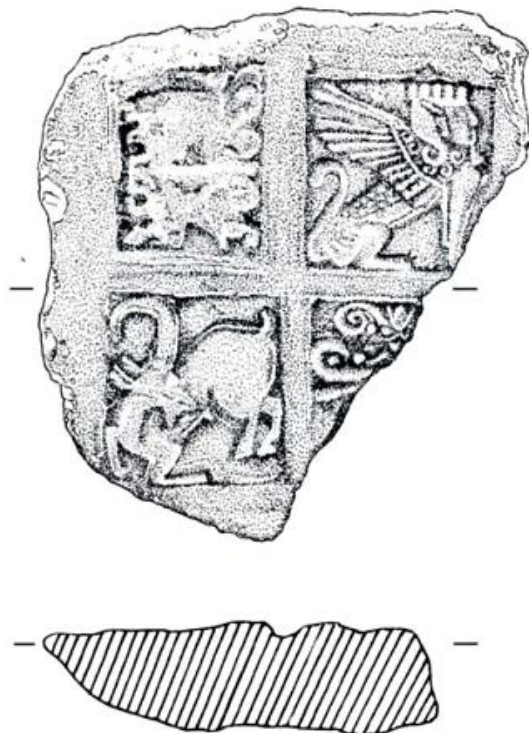


Figura 79 – Placa de terracota de Emar (FAIST & FINKBEINER, 2002).

Tabuinhas cuneiformes

Nº 37 (Msk. 73.1097)

Descrição: Argila rosa com fendas.

Tabuinha com escrita hitita em ambas as faces, seguindo os princípios do estilo sírio-hitita e não das tabuinhas locais de Emar (continuação da escrita nas secções inferior e lateral).

Dimensão: Tem 10.1 cm de altura; 8.5 cm de largura e 3.2 cm de espessura.

A carta enviada pelo Grande Rei hitita destina-se a um indivíduo chamado Alziyamuwa, possivelmente o comandante local hitita, que cometera duas ofensas contra Zū-Ba‘la, a autoridade religiosa máxima de Emar: confiscara parte da sua propriedade, assim como o sujeitara aos deveres de *šahḫan* e *luzzi*.

Zū-Ba‘la era filho de Šuršu, um adivinho, e genro e herdeiro de Anda-malik, o qual

lhe terá legado as suas propriedades e terras num documento ratificado por Ini-Tešub (Msk. 73.1014), vice-rei de Karkamiš. O título sacerdotal “Profeta (LÚ AZU) dos deuses de Emar” pertencera a Anda-malik, tendo passado para as quatro gerações seguintes e eventualmente para o seu genro.

No documento refere-se que as suas propriedades iriam ser entregues a um indivíduo chamado Paluwa, o qual poderá estar relacionado com o EN KUR DUMU.LUGAL do selo nº 3 (ver nota 45), o que nesse caso explicaria a sua ausência no documento homólogo de Karkamiš (BLMJ-C 37).

O Grande Rei hitita considerou as acções de Alziyamuwa como “opressão”, ou seja, abuso do seu poder, ordenando a restituição dos bens confiscados a Zū-Ba‘la. Quanto aos novos impostos, o adivinho deveria continuar a pagar as taxas de sempre, sem novas adições. Contudo, como um “Emaro-Hitita”, um cidadão de Emar que trabalhava directamente para a soberania hitita, portanto susceptível de desempenhar alguns desses deveres impostos por Alziyamuwa, Zū-Ba‘la usufruiu de um tratamento especial, graças à sua relação próxima com as autoridades hititas,

evidente não só nos documentos jurídicos directamente rectificadas pelo vice-rei de Karkamiš, mas também pela incorporação de divindades e práticas culturais hititas no culto sírio local. As competências dos adivinhos de Emar eram também bastante apreciadas pelos hititas, do que se pode deduzir de um documento de Boğazköy, no qual um rei hitita enfermo despachou uma expedição sacerdotal a Aštata para consultar o oráculo e trazer a divindade local a Ḫatti.

Um documento, em particular, retrata um caso análogo ao de Zū-Ba‘la (Mšt. 75/57). Numa carta dupla enviada da capital para o *bēl madgalti* Ḫimuili, solicita-se a exoneração do escriba Tarḫunmiya dos seus deveres de *šaḫḫan e luzzi*, primeiro por Ḫattušili, um importante conselheiro da corte real, e depois pelo próprio Tarḫunmiya. O argumento é praticamente idêntico ao das cartas de Emar: que a única família de escribas na jurisdição de Ḫimuili nunca teve de prestar esses serviços no passado, portanto, deveria continuar isenta de os fazer. Vai para o mérito da justiça hitita que em ambos os casos os indivíduos prejudicados tiveram recurso às mais elevadas autoridades judiciais que decidiram a seu favor.

Esta tabuinha demonstra que os altos funcionários que governavam as regiões periféricas como representantes da autoridade central tinham a possibilidade de exercer abusos – evidentemente em sua vantagem – aumentando assim o seu poder.

No que respeita ao autor da carta, as opiniões divergem. Salvini e Trémouille acreditam que o documento se enquadra cronologicamente no 9º ano do reinado de Muršili II (1313-1311 a.C.), aquando da sua passagem na região de Aštata devido à invasão dos assírios na cidade Karkamiš. Como o rei expressa nos seus Anais, o objectivo dessa excursão era “resolver os assuntos/pôr em ordem”, o que pode aplicar-se a vários problemas decorrentes na região, aparte dos militares. Também explicaria a ousadia do funcionário em abusar dos seus poderes num período de debilitação da soberania hitita. Por outro lado, Yamada e Imparati consideram mais provável a datação da carta remontar ao reinado de Ḫattušili III ou Tudḫaliya IV, pois se a resposta de Karkamiš (BLMJ-C 37) advém do período do vice-reino de Ini-Tešub, essas seriam as hipóteses mais próximas cronologicamente. Se Zū-Ba‘la herdara as suas propriedades na época de

Muršili II, teria de sobreviver ao longo reinado de Šaḫurunuwa até ao de Ini-Tešub, o que parece improvável. Skaist propõe outro rei ainda, Urḫi-Tešub, que na realidade se enquadra cronologicamente entre as duas teorias anteriores sugeridas. A sua suposição parte da menção de um Grande Rei hitita chamado Muršili no testamento de Zū-Ba‘la (Msk. 73.1014), o qual fora ratificado por Ini-Tešub no início do seu reinado (1275-1265 a.C.). A datação desse documento e da carta de Ḫatti e Karkamiš deve ser relativamente próxima, considerando que abordam as três o mesmo assunto, e Zū-Ba‘la terá recebido assim a sua herança algures durante o reinado de Muršili III (também conhecido como Urḫi-Tešub) e não antes. Contudo, não há fontes que assegurem necessariamente a identificação do nome Muršili com Muršili III/Urḫi-Tešub. Normalmente quando se menciona esse nome a associação é com Muršili II, o que acaba por nos encaminhar de volta à teoria de Salvini e Trémouille.

Locus: A tabuinha foi recolhida no edifício M₁, o “Templo do Profeta”, situado na zona baixa da cidade (*Lower Town*), a 135m oeste da muralha ocidental.

Datação: Finais do século XIV a.C.?

Século XIII a.C.?

Bibliografia: COHEN & D'ALFONSO, 2008, p. 13-14, nota 41; HOFFNER, 2009, p. 367-371; IMPARATI, 1982, p. 264-267; LAROCHE, 1982, p. 54; SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 225-230; fig. 1; SINGER, 2011, p. 295-305; YAMADA, 2006, p. 224-229.

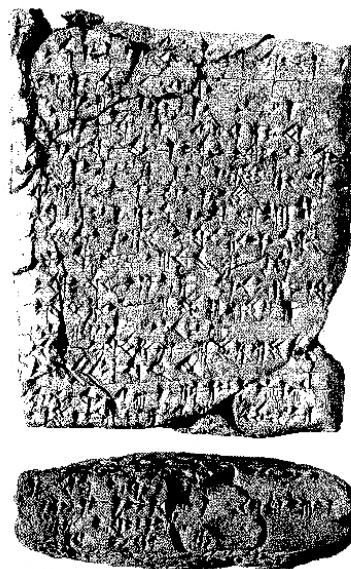


Figura 80 – Anverso e secção inferior de Msk. 73.1097 (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003).



Figura 81 – Reverso e secção lateral de Msk. 73.1097 (SALVINI & TRÉMOUILLES, 2003).

Nº 38 (BLMJ-C37)

Descrição: Em pior estado de conservação que a anterior. O barro encontra-se num estado bastante arenoso e parte da superfície está degradada. Algumas partes do anverso e praticamente metade do reverso estão partidas.

Dimensão: Tem 7 cm de altura; 6 cm de largura e 3 cm de espessura.

O documento BLMJ-C37 basicamente resume o conteúdo da carta anterior enviada pelo soberano hitita.

Provavelmente, o vice-rei de Karkamiš recebera essa carta previamente à sua entrega a Alziyamuwa ou talvez uma carta anexada endereçada para si.

Acrescentando ao decreto de Msk.

73.1097, Ini-Tešub (ou Šaḫuruwa) impõe a sua própria ordem de que as propriedades confiscadas deverão ser retornadas ao seu respectivo herdeiro aquando da sua chegada a Emar, onde iria liberar Zū‘Ba-la dos seus deveres. Ao passo que o soberano hitita apenas declarou que o adivinho deveria continuar a pagar pelos impostos que fazia no passado, sem novas adições, o vice-rei de Karkamiš, que deveria conhecer melhor a situação fiscal em Emar, ordenou a

exoneração de Zū‘Ba-la das taxas de *luzzi* e *šahhun*.

O nome Paluwa, a pessoa que iria receber as propriedades retiradas a Zū‘Ba-la, não surge na carta do vice-rei de Karkamiš, o que poderá ser interpretado como uma tentativa de encobrir um episódio vergonhoso realizado por um alto funcionário, possivelmente até parente do próprio vice-rei (ver nota 45).

O que se pode retirar deste documento quanto à administração de Emar na esfera de domínio hitita é que, embora o Grande Rei do Ḫatti possuísse o derradeiro poder sobre a cidade do Médio Eufrates, o vice-rei de Karkamiš é que era responsável pelo seu controlo, deslocando-se pessoalmente para lidar com a disputa. O envolvimento do soberano hitita neste processo foi uma excepção que se deve atribuir à influência da personagem em causa.

Locus: A tabuinha foi descoberta no mesmo contexto que a anterior.

Datação: Finais do século XIV a.C.?
Século XIII a.C.?

Bibliografia: HOFFNER, 2009, p. 371-372; SINGER, 2011, p. 295-305; YAMADA, 2006, p. 224-229.

Nº 39 (Msk. 74.734)

Descrição: Tabuinha com escrita hitita no anverso, muito fragmentada.

Dimensão: Tem 5.6 cm de altura; 6.6. cm de largura e 2.5 cm de espessura.

Trata-se de uma missiva do vice-rei de Karkamiš a um dignitário hitita nomeado Armanani. O tema da carta é difícil de precisar, não só pelo carácter fragmentário da tabuinha, mas igualmente pela imprecisão das formas verbais que podem ser interpretadas quer como na 2^a quer como na 3^a pessoa do singular do pretérito. Aparentemente o vice-rei queixa-se de não ter sido informado relativamente a algo ou alguém.

Segundo a impressão do seu selo cilíndrico dígrafo¹⁵⁷, cuneiforme e hieroglífico, na tabuinha MSK. 73.266, Armanani desempenhava o cargo de DUMU.LUGAL. Nesta tabuinha, Armanani declara o veredicto de um processo judicial – o que confirma a sua relevância –, porém, indica igualmente que o seu julgamento “deverá ser apresentado perante o rei (i.e., o vice-rei de Karkamiš) quando o mesmo retornar”, sem dúvida, para ser ratificada.



Figura 82 – Anverso e secção lateral direita (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003).

Locus: A tabuinha foi encontrada nos escombros do que seria um edifício, na zona Norte, do sector de Bālis (nome da cidade medieval), actualmente submerso pelo lago artificial Assad.

Datação: –

Bibliografia: SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 230-232; fig. 2.

¹⁵⁷ Sobre o selo cilíndrico (A 104), ver *Emar IV. Les sceaux*, p. 107, 440.

Nº 40 (Msk. 74.57+98)

Descrição: Relatório divinatório com escrita hitita, relativo à deusa

^DNIN.KUR¹⁵⁸ e ao seu templo. Menção sobre os festivais *kubadu*¹⁵⁹ e *allinašša*¹⁶⁰.

Dimensão: Tem 11.4 cm de altura; 7.7 cm de largura e 3 cm de espessura.

Bibliografia: ARCHI, 2014, p. 152; SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 232-239, fig. 3.



Figura 83 – Anverso e secção inferior de Msk. 74.57+98 (à esquerda). Reverso, secção superior e secção lateral esquerda Msk. 74.57+98 (à direita) (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003).

Nº 41 (Msk. 74.58+126+114)

Descrição: Tabuinha de argila rosa-bege. Relatório divinatório com escrita hitita, relativo ao templo de ^DKAL KI.LAM¹⁶¹. Menção aos festivais *kubadu* e *kirari*¹⁶².

Dimensão: Tem 11.2 cm de altura; 8 cm de largura e 3 cm de espessura.

Bibliografia: ARCHI, 2014, p. 152; SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 239-242, fig. 4.

¹⁵⁸ Bēlēt-māti, isto é “A Senhora do País”, uma das divindades mais importantes de Emar (ARCHI, 2014, p. 152).

¹⁵⁹ O rito *kubadu* era realizado em vários contextos ritualísticos em Emar e consistia na oferenda de um sacrifício animal (FLEMING, 2000, p. 95-96, nota 205 e 206).

¹⁶⁰ Hápax. Deverá equivaler ao termo *allinašši*, indicativo de um tipo de pão (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 237).

¹⁶¹ Esta divindade é provavelmente idêntica a EN.KI.LAM, i.e., Nergal (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 242).

¹⁶² Hápax. Talvez se aproxima do nome do mês *kirari*, atestado no calendário de Alalakh (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 242).



Figura 84 – Anverso, secção inferior e secção lateral esquerda de Msk. 74.58+126+114 (à esquerda). Reverso e secção lateral direita de Msk. 74.58+126+114 (à direita) (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003).

Nº 42 (Msk. 74.92+102+110)

Descrição: Tabuinha de argila bege.

Relatório divinatório com escrita hitita, relativo a Ištar da Batalha (*TĀHAZI*)¹⁶³ e a Lua (^D30).

Dimensão: Tem 12.5 cm de altura; 8.8 cm de largura e 3.2 cm de espessura.

Bibliografia: ARCHI, 2014, p. 152; SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 242-245, fig. 5.

¹⁶³ Uma das principais divindades de Emar (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003, p. 245).



Figura 85 – Reverso, secção inferior e lateral de Msk. 74.92+102+110 (à esquerda). Anverso e secção lateral direita de Msk. 74.92+102+110 (à direita) (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003).

Nº 43 (Msk. 73.1096)

Descrição: Tabuinha demasiada fragmentada para possibilitar uma leitura. Apenas com a menção de DINGIR^{LUM} é que é possível identificar o anverso e, portanto, o início do texto, visto que os relatórios de adivinhação anteriores se iniciam com a menção (do templo) da divindade. Presença nítida do polegar do escriba sobre a parte escrita, parecendo ter alisado a tabuinha.

Dimensão: Tem 6.1 cm de altura; 5.9 cm de largura e 2.7 cm de espessura.

Locus: Todos os relatórios divinatorios foram exumados no edifício M₁, “Templo do Profeta” e possivelmente datarão do reinado de Tudhaliya IV.

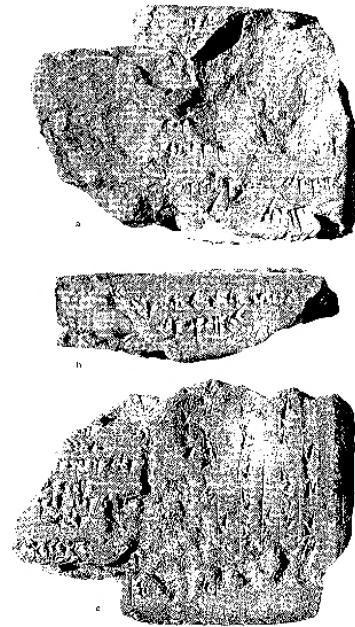


Figura 86 – a. Reverso; b. secção superior; c. anverso com pormenor da impressão do polegar do escriba (SALVINI & TRÉMOUILLE, 2003).

Planta

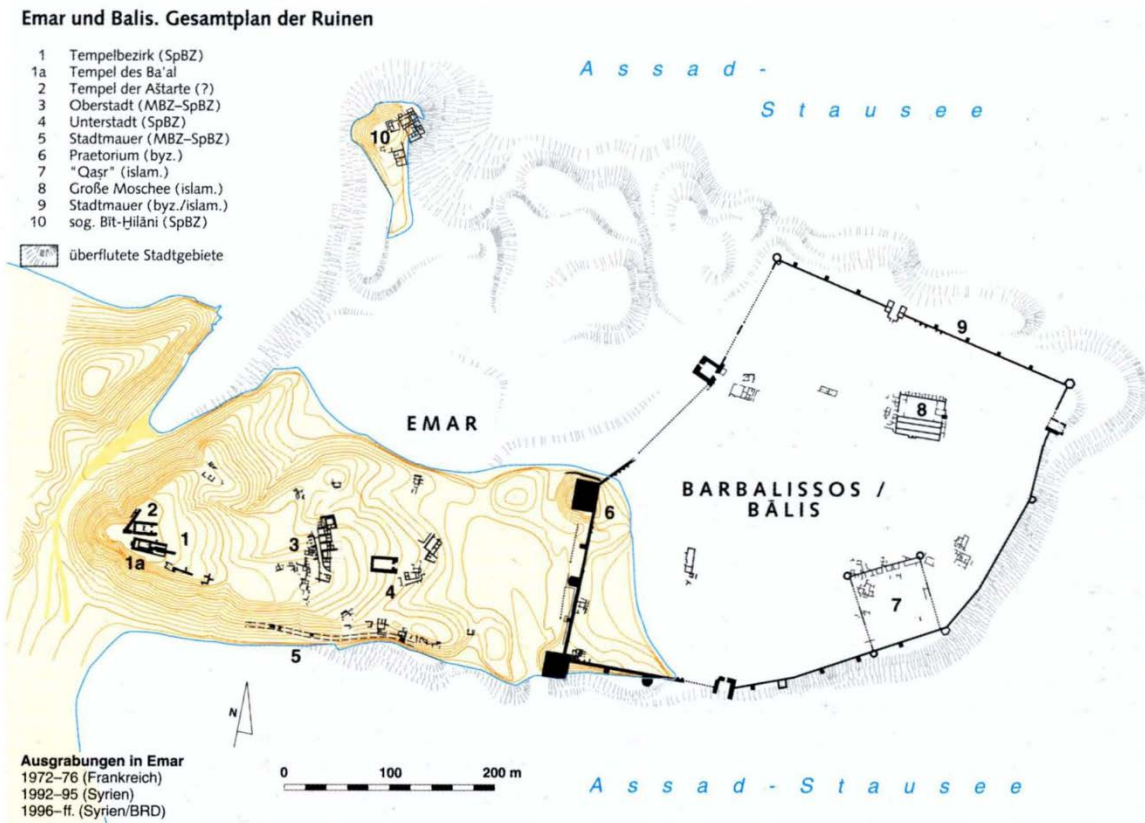


Figura 87 – Planta completa das ruínas de Emar e cidade medieval Barbalissos/ Bālis incluindo as zonas que se encontram actualmente submersas (FAIST & FINKBEINER, 2002).

Selos

Ḥama

Nº 44 (G VIII 385 [5B312])

Descrição: Selo biconvexo de esteatite. Os caracteres no interior são emoldurados por uma linha de sulcos proeminentes ao longo das margens (curtos cortes transversais entre as duas circunferências), tanto no lado A como B. Apresenta duas ranhuras à volta da zona intermédia.

Dimensão: Tem 2.1 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: *S* (= L. 415) – *ta/tar?* (= L. 388?) – *pa?* Hrozný (1948) argumenta que possivelmente tratar-se-á de uma escrita hieroglífica “síria”, parente distante dos hieróglifos lúvios.

Locus: O selo foi encontrado numa urna de cremação do período F2, período I do cemitério (finais do século XIII/inícios do século XII a.C.).

Datação: Embora a peça seja semelhante a exemplares do século XIII a.C. é provável que a sua datação seja posterior (primeira metade do século XII a.C.?)

Bibliografia: ALBRIGHT, 1951, p. 106; BUCHANAN, 1967, p. 21, nota 16; MORA, 1987, p. 154 (VI b, nº 1.25), Tav. 40; RIIS, 1948, p. 159, fig. 201A.

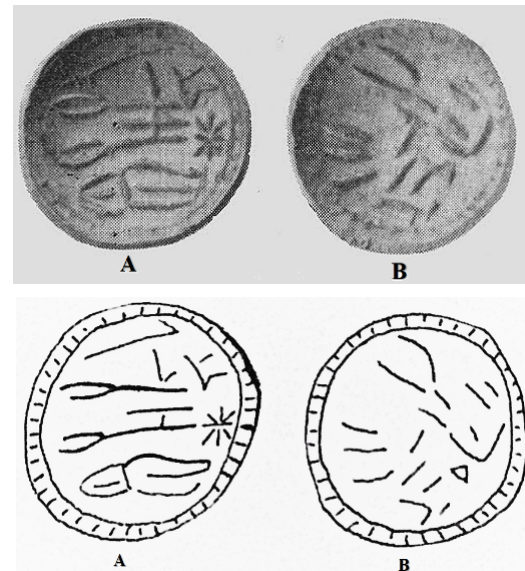


Figura 88 – Fotografia e desenho do selo G VII 385 [5B312] (RIIS, 1948).

Nº 45 (G VII 479 [5E2])

Descrição: Selo biconvexo de bronze, pouco corroído no lado A, o qual é possível ler, ao contrário do lado B. Uma faixa preenchida com ângulos agudos alternados com pequenos traços circunda a margem do selo, emoldurando os hieróglifos centrais.

Dimensão: Tem 2.9 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: TONITRUS (= L. 199?) -na (= L. 35?) (Tarhun_{ta}) BONUS₂.FEMINA (= L. 370 – L. 79).

Locus: O selo foi recolhido de uma sepultura do período I do cemitério (finais do século XIII/inícios do século XII a.C.).

Datação: À semelhança do selo anterior, é provável que a sua datação seja posterior (primeira metade do século XII a.C.?).

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 21, nota 16; HELFT, 2010, p. 257; MORA, 1987, p. 178 (VII, nº 4.15), Tav. 49; RIIS, 1948, p. 131, fig. 165.

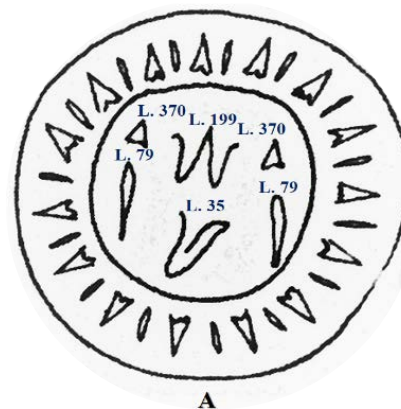
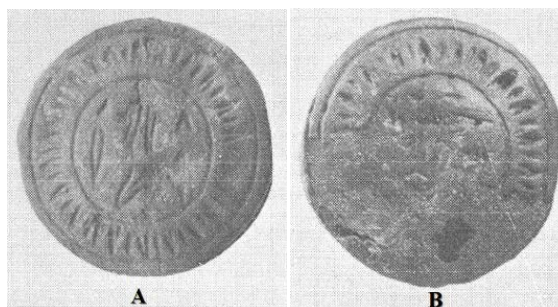


Figura 89 – Fotografia do selo G VII 479 [5E2] e desenho da impressão do lado A (RIIS, 1948).

Nº 46 (G VII 287 [5E200])

Descrição: Selo biconvexo de pasta de vidro branco com nuances esverdeados. A superfície encontra-se bastante destruída de modo que apenas alguns símbolos são possíveis de distinguir, mas não identificar. O princípio do *design* é o mesmo que o exemplar anterior, nº 45 (curtos cortes transversais entre a circunferência).

Dimensão: Tem 2.7 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: x-na?

Locus: O selo foi recolhido de uma sepultura do período II do cemitério (1075-925 a.C.).

Datação: Primeira metade do século XII a.C.?

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 21, nota 16; MORA, 1987, p. 154 (VI b, nº 1.26), Tav. 40; RIIS, 1948, p. 159, fig. 201B.



Figura 90 – Desenho do selo G VII 287 [5E200]) (MORA, 1987).

Nº 47 (6A188)

Descrição: Selo biconvexo de serpentina vermelha escura, perfurado diametralmente. Apresenta duas ranhuras à volta da zona intermédia, à semelhança do selo nº 44. Os hieróglifos estão rodeados por uma circunferência ao redor da margem de ambas as faces.

Dimensão: Tem 2 cm de diâmetro e 1.3 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica: ?

Locus: O selo foi exumado da quadrícula P/Q 13 6-14/4, edifício II – destinado como habitação para o príncipe de Ḥama –, divisão N (correspondente à secção dos armazéns/despensas), no nível de destruição de c. 720 a.C., período E (século VIII a.C.).

Datação: É, muito provavelmente, uma peça residual dos finais do século XIII/inícios do século XII a.C.

Bibliografia: FUGMAN, 1958, p. 209, 227; RIIS & BUHL, 1990, p. 89, 91, fig. 151.



Figura 91 – As duas faces do selo 6A188 com um desenho do seu perfil (RIIS & BUHL, 1990).

Nº 48 (6A80)

Descrição: Selo biconvexo de esteatite cinzenta, perfurado verticalmente (?). Ambas as faces apresentam motivos difíceis de interpretar (será uma forma de escrita cursiva, mais grosseira? Ou uma tentativa de imitação?). O selo encontra-se demasiado desgastado e enegrecido pelo fogo de modo que não é possível identificar os hieróglifos. É semelhante ao selo nº 44.

Dimensão: Tem 3 cm de comprimento, 2.7 cm de largura, 2.4 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica: Possivelmente uma figura humana a montar?

Locus: O selo foi descoberto na quadrícula N14 19/3 1936, no estrato medieval acima da grande praça do palácio.

Datação: É, como o exemplar acima mencionado, uma peça residual do século XIII/XII a.C.

Bibliografia: FUGMAN, 1958, p. 191, 194, fig. 245, p. 200; MORA, 1987, p. 333 (XII b, nº 3.8), Tav. 110; p. 344-345; RIIS & BUHL, 1990, p. 89, 91, fig. 152.

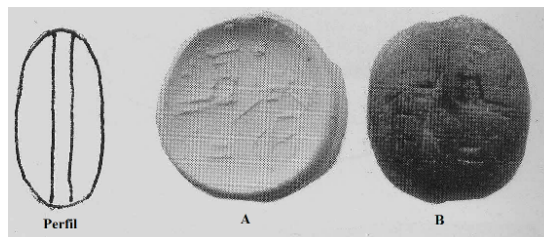


Figura 92 – As duas faces do selo 6A80 com um desenho do seu perfil (RIIS & BUHL, 1990).



Figura 93 –Desenho do lado A do selo 6A80, que aparenta representar uma figura humana a montar um animal (MORA, 1987).

Nº 49 (6A63)

Descrição: Selo biconvexo de serpentina acastanhada escura, perfurado verticalmente. Devido ao seu desgaste, principalmente na face B, não é possível identificar hieróglifos.

Dimensão: Tem 1.6 cm de diâmetro e 0.9 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: No centro do selo esboça-se uma figura de um cervídeo (?) com um chifre e uma cauda curta curvada para cima, as pernas traseiras estão afastadas e as dianteiras juntas. À frente do animal pende um símbolo que evoca uma flor de lótus com duas pétalas e duas sépalas; acima, outro motivo, aparentemente também uma flor em botão com duas sépalas.

Lado B: No centro observa-se uns traços indistintos – uma esfinge ou um grifo? –, com as asas abertas obliquamente para trás. Esta figura é, de certo modo, semelhante, à representação de uma esfinge retratada num selo cilíndrico achado numa urna funerária do período F1 (século XIII a.C.).

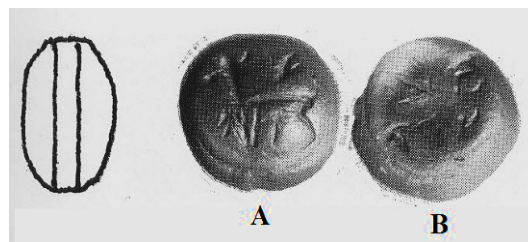


Figura 94 – As duas faces do selo 6A63 com um desenho do seu perfil (RIIS & BUHL, 1990).

O estilo pictórico da peça encontra paralelos noutras exemplares, que também ilustram animais como antílopes, leões, esfinges, cavalos, touros e cabras¹⁶⁴.

Locus: O selo foi exumado na quadrícula N14 16/3 1936, no estrato medieval acima da grande praça do palácio.

Datação: É, como os dois exemplares anteriores, uma peça residual do século XIII/XII a.C.

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 21, nota 16; FUGMAN, 1958, p. 191, 194, fig. 245, p. 200; HOGARTH, 1920, p. 39, nº 209 e 211; p. 42, nº 252; p. 44, nº 284-286, 291 e 293; p. 46-47, nº 318-320; RIIS & BUHL, 1990, p. 89, 91, fig. 150.

¹⁶⁴ Ver *Hittites Seals* (1920), p. 39, nº 209 e 211; p. 42, nº 252; p. 44, nº 284-286, 291 e 293; p. 46-47, nº 318-320.

Selos

Nº 50

Descrição: Selo biconvexo de serpentina vermelha.

Dimensão: Tem 1.5 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: Lado A e B: Tà-ki-ŠARMA. REX.FILIUS.

A personagem Taki-Šarruma é mencionada frequentemente. Numa carta dos arquivos de Tell Šēḫ Ḥamad, antiga Dūr-Katlimmu, aparece como “*governor of the land*” (*šākin māti/*

DUMU.LUGAL), sendo que os seus comerciantes viajaram conjuntamente com os do vice-rei de Karkamiš para a região alta de Baliḫ. O nome Taki-Šarruma surge igualmente em vários documentos do século XIII a.C. de Ugarit, desta vez como príncipe e com o título de “Grande Escriba” (GAL L₁^Ú.MEŠ DUB.SAR]), estampado também na impressão do seu selo (MAGNUS.SCRIBA). Especificamente no documento RS 17.403, Taki-Šarruma comprova a sua posição de *šākin māti/* DUMU.LUGAL ao participar na

Kalkal

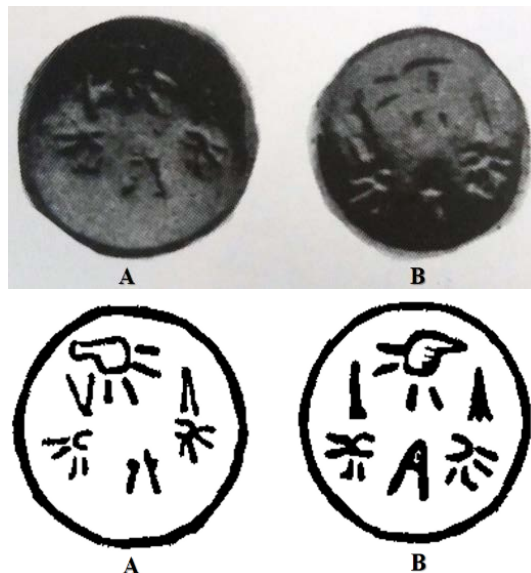


Figura 95 – Fotografia e desenho do selo nº 50, Kalkal (MORA, 1987).

rectificação das fronteiras de Ugarit por Muršili II¹⁶⁵.

Num documento de negócios (RS 17.251), no qual se realiza a venda de um homem chamado Taršazida a Uzzinu, governador de Ugarit, encontra-se também três impressões do sinete do príncipe Taki-Šarruma.

Pelo menos mais outros três documentos do Arquivo de Urtenu fazem menção a um Grande Escriba anónimo, que poderá corresponder a Taki-Šarruma. Nestes verifica-se o importante papel que esta

¹⁶⁵ A questão da rectificação das fronteiras de Ugarit é abordada na nota 14 do capítulo I.

personagem desempenhava na correspondência do Império Hitita, entre Ugarit, Karkamiš e Ḫatti, sendo também um membro activo nos assuntos de estado.

Por fim, outra carta menciona o Grande Escriba como a autoridade principal responsável pelas taxas alfandegárias pagas pelos mercadores aquando da sua entrada em território sírio-hitita (RS 92.2007).

No *corpus* do arquivo de Nišantepe 12 de um total de 13 selos com o nome Taki-Šarruma são compatíveis com esta personagem, sendo que 10 apresentam ou o título de príncipe ou de Grande Escriba.

Considerando que a maior parte destes documentos datam do reinado de Ammurapi, rei de Ugarit (1215-1190/85 a.C.) e contemporâneo de Šuppiluliuma II, o último rei do Ḫatti (1207-?? a.C.), poder-se-á atribuir possivelmente este cargo ao mesmo Taki-Šarruma mencionado na documentação assíria de Tell Šēḫ Ḫamad, que data do último trimestre do século XIII a.C.

Locus: Contexto desconhecido, encontra-se actualmente no Museu de Ashmolean.

Datação: Século XIII/XII a.C.

Bibliografia: HERBORDT, 2005, p. 82; HOGARTH, 1920, p. 47, n° 325, fig. 43; MORA, 1987, p. 293 (XII a, n° 2.37), Tav. 89; SINGER, 2003, p. 341-348.

Selos

Karkamiš/ Kargamišša

Nº 51

Descrição: Selo biconvexo de esteatite branca, fragmentado na face superior do lado A.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica:

Lado A: Um leão?

Lado B: Quadrúpede alado (grifo?);

BONUS₂ (= L. 370) no dorso do animal.

Locus: O selo foi recolhido na secção F da muralha norte (*Mill Tower*), contra o pano de tijolo interior (fig. 123).

Datação: Século XII/XII a.C.

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 21 nota 16; MORA, 1987, p. 267 (XI nº 3.5), Tav. 77; WOOLLEY, 1921, P. 62; Pl. 25, fig. b. 8-9.

Nº 52 (6968)

Descrição: Selo biconvexo de uma rocha vermelha acastanhada (esteatite?), perfurado diametralmente, com sulcos proeminentes ao longo da margem.

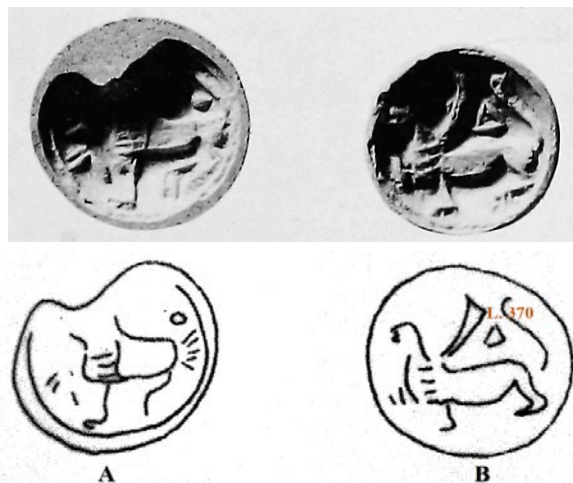


Figura 96 – Fotografia e desenho do selo nº 51 (MORA, 1987; WOOLLEY, 1921).

Dimensão: Tem 2.5 cm de diâmetro e 1.2 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: O grupo principal L. 439 – L. 415 – L. 209 compõe o nome *Wasaya*. Os hieróglifos do subgrupo, L. 370 sobre L. 386 comprovam que este selo pertenceria a um homem.

Lado B: Embora este lado esteja bastante desgastado, é possível identificar o mesmo nome representado na face anterior. Este nome não é usado, apesar de se conhecer vários que são constituídos pelo símbolo *was*-¹⁶⁶. Para além disso, nomes como *Uasis*, *Uasas*,

¹⁶⁶ Como, por exemplo, Wasašatta, rei de Ḫanigalbat, ou Wasusarma, rei de Tabal (um reino

neo-hitita na região Centro-Sul da Anatólia) (LAROCHE, 1966, p. 206-207).

Waziya aparecem nas inscrições do I milénio a.C.

Locus: Contexto desconhecido, recolhido nas escavações de 1912, encontrando-se actualmente no Departamento do Museu Arqueológico de Istambul.

Datação: Este selo datará entre meados ou finais do Império Hitita.

Bibliografia: DİNÇOL; 1983, p. 238, nº 27; MORA, 1987, p. 149 (VIb nº 1.12), Tav. 37.

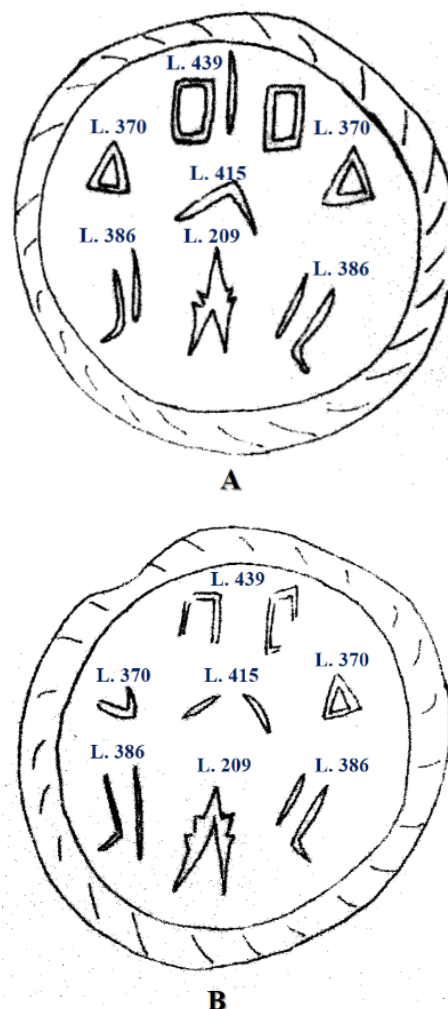


Figura 97 – Desenho da face A e B do selo 6968 (MORA, 1987)

Nº 53

Descrição: Selo biconvexo de serpentina, com sulcos proeminentes ao longo da margem. No centro apresenta alguns símbolos, incluindo três (?) quadrúpedes esquemáticos à volta do círculo central.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: Lado A: URBS??

Locus: O selo terá sido exumado de uma das valas abertas nas escavações de 1911,

no extremo este da cidadela, embora Hogarth (1920) refira a descoberta de um selo nos vestígios de uma casa de adobe, provavelmente do século X a.C. Nos relatórios de Karkamiš é mencionado somente o achado na vala, onde se recolheram também grandes quantidades de silhares de calcário do templo romano, dois pequenos fragmentos de basalto com inscrições cuneiformes, contas de vidro e esmaltadas, fragmentos de cerâmica esmaltada egípcia e fenícia, estatuetas,

uma *bull*a de serpentina e um fragmento de uma píxide de esteatite.

Datação: É complicado atribuir uma datação devido aos dados ambíguos da escavação e dos símbolos que apresenta, contudo propõe-se que se enquadre entre o século XIII-XII a.C.

Bibliografia: BUCHANAN, 1967, p. 21 nota 16; HOGARTH, 1920, p. 89; MORA, 1987, p. 144 (VI a, n° 4.3), Tav. 35; WOOLLEY, 1952, p. 206; nota 2, fig. 83.

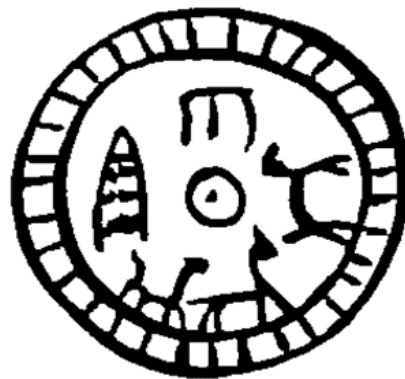


Figura 98 – Desenho da face A do selo nº 53 (MORA, 1987).

Nº 54

Descrição: Selo hemisférico de bronze com inscrição ilegível e base muito danificada. Encontra-se actualmente no Museu de Ashmolean.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica:

Lado A (base): Na borda esboçam-se motivos fitomórficos de dois tipos diferentes que alternam entre si. No centro apresentam-se uns hieróglifos ilegíveis.

Lado B: Na borda encontram-se de novo motivos fitomórficos (árvore e romã/ L. 155) e espirais.

Locus: –

Datação: Possivelmente dos finais do século XV/ inícios do século XIV a.C.

Bibliografia: HOGARTH, 1920, p. 88, fig. 106 a-b; MORA, 1987, p. 117 (V n° 2.5), Tav. 26.

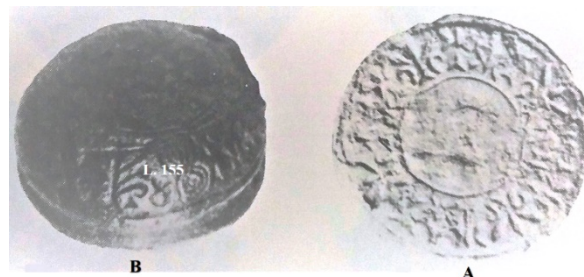


Figura 99 – Imagem do selo nº 54 e da sua impressão em barro (HOGARTH, 1920).

Nº 55

Descrição: Selo discóide, liso em ambos os lados, perfurado diametralmente, com uma ranhura proeminente ao longo da margem.

Dimensão: Tem 2.7 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica: Na borda do selo (lado B) apresentam-se (no sentido dos ponteiros do relógio): um disco solar alado (= L. 190), a cabeça de um animal (= L. 105), uma roseta (= L. 189), símbolo da vida (= L. 369), uma árvore (= L. 150), outra cabeça de animal (= L. 105), uma árvore (= L. 150), um motivo cruciforme e o símbolo da vida (= L. 369). No centro apresentam-se os hieróglifos L. 157 (?) – L. L. 370 - L. 369.

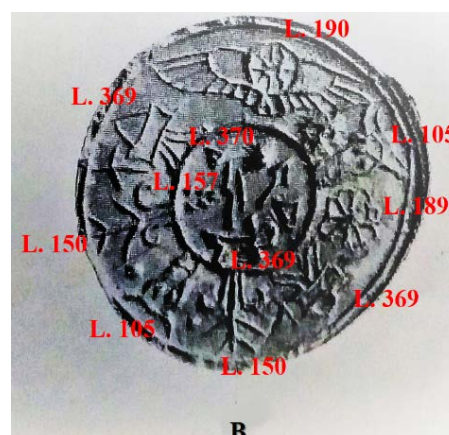
Locus: Contexto desconhecido, terá sido descoberto “*in ‘Karkemish’ on the side of the Euphrates River*” em 1919, onde “*English excavators were working*” (GELB, 1965, p. 226).

Datação: Possivelmente dos finais do século XV/ inícios do século XIV a.C.

Bibliografia: GELB, 1965, p. 226; Pl. XXIX, fig. 11; MORA, 1987, p. 73 (IIIb, nº 4.1), Tav. 15.



A



B

Figura 100 – Imagem do selo nº 55 com os hieróglifos identificados (MORA, 1987).

Objectos de prestígio

Nº 56 (BM 116 232-116 247 e 116 252)

Descrição: Grupo de 38 figuras de lápis-lazúli e esteatite e 1 de folha de ouro. Esta forma de embutido, chamada de *cloisonné*, consiste em pequenos compartimentos separados por um cordão de ouro e preenchidos com esmalte vidrado. Na maioria das figuras a moldura de ouro desapareceu. As representações podem-se dividir em três grupos: antropomórficas (nº 1-26), híbridos de animal-humana (nº 27-30) e fitomórficos (nº 31-38).

Dimensão: Palmeiras – 0.69 cm e 0.75 cm de altura; Palmeiras altas – 1.78 cm a 1.95 cm de altura; Híbridas – média de altura de 0.8 cm; Antropomórficas – 1.2 cm e 1.5 cm de altura.

As figuras antropomórficas são retratadas erectas e, do que é possível observar, encontram-se sobre um pequeno degrau. Devido ao seu pobre estado de preservação, é impossível analisar ao pormenor os seus trajes e acessórios.

Deveriam, originalmente, estar dispostas numa superfície lisa, na qual encaixariam nuns espaços vazios – próprios para a sua inserção –, sendo ainda possível observar em algumas peças (nº 9) restos de uma

pastas que serviria para assenta-las. O resultado assemelhar-se-ia exactamente a *cloisonné*, embora o processo técnico empregue tenha sido bastante diferente – as bordas dos cordões de ouro estariam à vista, contornando as figuras e, onde fosse necessário, acrescentando detalhes em formas de linhas simples, reforçando, igualmente, o contraste entre figuras inseridas e a cor de fundo, presumivelmente, diferente. A técnica hitita tinha a vantagem de o *design* não ser apenas plano, mas com figuras tridimensionais.

Atendendo ao seu propósito, é possível que originalmente as figuras estivessem interligadas lateralmente. As peças mais pequenas, as palmeiras, rondam entre os 0.69 cm e 0.75 cm, seguidas das híbridas com uma média de altura de 0.8 cm e das antropomórficas entre os 1.2 cm e 1.5 cm. As palmeiras altas, de 1.78 cm a 1.95 cm, não são completamente circundadas pelo filete de ouro, portanto não deveriam estar conectadas às restantes figuras. Apesar disso, é possível assumir dois grupos interligados: um entre as palmeiras e os híbridos, ligados pelo joelho, e outro consistindo somente nas figuras antropomórficas. Uma hipótese, relativamente ao primeiro grupo, poderia

ser um friso, no qual dois leões-homens ladeavam uma palmeira, sendo o cenário emoldurado por outras duas palmeiras. Apenas se podem recorrer a remotas analogias para apoiar a teoria, nomeadamente ao medalhão de ouro (nº 57) recolhido na mesma fossa e em selos hititas, que demonstram igualmente esfinges e grifos a flanquear uma árvore (ex.: impressão de selo de Taprammi, fig. 101).

As figuras antropomórficas realizam um gesto de adoração que ocorre noutras duas obras, igualmente com figuras isoladas. Dado que metade das peças estão viradas para a direita e a outra metade para a esquerda, levantam-se duas hipóteses, ou foram representadas duas filas de caminhantes direccionadas uma para a outra – o que se observa no baixo-relevo de Yazılıkaya –, ou então foram representadas como figuras individuais ou em grupos, de costas uns para os outros – o que se observa na faixa de ouro (nº 58) do mesmo túmulo (SEIDL, 1972, p. 40). Algumas das figuras viradas para a esquerda correspondem aos deuses direccionados para a direita em Yazılıkaya, estando dispostos na mesma ordem (fig. 104 e 105).

A figura nº 1 é a única excepção na colecção, não sendo de lápis-lazúli, mas na realidade, de folha de ouro, representada em silhueta, com linhas incisivas a delinear os pormenores. É consideravelmente maior que as outras peças, com 1.75 cm de altura. Trata-se de uma divindade, com o sol alado a coroar a sua cabeça, envergando uma longa túnica e capa, ambas com franjas. Virado para a direita, o deus sem barba, segura na sua mão direita um lítuo e na sua mão esquerda levantada um objecto semelhante ao símbolo da vida (L. 369). Entre as figuras de Karkamiš, algumas apresentam acessórios ou atributos correspondentes às representações de deuses/reis. A peça nº 21 é caracterizada pelo símbolo segurado na mão esquerda, um relâmpago de três dentes que forma um W, equivalente ao hieróglifo hitita do Deus Tempestade (L. 199). O machado ou maça na sua mão direita e coroa cónica com chifres semicirculares são igualmente indicativos da divindade. A peça nº 15 com uma coroa cónica baixa encimada pelo sol alado, o símbolo da vida (L. 369) na mão direita e por debaixo do braço esquerdo um bastão, determina o Deus-Sol. A peça nº 26 com uma coroa cónica com uma lua crescente, a túnica

curta sobre a qual envergava uma manta comprida, aberta à frente para expor a perna direita, assim como a barba, são indicativos do Deus-Lua. A peça alada nº 6 apresenta um contorno da coroa semelhante ao da divindade anterior, podendo estar relacionado com a mesma. Porém, as suas vestes e acessórios, nomeadamente as botas anatólicas (com extremidades recurvadas no lugar dos dedos) e o machado duplo na mão direita, divergem do Deus-Lua. As asas são feitas de folha de ouro e não lápis-lazúli. A peça nº 8 representa um deus com um arco pendurado no seu ombro direito e um pássaro curvado com o bico na sua mão esquerda. A despeito das numerosas comparações iconográficas com outros trabalhos, o deus não pode ser intitulado, pois nenhum dos paralelos fornece uma legenda. Deparamo-nos, portanto, com uma divindade ainda nos desconhecida. O pássaro é trabalhado da mesma forma que as asas das figuras aladas, sendo uma folha de ouro incisada à parte do entalhe do lápis-lazúli. A peça nº 14 é caracterizada por dois acessórios, o bastão e a voluta dupla, e com uma longa manta que cobre o ombro esquerdo e deixa a perna esquerda a descoberto. O bastão, segurado pela sua mão direita levantada

por cima do ombro, consiste numa moldura curva com duas peças semicirculares anexadas uma à outra. O símbolo que apresenta na mão esquerda assemelha-se a uma voluta dupla que, sendo um hápax, impossibilita nomear esta divindade actualmente. O contorno das vestes das peças aladas nº 5 e 12 aproximam-se da representação de Šaušga no baixo-relevo de Yazılıkaya, com paralelos também em ilustrações de selos. O gesto de agarrar o peito com uma das mãos pode igualmente ser associado à personagem. Dado que a parte inferior do corpo de ambas as figuras se encontra num estado irreconhecível, o drapeado característico da saia da deusa não é possível distinguir e, portanto, não se pode classificar com certeza a divindade. Por fim, a peça alada nº 17, com uma coroa redonda, talvez se aproxime do deus nº 31 de Yazılıkaya, cujos hieróglifos lêem-se, segundo Laroche, ^DTu+ta?. Não atestado nos textos cuneiformes, deverá corresponder a um nome divino ideográfico.

Dentre as criaturas híbridas destaca-se o leão-homem, presente igualmente no baixo-relevo de Ímamkulu, a sustentar o Deus-Montanha (fig. 35), em selos impressos na documentação de Ugarit,

possivelmente de reis (fig. 102) e na placa de marfim de Megido (fig. 40). A personagem é desconhecida noutros trabalhos hititas, mas ocorre com frequência na glíptica síria, especialmente nos selos de indivíduos hurritas, durante o século XVI-XIV a.C.

A peça fitomórfica nº 33 parece resultar de uma combinação de dois géneros de árvores: a simples palmeira com um tronco liso e volutas, observada pela primeira vez nos selos de estilo Kirkuk-Mitaniano em Nuzi e Aššur; e uma árvore que consiste num tronco com ramos paralelos uniformes, representada no baixo-relevo de Ímamkulu (fig. 35) e nalgumas ilustrações de selos de Boğazköy. Esta fusão propagou-se para a Palestina e Ásia Menor. As peças fitomórficas nº 34 a 39 são palmeiras baixas, uma forma sintetizada que se disseminou por todo o Próximo Oriente, encontrando-se também em obras hititas.

Locus: A colecção de peças foi exumada de uma fossa circular (7.5 cm de diâmetro) na qual se enterrara uma urna, que continha os restos incinerados e uma quantidade de objectos de ouro, pedras semipreciosas e marfim (“Gold Tomb”). A fossa fora aberta no canto sudeste da divisão E do forte noroeste da cidade

interior de Karkamiš, abaixo do nível do pavimento, imediatamente sob uma parede do nível dos banhos romanos.

O recipiente utilizado como urna, um vaso simples de manufactura rudimentar, encontrava-se numa grande *krater* sem pintura, com quatro asas e por debaixo uma sequência de saliências/botões grosseiros. Apresenta decoração pontilhada nas asas e no bordo até ao colo. A urna estava tapada com um simples *krater* bojudo (*bell-krater*) que se encaixava apertadamente no seu bordo. Paralelos para a primeira *krater* encontram-se na cerâmica da Síria e Palestina da Idade do Ferro, datando-a do século VII a.C.

As formas antropomórficas são compactas; são tão proporcionais que a cintura se encontra no centro da altura total das peças, a largura da cabeça contando com a coroa é equivalente à das pernas até à bainha das vestes. As partes individuais de cada corpo são reproduzidas em formas inchadas, separadas de cada uma sobretudo por linhas curvilíneas. O contorno permanece superficial e não demonstra a coesão anatómica ou o movimento automático. Estilisticamente, as figuras acrescentam ao círculo de arte oficial do império hitita,

que, para além da arte da corte e templo nas cidades de Ḫattuša e Karkamiš, incluem também os baixos-relevos de Sirkeli Höyük, Firaktın (fig. 106) e Yazılıkaya. Deste período restam apenas representações antropomórficas do reinado de Muwatalli (baixo-relevo de Sirkeli) ao de Arnuwanda III (selo real), portanto, somente do século XIII a.C.

Todavia, aproximam-se mais das representações nas ilustrações dos selos dos vice-reis e funcionários de Karkamiš, que eram contemporâneos de Ḫattušili III e Tudḫaliya IV. Têm em comum as características gerais e proporções. Dado que os selos eram praticamente cilíndricos, uma forma que não era utilizada oficialmente no centro de Ḫattuša, mas usual nos vizinhos do leste, assim como no norte da Síria, pode-se assumir que tenham sido manufacturadas em Karkamiš. Portanto, as figuras poderão igualmente ter sido criadas na cidade onde foram enterradas uma centúria depois.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: GÜTERBOCK, 1954, p. 113-114; SEIDL, 1972, p. 15-43; WOOLLEY, 1921, p. 68; WOOLLEY, 1955, p. 254-257; Pl. 64b.



Figura 101 – Impressão de selo de Taprammi no documento RS 17.231. Destaque para as criaturas híbridas a ladear uma árvore no primeiro círculo exterior (SCHAEFFER, 1956).

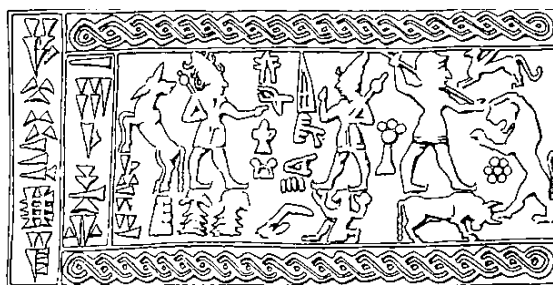


Figura 102 – Impressão de selo cilíndrico de Ini-Tešub no documento RS 17.59. Destaque nas figuras costas com costas (SCHAEFFER, 1956).

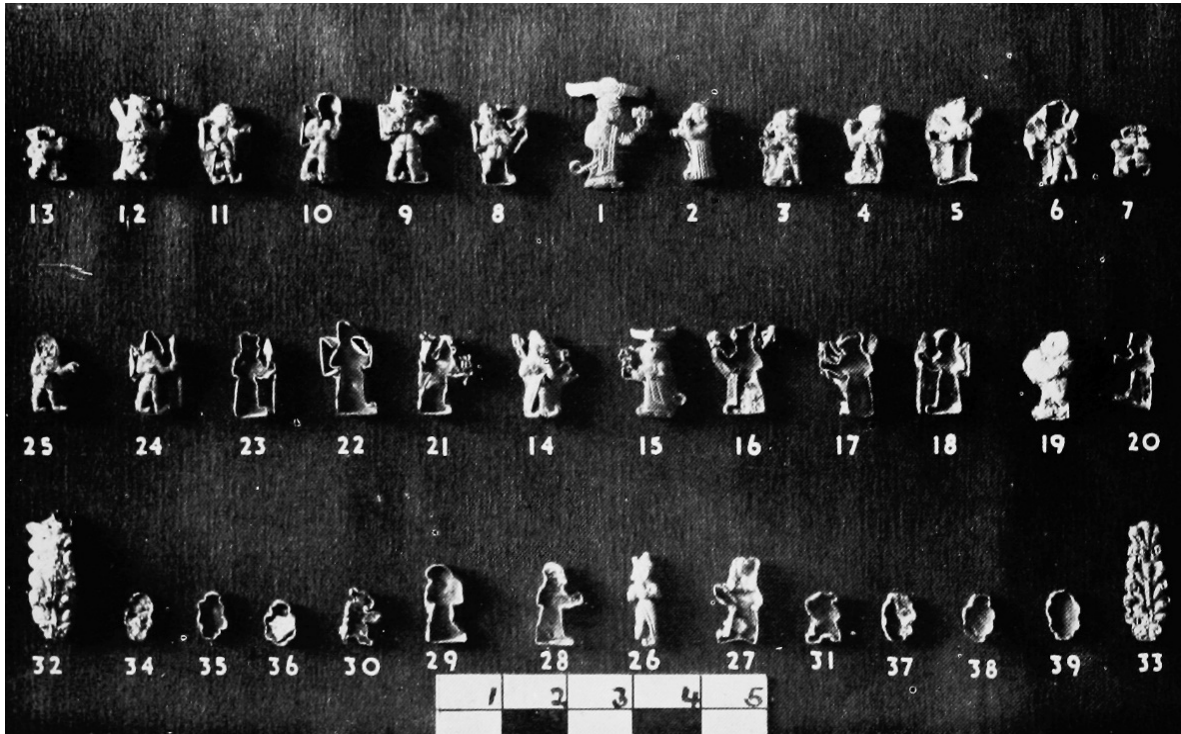


Figura 103 – Figuras de lápis-lazúli e esteatite emolduradas por filetes de ouro exumadas na “Gold Tomb” (WOOLLEY, 1955).

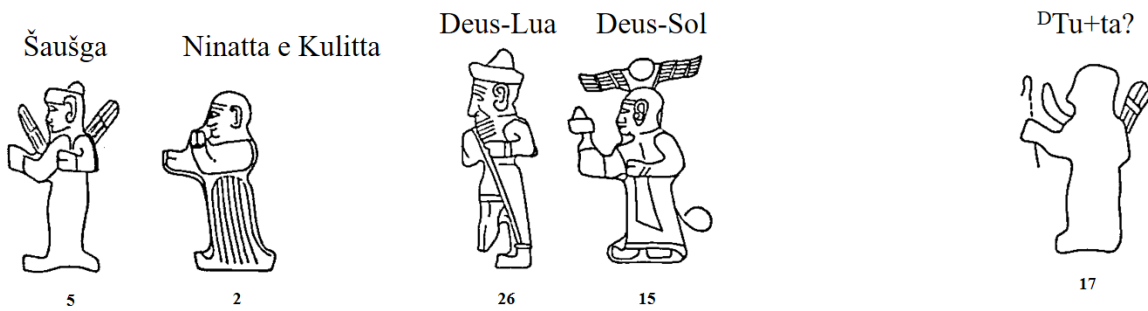


Figura 104 – Figuras nº 26, 17, 15, 5, 2 (SEIDL, 1972).

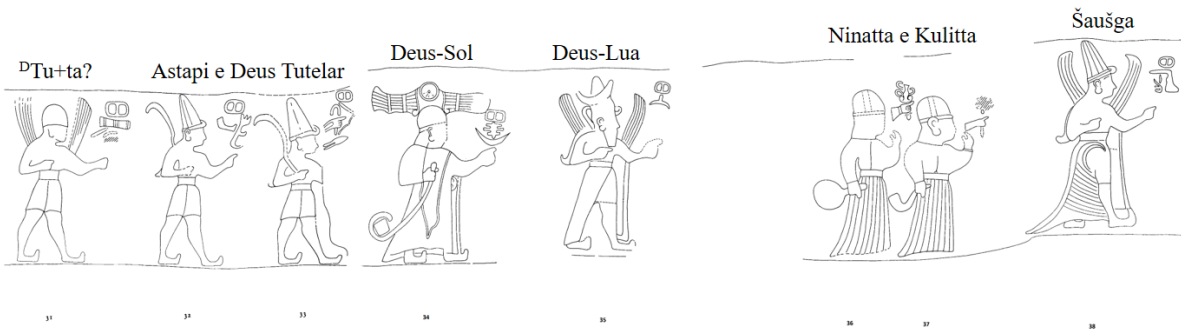


Figura 105 – Baixo-relevo de Yazılıkaya nº 31-38 (BITTEL, 1975).



Figura 106 – Baixo-relevo de Firaktin (<https://www.hittitemonuments.com/fraktin/fraktin03.jpg>, visto pela última vez a 8/6/17).

Nº 57 (BM 116 244)

Descrição: Medalhão de folha de ouro relativamente grossa. A peça foi partida e várias das suas partes derreteram-se em pedaços disformes.

Dimensão: Tem 6.5 cm de diâmetro.

O *design* do medalhão consiste em dois círculos concêntricos, sendo o exterior preenchido por uma fila de grifos em pares a ladear uma palmeira – à semelhança ao possível cenário entre as figuras do leão-homem e palmeiras referidas no artefacto anterior – e o interior com figuras humanas, provavelmente também a defrontarem-se.

Cada antropomorfo situa-se por debaixo de um grifo. O design concêntrico da peça assim como a disposição dos animais fantásticos aproxima-se de alguns *designs* de Ugarit, nomeadamente da taça de ouro¹⁶⁷ e do tampo de mesa de marfim¹⁶⁸; e da taça de bronze de Kastamonu.

Apenas restam partes do contorno de três figuras e, dado que o ouro foi talhado *à jour*, não há detalhes interiores que distingam as personagens, sejam deuses, homens ou mulheres. O centro da peça perdeu-se. O bordo do medalhão está dobrado, portanto dever-se-ia encontrar fixo numa base sólida que seria visível

¹⁶⁷ SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, *Ugaritica II*, (Mission de Ras Shamra, t. 5), Paris: P. Geuthner, 1949, pp. 23-29; Pl. II-V; VIII.

¹⁶⁸ SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand, “Les Fouilles de Ras-Shamra Ugarit; Quinzième,

Seizième et Dix-Septième Campagnes, 1951, 1952 et 1953”, in *Syria*, tomo 31, fascículo 1-2, Beirut: Institut Français du Proche-Orient, 1954, pp. 59-61; Pl. VII, 3 e 4.

através dos buracos recortados na folha de metal.

Locus: Exumado do “Gold Tomb” como o anterior.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: SEIDL, 1972, p. 39, Abb. 1; WOOLLEY, 1955, p. 252; Pl. 63b e 64a.

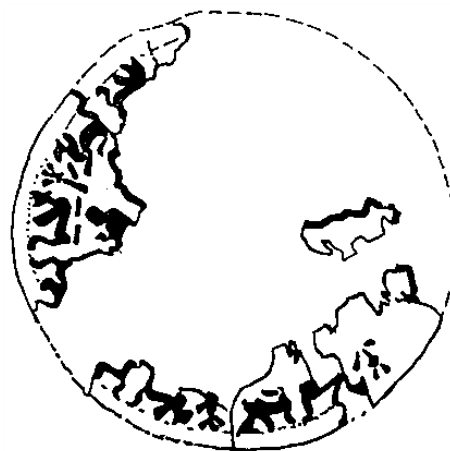


Figura 107 – Desenho do que resta do medalhão de ouro BM 116 244 (SEIDL, 1972).



Figura 108 – Tentativa de reconstrução do medalhão de ouro BM 116 244 (WOOLLEY, 1955). As figuras das quais existem definitivamente vestígios são representadas a preto, enquanto as brancas delineadas foram arbitrariamente inseridas de modo a explicar a composição.

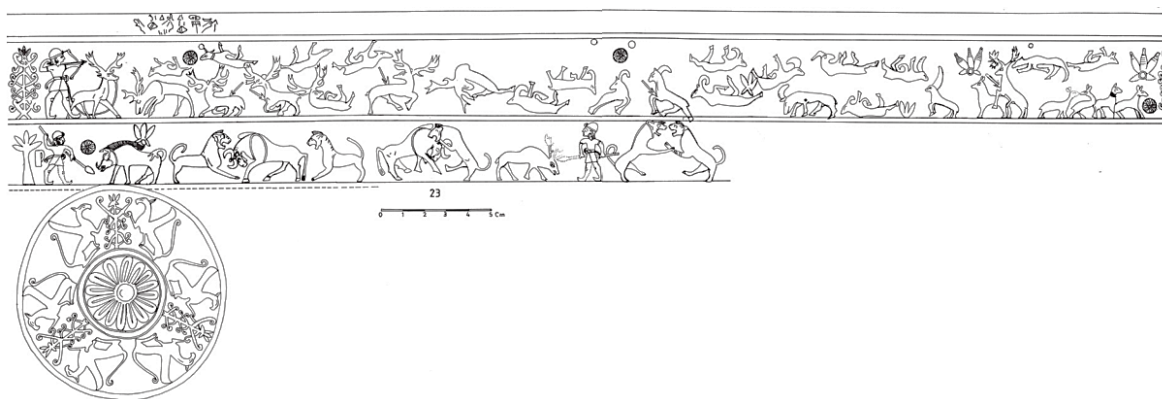


Figura 109 – Taça de bronze de Taprammi; Kinik/Kastamonu (HELFT, 2010).

Nº 58 (BM 116 245)

Descrição: Faixa de folha de ouro recortada *à jour* na mesma técnica que peça anterior, tendo igualmente as bordas dobradas de modo a fixar-se numa base.

Dimensão: Tem 3.5 cm de largura.

O *design* da faixa consiste em duas filas de figuras. As da fila superior são maiores, sendo os espaços preenchidos entre si por pontos, e as da inferior avançam para o sentido contrário, com os espaços preenchidos por arbustos trifoliados, similares aos da placa de Alalah e Megido, assim como pontos triangulares. Na fila superior observa-se claramente resquícios de sete figuras antropomórficas viradas para a esquerda e outras para a direita, destacando-se novamente a posição entre duas figuras de costas uma para a outra. Nas impressões de selos de Ugarit e na glíptica sírio-hitita (fig. 78), encontra-se a mesma disposição antitética de indivíduos ou grupos (SEIDL, 1972, p. 40).

Do pouco que resta, é possível distinguir no grupo superior que a última figura à esquerda transporta um cajado, sendo seguida por alguém com um lítuo e, este por sua vez, seguido de um lanceiro. Talvez seja uma representação de uma

procissão à semelhança das figuras de lápis-lazúli e esteatite (nº 56) e Yazılıkaya.

Tanto a faixa como o medalhão de ouro servem de fundo para as figuras que preencheriam as silhuetas recortadas em *à jour*. A folha de ouro assentaria numa superfície de marfim, lápis-lazúli ou esteatite, na qual as figuras seriam entalhadas e sobressairiam das silhuetas de ouro que as circundavam.

Locus: Exumado do “Gold Tomb” como o anterior.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: SEIDL, 1972, p. 39, Abb. 1; WOOLLEY, 1955, p. 252; Pl. 63b e 64 a1.

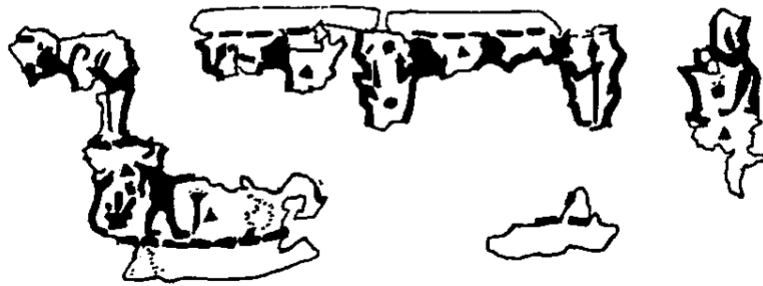


Figura 110 – Desenho da faixa de ouro BM 116 245 (SEIDL, 1972).



Figura 111 – Tentativa de reconstrução da faixa de ouro BM 116 245 (WOOLLEY, 1955).

Ortóstatos



Figura 112 – Ortóstato de esfinge dicéfala em *Herald's Wall* (Pl. B. 14a) (WOOLLEY, 1952).



Figura 113 – Ortóstato de *Water Gate* n° 1 (Pl. B 28a/b). Anverso (à esquerda): figura humana a andar com uma vara. Face lateral (à direita): esfinge (WOOLLEY, 1921).



Figura 114 – Ortóstato de *Water Gate* n° 2 (Pl. 29a). Representação de um touro a levantar o casco sobre o leão (WOOLLEY, 1921).



Figura 115 – Ortóstato de *Water Gate* n° 7 (Pl. 31b). Representação de um touro (WOOLLEY, 1921).



Figura 116 – Ortóstato de *Water Gate* nº 4 (Pl. 31a).
Representação de homem-touro a segurar uma
planta/lança (WOOLLEY, 1921).

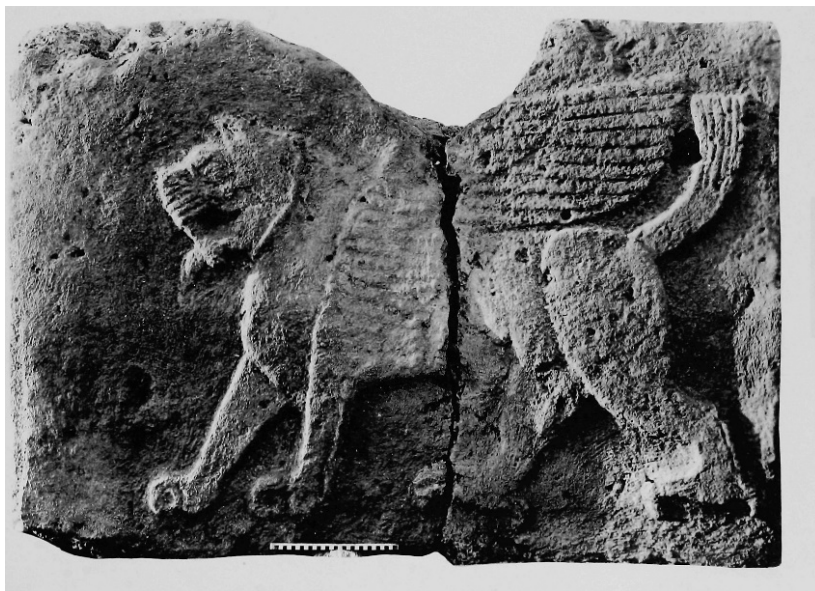


Figura 117 – Ortóstato de *Water Gate* nº 3 (Pl. 29b). Representação de leão
alado (WOOLLEY, 1921).

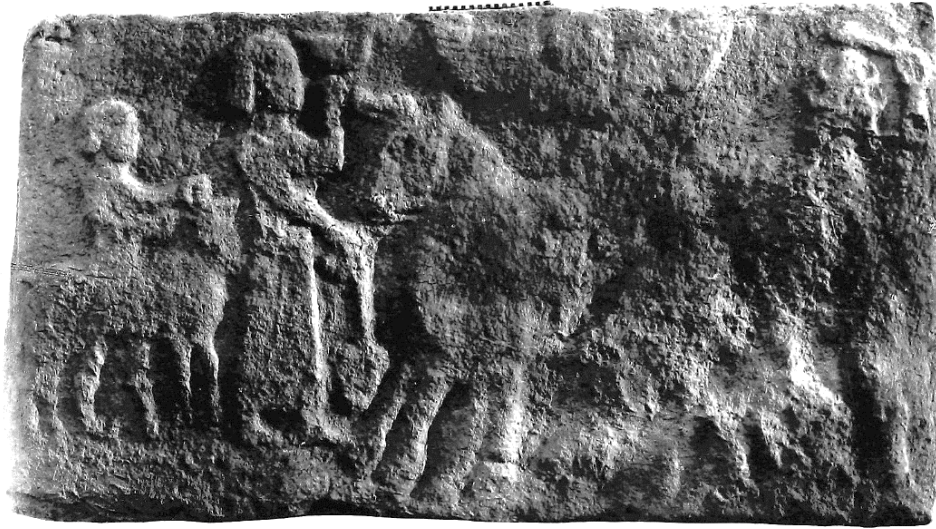


Figura 118 – Ortóstato de *Water Gate* n° 5 (Pl. 30a). Cenário de libação perante o Deus Tempestade (WOOLLEY, 1921).



Figura 119 – Ortóstato de *Water Gate* n° 6 (Pl. 30b). Cenário do banquete cerimonial (WOOLLEY, 1921).



Figura 120 – Ortóstato de homem-touro a segurar numa planta, “Hilani” (Pl. 49a) (WOOLLEY, 1952).



Figura 121 – Orifícios de cavilha no topo do ortóstato 49a (ÖZYAR, 1998).



Figura 122 – Primeiro ortóstato da *Processional Entry* (Pl. B 19b*) (Acima).
Exemplar de um ortóstato seguinte (Pl. B 20a) (Abaixo) (WOOLLEY, 1921).

Mapa topográfico

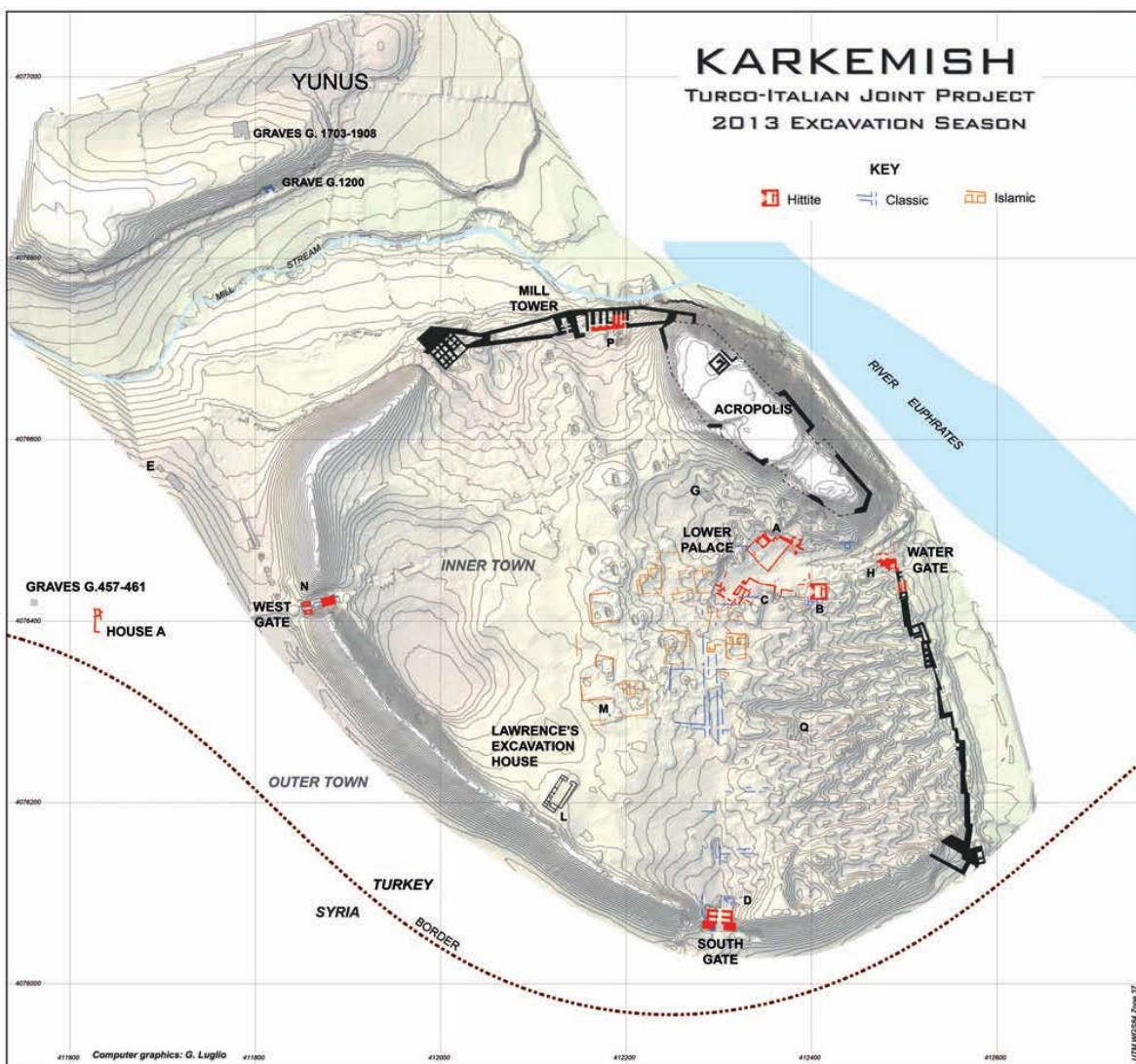


Figura 123 – Mapa topográfico da cidade de Karkamiš com a identificação das novas zonas intervencionadas pela equipa turco-italiana e monumentos estudados (os a preto foram somente analisados por Woolley).
Lower Palace Area – A. Templo do Deus Tempestade; B. Ḫilani; C. King's Gate (MARCHETTI, 2014).

Objectos de prestígio

Latakia

Nº 59 (AO11187)

Descrição: Estatueta de bronze de uma figura masculina em tronco nu, talvez uma divindade.

Dimensão: Tem 15.5 cm de altura e 3.7 cm de largura de ombros.

Comprado. Peça adquirida nos finais do século XIX em Latakia, perto da antiga cidade real de Ras Šamra/Ugarit.

Encontra-se actualmente no Museu de Louvre.

O artefacto pertence à tradição síria de pequenas estatuetas de bronze que representam deuses guerreiros com proporções alongadas e poses activas, datáveis do II milénio a.C. Contudo, apresenta características anatómicas, no penteado e vestuário que indicam uma forte influência anatólica, talvez até sugerindo a sua origem.

A estatueta usa umas botas baixas e veste um saiote decorado com bandas paralelas, presa à cintura por um cinto enfaixado. O seu cabelo está junto numa trança grossa, que cai sobre as suas costas. As suas orelhas grandes, uma característica anatómica já discutida na arte hitita (nº 18 e nº 19), são adornadas com uns brincos

redondos. As suas pernas apresentam os joelhos estilizados em duas ovas concêntricas (BM 38185), destacando também a tíbia e os músculos da barriga da perna. Os braços, os quais provavelmente segurariam armas, foram moldados separadamente e anexados depois. O mesmo se aplica ao capacete/coroa, provavelmente de uma matéria diferente. Este deveria ser alto e cónico, como o da estatueta de Doğantepe (fig. 127), ou redondo, como na estatueta mais larga encontrada perto de Afyon. A coroa poderia igualmente ser adornada por chifres, que para os hititas são símbolos indicativos de personagens divinas, existindo uma relação hierárquica relativamente ao número de chifres e relevância do deus.

À semelhança dos outros exemplares existentes produzidos no norte da Síria ou Anatólia, a estatueta era revestida de folha de ouro, tendo-se encontrado partículas na fenda do lado esquerdo que serviria para manter o revestimento. As incisões nas costas de cada perna e nos ombros teriam o mesmo propósito.

A estatueta equipara-se a outra no Museu *Vorderasiatisches*, de Berlim, que

acreditava-se provir de Boğazköy (fig. 126), o que por sua vez seria um possível indicativo de que a de Latakia originaria daí também. Excepto pela sua forma mais magra e saiote diferente, a estatueta de Berlim é idêntica à de Latakia, demonstrando igualmente resquícios de revestimento com folha de ouro. Contudo, segundo Seeden, a sua proveniência foi declarada incorrectamente, provindo na realidade perto de Sídon.

Não obstante, outra comparação com uma obra de Anatólia ressalta a conexão do artefacto de Latakia a essa localidade. A estatueta em bronze pode ser observada como uma versão em miniatura do Deus Guerreiro entalhado em alto-relevo numa das jambas da Porta do Rei na capital hitita (fig. 128). As duas figuras trajam o mesmo estilo de saiote, tecida com bandas horizontais paralelas, assim como o mesmo género de cinto enfaixado. A musculatura acentuada de ambos enfatiza o seu aspecto marcial e encontram-se na mesma posição activa, com um pé avançado.

Seeden propõe que a estatueta tenha provindo talvez de Tartus e seja uma produção norte síria e não hitita.

Onde quer que tenha sido produzida, a estatueta de bronze reflecte influências síria e anatólica aquando do período imperial. A questão é se será uma influência sentida na Síria conquistada ou na hegemonia conquistadora.

Datação: Século XIV/XIII a.C.

Bibliografia: AKURGAL, 1962, p. 108-110; fig. 50; MÜLLER-KARPE, 2009, p. 177-178; fig. 53; SEEDEN, 1980, p. 113-114, Pl. 105.



Figura 124 – Estatueta masculina de bronze, Latakia (MÜLLER-KARPE, 2009).

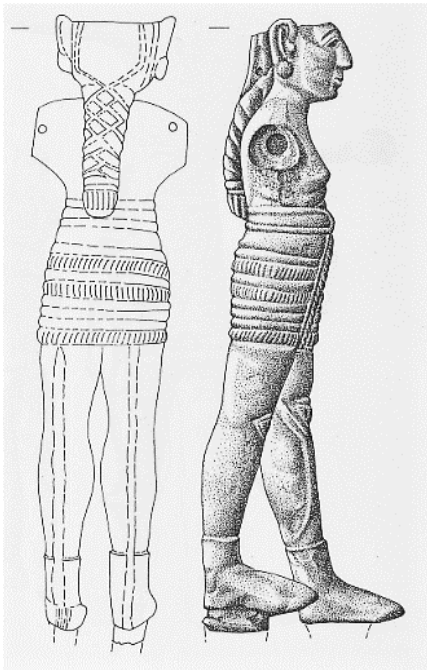


Figura 125 – Perfil e costas da estatueta masculina de bronze, Latakia (SEEDEN, 1980).



Figura 126 – Estatueta do Museu Vorderasiatisches, Berlim (MÜLLER-KARPE, 2009).

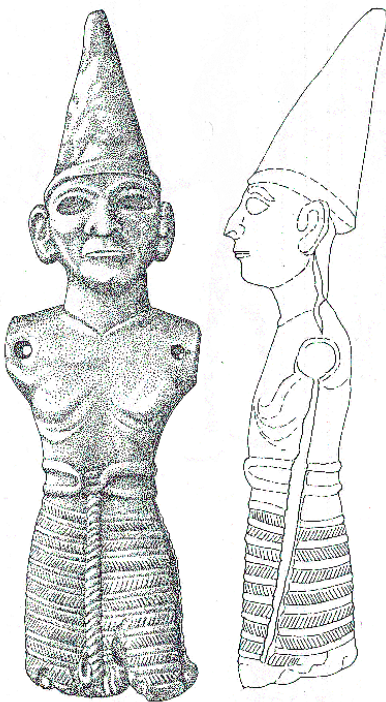


Figura 127 – Estatueta de Doğantepe (SEEDEN, 1980).



Figura 128 – Alto-relevo do Deus Guerreiro na jamba da Porta do Rei em Hattuşa (MÜLLER-KARPE, 2009).

Selos

Nº 60 (AO 13.162)

Descrição: Selo biconvexo de barro avermelhado, perfurado diametralmente, com uma linha delineada ao longo da margem das duas faces.

Dimensão: Tem 2.6 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: No centro do selo destaca-se a figura em perfil de um homem (L. 3), com as vestes de guerreiro (um traje curto e um barrete arredondado com cornos na dianteira). Os hieróglifos estão distribuídos ao lado e por detrás da figura, sendo difícil de os interpretar. À direita distinguem-se os hieróglifos L.66 – 100, *Pi-ta*, que correspondem a um nome bem conhecido, Pitta¹⁶⁹. O terceiro símbolo, um esboço de um vaso, corresponderá talvez a L. 354 (= PINCERNA? [LÚSÌLA.ŠU.DU₈.A] = copeiro?), um título/estatuto que, contudo, não se encontra na sua posição habitual. A sequência da esquerda deve incluir quatro símbolos, como indicado pela face B, mas a sua leitura é incerta. *Pi-ta*, PINCERNA? *sa?*

Minet el-Beida/ Ma'hadu



Figura 129 – Fotografia e desenho do selo AO 13.162, identificando-se os hieróglifos (MASSON, 1975; MORA, 1987).

Lado B: Nesta face a efigie humana é substituída pela composição L. 370 sobre L. 386 comprovando que se trata do nome de um homem. A disposição dos hieróglifos é ambígua; a sua distribuição é possível compreender visto que se repete em ambos os lados – sendo que o nome surge nesta face igualmente –, porém os símbolos estão desenhados de uma forma pouca clara, o que dificulta a sua leitura. *Pi-ta-ti?*, PINCERNA? *sa?* BONUS₂.VIR₂.

¹⁶⁹ Ver *Les Noms des Hittites* (1966), nº 1025-1037.

Locus: No relatório (1931) não se especifica o contexto no qual o selo foi descoberto. Possivelmente terá sido no túmulo, considerando que as escavações dessa campanha se focaram na escavação dos monumentos de falsa cúpula do século XIII a.C. Encontra-se actualmente no Museu do Louvre.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: MASSON, 1975, p. 225-227, fig. 15; MORA, 1987, p. 259 (XI, nº 1.6), p. 272, Tav. 73; SCHAEFFER, 1931, p. 1-14, Pl. IV, 3.

Bullae

Nº 61 (RIH 86/2)

Descrição: *Bulla* de barro com a impressão mal-executada de um selo cilíndrico, faltando toda a parte superior da peça. A impressão está igualmente incompleta em ambas as extremidades.

Dimensão: Tem 3.4 cm de comprimento, 2.52 cm de largura e 0.3 cm a 0.5 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica: O campo central é enquadrado, na zona inferior, por uma trança em baixo-relevo. Na extrema esquerda, marcas indistintas; seguindo para a direita, desenha-se uma figura de pé, com um saiote curto listrado horizontalmente, estendendo o braço para diante. Atrás da sua imagem esboçam-se dois hieróglifos sobrepostos (*pa-ri?*), que faziam parte da composição do nome do dono do selo. No centro destaca-se uma figura divina (= DEUS) virada para a esquerda, com um longo robe aberto e com o braço esquerdo dobrado à cintura. Traz consigo o lítuu, distinguindo-se o objecto pela sua extremidade curva. Trata-se de um elemento muito comum na glíptica hitita, encontrando-se em

Ras Ibn Ḥani/ Birut?



Figura 130 – *Bulla* RIH 86/2 (BOUNNI & LAGARVE, 1998).

vários selos e baixos-relevos (nomeadamente no terceiro selo cilíndrico de Ini-Tešub, rei de Karkamiš¹⁷⁰; nas impressões dos selos cilíndricos de Piha-Ziti¹⁷¹, Amannašu¹⁷² e Lat-Kur¹⁷³, funcionários do rei de Karkamiš). Seguem-se um ou dois objectos/símbolos indeterminados, terminando a imagem com uma última figura de saiote curto, virada para a direita, da qual apenas as pernas e vestes ficaram impressas.

Observam-se impressões digitais acima e abaixo da imagem do selo. No averso da peça encontram-se uns traços complicados de interpretar.

¹⁷⁰ Ver *Ugaritica III* (1956), p. 26-27.

¹⁷¹ Ver *Ugaritica III* (1956), p. 40-42, 46-47.

¹⁷² Ver *Ugaritica III* (1956), p. 42-44, 48-50.

¹⁷³ Ver *Ugaritica III* (1956), p. 47, 51-52.

Locus: A *bullā* foi descoberta num aterro, queimado e carbonizado, que cobria a fossa (?) da casa de banho XXVIII do palácio norte (E 87 SW).

Datação: Considerando que a estrutura palaciana não fora construída até século XIV a.C. e terá apenas subsistido durante 60 anos, até ao seu incêndio, é provável que a *bullā* date do século XIII a.C.

Bibliografia: BOUNNI, LAGARCE, SALIBY, 1987, p. 286-287; BOUNNI, LAGARCE, 1998, p. 56, fig. 96.

Tabuinhas cuneiformes

Nº 62 (RIH T 77/17)

Descrição: Argila amarelada clara, fina, dura o suficiente. Apenas uma face inscrita com escrita cuneiforme acádica.

Dimensão: Tem 10.8 cm de altura; 4.6 cm de largura e 4 cm de espessura.

Neste fragmento de tabuinha faz-se menção ao rei hitita (“Meu Sol”, l. 3 e l. 6), à cidade de Ugarit (l. 10) e a um certo Tette, que poderá coincidir com o rei de Nuḫašši (l. 7), embora Ka(n)num seja um nome próprio comum. De igual modo, considerando o tamanho diminuto do documento, não se pode assumir decerto que se tratará da sua soberania,



Figura 131 – Imagem de RIH T 77/17 (BORDREUIL & CAQUOT, 1979).

contemporânea de Niqmaddu II de Ugarit, de Ar-Ḫalba e do início do

reinado de Niqmepa. A menção do rei Tette numa mensagem endereçada ao soberano hitita seria bastante provável nos primeiros meses do reinado de Niqmepa, altura em que Muršili II deslocara-se para esmagar a revolta de Nuḫašši, a qual Ugarit terá participado por iniciativa de Ar-Ḫalba (ver nota 16 e 17 do capítulo I).

Locus: A tabuinha foi exumada no palácio norte, quadrícula E86 SW, *locus* II, correspondente a uma grande sala ou um pátio. *Locus* I equivale ao meio de acesso para o nível superior (caixa de escadas).

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: BOUNNI & LAGARCE, 1979, 237-242; ARNAUD & KENNEDY, 1979, p. 317-319; BORDREUIL & CAQUOT, 1979, Pl. VIII, 1.

Nº 63 (RIH T 81/4)

Descrição: Escrita cuneiforme acádica em ambas as faces.

Dimensão: Tem 4.9 cm de altura; 5.9 cm de largura e 2.3 cm de espessura.

Diplomacia e paleografia indicam uma origem “ocidental”, mas curiosamente

algumas características denunciam uma mão síria, enquanto outras, reflectem hábitos hititas, como se a carta tivesse sido redigida numa zona de contacto entre as duas tradições escolares.

O documento foi enviado por um alto funcionário do domínio hitita a um homólogo no reino de Ugarit, residente em Birut, que provavelmente corresponde a Ras Ibn Ḫani. O remetente pede ao destinatário para assegurar a equidade num processo de divórcio entre um casal dos seus empregados e apresenta-se também disponível para enviar servos que o destinatário deseje adquirir.

A bênção é a característica mais interessante do documento: se a primeira invocação aos “mil deuses” se refere ao panteão hitita, se a invocação aos deuses da rainha confirma o destino real do edifício donde a tabuinha foi exumada, o apelo às divindades de Birut faz sentido apenas se se tratar de um topónimo da altura para designar Ras Ibn Ḫani, considerando o conhecimento prévio desta região como uma vila do reino de Ugarit.

Locus: A tabuinha foi exumada no palácio norte, quadrícula E86 NW, *locus* I, num fosso sob as escadas.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: ARNAUD, 1984, p. 15-23, fig. 1; BORDREUIL, LAGARCE, BOUNNIN, SALIBY, 1984, p. 437; LAGARCE, BOUNNI, SALIBY, 1983, p. 279.



Figura 132 – RIH T 81/4 anverso e reverso (ARNAUD, 1984).

Planta

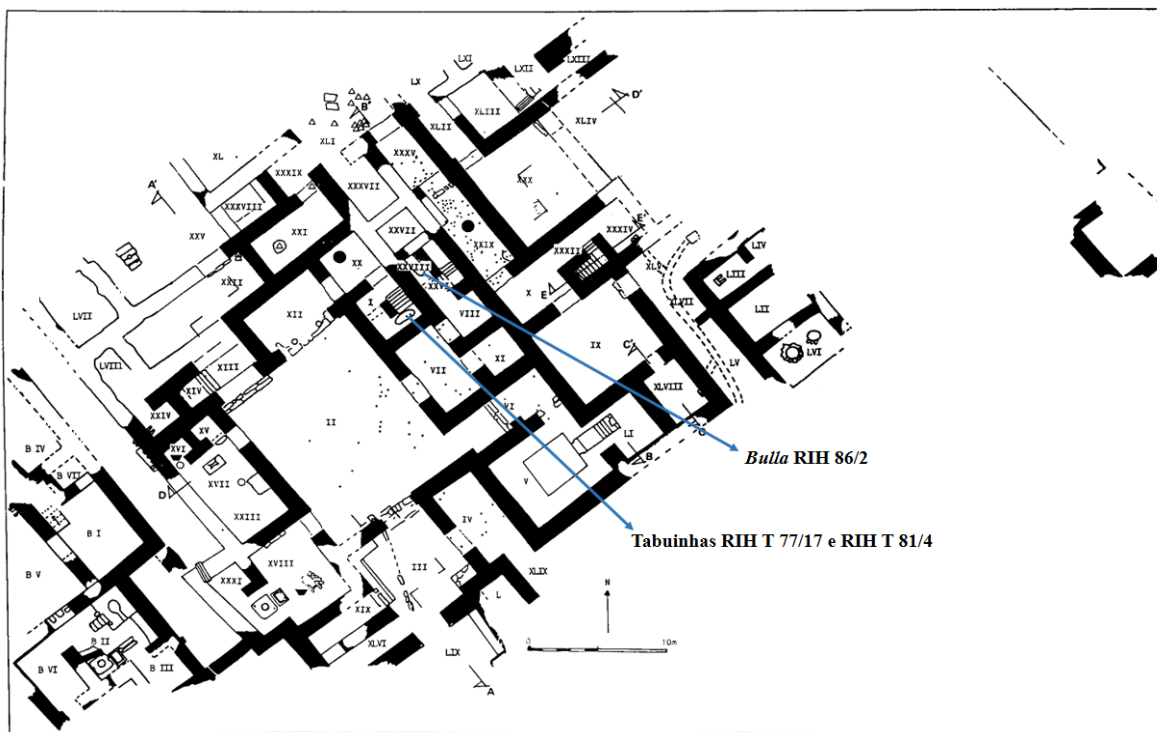


Figura 133 – Planta esquemática do palácio norte de Ras Ibn Hani com indicações do *locus* donde os artefactos mencionados foram descobertos (adaptado de BOUNNI & LAGARCE, 1998).

Selos

Nº 64 (AO 18.558)

Descrição: Selo biconvexo de pedra esverdeada, perfurado diametralmente. Apenas o lado A parece comportar hieróglifos enquanto a outra face está demasiado apagada para se discernir, embora não aparente que tenha símbolos para começar.

Dimensão: Tem 2 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: O grupo de símbolos ou marcas gravadas na peça têm um aspecto tão peculiar ao ponto de se pôr em questão se se tratarão de hieróglifos lúvios ou não (de novo, estamos a depararmo-nos com uma forma de escrita cursiva, mais grosseira? Ou uma tentativa de imitação?) O único padrão característico poderá corresponder ao hieróglifo L. 191. Destaca-se igualmente um triângulo e, à sua direita, vários elementos espaçados. No fundo direito, obliquamente, nota-se uma cabeça de burro esquemática (= L. 100?) e à esquerda um rectângulo.

Locus: O selo foi exumado na “*step trench II*”, na acrópole, a sul da “Casa do Sacerdote Hurrita”, a 1.7 m de profundidade.

Ras Šamra/ Ugarit



Figura 134 – Imagem da face A do selo AO 18.558 com a identificação dos hieróglifos (MASSON, 1975; MORA, 1987).

Datação: Século XIII/XII a.C.?

Bibliografia: MASSON, 1975, p. 230, fig. 21; MORA, 1987, p. 334 (XII b, nº 3.13), p. 344-345, Tav. 111.

Nº 65 (RS 14/202)

Descrição: Selo de estampa biconvexo de pedra cinzenta escura (esteatite?), outrora com uma pega de metal (agora perdida).

Dimensão: Tem 5 cm de diâmetro e 1.3 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica: A gravação dos símbolos foi realizada com um especial cuidado no anverso arredondado, sendo o reverso plano e liso. A gravura, que não mostra sinais de desgaste, é composta por dois círculos, um concêntrico, outro periférico, com caracteres cuneiformes acádicos. No centro, encontram-se quatro hieróglifos lúvios dispostos simetricamente como um brasão, sob o símbolo do disco solar alado (= L. 190). Trata-se do monograma do rei Muršili II (1321-1295 a.C.) (= L. 227 – L. 278) enquadrado por dois símbolos de “Grande Rei” (= L. 18).

Lado A: A inscrição em cuneiforme acádico lê-se (círculo exterior): ^{NA4}KIŠIB ^IMur-ur-ši-li LUGAL.GAL LUGAL KUR ^{URU}Ḫa-at-ti na-ra-am ^DIM-zi. (círculo interior) DUMU ^IŠu-up-pi-lu-li-u-uma LUGAL. GAL LUGAL KUR Ḫa-at-ti UR.SAG. Tradução: “Selo de Muršili, o Grande Rei, o Rei do País de Ḫatti, o favorito do Deus Tešub, filho de



Figura 135 – Selo RS 14/202 com os hieróglifos identificados (SCHAEFFER, 1956; YON, 2006).

Šuppiliuma, o Grande Rei, Rei do Ḫatti, o herói”.

O selo pertenceria a um plenipotenciário do rei hitita que fora enviado para Ugarit, de modo a assinar, em nome do seu

soberano, quaisquer documentos importantes¹⁷⁴.

Locus: A peça foi encontrada nos escombros do fogo do Palácio Real, na orla sudeste do pátio I, a 3.65 m de profundidade. Embora este evento tenha sucedido em 1370/60 a.C., o contexto arqueológico favorece uma datação para o século XIII a.C. Encontra-se actualmente no Museu Nacional de Damasco.

Datação: Deverá datar da 2º metade do século XIV a.C., correspondendo à época do reinado da personagem que representa.

Bibliografia: MORA, 1987, p. 199 (VIII, nº 6.4), Tav. 55; SCHAEFFER, 1952, p. 172-173; SCHAEFFER, 1956, p. 57, 87-93, fig. 109, 161-163; YON, 2006, p. 128-129, fig. 11.

¹⁷⁴ Outros acreditam que se trata de um selo falso devido à pobre qualidade do material de que é feito e pelo facto de ter sido encontrado no norte

da Síria ao contrário de Ḫattuša (DİNÇOL & ALPARSLAN, 2013, p. 401).

Nº 66 (RS 18.263)

Descrição: Selo biconvexo de esteatite cinzenta escura com uma pega de bronze, perfurado diametralmente. A pega facilitaria a impressão de ambos os lados do selo, permitindo que a peça rodasse em volta do eixo.

Dimensão: Tem 2.1 cm de diâmetro, 1 cm de espessura, 2.9 cm de largura do eixo e 4 cm de diâmetro com a pega.

Inscrição hieroglífica: Lado A: No centro encontra-se um símbolo em forma de martelo (= L. 367?) seguido de L. 391 – L. 209, resultando no nome *Tal-mi-a*¹⁷⁵, hipocorístico de *Talmi-Tešub*. À esquerda, esboça-se um triângulo (= L. 370) e o hieróglifo L. 386, comprovando que se trata do nome de um homem. À direita apresenta-se um símbolo irreconhecível.

Lado B: No centro apresenta-se a mesma composição que na face anterior, excepto que é apresentada ao contrário. Outra diferença também é o hieróglifo L. 327 (= SIGILLUM), reproduzido à esquerda e direita, que encontra um paralelo num exemplar de Nişantepe (nº 638).

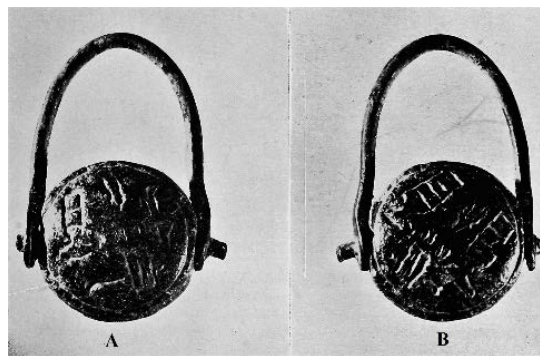


Figura 136 – Fotografia do selo RS 18. 263 (SCHAEFFER, 1956).

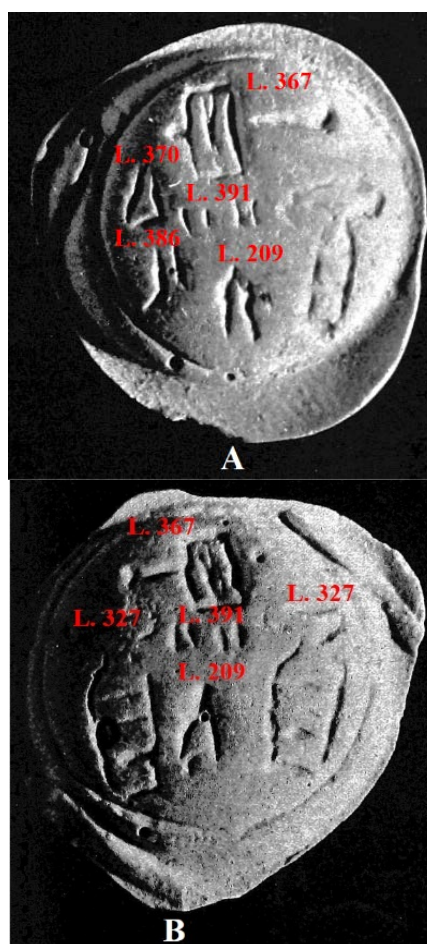


Figura 137 – Impressão da face A e B do selo RS 18.263 (SCHAEFFER, 1956).

¹⁷⁵ Ver *Les Noms des Hittites* (1966), nº 1228.

Locus: O selo foi exumado numa residência privada, a leste do palácio, nos arredores do templo de Baal e Dagon, a 1.8 m de profundidade. O contexto arqueológico favorece uma datação para o século XIII a.C.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: MORA, 1987, p. 287 (XII a, nº 2.20), Tav. 84; HERBORDT, 2005, p. 226, nº 638, SCHAEFFER, 1956, p. 55-57, fig. 88-89, p. 157.

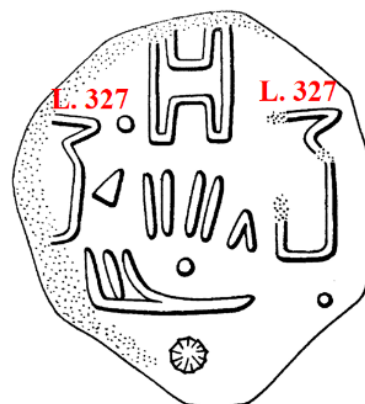


Figura 138 – Desenho da impressão do selo nº 638, Nişantepe (HERBORDT, 2005).

Nº 67 (RS 8.093?)

Descrição: Selo biconvexo (?) de rocha (esteatite?).

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica:

Lado A: No centro encontra-se a sequência dos hieróglifos L. 334 – L. 175, que compõem o nome *Pa-la*¹⁷⁶. À direita e esquerda repete-se o grupo L. 370 – L. 386, comprovando que se trata do nome de um homem.

Lado B: Repete o mesmo processo que a face anterior.

No que respeita aos restantes símbolos há duas interpretações que propõem

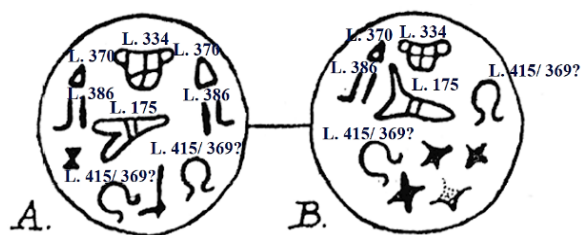


Figura 139 – Desenho da face A e B do selo RS 8.093 com os hieróglifos identificados (FORRER, 1937).

diferentes leituras. Forrer (1937) acredita que o símbolo em forma de perna (?) no fundo da face A é apenas usado para preencher o espaço, aplicando-se o mesmo propósito à pequena “estrela” do mesmo lado e outras quatro da face B. Hrozný (1939), porém, discorda, considerado que o desenho semelhante a

¹⁷⁶ Ver *Les Noms des Hittites* (1966), nº 906.

uma perna poderia ter o significado de “manter-se de pé, fazer o serviço perante (um deus)” – de modo que se traduziria para algo quase como “serviço diante os deuses, piedade”. Relativamente às “estrelas”, propõe que servissem possivelmente como indicadores de tempo, como o ideograma da expressão cuneiforme *MU. HÍ. A. GÍD. DA*, os “muitos anos” da série dos “votos piedosos”. Quanto ao símbolo semelhante ao hieróglifo L. 415, Forrer acredita que se trata de uma forma simplificada do L. 369 e é um ideograma para “selo”. Hrozný, por sua vez, interpreta-o como o símbolo da VITA (= L. 369) e que representa um piedoso desejo do dono do selo por “vida”. Este conceito deverá ser aplicado aos restantes símbolos, de modo que, o triângulo (= L. 370) por cima do símbolo semelhante a L. 415, que Forrer interpretara como o ideograma pedra, lendo-se assim, “selo de pedra”; para Hrozný, neste caso, trata-se de uma abreviação de *lûlu, lulû*, “abundância, prosperidade e sucesso.” O hieróglifo L. 386 é interpretado por Forrer como um elemento que “une” as palavras “pedra” (= L. 370) e “selo” (= L. 369) (visto que se trata de o ideograma do verbo unir); ao passo que Hrozný continua com a sua

linha de pensamento e prefere interpretar como uma expressão para diferentes graus de descendência, como “filho” ou “neto”, escrito com o mesmo símbolo e do termo hieroglífico para “descendente (?)”, portanto, basicamente “descendente posterior”. Assim empregue, L. 386 ainda mantém algum do seu significado original (“unir, juntar”), uma vez que designa o filho ou neto, a posteridade, destacando a sucessão de gerações.

A leitura de Forrer resume-se a “Selo de pedra de *Pa-la*”. Enquanto a de Hrozný ficaria (lado A): “*Pa-la*. Piedade (?), vida (?), muitos anos (?), posteridade (?), prosperidade (!)”. No lado direito estão em falta as estrelas (“muitos anos (?)”). (lado B): “*Pa-la*. Muitos anos (?), vida (?), posteridade (?), prosperidade (!)”. No lado direito desta face estão em falta L. 370 e L. 386 (“posteridade (?), prosperidade (?)”).

Locus: O selo foi exumado na zona da acrópole, *Chantier I*, a 1.9 m de profundidade. Datará talvez do século XIII a.C.

Datação: Século XIII a.C.?

Bibliografia: HROZNÝ, 1939, p. 55-57; FORRER, 1937, p. 156-158; MORA, 1987, p. 287 (XII a, nº 2.18), Tav. 84.

Nº 68 (RS 24.145)

Descrição: Anel de sinete de ouro.

Dimensão: Tem 1.85 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: Pertencia uma mulher livre hitita, como indicado pelos hieróglifos L. 370 – L. 79 gravados à esquerda. No centro é possível identificar o antropónimo *Pa-ti-lu-wa/Pa-ti-li* (L. 334 – L. 90 – 186 – L. 439), se se ignorar todos os símbolos mal identificados. Pode-se ler também como *A/l-x-x-pa-ti-lu-tu* (ou PONERE [L. 65]) *-wa*, o que resultaria num final em *-tuwa*.

Locus: O selo foi recolhido no que passou a ser designado como a casa de Patilu-wa devido à sua descoberta, a 1.7 m de profundidade. Esta residência localiza-se na zona sul da acrópole, numa rua que desce (a continuação da Rua Mot). Nesta residência encontrou-se também ferramentas de bronze e cerâmicas de alta qualidade, particularmente, *krater* micénicas; deveria pertencer a uma família abastada. Encontra-se actualmente no Museu Nacional de Damasco.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: LACKENBACHER, 2004, p. 106, nº 76; YON, 2006, p. 99, 167, fig. 59.



Figura 140 – Selo RS 24.145 com os hieróglifos identificados (LACKENBACHER, 2004; YON, 2006).

Nº 69 (RS 18.070)

Descrição: Plaqueta rectangular de barro (projecto de *bullā*?) com impressão circular.

Dimensão: Tem 2.6 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: No centro identificam-se os hieróglifos L. 360 – L. 363 (= DEUS.MAGNUS) e abaixo L. 441. Em ambos os lados se repete a sequência L. 225? – L. 390? – L. 439 (-*wa*)?

O nome próprio do titular compõe-se de dois símbolos: “deus” (= L. 360) e “grande” (= L. 363). Pode-se ler o mesmo nome no selo nº 79 de Alişar¹⁷⁷, ou no cuneiforme hitita DINGIR^{meš}-GAL, que corresponde exactamente aos hieróglifos apresentados. A sua leitura fonética é *Maššanaura*. O hieróglifo L. 441 não é um caractere integrante do nome, mas uma espécie de símbolo.

O grupo L. 225 – L. 390 (URBS?.DOMINUS?) provavelmente corresponde a um título (governador? Posição próxima do cargo de *bēl madgalti*?).

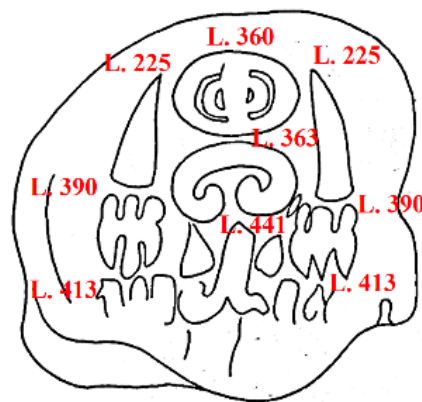


Figura 141 – Selo RS 18.070 com os hieróglifos identificados (SCHAEFFER, 1956).

Locus: Esta peça foi exumada perto dos arquivos sul (a oeste do Palácio Real), no pátio V, a 1.60 m de profundidade.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: GELB, 1935, p. 74, nº 79; HERBORDT, 2005, p. 309; MORA, 1987, p. 287 (XII a, nº 2.19), Tav. 84; SCHAEFFER, 1956, p. 55, 156-157, fig. 87.

¹⁷⁷ Ver *Inscriptions from Alishar and Vicinity* (1935), p. 74.

Objectos de prestígio

Nº 70 (RS 8.521)

Descrição: Pingente de electro com três personagens erectas, deuses ou génios, lado a lado, sobre um pequeno plinto.

Dimensão: Tem 2.7 cm de largura 3.3 cm de altura.

As figuras à esquerda e direita usam coroas altas, ligeiramente convexas no topo, envergando túnicas longas. A da esquerda segura ainda um lítuu, objecto observado noutras exemplares de selos, *bullae* e do tesouro da “Gold Thomb” mencionados nos anexos (nº 83, nº 61, nº 56 e nº 57), sendo comum na glíptica hitita.

A figura do centro usa uma máscara de touro que apresenta o que parecem ser correias, integradas possivelmente num cabresto, e transporta também um lítuu. Nas suas costas está soldado um anelete de suspensão do pingente. Schaeffer considera que esta personagem poderá ser um génio ou uma divindade taurina que simboliza a força procriadora, flanqueada por outros dois deuses hititas cuja identificação poderá estar correlacionada com os baixos-relevos do santuário de Yazılıkaya e os de Malatya.

O conceito da peça encontra paralelos num artefacto de marfim do templo 20 de Hattuša (fig. 143), no qual o touro central é coroado por um sol alado, cujas asas abrangem as figuras – ambas com lítuos – que o ladeiam. Em Kilise Tepe recolheu-se uma tríade de prata similar (fig. 144) dos escombros do Edifício Este após o incêndio (fase IIc). Embora esteja demasiado danificado para interpretar e não corresponda aos deuses representados na de Ugarit, aproxima-se do conceito geral da composição, assim como das vestes de longas túnicas dobradas à frente.

Locus: O artefacto foi recolhido num depósito de jóias de ouro a 2.90 m de profundidade na trincheira C, fase I, das ruínas de uma habitação a sudoeste do templo de Baal. As três categorias de pingentes de ouro encontradas, em forma de sol, lua e de uma deusa da fertilidade, provavelmente Hator ou Aštarte, são citados nos textos mitológicos de Ugarit.

Datação: Século XIV a.C.

Bibliografia: NEVE, 1996, p. 33, Abb. 81; SCHAEFFER, 1937, p. 145-146; SCHAEFFER, 1956, p. 94-95; SYMINGTON, 2001, p. 172, fig. 13a.



Figura 142 – Pingente electro hitita RS 8.521 (SCHAEFFER, 1956).



Figura 143 – Tríade divina de marfim de Hattuša (NEVE, 1996).

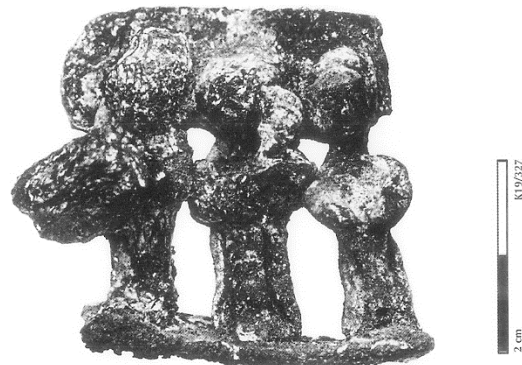


Figura 144 – Tríade de prata de Kilise Tepe (SYMINGTON, 2001).



Figura 145 – Machado RS 9.250 de Ugarit (YON, 2006).



Figura 146 – Machado de Tchogha-Zanbil (Irão) com inscrição do rei elamita Untash-Napirisha. Cabeça de machado com a forma da cabeça de um leão e com um javali na extremidade, à semelhança de RS 9.250 (Louvre, <http://www.louvre.fr/oeuvre-notices/hache-inscrite-au-nom-du-roi-untash-napirisha-sanglier-sur-le-talon>, visto pela última vez a 10/9/2017).

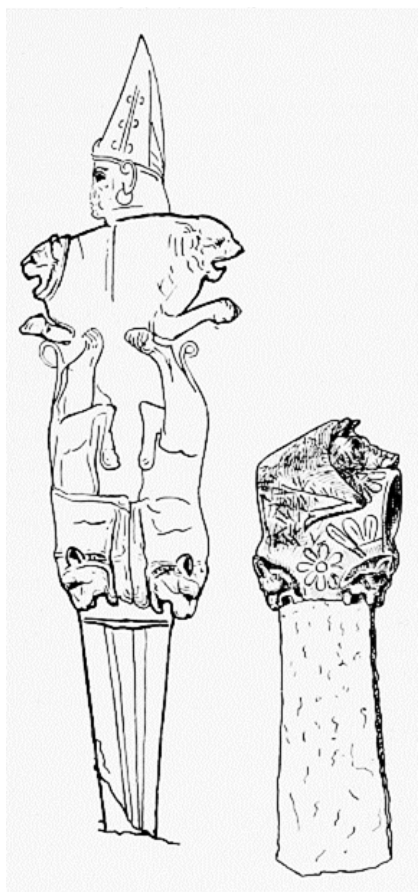


Figura 147 – Motivo decorativo das bocas de leão a ladear a lâmina do Deus Espada de Yazılıkaya em comparação com o machado RS 9.250 (SCHAEFFER, 1939).

Tabuinhas cuneiformes

Nº 71 (RS 17.109)

Descrição: Tabuinha de forma peculiar, variante do protótipo de Ḫatti¹⁷⁸, com uma espécie de apêndice que se destaca no centro da secção superior, sobre o qual se faz a impressão do selo.

Dimensão: Tem 7 cm de altura e 9 cm de largura.

No documento o *sākinu* (prefeito) de Ugarit está em litígio com um cobrador de impostos hitita, relativamente a 800 shekels de prata, que o último aparentemente alega não os ter recebido. Por sua vez, o prefeito assegurou o testemunho de um indivíduo chamado

¹⁷⁸ Tabuinhas relativamente largas (maiores que os protótipos ugaríticos) em forma de “almofada”. A superfície do anverso é relativamente convexa, no

centro sobressaído realiza-se a impressão do selo (MÁRQUEZ-ROWE, 1999, p. 404).

Pallariya, o qual prestou depoimento perante dois funcionários hititas. O documento foi redigido para servir como prova escrita em caso de ausência da testemunha. Essa quantia de prata deveria representar parte ou a totalidade dos encargos de Ugarit destinados à hegemonia de Ḫatti.

Estes funcionários de Estado, particularmente o *sākinu*, participavam normalmente noutros casos jurídicos internacionais que eram frequentemente arbitrados pelo vice-rei de Karkamiš.

Locus: O documento foi exumado no arquivo sul do palácio (arquivo real), local onde se armazenavam os documentos jurídicos relativos a negócios estrangeiros.

O facto de seguir a clássica escrita de Ḫattuša não implica necessariamente que tenha sido redigida nessa cidade. É possível, e provável neste caso, que funcionários hititas arbitrassem os negócios internacionais nos estados ou cortes estrangeiras, como Ugarit. Ou seja, os funcionários hititas residentes em Ugarit desfrutavam de uma espécie de extraterritorialidade. Por outro lado, há quem defenda que a escrita e a impressão de selo com hieróglifos hititas são

indicativos suficientes para assumir que esta jurisprudência origina de Ḫattuša.

É o único exemplo de um documento jurídico hitita encontrado fora da planície anatólica.

Datação: Com base na epigrafia, linguística e prosopografia data-se a tabuinha da segunda metade do século XIII a.C.

Bibliografia: LAROCHE, 1968, p. 769-772; MÁRQUEZ-ROWE, 1999, p. 420-422.

Nº 72 (RS 25.421)

Dimensão: Tem 12.8 cm de altura, 15 cm de largura e 3.7 cm de espessura.

Composição lírica trilingue, em sumério, acádico e hitita. As características exteriores (faces muito planas, bordas e parcelas rectangulares, arestas marcadas), a disposição do texto e a escrita, são provas suficientes para atribuir este trabalho a um escriba de Boğazköy, o que é confirmado pela quarta coluna, em hitita. Este texto foi importado de Anatólia, existindo uma réplica em Boğazköy (KUB IV 97, 12'), provavelmente com o objectivo de ser copiado, senão ao menos adaptado para a língua local. Distribui-se por quatro colunas, a primeira em sumério, a segunda em sumério “fonético”, a terceira em acádico e a última em hitita.

Em Ugarit, Ḫattuša, assim como noutros locais onde a escrita cuneiforme era nativa, tais textos literários faziam parte da literatura canónica da Babilónia ou Mesopotâmia e serviam para o ensino nas escolas de escribas. Contudo, o texto não terá servido para ensinar “hitita”, sendo mais provável pertencer a uma colecção

privada de um escriba hitita a residir na altura em Ugarit. A tradução hitita não seria muito do interesse de Ugarit, considerando que os seus textos escolares demonstravam um vocabulário trilingue, sumério-acádico-hurrita (NEU, 1995, p. 126-127).

O documento pode ser intitulado de “Mensagem de Lú.dingir.ra à sua mãe”. De facto, esse indivíduo encarregou um mensageiro do rei para saudar *Šāt-Ištar*, a sua mãe, aquando da sua chegada a Nippur. Contudo, a mensagem em si ocupa pouco espaço e todo o propósito desta composição é fornecer ao mensageiro uma descrição da pessoa a quem a carta se destina, o que é feito de uma forma mais poética do que propriamente precisa.

Locus: A tabuinha foi recolhida na “Casa do Sacerdote Hurrita”, entre a colecção de tabuinhas *lamashtu*¹⁷⁹, na zona sul da acrópole. A colecção encontrava-se num quarto comprido e estreito, no canto sudoeste da casa, onde guardavam cartas da realeza e privadas, textos económicos e jurídicos e 50 tabuinhas vocacionadas para a aprendizagem de babilónico, como

¹⁷⁹ O nome deriva de um dos textos da colecção relativos à lenda de *Lamashtu*, um demónio feminino que atacava todas as formas de vida,

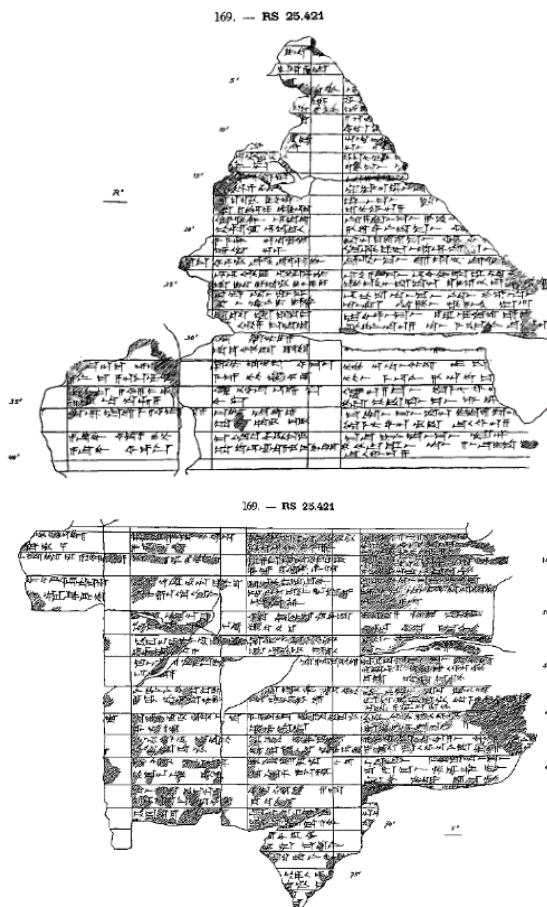
particularmente recém-nascidos e as suas mães (YON, 2006, p. 100-101).

listas lexicográficas, textos literários ou vários textos sobre magia ou magia medicinal. A natureza desta compilação sugere a presença de um sítio cultural, visto que se encontra numa casa onde se praticavam rituais hurritas.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: LAROCHE, 1968, p. 773-779; NOUGAYROL & SCHAEFFER et al., 1968, p. 310-319, 445-446; STARKE, 1990, p. 536; YON, 2006, p. 100-101.

Figura 148 – Tabuinha RS 25.421 (NOUGAYROL & SCHAEFFER, et al., 1968).



Nº 73 e 74 (RS 92.2011 e RS 92.6278)

Descrição: Dois fragmentos de um texto ritual.

Dimensão: (RS 92.2011) 6.6 cm de altura; 3.2 cm de largura e 3.4 cm de espessura; (RS 92.6278) 6 cm de altura; 3.9 cm de largura e 1.3 cm de espessura.

Locus: Os fragmentos foram descobertos na “Casa de Urtenu”, situada no distrito centro-sul da cidade. Nesta residência encontrou-se um arquivo repleto de tabuinhas fragmentadas e inteiras, que incluía cartas da realeza, correspondência

mercantil, textos de mitologia, documentos léxicos, textos administrativos, entre outros.

Documentos de natureza religiosa e literária encontram-se em pouco número, sendo que os adquiridos reflectem o gosto pessoal do dono e excluem o seu ofício na área religiosa. Os textos hititas deverão ser uma novidade para acrescentar à sua rica biblioteca. Segundo os documentos recolhidos na sua residência, Urtenu era não só um grande comerciante, como um

homem influente na política, com ligações à família real. O período da sua actividade comercial e política enquadra-se provavelmente nos reinados dos últimos soberanos de Ugarit, portanto, entre os finais do século XIII/ inícios do século XII a.C. Encontram-se actualmente no Museu de Damasco.

Datação: Finais do século XIII/ inícios do século XII a.C.

Bibliografia: CALVET, 2000, p. 210-211; SALVINI, 2001, p. 339; YON, 2006, p. 87-88.

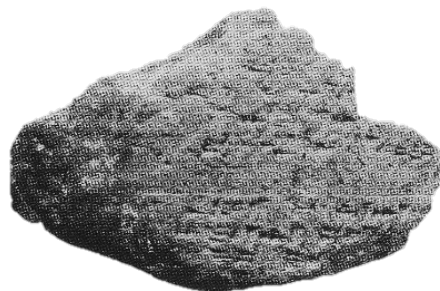


Figura 149 – Fragmento RS 92.6278 (SALVINI, 2001)

Planta

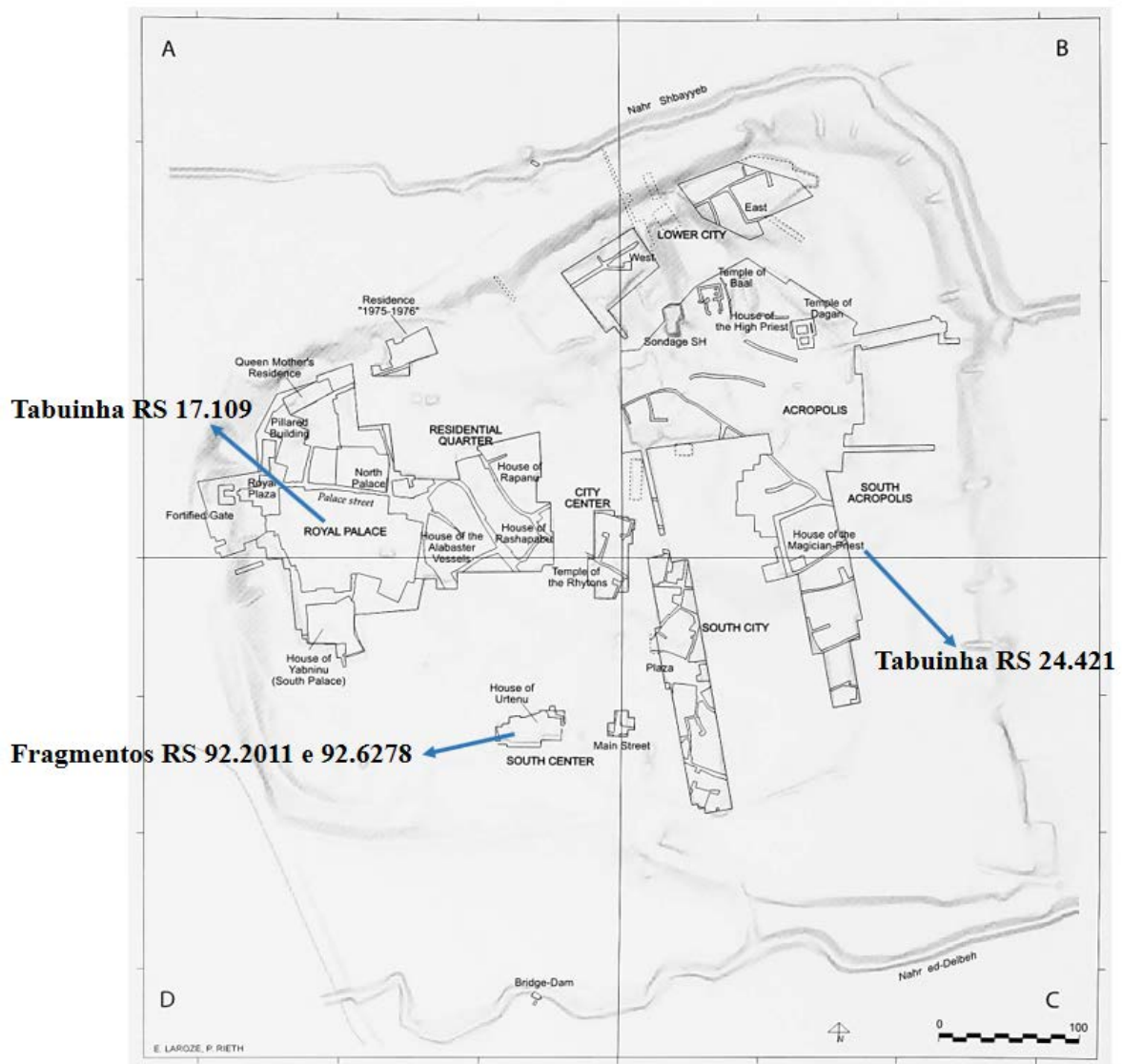


Figura 150 – Planta da cidade de Ugarit a indicar donde as tabuinhas mencionadas foram descobertas (adaptado de YON, 2006).

Selos

Tell Afis

Nº 75 (TA.92.346)

Descrição: Selo biconvexo de uma rocha preta esverdeada. No bordo circular de ambas as faces se destacam duas nervuras separadas por uma incisão no intermédio da peça.

Dimensão: Tem 2.3 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: A composição de hieróglifos L. 415 – L. 35 – L. 415 – L. 278 compõe o nome feminino *Sa-na-sà-li*. A sequência indicativa do género do dono do selo poderá ou estar invertida – L.79-L.370 (FEMINA.BONUS₂) –, o que constituiria uma anomalia, ou os símbolos deveriam ser interpretados como REX.FEMINA, um título atestado em certas *bullae* exumadas na capital hitita, Ḫattuša-Boğazköy. Encontram-se dois glóbulos entre o hieróglifo L. 104.

Lado B: Repete-se a composição, surgindo o mesmo nome que na face anterior, enquadrado dos dois lados por BONUS₂.FEMINA (L. 370-L. 79). O hieróglifo L. 79 é bastante alongado e o topo não é arredondado, uma variante já encontrada noutros casos.



Figura 151 – Selo TA.92.346 (ARCHI & VENTURI, 2013).

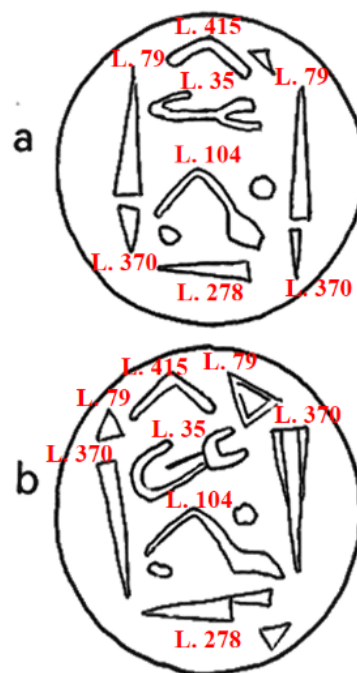


Figura 152 – Face A e B do selo TA.92.346 com hieróglifos identificados (ARCHI & VENTURI, 2012)

O nome *Sa-na-sà-li* corresponde ao nome próprio hurrita – *Šiniš-šal(l)i*, presente na

documentação de Nuzi (GELB, PURVES & MACRAE, 1943).

Locus: O selo foi exumado da quadrícula EdV3, U.E. 4 – L. 1360, num contexto doméstico da área G (a este da acrópole), datável da segunda metade do século X a.C.

Datação: Devido ao nome que apresenta e ao seu *design* deverá datar do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI, 1998, p. 367-369; ARCHI & VENTURI, 2012, p. 23; ARCHI & VENTURI, 2013, fig. 7; BOEHMER & GÜTERBOCK, 1987, p. 65; GELB, PURVES & MACRAE, 1943, p. 135.

Nº 76 (TA.01.N.153)

Descrição: Selo biconvexo, perfurado diametralmente e com uma linha delineada ao longo da margem. Apresenta em ambas as faces uma figura humana esquemática, o que não é usual.

Normalmente, apenas um lado da peça deveria comportar tais representações acompanhadas de outros hieróglifos, sendo que no outro se encontraria o nome do usuário.

Dimensão: –

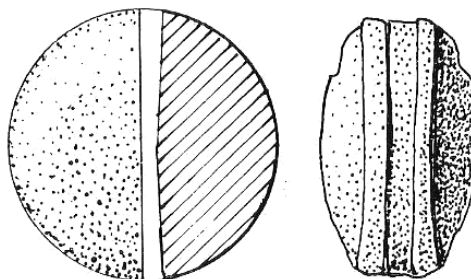


Figura 153 – Perfil do selo TA.92.G.346 (ARCHI & VENTURI, 2012).



Figura 154 – Selo TA.01.N.153 (ARCHI & VENTURI, 2013)

Inscrição hieroglífica: Embora a ilegibilidade da maioria dos símbolos (de novo, escrita cursiva?) e da pouca

qualidade da peça – provavelmente de produção local – é possível discernir no lado B, à direita, os caracteres L. 411 – L. 19 – L. 110, lendo-se *Ná-à-ma*.

Locus: O selo foi exumado da quadrícula EIV3+4, U.E 4840, no pavimento relacionado com a base da fortificação do início da Idade do Ferro, na encosta oriental da acrópole, sector norte.

Datação: Fins do século XIII/ inícios do século XII a.C.

Bibliografia: ARCHI & VENTURI, 2013, p. 218; CECCHINI, 2002, p. 47-52, fig. 33.1.

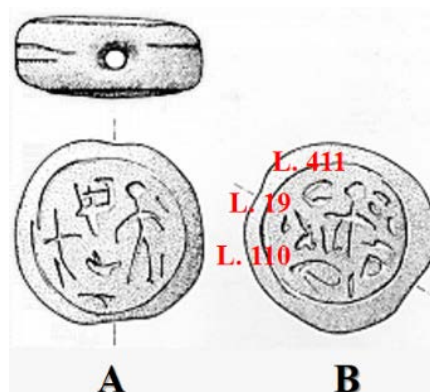


Figura 155 – Perfil e ilustração das faces A e B do selo TA.01.N.153, com hieróglifos identificados (CECCHINI, 2002).

Nº 77 (TA.99.E.190)

Descrição: Selo cilíndrico de hematite com base hexagonal, consideravelmente desgastado.

Dimensão: –

Decoração: Da sua decoração original resta apenas um duplo enquadramento ornado com rosetas e um outro motivo, executados com um furador. No campo central dispõem-se símbolos irreconhecíveis. Devido às suas pobres condições de conservação é complicado

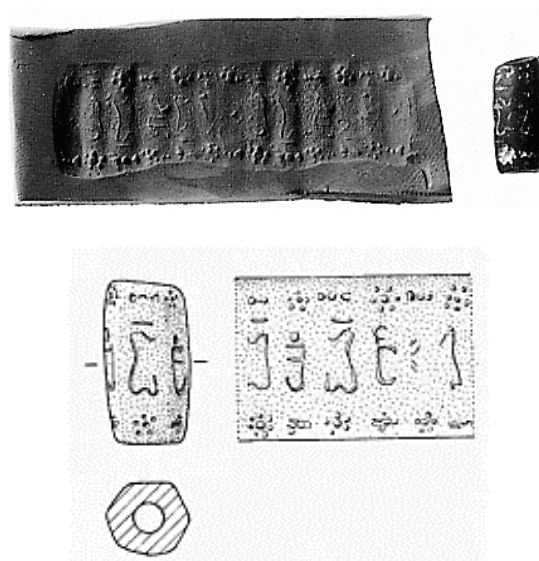


Figura 156 – Selo TA.99.E.190 (MAZZONI, 1999).

extrapolar o local de origem da sua produção. Contudo, a decoração em friso duplo permite levantar uma hipótese, sendo que se reconhece um caso semelhante com rosetas e outros motivos delimitativos do campo central num selo de *Morgan Library & Museum*. Embora a representação principal não se encontre conservada, é comparável com um selo de estampa hitita de proveniência cipriota do Museu de Ashmolean (fig. 157), no qual um elemento fitomórfico trifoliado ladeia as rosetas¹⁸⁰.

Frisos compostos por estes motivos delimitam o campo central de alguns selos de estampa hitita, como o caso do de Arma-ziti de Ugarit, datável do século XIII a.C.¹⁸¹ (fig. 158) e outro exemplar da mesma época originário de Ḫattuša¹⁸² (fig. 159). Igualmente da capital hitita provém um longo selo prismático com uma base quadrangular que apresenta uma inscrição com o nome de Šaušga-ziti, entre dois frisos com diversos motivos,

¹⁸⁰ Ver *Hittite Seals* (1920), p. 37, nº 191. Selo datável do século XIV-XIII a.C. Identificam-se outros motivos, para além das rosetas, que foram interpretados como possíveis hieróglifos.

¹⁸¹ Ver *Ugaritica III* (1956), p. 33. Impressão de selo no texto RS 17.314 referente a um caso de litígio entre um comerciante ao serviço da rainha de Ugarit e de um tesoureiro hitita que rejeitou o seu pedido.

nos quais se destacam as rosetas e a planta trifoliada. Acrescente-se ainda a este grupo dois selos cilíndricos produzidos na Síria setentrional ou na região sudeste anatólica, apenas com motivos geométricos e fitomórficos (fig. 160 e 161)¹⁸³.

Locus: O selo foi recolhido na Área E (zona ocidental da acrópole), nos níveis de transição do Bronze Final para a Idade do Ferro (U.E. 2502. Liv. 7c), devendo-se considerar como uma deposição secundária ou um achado fora do seu contexto original.

Datação: Embora, evidentemente, não se possa excluir outras possíveis interpretações e atribuições¹⁸⁴, a comparação com outros exemplares indica uma possível produção local de tradição anatólica do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI & VENTURI, 2013, p. 218; BOEHMER & GÜTERBOCK, 1987, p. 69-70, nº 216; p. 71-73, nº 218; p. 106-107, nº 305;

¹⁸² Ver *Glyptik aus dem Stadtgebiet von Boghazköy. Grabungskampagnen 1931-1939, 1952-1978* (1987), p. 71-73, nº 218.

¹⁸³ Ver *Glyptik aus dem Stadtgebiet von Boghazköy. Grabungskampagnen 1931-1939, 1952-1978* (1987), p. 69-70, nº 216; p. 106-107, nº 305.

¹⁸⁴ Inicialmente a ornamentação fora identificada como um friso composto por rosetas e abelhas, que poderia fazer paralelo com a glíptica cassita, onde por vezes se representam insectos.

HOGARTH, 1920, p. 37, n° 191;
 MAZZONI, 1999, p. 17-19, fig. 13.2;
 SCHAEFFER, 1956, p. 33.



Figura 157 – Selo hitita do Museu de Ashmolean (HOGARTH, 1920).



Figura 158 – Impressão do selo Arma-ziti de Ugarit (RS 17.314) (SCHAEFFER, 1956).

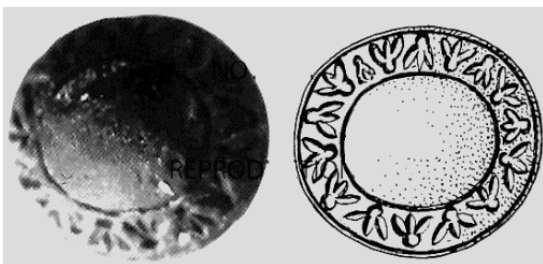


Figura 159 – Selo n° 218 de Hattuša (BOEHMER & GÜTERBOCK, 1987).

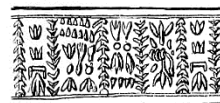


Figura 160 – Selo n° 305 (BOEHMER & GÜTERBOCK, 1987).



Figura 161 – Selo n° 216 (BOEHMER & GÜTERBOCK, 1987).

Armas

Nº 78 (TA.07.E.530/A)

Descrição: Machado de bronze designado de *lugged axe* ou *ärmchenbeil*. Apresenta uma lâmina côncava com um gume divergente, ressaltos (*lugs*) pronunciados em ângulo recto e uma extremidade posterior redonda.

Dimensão: Tem 18.2 cm de comprimento e 7.2 cm de largura.

Morfologicamente, o machado pode ser incluído no tipo I de Maxwell-Hyslop (fig. 163) e nos tipos I e III de Erkanal (fig. 164). Segundo a tipologia do último autor, a difusão dos tipos I e III restringe-se à Anatólia Central excepto alguns exemplos de Tille Höyük (sudeste de Anatólia). O único espécime sírio deste tipo de machado foi encontrado no nível de destruição de Hama, período E (século VIII a.C.). Ainda que provenha de um contexto da Idade do Ferro, à semelhança dos selos nº 47, nº 48 e nº 49, o artefacto poderá ser residual do período antecedente e originário da Anatólia.

As características morfológicas do machado TA.07.E.530/A encontram os seus melhores paralelos em Alaca Höyük, Kayseri e Boğazköy (tipo I de Erkanal), porém o seu tamanho, os lados

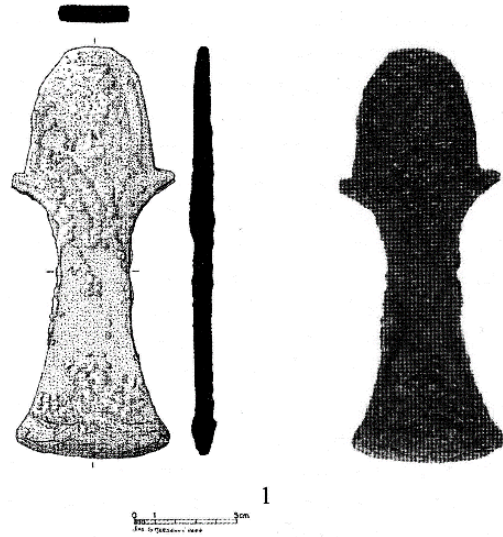


Figura 162 – *Lugged axe* TA.07.E.530/A (ARCHI & VENTURI, 2012).

claramente côncavos da lâmina e a proporção entre essa e a extremidade posterior tornam o machado de Tell Afis bastante similar a outro exemplar do tipo III de Erkanal, de proveniência desconhecida na Anatólia Central (ERKANAL, 1977, Taf 2.23). Os *lugged axes* tipo I de Alaca Höyük e Boğazköy são genericamente enquadrados no Bronze Final. Mesmo que o limite cronológico e geográfico da sua difusão seja o planalto da Anatólia Central, os exemplares mais antigos provêm de Amuq e Cilícia, datando do Bronze Inicial. Todavia, como o achado em Hama é considerado residual, o machado de Tell Afis é o exemplar mais meridional

deste tipo de artefacto proveniente de um contexto estratigráfico seguro.

Locus: A lâmina do machado e extremidade (nº 79) encontravam-se por debaixo da porção de pavimento em pedra do quarto com pilares B1, residência da área E4. Localizavam-se no topo do enchimento que selava a fase VII da cozinha F3. A plataforma criada com o enchimento das divisões da fase VII serviu para preparar a área para a reconstrução da fase Vb. Contudo, as estruturas da fase VI industrial intermédia que precedem esta reedificação são insignificantes e o enchimento encontra-se directamente em contacto com o chão da B1. De forma a criar a nova plataforma, foi usado um enchimento depurado, extremamente pobre em materiais. Por isso, é improvável que a posição dos dois objectos tenha sido casual. As duas peças encontravam-se imediatamente abaixo da laje que cobria a parte leste do quarto B1; nº 78 situava-se a uns poucos centímetros da parede nordeste da divisão. Portanto, uma possível explicação é de que os dois artefactos se tratavam de um depósito ritual, realizado imediatamente antes da construção da residência B e, por isso,

podem ser enquadrados no final da fase VI.

Datação: Os artefactos terão sido usados durante a fase VII, dado que a fase VI não pode ser considerada como um verdadeiro período de ocupação. Devem datar de meados do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI & VENTURI, 2012, p. 19-22.



Figura 163 – Tipo I de Maxwell Hyslop (MAXWELL-HYSLOP, 1953).

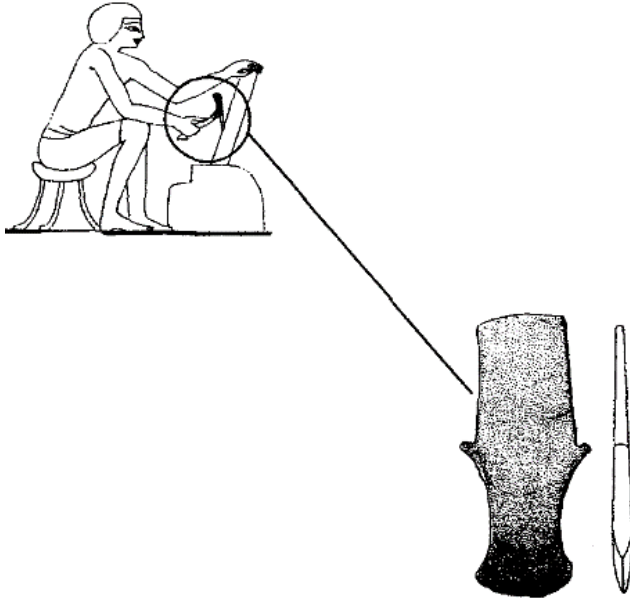


Figura 164 – Exemplo de um machado/enxó de Boğazköy, tipo III de Erkanal (SIEGELOVÁ & TSUMOTO, 2011).

Nº 79 (TA.07.E.511/D)

Descrição: Extremidade cônica em bronze com uma abertura redonda para encabamento da haste.

Dimensão: Tem 7 cm de altura (cone) e 3 cm de diâmetro (boca).

O elemento de madeira, parcialmente preservado dentro da extremidade, era fixado com dois pregos inseridos em orifícios opostos. A decoração em baixo-relevo divide-se em dois *designs*, um inferior outro superior, separados por um listel horizontal. O *design* inferior consiste de três elementos fitomórficos com espirais para baixo antitéticas, sobre o qual se desenha uma linha ondulada horizontal. No *design* superior, representa-se uma segunda linha

ondulada alternada por pontos, a qual serve de base para o brotar dos elementos fitomórficos do mesmo género que os do *design* inferior. As plantas estão posicionadas alternadamente nos altos e baixos da linha ondulada. Os elementos fitomórficos maiores desenham-se nos pontos mais elevados e consistem em dois caules distintos.

Este tipo de árvore sagrada surgiu na Síria a partir do Bronze Médio, porém tornou-se particularmente popular no Médio Oriente com a expansão mitaniana nos inícios do século XV a.C.. A árvore com espirais para baixo antitéticas encontra-se igualmente representada na glíptica de Nuzi e de Alalah fase IV, tendo sido

igualmente utilizada como motivo decorativo em composições mais complexas na cerâmica de Nuzi. As palmeiras de Alalah e Aššur do século XIV-XIII a.C., com um tronco longo e múltiplas volutas, são uma versão local do estilo tradicional mitaniano. Os elementos mitanianos continuaram a ser usados, principalmente na glíptica, resultando em decorações híbridas, como o caso do selo de Šaḫurunuwa, no qual as árvores retratadas apresentam quatro pares de volutas.

O uso da árvore de tradição mitaniana no nº 78, acompanhado por outros motivos decorativos locais, como a linha ondulada horizontal, são outro bom exemplo do estilo híbrido da Síria setentrional do século XIII a.C. O tema decorativo, composto por árvores a brotar directamente de linhas onduladas (normalmente relacionadas com a representação da água), refere-se decerto a questões da natureza e fertilidade. Portanto, não é improvável que o objecto ao qual a extremidade estaria conectada tivesse uma função cultural ou cerimonial.

A disposição alternada dos elementos fitomórficos nos pontos baixos e altos da ondulação dão a impressão que as árvores mais altas tinham uma série dupla de

espirais, uma ilusão óptica que não terá sido casual e pode evocar o fabrico Sírio-Palestino mais tardio.

Locus: Ver nº 77

Datação: Meados do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI & VENTURI, 2012, p. 19-22.

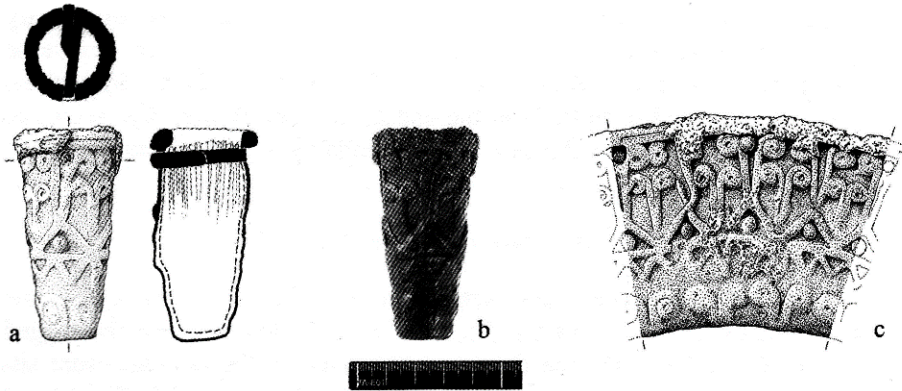


Figura 165 – A. Desenho da extremidade TA.07.E.511/D e do seu bocal. B. Fotografia da extremidade. C. Pormenor da decoração em baixo-relevo da peça (ARCHI & VENTURI, 2012).

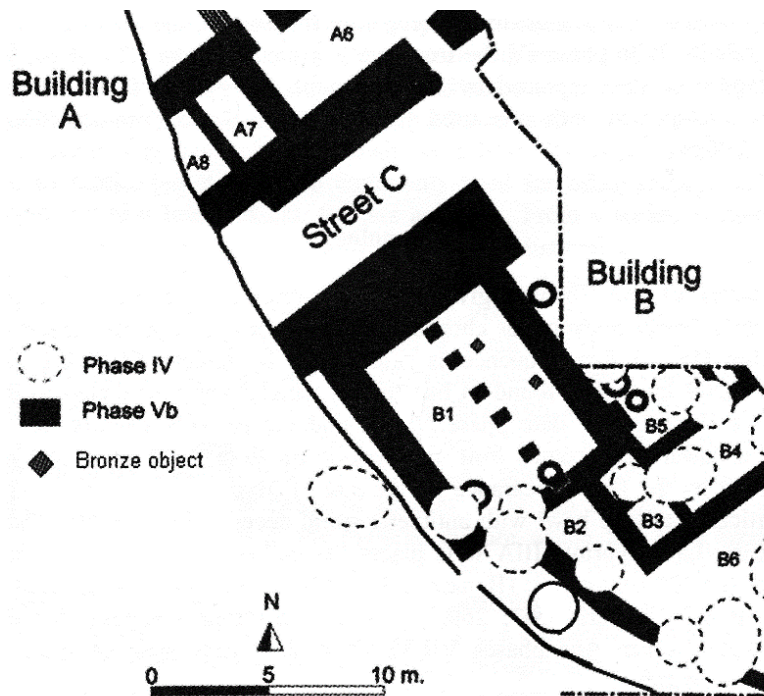


Figura 166 – Área E4. Plano da fase Vb na residência B, identificando os *loci* donde os artefactos de bronze foram descobertos (ARCHI & VENTURI, 2012).

Cerâmica

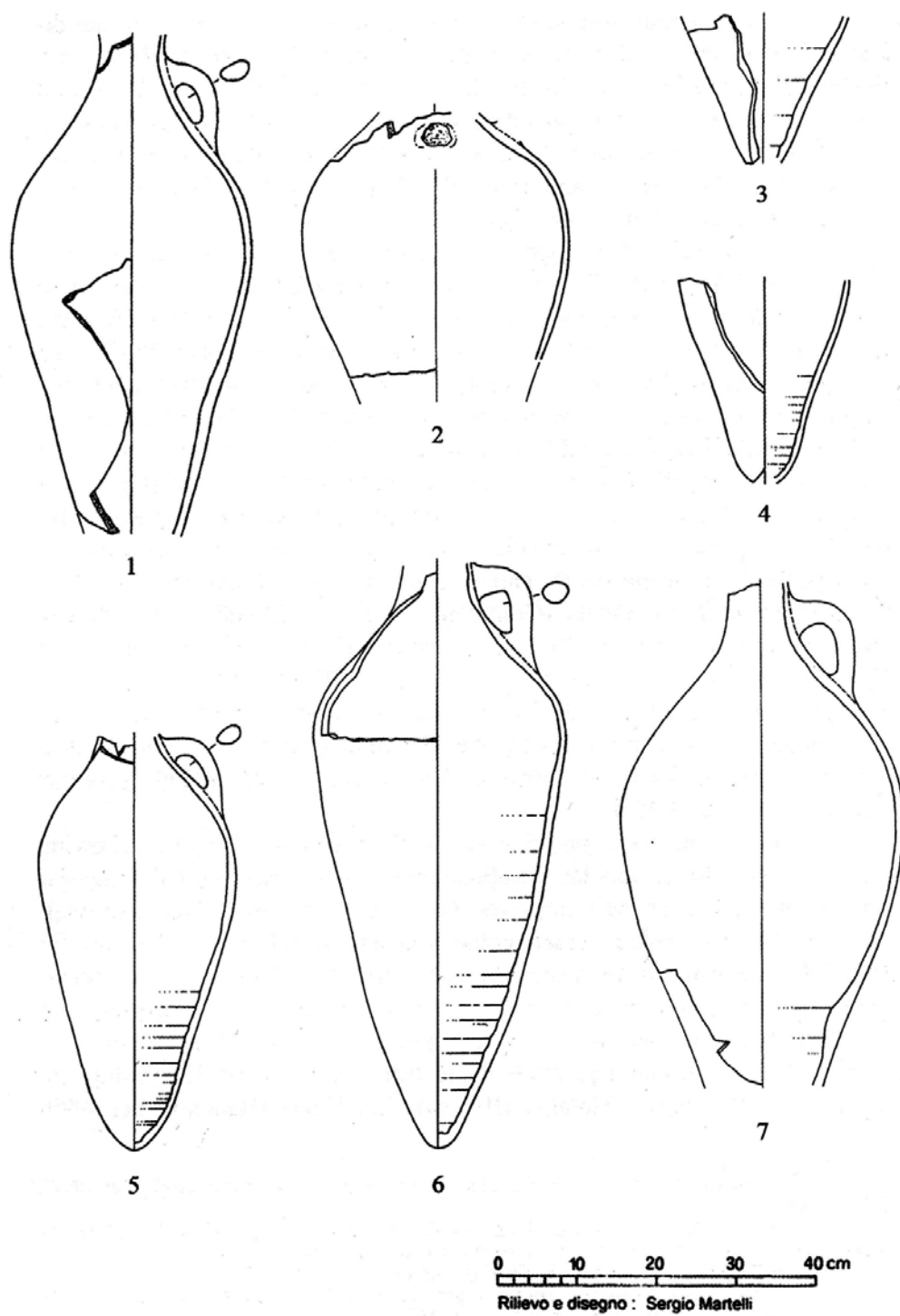


Figura 167 – Desenho dos exemplares de ânforas grandes hititas recolhidas nas residências de Tell Afis, fase Vb (ARCHI & VENTURI, 2012).

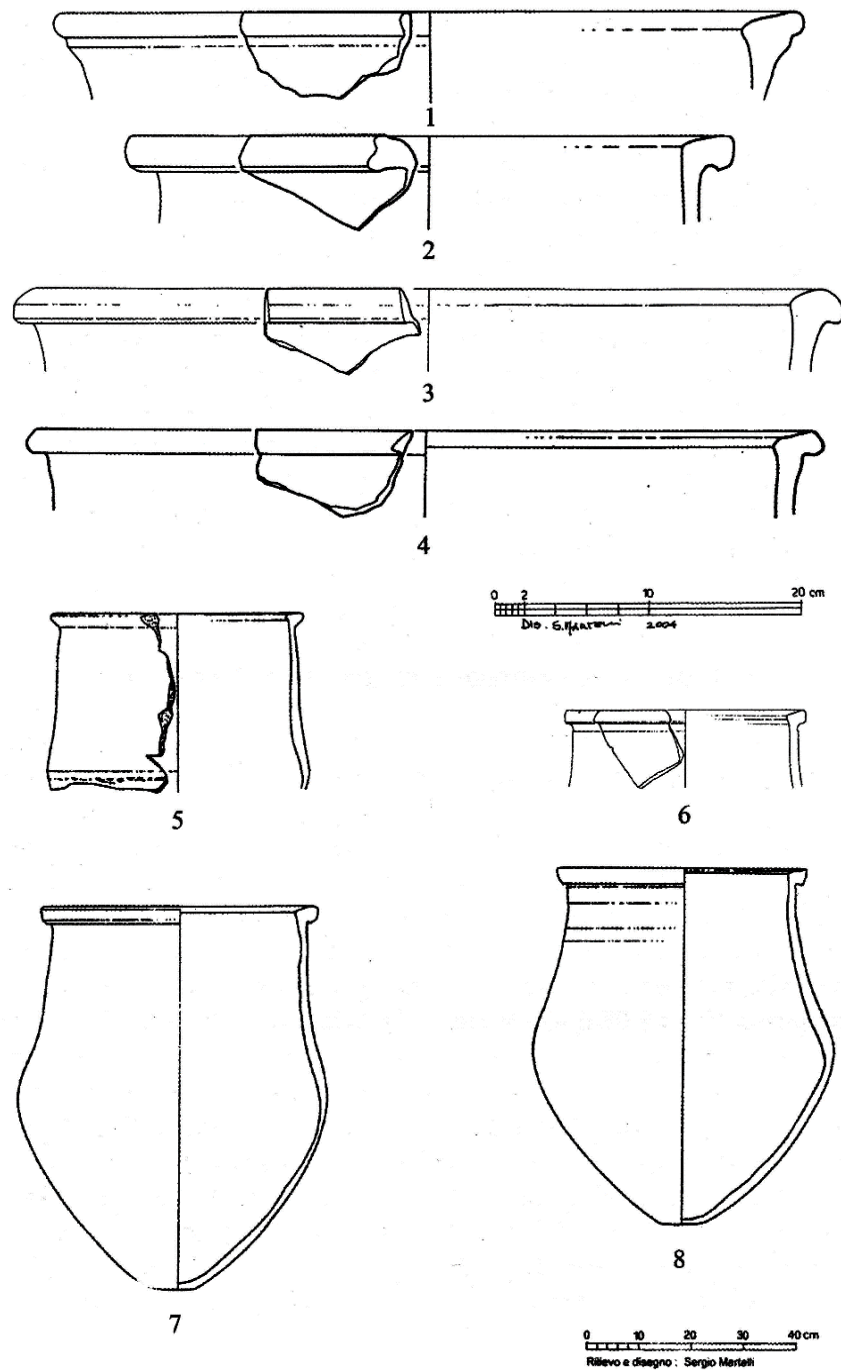


Figura 168 – Desenho dos exemplares das *kraters* hititas recolhidas nas residências de Tell Afis, fase Vb (ARCHI & VENTURI, 2012).

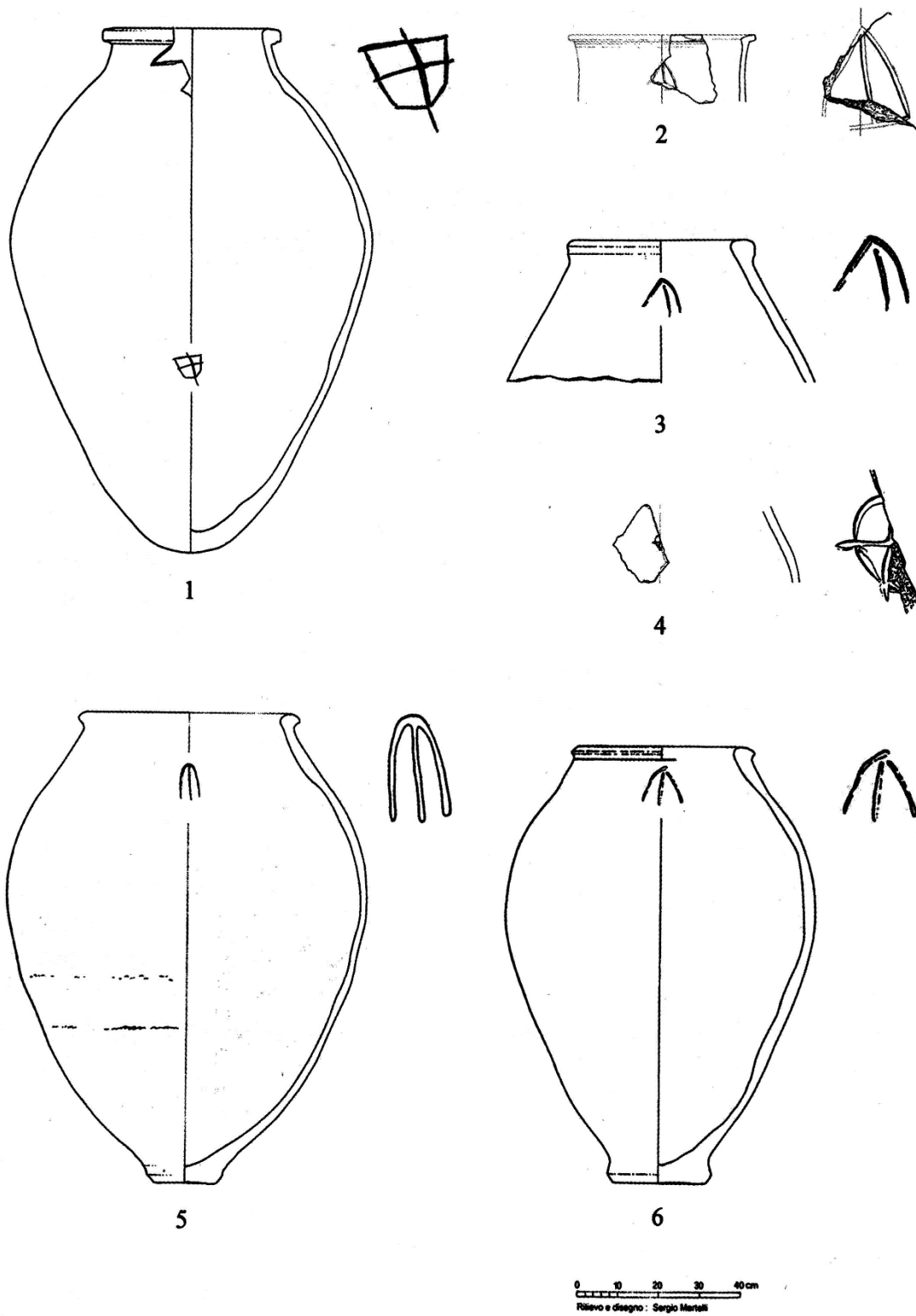


Figura 169 – Marcas de oleiro em recipientes de armazenamento: fase VII (1); VI (2-3); Vb (4-6) (ARCHI & VENTURI, 2012).

Planta esquemática

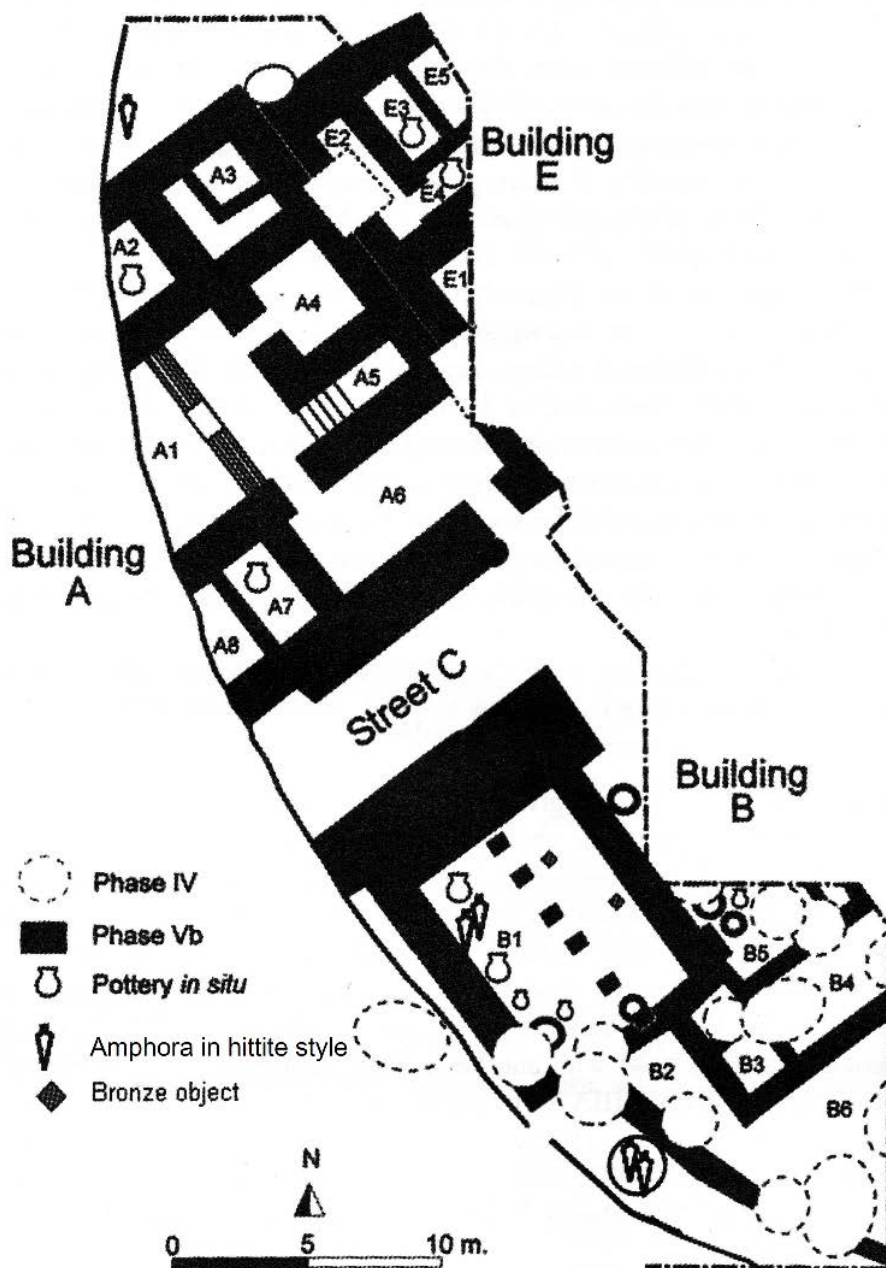


Figura 170 – Área E4. Plano da fase Vb das residências (ARCHI & VENTURI, 2012).

Tabuinhas cuneiformes

Nº 80 (TA.08.E.1)

Descrição: Tabuinha de argila acinzentada.

Dimensão: Tem 12.9 cm de altura; 8.5 cm de largura e 2.9 cm de espessura.

O documento apresenta duas mensagens em cada face, ambas redigidas na residência do EN KUR. Na primeira o autor viu-se obrigado a permanecer na sua cidade porque um certo indivíduo tinha morrido. Para além disso, a rainha (MUNUS.LUGAL) adoecera e encontrava-se presentemente consigo.

Contudo, o autor decidiu partir e esperava que em três dias após remeter esta carta se encontrasse na cidade de Izziya. Não são mencionados nomes.

Puduḫepa, esposa de Ḫattušili III, originalmente de Kizzuwatna, foi a única rainha hitita a viajar sem o seu rei para a região sudeste do império. Um documento dos arquivos de Ḫattušša, KUB 56.15, mostra como Puduḫepa visitara igualmente Izziya. Esta cidade possivelmente corresponderá a Isso (Kinet Höyük), a cerca de 50 km norte das Portas Sírias (Desfiladeiro de Belém). Esta carta de Tell Afis apoia esta localização, considerando que a distância



Figura 171 – Anverso de TA.08.E.1 (ARCHI, 2012).

entre Antioquia e a planície de Isso é cerca de 110 km pela estrada antiga.

Quanto à localização da residência do EN KUR, onde o autor redigira a tabuinha, deverá coincidir a Alalah, donde é possível chegar a Izziya na costa Cilícia em três dias, tanto por terra como por mar. Após a conquista de Alalah por Šuppiliuma I, o nome Mukiš foi aplicado tanto na cidade como na região. Contudo o governador Šukur-Teššub escreveu a Ammistamuri II, rei de Ugarit, que iria residir em Alalah (RS 20.03). De acordo com os vestígios arqueológicos, Paluwa (nº 3 e nº 8) era um funcionário activo em Alalah durante o último

período de domínio hitita. Archi, porém, crê improvável que um funcionário do estatuto de EN KUR do país de Mukiš pudesse estar interessado numa propriedade em Emar (a de Zu-Bā'la). Em contrapartida, é possível estabelecer um sincronismo para Šukur-Teššub, que fora nomeado EN KUR de Mukiš talvez por Ḫattušili III e escreveu uma carta a Ammistamuri II, contemporâneo também de Ḫattušili III e Puduḫepa – período em que a carta nº 80 foi redigida – e mais tarde de Tudḫaliya IV.

A segunda mensagem fora enviada por um Tinninne para um Pirianni e faz referência a uma terceira pessoa, Ewarane, que surge num contexto incerto. O assunto está relacionado com as mensagens da tabuinha nº 81.

Locus: A tabuinha foi exumada na divisão F2 do edifício administrativo F, na área E da acrópole; provavelmente onde se encontraria o arquivo central da cidade a meados do século XIII a.C.

Datação: 2ª metade do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI, 2012, p. 413-420, Tab. I, photo 1; ARCHI, 2012, p. 32-48.

Nº 81 (TA.09.E.203)

Descrição: Tabuinha de argila acastanhada. Escrita hitita no anverso e reverso do documento. Cantos inferiores esquerdo e direito destruídos.

Dimensão: Tem 8.1 cm de altura; 5.9 cm de largura e 2.9 cm de espessura.

A carta contém duas mensagens à semelhança da anterior. A primeira é endereçada para Tinninne, o qual deveria viajar para uma cidade em Tell Afis e pedir a Ašmaḫya, o superintendente local, para entregar Šidurenna, a “donzela” (^{MUNUS}KI.SIKIL). De seguida, iria acompanhá-la à cidade de Yarpigga, na região de Mukiš, onde Piriyani iria servir de testemunha (da entrega da donzela?) em nome do supervisor do país (EN KUR).

A segunda mensagem é dirigida a Ašmaḫya, avisando-lhe que deveria entregar a moça sem problemas a Tinninne, visto que seria a sua futura esposa (DAM).

Enquanto os funcionários directamente dependentes do supervisor do país (Ewarane, Piriyani e Tinninne) e a rapariga (Šidurenna) apresentam nomes hurritas, o supervisor, Ašmaḫya tem um nome de origem semítica ocidental. O que



Figura 172 – Anverso (acima) e reverso (abaixo) da tabuinha TA.09.E.203 (ARCHI, 2012).

não o impede de apresentar um bom conhecimento da língua hitita.

Locus: A tabuinha foi recolhida na divisão F12 do edifício administrativo F, na área E da acrópole

Datação: 2^a metade do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI, 2012, p. 413-420, Tab. II e III, photo 2 e 3; ARCHI, 2012, p. 32-48.

Nº 82 (TA.10.E.189)

Descrição: Fragmento de argila acinzentada. Restam somente algumas frases em hitita dispersas no anverso. A argila e escrita são semelhantes à tabuinha nº 79.

Dimensão: Tem 8.7 cm de altura; 4.7 cm de largura e 2.2 cm de espessura.

Locus: O fragmento de tabuinha foi exumado na divisão F13, do edifício administrativo F, na área E da acrópole.

Datação: 2^a metade do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI, 2012, p. 43-44, Tab. IV, photo 4.



Figura 173 – Fragmento TA.10.E.189 (ARCHI, 2012).

Plantas

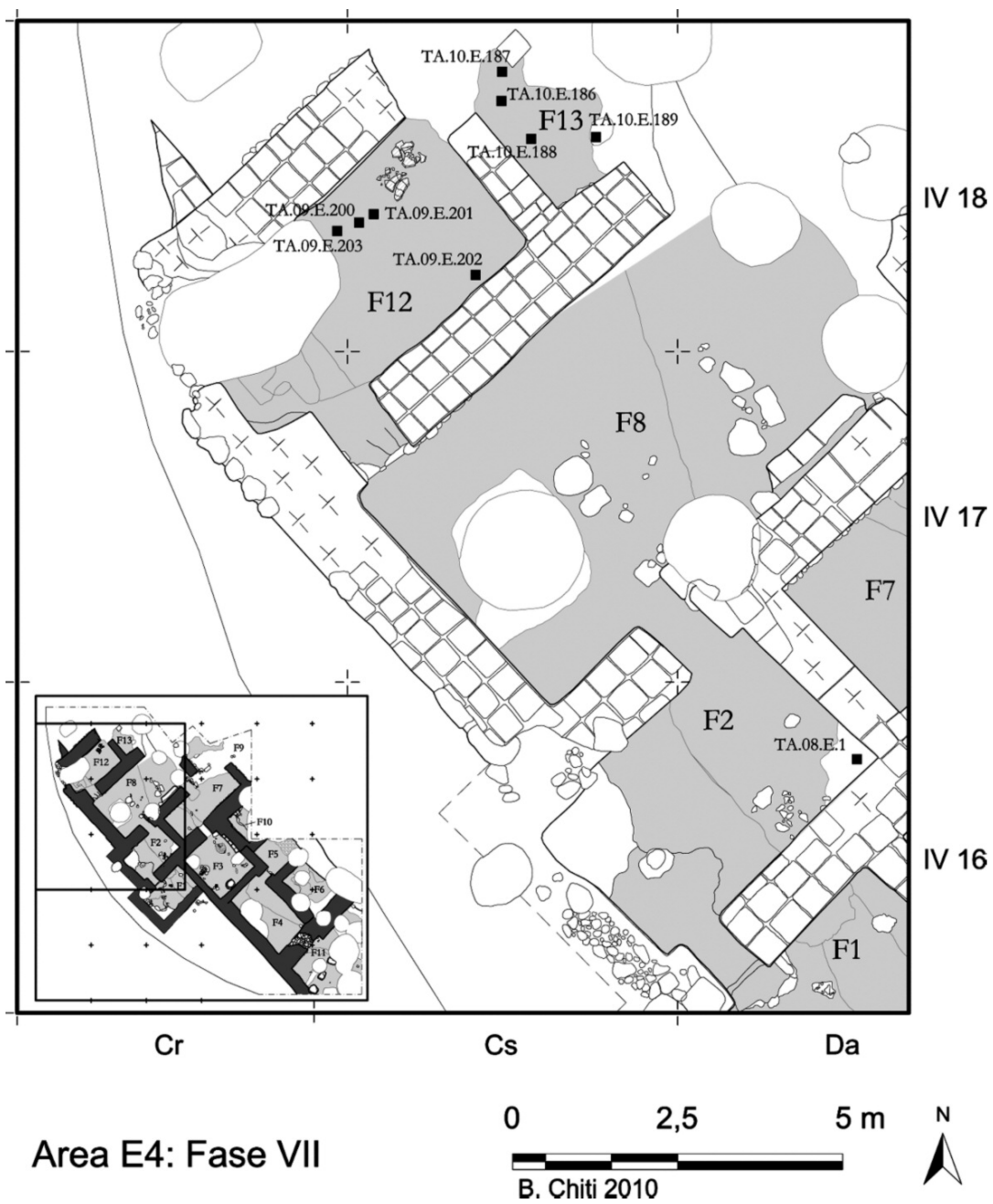


Figura 174 – Edifício F, na área E, e a posição das tabuinhas (ARCHI, 2012).

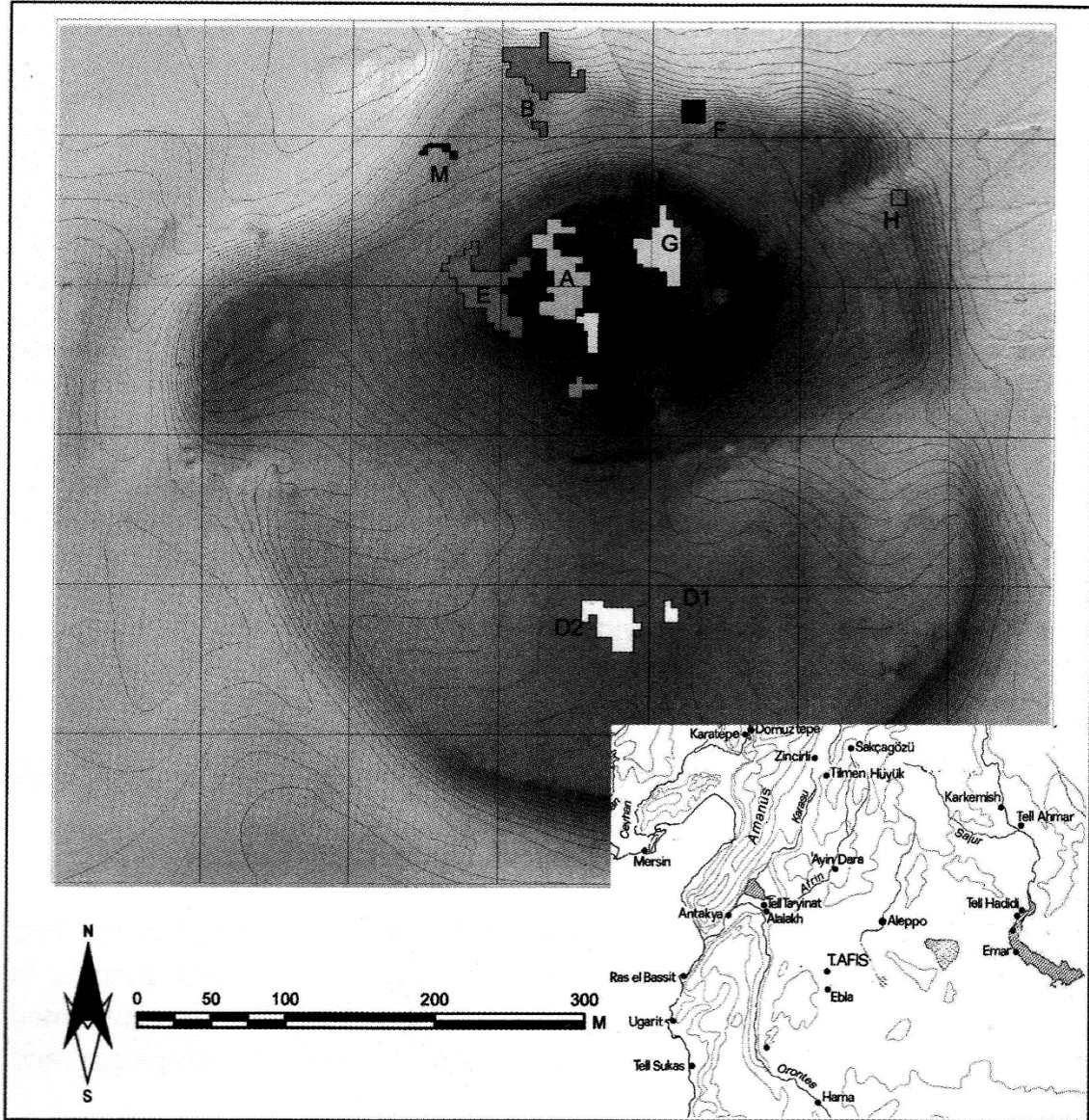


Figura 175 – Planta topográfica de Tell Afis com indicação das zonas intervencionadas (ARCHI & VENTURI, 2012).

Selos

Tilbeşar

Nº 83

Descrição: Selo biconvexo de esteatite

Dimensão: Tem 3.1 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: No centro do selo destaca-se a figura em perfil de um homem (L. 3), envergando uma túnica curta apertada por um cinto, um barrete cónico com cornos e botas anatólicas com extremidades recurvadas no lugar dos dedos. Sobre o seu ombro esquerdo carrega um lítuio e no seu punho direito está empoleirado um pássaro. Enquadrando esta imagem, em ambos os lados, desenha-se a mesma sequência de hieróglifos L. 209 – L. 415 – L. 39 – L. 55 (*Ya-sa-tà-ni?*).

Lado B: Representa-se uma figura em perfil praticamente idêntica à anterior, à parte do arco que agora repousa sobre o seu ombro esquerdo e da espada que se encontra presa à sua cintura. À esquerda repete-se a mesma composição de símbolos que a face anterior e à direita encontram-se dois triângulos (= L. 370, BONUS₂), um vaso (?) [= L. 354; = PINCERNA? [^{LÚ}SÌLA.ŠU.DU₈.A] = copeiro?] e uma estrela.

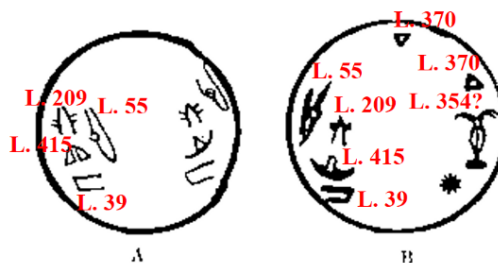


Figura 176 – Selo nº 83 com hieróglifos identificados (HELFT, 2010; HOGARTH, 1920).

Peça de colecção comprada em Gaziantep.

Datação: Possivelmente do século XIII a.C.

Bibliografia: HELFT, 2010, p. 263; HOGARTH, 1920, p. 46, nº 313, fig. 37; Pl. X, 313.

Nº 84

Descrição: Selo biconvexo de serpentina vermelha. Uma faixa preenchida com pequenos traços circunda a margem de ambas as faces do selo.

Dimensão: Tem 2 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: Apresenta o nome *Sa-ma-tu-li* e no topo a sequência L. 370 – L.386 (=BONUS₂-VIR₂).

Lado B: Apresenta o nome *Ki-ki-ya* e no lado esquerdo a composição L. 370 – L.79 (=BONUS₂.FEMINA).

Peça de colecção comprada em Gaziantep.

Datação: Possivelmente do século XIII a.C.

Bibliografia: HOGARTH, 1920, p. 47, nº 321; Pl. X, 321; MORA, 1987, p. 176 (VII, nº 4.7), Tav. 48.

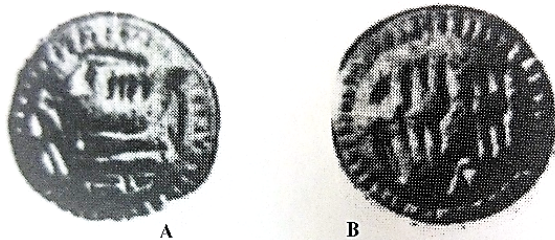


Figura 177 – Selo nº 84 (MORA, 1987).

Nº 85

Descrição: Selo biconvexo de serpentina vermelha. A face B encontra-se bastante arruinada, de modo que é apenas possível interpretar a A.

Dimensão: Tem 2.4 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: Uma faixa preenchida com pequenos traços, muito desgastada, circunda a margem do selo. No centro lê-se *Za/i – ya/i – á* (Zayia). BONUS₂.VIR₂ (= L. 370 – L. 386).

Peça de colecção comprada em Gaziantep.

Datação: Possivelmente do século XIII a.C.

Bibliografia: Bibliografia: HOGARTH, 1920, p. 47, nº 323; Pl. X, 323; MORA, 1987, p. 180 (VII, nº 6.2), Tav. 50.



Figura 178 – Selo nº 85 (MORA, 1987).

Selos

Tell Dis

Nº 86 (9498)

Descrição: Selo biconvexo de rocha negra (serpentina/ esteatite?) perfurado diametralmente e com uma linha delineada ao longo da margem. Apenas uma das faces se encontra inscrita.

Dimensão: Tem 2.2 cm de diâmetro e 1 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica: A composição dos símbolos L. 186 – L. 415 – L. 391 forma o nome *Lu/a/i-sa-ma/i*. À esquerda e direita dispõe-se a sequência L. 370 – L. 386 comprovando que se trata do nome de um homem. Há dois pequenos círculos entre os três raios da estrela e ao lado de L. 391.

Este nome em particular não é ainda conhecido da documentação da época, aproximando-se apenas de paralelos como *Lušna* ou *Lus*.

Locus: Contexto desconhecido (na colina de Tell Dis, na província de Hatay), encontra-se actualmente no Museu de Arqueologia de Hatay.

Datação: Possivelmente do século XIII a.C.



Figura 179 – Desenho do selo 9498 com hieróglifos identificados (DİNÇOL, 1983)

Bibliografia: DİNÇOL, 1983, p. 234-235, nº 22; MORA, 1987, p. 291 (XIIa, nº 2.32), Tav. 88.

Impressão de selo

Tell Faq'us

Nº 87

Descrição: Impressão de um anel de sinete numa tampa de um vaso. A mesma impressão foi também atestada numa tabuinha de Emar, servindo, segundo Margueron (1982), para comprovar a próxima relação entre estes dois espaços. Apoia igualmente a sua teoria de que Tell Faq'us serviria de cidadela de Emar.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: Os caracteres hititas apresentados, L. 363 – L. 289, lêem-se como MAGNUS.HASTARIUS (= Gal/LÚ^(MEŠ)MEŠEDI, “homem da lança”). Este cargo refere-se, basicamente, ao comandante-chefe da Guarda Real responsável pela região, neste caso, provavelmente, de Aštata.

Locus: A tampa do vaso impressa foi exumada das fundações de um edifício numa extensão a oeste do *chantier 3* (= bastião).

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: HERBORDT, 2005, p. 304; MARGUERON, 1982, p. 57, 61; MORA, 1987, p. 252 (X, nº 2.8).

Bullae

Nº 88 (73170)

Descrição: *Bulla* de barro com oito impressões circulares do selo pertencente ao rei Ḫattušili III (1267-1237 a.C.) e sua esposa Puduḫepa.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: No centro da peça observam-se seis hieróglifos lúvios dispostos simetricamente como um brasão, sob o símbolo do disco solar alado (= L. 190). Trata-se do monograma do rei Ḫattušili III (= L. 197) acompanhado à esquerda pelo título (= L. 16, MAGNUS.DOMINA) e nome da rainha (= L. 328 – L. 89 – L. 215 – L. 334) e à direita pelos símbolos de “Grande Rei” (= L. 18). Esta composição encontra-se circundada por uma inscrição cuneiforme (^{NA4}KIŠIB LUG[AL-*n*] a¹ Ḫa-at-tu-ši-li LUGAL. *gal qa [-ra-di-im]*), que se lê: “Selo de *tabarna*¹⁸⁵ Ḫattušili, Grande Rei, o herói”.

Esta impressão é paralela a outras três gravadas em tabuinhas ugaríticas (RS 18.03, 17.130, 17.229¹⁸⁶ – no último caso, apenas são semelhantes, sendo que foram

Tell Fray



Figura 180 – *Bulla* 73170 (ARCHI, 1980).

utilizados selos diferentes para a impressão).

Locus: A *bulla* foi recolhida no pavimento de um dos quartos a sudeste do *Palazzetto*.

Datação: 1ª metade do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI, 1980, p. 31-32, Tav. I, 1 e 2; p. 47; MORA, 1987, p. 199 e 200 (VIII, nº 7.1, 7.2, 7.3), Tav. 55; SCHAEFFER, 1956, p. 108.

¹⁸⁵ Variante do nome Labarna, primeiro rei hitita do Antigo Reino. Usado como um título real.

¹⁸⁶ Ver *Ugaritica III* (1956), p. 108, fig. 13, 17 21; 18; 15, 21, 22.

Inscrição em cerâmica

Nº 89

Descrição: Três fragmentos de três jarros diferentes, mas de forma análoga, apresentam – no colo no caso do A e C –, a mesma inscrição incisa do nome de um escriba (${}^lS^3$ -mi-ka-tal k DUB, Šimigatal, escriba).

Dimensão: Vaso A: H. 12 cm, diâmetro da boca 12.4 cm; vaso B: 13 x 12.5 cm; vaso C: H. 11.2 cm, diâmetro máximo 14.5 cm.

O nome, já atestado em Ugarit e Nuzi¹⁸⁷ sob a forma *tmdgl* e *ši-mi-e/k/g/qa-(a)-tal*, respectivamente, é hurrita, sendo composto por *šimegi* “sol, divindade solar” e o elemento *atal*. Laroche propôs explicar o símbolo L. 367 como uma ligação entre *ta-l(i)*, mas essa hipótese parece ser excluída do exemplar A, visto que a cabeça do que deveria ser uma faca é, na realidade, de forma quadrada. Ao passo que no exemplar B os ângulos são arredondados¹⁸⁸.

Considerando que estes três fragmentos de jarros são os únicos achados que fazem referência a um possível residente da



Figura 181 – Jarro A (ARCHI, 1980).



Figura 182 – Inscrição do nome Šimigatal no jarro A (ARCHI, 1980).

cidade e por terem sido, igualmente, encontrados no interior do edifício civil (*Palazzetto*) onde se recolheu a *bull*a de Ḫattušili, pode-se inferir que o escriba em causa deveria usufruir uma posição importante no âmbito administrativo de Tell Fray. Possivelmente, era o

¹⁸⁷ Ver *Le Palais Royal d'Ugarit II* (1955), nº 80, l. 5; *Nuzi Personal Names* (1943), p. 130.

¹⁸⁸ Ver *Ugaritica III* (1956), p. 130. O caractere representado no exemplar A aproximasse mais de L. 366 [= TAN(M)].

proprietário ou residente do *Palazzetto* e, tendo em conta que recebia bens selados da corte de Ḫattuša, poderia ser uma espécie de representante do rei hitita na cidade fronteiriça do Eufrates.

Locus: Recolhidos no mesmo contexto que a peça anterior.

Datação: 1ª metade do século XIII a.C.

Bibliografia: ARCHI, 1980, p. 31-32, Tav. I e II, 3-7; p. 47-48; SCHAEFFER, 1956, p. 130; VIROLLEAUD, 1957, n° 80, l. 5.

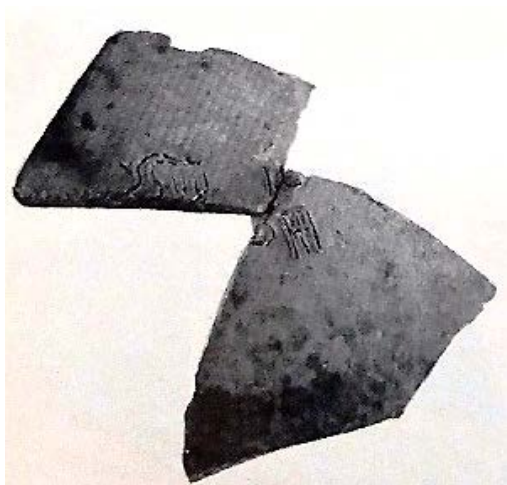


Figura 183 – Jarro B (ARCHI, 1980).



Figura 184 – Jarro C (ARCHI, 1980).

Cerâmica

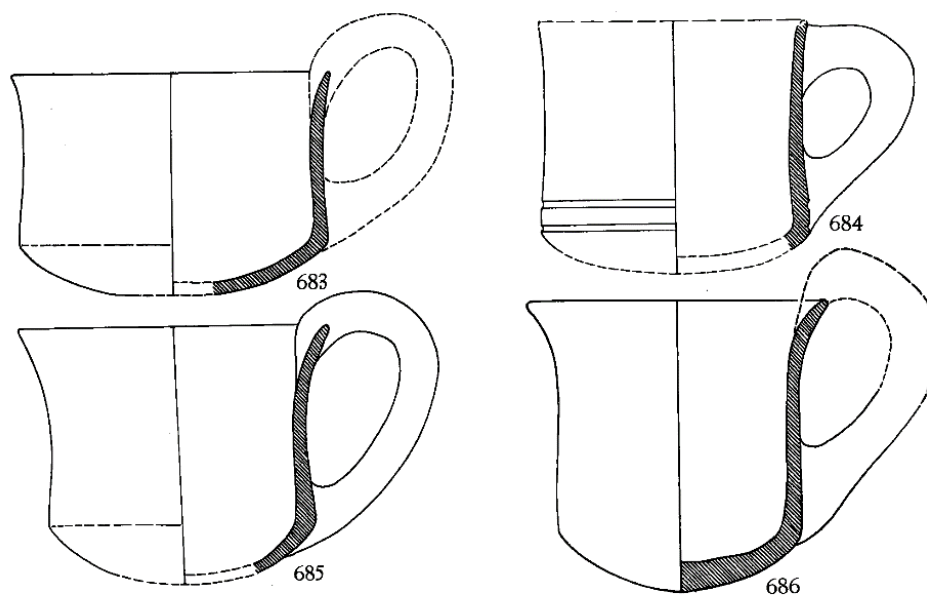


Figura 185 – Exemplos de copos aproximadamente cilíndricos, recolhidos no *Unterstadt* 2 de Hattuša (FISCHER, 1963).

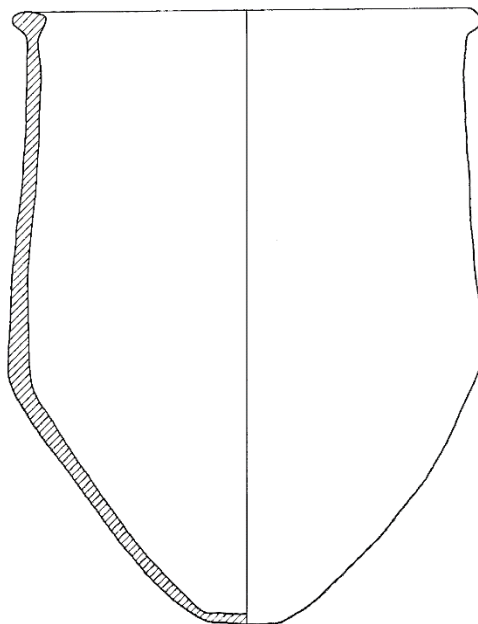


Figura 186 – *Krater* hitita recolhida na fase IV de Tell Fray (PFÄLZNER, 1995).

Selos

Tell Kazel/ Simyra?

Nº 90 (TK 1101)

Descrição: Selo biconvexo com uma inscrição um pouco grosseira, talvez produção local?

Dimensão: Tem 1.9 cm de diâmetro.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: Representação de uma águia bicéfala (= L. 127) rodeada de elementos de preenchimento. Ornamento usual na época imperial.

Lado B: O grupo principal é composto por três símbolos. O primeiro é difícil de interpretar, podendo corresponder a L. 450 (= à), o segundo corresponde a L. 439 (= *wa/wi*), enquanto o terceiro representa o Deus Tempestade, L. 199 (= TONITRUS), lendo-se, provavelmente, como *Tešub*. A composição actual, portanto, como um nome teóforo composto, cujo primeiro elemento é *wa/i*, possivelmente correspondente com o pronome hurrita *awe-*, sendo possível interpretá-la como “que é *Tešub*”. À direita e esquerda distribuí-se a sequência L. 370 – L. 386 (= *BONUS₂.VIR₂*).

Locus: O selo foi descoberto no nível V, com materiais dos finais do século

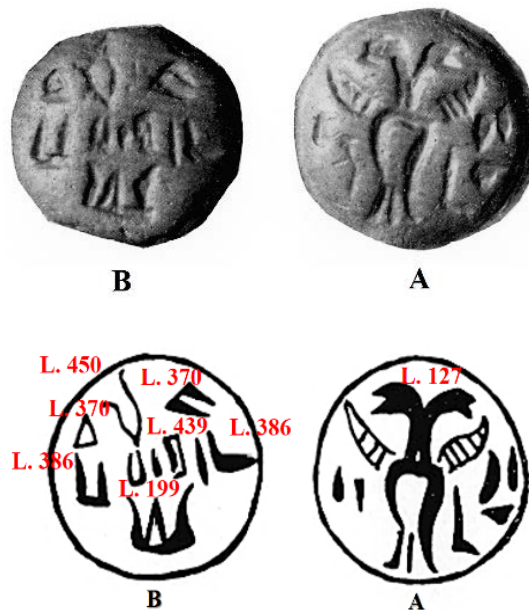


Figura 187 – Selo TK 1101 com hieróglifos identificados (MASSON, 1975; MORA, 1987).

XIV/XIII a.C., do edifício monumental da Idade do Ferro, a noroeste do *tell*.

Datação: Finais do século XIII a.C.

Bibliografia: DUNAND, BOUNI & SALIBY, 1964, p. 1-14, Pl. XX, 1-2; MASSON, 1975, p. 229, fig. 5 e 20; MORA, 1987, p. 268 (XI, nº 3.10), Tav. 78.

Nº 91 (1102)

Descrição: Selo discóide com uma linha incisa ao longo da margem. Encontra-se actualmente no Museu Nacional de Damasco.

Dimensão: Tem aproximadamente 1.3 cm de altura e de diâmetro.

Inscrição hieroglífica: Apresenta a seguinte composição de hieróglifos (no sentido dos ponteiros do relógio):

SCRIBA (= L. 326)? – L. 177? –

TONITRUS (= L. 199)? – x – x – sà (= 104)?

Locus: O selo foi exumado no nível V, com materiais dos finais do século XIV/XIII a.C., do edifício monumental da Idade do Ferro, a noroeste do *tell*.

Datação: Tanto pela sua forma, incomum no âmbito da produção glíptica hitita, como pelos sinais que apresenta, este selo deverá provavelmente pertencer a uma fase mais tardia, posterior a 1200 a.C. [esta forma é mais comum na glíptica oriental (neo-babilónica e aqueménida) da primeira metade do I milénio a.C.].

Bibliografia: DUNAND, BOUNI & SALIBY, 1964, p. 1-14, Pl. XX, 3; MORA, 1987, p. 153 (VI b, nº 1.24), p. 166-167, nota 13, Tav. 40.



Figura 188 – Selo 1102 (DUNAND, BOUNI & SALBY, 1964).

Impressão de selo

Nº 92

Descrição: Fragmento de cerâmica com duas impressões de selo muito desgastadas. Numa dessas (a completa no centro da peça) observa-se uma divisão em três zonas concêntricas o que, potencialmente, será indicação de um selo real hitita. Se for o caso, então a identificação de Tell Kazel com Simyra seria reforçada. Contudo, os símbolos gravados no centro da impressão são indecifráveis.

Dimensão: –

Locus: O fragmento foi recolhido no mesmo contexto que os dois selos acima mencionados.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: DUNAND, BOUNI & SALIBY, 1964, p. 1-14, Pl. XX, 4.



Figura 189 – Fragmento de cerâmica nº 91 (DUNAND, BOUNI & SALBY, 1964).

Cerâmica

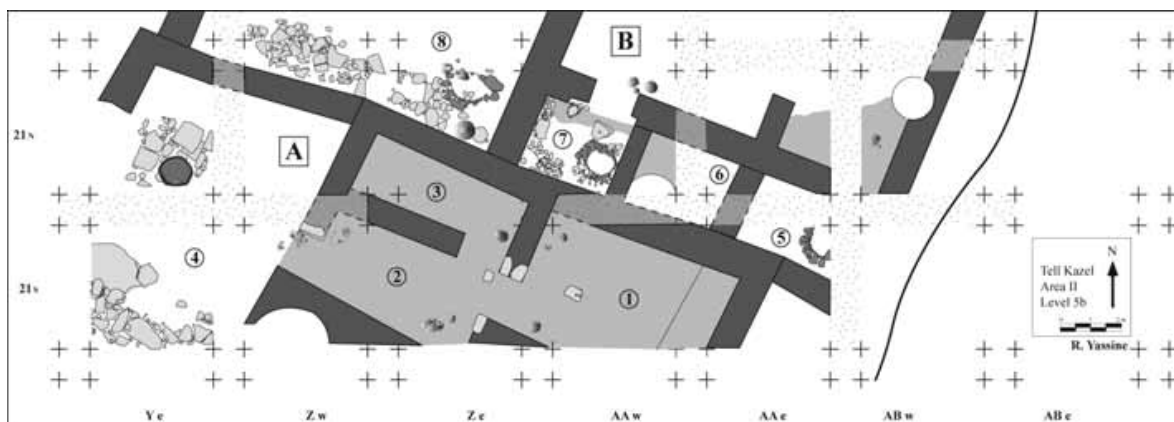


Figura 190 – Área II, sector sul: plano esquemático da fase 5b (fins do Bronze Final II) (CHITI & PEDRAZZI, 2014).



Figura 191 – Ânfora grande hitita TK02 6468.1 do pátio 8, edifício B, fase 5b, de Tell Kazel (CHITI & PEDRAZZI, 2014).

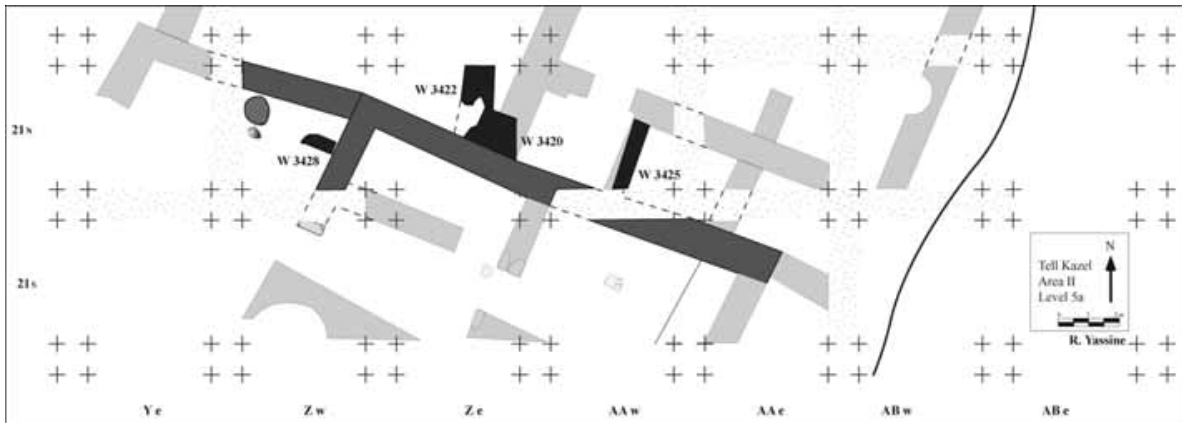


Figura 192 – Área II, sector sul: plano esquemático da fase 5a (Idade do Ferro I) (CHITI & PEDRAZZI, 2014).

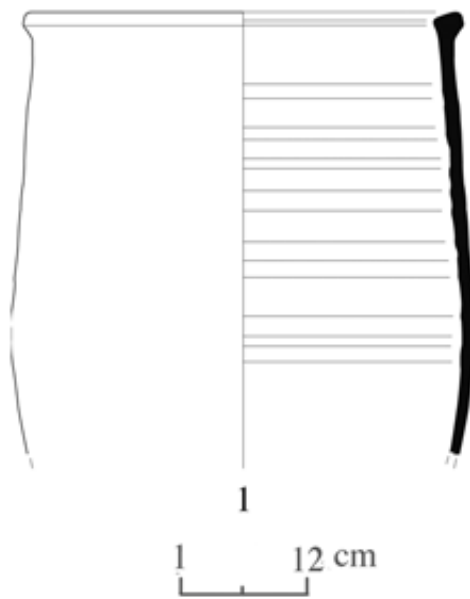


Figura 193 – *Krater* hitita TK01 6157.1, fase 5a, de Tell Kazel (CHITI & PEDRAZZI, 2014).

Planta

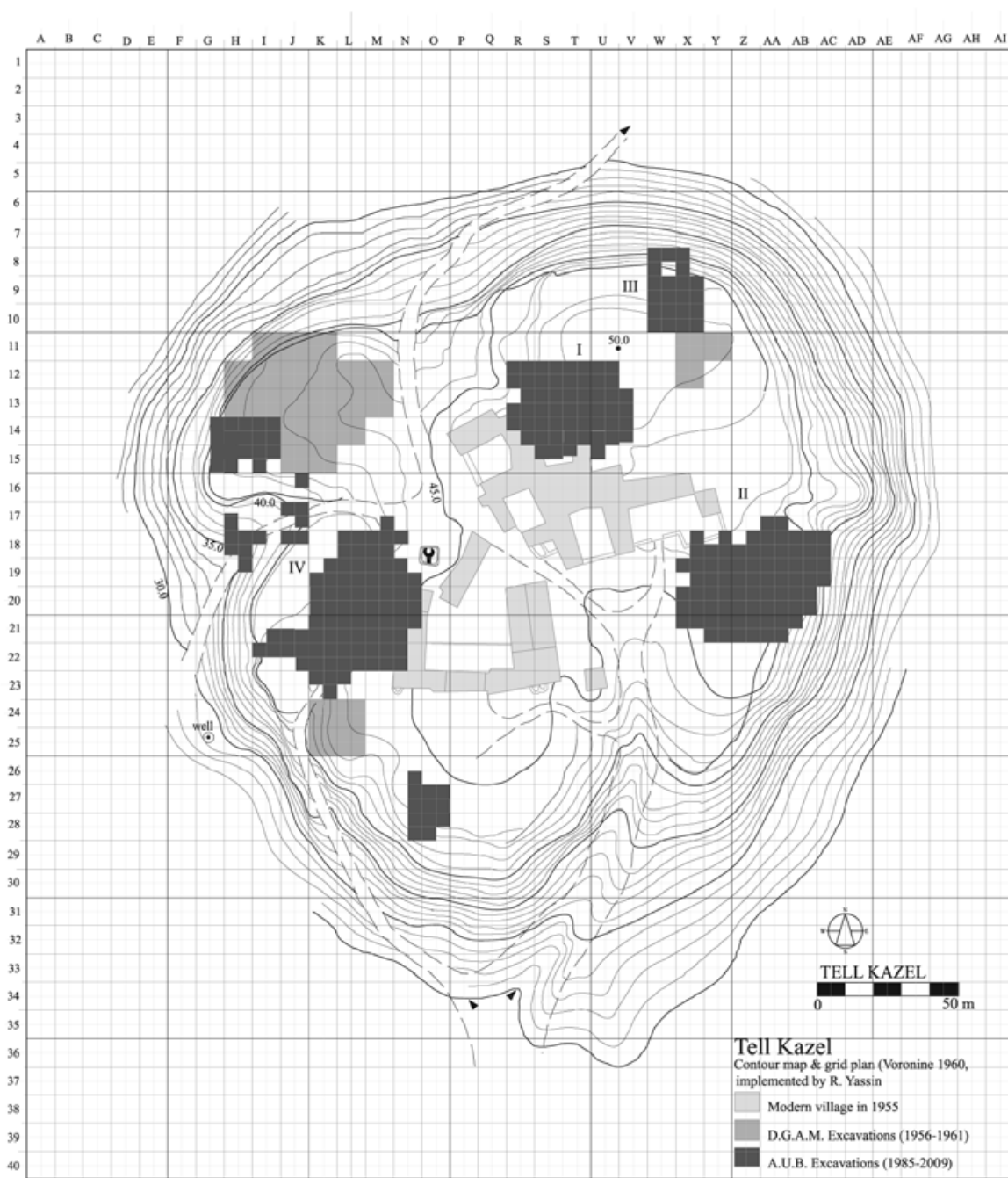


Figura 194 – Planta topográfica de Tell Kazel com indicação das zonas intervencionadas (CHITI & PEDRAZZI, 2014).

Selos

Nº 93 (TWE004-00838-M003)

Descrição: Selo biconvexo de rocha com uma linha incisa ao longo da margem.

Dimensão: Tem 2.5 cm de diâmetro e 1.4 cm de espessura.

Inscrição hieroglífica:

Lado A: No centro encontra-se o antropónimo *Sà-us-ga-pi-ya* (= L. 104 – L. 421 – L. 434 – L. 66 – L. 209). À direita esboça-se a sequência L. 386 – L. 438 (=VIR₂. PASTOR), enquanto em baixo se encontra uma estrela decorativa.

Lado B: *Sà-us-ga-pi-ya* VIR₂ PASTOR VIR₂ PASTOR (= L. 104 – L. 421 – L. 434 – L. 66 – L. 209, L. 370 – L. 386 – L. 438).

O antropónimo trata-se de um teóforo de Šaušga, um epíteto de origem hurrita da deusa mesopotâmica Ištar. É composto por *-piya-* “dom”, do mesmo modo que outro teóforo já conhecido: Arma-piya- “dom do Deus Lua”. Assim, o nome é traduzido para “dom de Šaušga”.

O nome Šaušga significa provavelmente “A (muito) grande”; deriva da palavra hurrita *šavoši* “grande” (o significado desta palavra é assegurado pelo bilingue hurrita-hitita de Boğazköy, onde o

Tell Tweini/ Gibala?

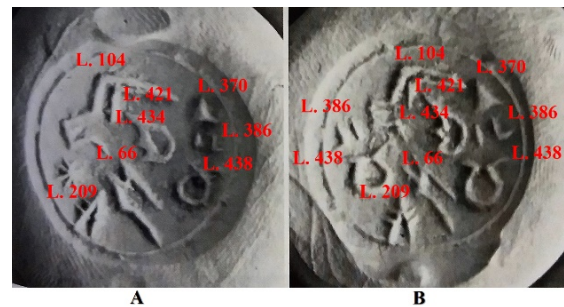
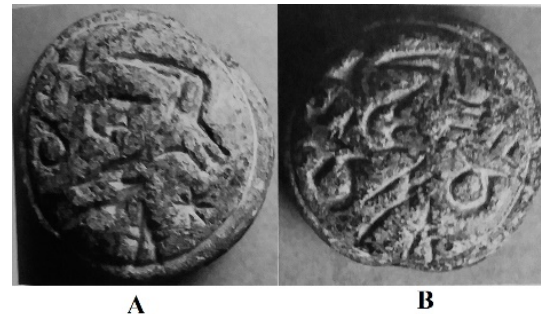


Figura 195 – Selo TWE004-00838-M003 e a sua impressão com os hieróglifos identificados (LEBRUN & TAVERNIER, 2012).

equivalente hitita é *salli* “grande”), seguida de um sufixo honorífico *-k* e acabando com um *-a*, uma letra que se encontra frequentemente no fim dos nomes divinos. O nome original Šauša, atestado nos períodos de Ur III (c. 2112-2004 a.C.) e paleo-babilónico (1792-1595 a.C.), foi posteriormente alargado por um sufixo *-k*.

A deusa Šaušga era particularmente popular na Anatólia (Ḫattuša) e actual Síria (Alalah, Emar, Ugarit). No período imperial hitita, o culto a esta divindade

alcançou um grande sucesso com o reinado de Ḫattušili III (1267-1237 a.C.) e da sua esposa Puduḫepa, que era filha de um sacerdote de dita deusa. Ḫattušili também tornou Šaušga de Šamuḫa na sua divindade pessoal. A deusa figura sobretudo nos textos hurritas de Ḫattuša, apesar de também haver referências em documentos hititas e num texto lúvio.

Com o colapso do império nos inícios do século XII a.C. a popularidade da divindade terá enfraquecido, conhecendo-se apenas duas referências à sua imagem no I milénio a.C.: o ortóstato de Malatya 6 e um num selo cilíndrico de Sargão II.

Um epíteto importante desta deusa é a cidade de Nínive. Por vezes, na Mesopotâmia e na Anatólia, Šaušga é apelidada “de Nínive”. Para além disso, várias cidades anatólicas celebram uma festa de Šaušga de Nínive.

Šauškapiya era um *vir*, ou seja, um cidadão que gozava a plenitude dos seus direitos e ocupava a cargo de PASTOR (LÚNA.GAD) “pastor”. O que exactamente incumbia esta posição? Provavelmente a gestão dos pastos/terrenos reais e a manutenção dos rebanhos pertencentes ao palácio ou diferentes templos.

Locus: A peça foi exumada no canto noroeste de uma quadrícula a nordeste da área A (correspondente ao centro do *tell*), num contexto residencial, fase 7B-C.

Datação: Visto que o *locus* foi selado por uma camada de destruição provocado por um incêndio na segunda metade do XIII a.C., o selo deverá datar da mesma altura (1250-1200 a.C.), aproximando-se também na sua forma e estilo aos exemplos contemporâneos descobertos em Ugarit e Ras Ibn Ḫani.

Bibliografia: BRETSCHEIDER et al., 2008, p. 33-46, nota 22; LEBRUN & TAVERNIER, 2012, p. 319-326, fig. 2.

Nº 94 (M001)

Descrição: Anel de sinete de bronze.
Inscrição numa escrita bastante cursiva.

Dimensão: –

Inscrição hieroglífica: Apresenta o nome *Tu-ra/i-zi*, que é provavelmente uma abreviação de Tūri-ziti “homem com ceptro; homem com lança” constituído pelos componentes *tūri*- “lança” e o luvita *ziti*- “homem”.

A área A do tell correspondia ao centro administrativo da cidade. Lebrun e Tavernier colocam a hipótese de que Šauškapiya talvez tenha sido um dos administradores da cidade, enquanto Turaziti era um funcionário seu subordinado, mas isto é apenas especulação e só pode ser confirmado ou revogado com a descoberta de novos documentos textuais na região.

Locus: A peça foi recolhida no canto sudeste de uma divisão a nordeste da área A (correspondente ao centro do *tell*), num contexto residencial, quadrícula F1, fase 7B-C.

Datação: Século XIII a.C.

Bibliografia: LEBRUN & TAVERNIER, 2012, p. 327, fig. 4.

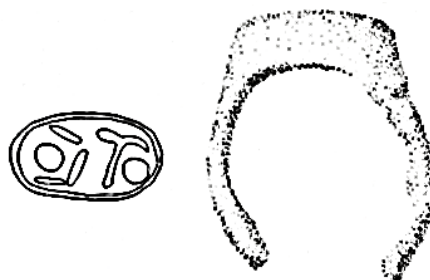


Figura 196 – Selo M001 (LEBRUN & TAVERNIER, 2012).